

Élide Garcia Silva Vivan

**Principais usos de processos verbais e metáforas
interpessoais em artigos de Linguística Aplicada**

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2010

Élide Garcia Silva Vivan

**Principais usos de processos verbais e metáforas
interpessoais em artigos de Linguística Aplicada**

Tese apresentada à Banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Professora Doutora Leila Barbara.

**PUC - SP
2010**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC-SP

Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

ERRATA

PRINCIPAIS USOS DE PROCESSOS VERBAIS E METÁFORAS INTERPESSOAIS EM ARTIGOS DE LINGUÍSTICA APLICADA

Élide Garcia Silva Vivan

Sumário

Onde se lê	Leia-se
Na página 111 – indeterminação do sujeito	Na página 111 – sujeito indeterminado
Na página 180 – das tabelas 4 e 5	Na página 180 – das tabelas 10 e 11

Corpo do texto

Onde se lê	Leia-se
Na página 20- Martin (2007)	Na página 20- Martin (2008)
Na página 21 – Citação “ cada texto em que participamos é um arquivo de significados que foram feitos num texto em particular”.	Na página 21 – Citação “ cada texto de que participamos é um arquivo de significados que foram feitos num contexto em particular”.
Na página 21 – Halliday 1992a	Na página 21 – Halliday 1992
Na página 22 – Halliday e Martin (1993, 1998) Na página 22 – Martin (1989)	Na página 22 - Martin (1993, 1998) e excluir Martin (1989)
Na página 25 – Halliday (1985/1994) sugere	Na página 25 – Halliday (1985/1994) assevera
Na página 25 – “ a relação entre texto e contexto é dialógica; o texto cria o contexto da mesma maneira que o contexto cria o texto”	Na página 25 – “ a relação entre texto e contexto é dialética; o texto cria o contexto da mesma maneira que o contexto cria o texto”
Na página 26 – Segundo Eggins (1994:7), “o	Na página 26 – Eggins (1994:7) retomando as

contexto está no texto”.	palavras de Halliday ressalta que “ o contexto está no texto”.
Na página 27 – O contexto de situação, ou registro, pode ser definido como o “ ambiente do texto” (BRESSANE,2006). Segundo Halliday e Hasan (1993:10),	Na página 27 – O contexto de situação, ou registro, pode ser definido como o “ambiente do texto” para Halliday e Hasan (1993:10),
Na página 27 – após citação Halliday e Hasan (1985/1994)	Na página 27 – após citação Mathiessen (19993:223)
Na página 30 – última linha - dialógica	Na página 30 – última linha – dialética
Na página 34 A.2 – (inner world) (Thompson,1994:82)	Na página 34 A.2 – (internal world) (Thompson, 1996)
Na página 35 – Thompson (1998:82) ressalta que os processos mentais são gramaticalmente distintos dos processos materiais pelas quatro características apresentadas a seguir:	Na página 35 – Thompson (1996:82) ressalta que há diferenças importantes entre os processos mentais e os processos materiais. Os processos mentais são gramaticalmente distintos dos processos materiais pelas quatro características apresentadas a seguir: Halliday (1994: 114)
Na página 42 no exemplo (9) – Participante – Verbiagem	Na página 42 no exemplo (9)- Citação
Na página 44 – “..., se a oração é projetada parataticamente entre orações no complexo oracional; ou se é um discurso reportado, isto é, projetada hipotaticamente entre as orações.”	Na página 44 - “..., se a oração é projetada parataticamente; ou se é um discurso reportado, isto é, projetada hipotaticamente.”
Na página 52 – Halliday (1994:58) Na página 52 - “ato de fala poderia ser chamado de uma interação”	Na página 52 - Halliday(1994:68) Na página 52 - “ato de fala poderia ser chamado de um inter-ato”
Na página 53 – fala primária	Na página 53 – falas primárias
Na página 54 – “ O sistema de modo oracional conta também com o Resíduo..”	Na página 54 – “O Resíduo é composto por três elementos..”
Na página 60 – Quadro 11 - Preposição	Na página 60 – Quadro 11 - Proposição
Na página 91 – Quadro 16 – Subárea Na página 91 – “ ... as subáreas que tivessem somente (1) artigo) Na página 91 – Quadro 16 – Análise do discurso – Desenvolvimento 100.654	Na página 91 – Quadro 16 – Temas Na página 91 – “ ... os temas que tivessem somente (1) artigo) Na página 91 – Quadro 16 – Análise do discurso – Desenvolvimento 10.654
Na página 92 – Quadro 17 - Subárea	Na página 92 – Quadro 17 – Temas
Na página 96 – inserção de nota de rodapé	Na página 96 – O quadro 20 apresenta, além dos temas encontrados nos artigos analisados, as teorias de suporte mais encontradas. O que de certa forma vai ao encontro da fala de Moita Lopes(2006) em relação a LA mestiça e nômade, possibilitando a discussão de uma diversidade de temas e teorias.
Na página 105 – 1º. “Parágrafo – “.. que nem sempre está presença na oração.”	Na página 105 – 1º. Parágrafo – “.. que nem sempre está presente na oração.”

Na página 127 – O exemplo 23 – discurso reportado	Na página 127 – O exemplo 23 – citação
Na página 132 – O exemplo (4) (4) De fato, tecnicamente ...)	Na página 132 – O exemplo (4) (4) 032 A literatura diz que ocorre um estranho fenômeno com essa classe de verbos em que os papéis temáticos de experienciador e tema aparecem tanto na posição de sujeito como na posição de objeto; não existe outra classe de verbos transitivos em que ocorra tal fenômeno. O autor orienta o texto no sentido de, por meio das afirmações de outros estudos (exemplo 4) e outros estudiosos, validar o seu posicionamento e a importância do assunto proposto no texto.
Na página 164 – “Dessa forma, a análise da modalidade aqui apresentada <u>não</u> parte das noções semânticas modalização/modulação...”	Na página 164 – “Dessa forma, a análise da modalidade aqui apresentada parte das noções semânticas modalização/modulação...”
Na página 190 – BARBARA, B.; MACEDO, C.M.M. (2009) Artigos Acadêmicos em revistas de prestígio: forma da mensagem com processo verbal em português do Brasil – apresentado no V CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA SISTÉMICO. 2 a 7 de novembro de 2009. Mar del Plata - Argentina	Na página 190 – BARBARA, L. & MACEDO, C. M. M. Verbal processes in academic articles: from lexis to grammar. 36th International Systemic Functional Congress. 14 - 18 julho, Beijing, China, 2009.
Na página 192 - inserção das obras	HALLIDAY, M. A. K. <i>The linguistic sciences and language teaching</i> . London: Longman, 1970. _____. <i>Explorations in the Functions of Language</i> . London: Edward Arnold, 1973. _____. <i>Syntax and semantics</i> . Discourse and syntax. v. 12. New York: Academic Press, 1979. _____. <i>Language as social semiotic – the social interpretation of language and meaning</i> . London: Edward Arnold.
Na página 193 – inserção da obra	HALLIDAY, M.A.K. e MATTHIESSEN, C.M.I.M., <i>Interpretando experiência através significado: uma abordagem baseada em linguagem à cognição</i> Londres, Nova York: Cassell, 1999.
Na página 194 – inserção das obras	Martin, J. R. (1992): Beyond Exchange in: HUNSTON, S. & THOMPSON, G <i>Evaluation in</i>

	<p><i>text authorial stance and the construction of discourse</i>. Oxford. Oxford University Press, 2000.</p> <p>Martin, J. R. (1997): Analysing genre: functional parameters. In Christie, F. e J. R. Martin, eds.: <i>Genre and Institutions: Social Processes in the Workplace and School</i>. London: Cassell: 3-39.</p>
Na página 195 – inserção da obra	MARTINS, I. S., <i>Construção e representação de realidades no discurso de falantes com esquizofrenia: uma abordagem sistêmico-funcional</i> . Tese de Doutorado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008
Na página 196 – inserção da obra	RUIYING, Y.; ALLISON, D. (2003) Research articles in applied linguistics: structures from a functional perspective. <i>English for Specific Purposes</i> , v. 23, n. 3, p. 264-279.
Na página 198 – THOMPSON, G. (1994). <i>Voices in the text</i> .	Na página 198 - THOMPSON, G. (1996). <i>Voices in the text</i>
Na página 198 – THOMPSON, G. (1996) Introduction to Functional Grammar	Na página 198 – THOMPSON, G. (1996) Introducing to Functional Grammar
Na página 198 – WHITE, Peter (2004)	Na página 198 – WHITE, P. (2004)
Na página 198 – Zanella, A. (2006)	Na página 198 – ZANELLA, A. (2006)

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese por processos fotocopiadores e eletrônicos.

Assinatura _____ Local _____

Data _____

Quando encaramos nossos problemas sem rodeios e os atravessamos por inteiro descobrimos novas maneiras de ser. A vida passa a ser um desafio cheio de significado que nos conduz a um maior conhecimento e a um estado desperto. Descobrimos que, quanto mais aprendemos, mais crescemos. Quando vivemos em consonância com o processo de mudança, o simples ato de viver é, por si só, valioso. (Tarthang Tulku)

Dedico este trabalho a todos que, como eu, acreditam que somente o conhecimento nos permite uma autonomia identitária, o não assujeitar-se.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente...

A Deus, fonte de luz e energia, sempre iluminando os meus caminhos e pensamentos, me sustentando e confortando neste longo percurso

***A um quarteto em especial**, que partilha das minhas alegrias e tristezas: Odair, marido, companheiro, pelo amor demonstrado diariamente e com quem aprendi – além de tantas outras coisas – a não desistir mesmo diante das grandes dificuldades; aos meus três filhos, Athaise, Augusto e Anderson, pelo amor, pelo respeito, pela compreensão, pela delicadeza e cuidado com que me tratam. Por ter vocês na minha vida, pois sem vocês ela não teria a menor graça...*

***A outro quarteto muito especial**, meu pai, Cido, com quem aprendi, entre tantas outras coisas, o valor da partilha. Minha mãe, Rosa, pelo amor, pelas lições de responsabilidade, seriedade e tenacidade diante da vida. Minhas irmãs Elaine e Érica, pelo amor e carinho – mesmo quando não podíamos nos encontrar, lá estavam sempre na torcida...*

***A uma pessoa em especial**, Leila, minha orientadora, que literalmente me pinçou quando eu ainda estava em Curitiba, que me acolheu e confiou na minha capacidade quando muitas vezes eu mesma duvidava, por me mostrar o quanto eu poderia fazer apesar das inseguranças e angústias, obrigada pela conversa olho no olho, obrigada pelo despertar...*

À Capes, pela bolsa de doutorado concedida para a realização desta pesquisa.

Ainda agradecendo...

Ao Professor Orlando Vian Jr, pela atenção e carinho manifestados desde o primeiro momento em que cheguei à PUC e pelas observações e sugestões na primeira qualificação;

À Professora Rosinda Ramos, por partilhar com grande humildade o muito que sabe, e por me acolher com carinho nos momentos de incertezas;

Às Professoras Célia Macedo e Tania Romero, pelo respeito e cuidado, e pelos conselhos e críticas tão valiosas e necessárias ao andamento deste trabalho;

Às professoras Célia Macedo, Tania Romero, Maria Aparecida Caltabiano e Ângela Lessa, pela prontidão e por gentilmente aceitarem o convite de participar da minha banca de defesa;

Aos meus colegas de orientação que, muitas vezes sem perceber, me ajudaram simplesmente com um olhar, esclarecendo as tantas dúvidas que apareceram durante o processo, especialmente aliviando a sensação de não saber o que já deveria: Solange (MT), Fabíola, Mauro, Monica, Rebeca, Cidinha, Ciça, Juliana, Eugênia, Dora – pelo cuidado comigo em Santa Fé, jamais os esquecerei; Izabella – pela acolhida em Belo Horizonte e pelo carinho e atenção com que você e Sofia me receberam naquela semana; Gyza, Fernanda e João Paulo – pelos almoços, momentos de ajuda acadêmica e emocional; Rosário – pela preocupação e telefonemas ‘vai em frente mulher’; Zélia – por ter partilhado tantos momentos de incertezas e angústias, obrigada por ter feito parte desta família e pela resiliência e determinação, o que muito me ajudou a seguir adiante...

Às amigas Katia Hanna e Francine, pela amizade e carinho, pelas palavras de ânimo tão preciosas neste longo percurso;

Aos amigos Amparo e Téo, distante geograficamente mas presentes no coração eternamente, pelo apoio espiritual e emocional, e por acreditarem que eu conseguiria terminar...

À Dircema, amiga de longa data, que com muito carinho e ao mesmo tempo com sapiência me alertava para os cuidados comigo mesma...

À Estela, pelas sugestões dadas de maneira tão delicada e pela demonstração de carinho, apesar de nos conhecermos somente virtualmente...

À Maria Lúcia e Márcia, funcionárias do LAEL, pelo carinho, pelas palavras de afeto e apoio e pela disponibilidade e eficiência;

Por fim, agradeço a todos que, de maneira direta ou não, e dos mais diversos modos, me ajudaram neste percurso, possibilitando assim a realização deste estudo.

RESUMO

Este estudo está inserido na linha de pesquisa “Linguagem e Trabalho”, do Departamento de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP, no contexto do projeto DIRECT (Em Direção à Linguagem do Trabalho), e foi desenvolvido no âmbito de dois projetos, primeiramente o Projeto Redes que tem como objetivo descrever as produções em artigos científicos de áreas distintas em duas línguas – português e espanhol, e o segundo e atual projeto Projeto SAL (The Systemics Across Languages Research Network), que analisa a gramática em uso de várias línguas em seu contexto – inglês, japonês, chinês, tailandês, espanhol da Argentina e português do Brasil. No Brasil, neste momento o projeto tem como foco estudar artigos científicos. Esta tese objetiva analisar a representação da mensagem e o posicionamento do autor expressos em artigos da área de Linguística Aplicada. Nesse sentido, o trabalho fundamenta-se na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), especialmente nos textos de Halliday (1994/2004); Halliday e Hasan (1989); Eggins (1994) e Thompson (1996), Martin (2003) e Martin & Rose (2008), entre outros. A LSF busca estudar as funções sociais da língua em uso, considerando a linguagem como um sistema probabilístico, no qual as escolhas feitas pelos usuários de uma determinada língua não ocorrem por acaso, mas de acordo com os contextos cultural e situacional. Assim, a LSF concebe a linguagem em uma perspectiva sociosemiótica (HALLIDAY e HASAN, 1989) – a linguagem como um sistema de significados relacionado à estrutura social. A partir dessas considerações, a presente pesquisa estuda os dados em seu contexto de uso; observa-os quantitativamente, com o suporte da Linguística de Corpus, e analisa-os qualitativamente por meio da LSF. O corpus do estudo constitui-se de 43 artigos publicados no período de 2000 a 2007, pela Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada – DELTA. A pergunta geral da pesquisa é: quais são os padrões de representação da mensagem e do posicionamento do autor expressos em artigos da área de Linguística Aplicada? Para respondê-la, no âmbito da metafunção ideacional, foram analisados os processos verbais. Os processos verbais têm presença garantida quando os autores julgam necessário trazer para o discurso outro participante, uma voz de autoridade que vai conferir aos seus comentários uma força maior, ampliando o valor de verdade. Esses processos, quando empregados, ratificam, esclarecem e explicam fatos ou situações, desempenhando, pois, um papel imprescindível na sustentação dos argumentos apresentados pelo autor frente à temática do seu texto. No âmbito da metafunção interpessoal, foram analisados alguns recursos do sistema de modalidade que mostram a atitude dos autores, seu comprometimento ou responsabilidade modal frente ao seu texto e interlocutor. Em relação aos processos verbais, os resultados evidenciam baixa ocorrência de citação, seguida de projeção e de um número elevado no uso de nominalizações, ratificando o uso de linguagem elaborada em detrimento de relatos hipotáticos ou citações paratáticas. Os aspectos interpessoais revelam que as diferentes escolhas e combinações de elementos da linguagem, em termos de metáfora interpessoal, sinalizam ao leitor a probabilidade e a possibilidade de envolvimento do autor com o seu texto, bem como o seu comprometimento diante da discussão proposta no artigo.

Palavras-chave: artigo científico, processo verbal, recursos interpessoais, Linguística Sistêmico-Funcional

ABSTRACT

This study is part of Project DIRECT: Em direção à linguagem do trabalho (PUC-SP/LAEL), and was developed under two projects, primarily through the Project Network that aims to describe the production of scientific articles from different areas in two languages - Spanish and Portuguese, and the second and current project designed SAL (The Systemics Across Language Research Network), which analyzes the use of grammar in different languages in its context – English, Japanese, Chinese, Thai, Spanish (Argentina) and Portuguese (Brazil). At this moment, in Brazil, this project focuses on studying scientific papers. This thesis analyzes the representation of the message and positioning of the author expressed in articles in the area of Applied Linguistics. In this sense, this work is based on Systemic-Functional Linguistics (SFL), especially in the writings of Halliday (1994/2004), Halliday and Hasan (1989), Eggins (1994) and Thompson (1996), Martin (2003) and Martin & Rose (2008), among others. The SFL explores the social functions of language in use, considering language as a probabilistic system in which the choices made by users of a language do not occur by chance, but according to the cultural and situational contexts. Thus, the SFL conceives language in a socialsemiotic perspective (HALLIDAY and HASAN, 1989) – language as a system of meanings related to social structure. Based on such considerations, this research studies the data in context of use; watches them quantitatively, with the support of Corpus Linguistics, and analyzes them qualitatively through SFL. The corpus of the study consisted of 43 articles published from 2000 to 2007 in the Journal of Documentation Studies in Theoretical and Applied Linguistics - DELTA. The general research question is: what are the representation patterns of the message and the author's position expressed in articles in the area of Applied Linguistics? To answer this question within the ideational metafunction, the verbal processes were analysed. The use of verbal processes is assured when authors deem necessary to bring another participant to the discourse, a voice of authority that will give their comments a greater force, increasing truth-value. Whenever used, these processes confirm, clarify and explain facts or situations, thus playing an indispensable role in support of the arguments presented by the author before the theme of his text. In the context of interpersonal metafunction, some features of the system mode related to the authors' attitude, their commitment or modal responsibility before their text and interlocutor were analysed. In relation to verbal processes, the results show low frequency of citation, followed by projection and a high number of nominalization use, confirming the employment of elaborated language rather than hypotactic reports or paratactic citations. Interpersonal aspects revealed that the different choices and combinations of language elements, in terms of interpersonal metaphor, indicate to the reader the probability and possibility of the author's involvement with the text, as well as his commitment toward the discussion proposed in the article.

Keywords: scientific paper, verbal process, interpersonal resources, Systemic-Functional Linguistics

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
1.1 Linguística Sistêmico-Funcional: a visão funcional da linguagem ...	24
1.1.1 A relação texto e contexto	25
1.1.1.1 Contexto de situação	25
1.1.2 As Metafunções	31
1.1.2.1 Metafunção Ideacional	31
1.1.2.2 Metafunção Textual	46
1.1.2.3 Metafunção Interpessoal	50
1.2 Gênero – alguns conceitos	61
1.2.1 Abordagens sociodiscursivas	61
1.2.2 Abordagens socioretóricas	63
1.2.3 Abordagens sociossemióticas	66
1.2.4 Contexto de cultura	70
1.2.5 O gênero na ciência por Martin & Rose	76
1.3 A linguagem da ciência	79
2 METODOLOGIA	86
2.1 Escolha metodológica	86
2.2 O corpus	89
2.3 O contexto de situação	97
2.4 Procedimentos de coleta e organização dos dados	99
2.4.1 Coleta dos dados	99
2.4.2 Organização dos dados	99
2.5 Procedimentos de análise dos dados	100
2.5.1 Instrumentos da análise	100
2.5.2 Passos da análise	101
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	105
3.1 Percurso analítico	107
3.1.1 Processos verbais	109
3.1.1.1 A terceira pessoa do presente	112
3.1.1.2 O uso do infinitivo	113
3.1.1.3 O particípio passado	116
3.1.1.4 O particípio presente	117
3.1.2 Estruturas da mensagem	124
3.1.2.1 As circunstâncias nos processos verbais	157
3.1.2.2 As projeções nas orações verbais	161
3.1.2.3 Os participantes nas orações verbais	162
3.2 Modalidade – os elementos interpessoais nos artigos de LA	165
3.2.1 Os operadores modais nos artigos	165
3.2.2 A metáfora interpessoal nos artigos	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS	185
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	192
ANEXOS	201

Índice de Quadros

Quadro 1: Contexto, Metafunções e Lexicogramática	29
Quadro 2: Tipos de processos relacionais	37
Quadro 3: Tipos de processos verbais	43
Quadro 4: Tipos de elementos circunstanciais	45
Quadro 5: Contexto de Situação, Semântica e Lexicogramática	52
Quadro 6: A categoria de registro e sua relação com a metafunção	52
Quadro 7: O Sistema de MODO: as funções da fala	54
Quadro 8: O Sistema de Modalidade	56
Quadro 9: Tipos de Modalidade	56
Quadro 10: Padrões de responsabilidade modal	59
Quadro 11: Síntese do Sistema de Modalidade – Informação	60
Quadro 12: Síntese do Sistema de Modalidade – Bens & Serviços	60
Quadro 13: Plano de conteúdo da linguagem	73
Quadro 14: Estágios de artigo científico propostos por Martin & Rose	78
Quadro 15: Número de palavras por parte	90
Quadro 16: Distribuição dos artigos por temas encontrados	91
Quadro 17: Distribuição dos artigos com frequência 1 por temas encontrados	92
Quadro 18: Formação Acadêmica <i>Stricto Sensu</i> (mestrado) dos autores	93
Quadro 19: Grande área e subáreas de doutoramento dos autores dos textos	95
Quadro 20: Distribuição dos temas encontrados nos artigos estudados	96
Quadro 21: Variáveis de registro	97
Quadro 22: Padrões de realização	102
Quadro 23: Processos verbais e seus participantes	161

Índice das Figuras

Figura 1: A Linguística Aplicada e suas relações	17
Figura 2: Elementos centrais e periféricos na estrutura experiencial da oração	32
Figura 3: Modalidade e Polaridade	57
Figura 4: Sistema das Orações Verbais	126

Índice dos Gráficos

Gráfico 1: Distribuição dos tipos de processo no corpus	108
Gráfico 2: As diferenças do Sistema de Modo	109
Gráfico 3: Número absoluto de ocorrências totais dos verbos no corpus ...	121
Gráfico 4: Número absoluto de ocorrências de terceira pessoa	121
Gráfico 5: Percentual de ocorrências de infinitivo	122
Gráfico 6: Percentual de ocorrências de particípio passado	123
Gráfico 7: Percentual de ocorrências em primeira pessoa e particípio presente	124
Gráfico 8: Percentual de ocorrências de projeção	159
Gráfico 9: Percentual de ocorrências de verbiagem	160

Índice das Tabelas

Tabela 1: Formas verbais mais frequentes de cada verbo em percentual e valores absolutos	110
Tabela 2: Formas verbais com maior ocorrência de terceira pessoa	112
Tabela 3: Formas verbais com maior ocorrência de infinitivo	114
Tabela 4: Formas verbais com maior ocorrência de particípio passado	116
Tabela 5: Formas verbais com maior ocorrência de particípio presente	118
Tabela 6: Número de ocorrência por verbo	120
Tabela 7: Padrões de realização das mensagens – Projeção	127
Tabela 8: Padrões de realização das mensagens – Verbiagem	131
Tabela 9: Os operadores modais no corpus	166
Tabela 10: Metáforas interpessoais na introdução/desenvolvimento	177
Tabela 11: Metáforas interpessoais na introdução/conclusão	179

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está inserida no projeto DIRECT (Em Direção à Linguagem do Trabalho), desenvolvido no Programa de Estudos de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e tem como objetivo analisar o uso da linguagem em atividades profissionais, recorrendo à Linguística Sistêmico–Funcional (LSF) como arcabouço teórico.

Nessa perspectiva, a linguagem é vista como um processo social, propiciando o estabelecimento de diversos tipos de relações entre os indivíduos e permitindo que interajam socialmente por meio do discurso. A linguagem passa, então, a ser considerada como uma forma de ação.

O objetivo deste trabalho é identificar e analisar, dentro de uma visão funcional da linguagem, quais os recursos linguísticos utilizados pelos autores de artigo científico produzido na área de Linguística Aplicada. Essa preocupação justifica-se pelo fato de estarmos vivenciando um momento de interação na ciência, interação como forma de indivíduos ligarem-se uns aos outros, compartilhando conhecimentos e informações. Além do fato de vivenciarmos um período de disseminação da ciência, com pesquisas em todas as áreas e acesso ilimitado por meio da tecnologia de informação. Outro aspecto relevante que me impeliu ao estudo é a minha vivência como professora universitária. Os percalços vivenciados pelos alunos na produção de textos, não especificamente na produção de artigos, serviram como motivação inicial para o presente trabalho. Orientá-los, passo a passo, na produção de textos é um enorme desafio que se estende desde a escola básica até a universidade, onde não é raro lidarmos com alunos com dificuldades em estruturar e organizar os textos e pouca familiaridade com a língua padrão.

Os problemas relativos à produção já partem do desconhecimento do aluno do que possa ser um artigo científico. É óbvio que, de maneira geral, eles sabem que esse tipo de artigo contém informações científicas, incluindo pesquisas e resultados; todavia, a maioria dos alunos¹ desconhece de que forma o texto é

¹ Refiro-me aqui à minha experiência de 20 anos como professora de Ensino Fundamental e Médio e de 10 anos como professora universitária.

organizado, quais os elementos linguísticos utilizados, ou ainda como o autor se posiciona ou deve se posicionar no texto. Isso se deve ao fato de que, em sua quase totalidade, os estudantes não dominam a língua padrão teoricamente ensinada na escola e especialmente nos cursos de graduação.

Refletindo a respeito dos problemas e dificuldades apresentados por esses alunos, optei por estudar, identificar e analisar como determinados artigos produzidos por autores, reconhecidos e respeitados na comunidade discursiva à qual pertencem, escrevem seus textos. O objetivo maior, nesse sentido, é o de levar para a sala de aula algumas respostas para os alunos que ingressam na universidade, tendo em vista que, ao longo da vida acadêmica, alguns ainda continuam apresentando dificuldades na produção de textos científicos. No sentido de buscar algumas respostas às constantes indagações, propus-me a responder às seguintes questões de pesquisa:

Pergunta Geral:

Quais são os padrões de representação da mensagem e do posicionamento do autor expressos em artigos da área de Linguística Aplicada?

Perguntas Específicas:

- 1- Quais são os processos verbais mais frequentes nos artigos?
- 2- Quais são os padrões de realização das mensagens?
- 3- Quais são os recursos interpessoais utilizados pelos autores na expressão do compromisso e da responsabilidade modais?

Diante das questões levantadas, entende-se que o uso comum da língua oferece ao usuário mecanismos que permitem a ação deste sobre o seu interlocutor/leitor, envolvendo-o, persuadindo-o, mudando sua opinião, buscando adesão. Isso significa dizer que comunicar não é somente agir na explicitude linguística; é montar o discurso envolvendo as intenções em modos de dizer cuja ação discursiva se realiza nos diversos atos argumentativos (KOCH, 2000:17).

Nesse sentido, o presente trabalho busca identificar e analisar a construção do discurso científico produzido por autores pertencentes à área de Linguística Aplicada (doravante LA), buscando responder quais são as escolhas linguísticas feitas e que permitem evidenciar as intenções do autor por meio de sequências de sentido adequadas às necessidades de comunicação propostas nos artigos, as

quais beneficiam professores e alunos de graduação e pós-graduação em relação à produção de artigos. Estudar e selecionar os artigos de uma determinada área parece a princípio uma tarefa fácil, mas não quando se trata da LA, como é o caso deste trabalho.

Apesar de todo o caminho traçado pelos linguistas aplicados e o seu reconhecimento como tal pelos respectivos pares, permanecem ainda dúvidas quanto a uma definição satisfatória do que vem a ser LA. Nos últimos tempos, a questão da exata natureza da LA enquanto disciplina acadêmica tem despertado considerável atenção de estudiosos, tanto no Brasil como no exterior. Embora já ter logrado autonomia institucional, a LA busca, ainda, uma melhor compreensão da sua identidade e especificidade enquanto área do saber.

Rajagopalan (2006) afirma que o fato de a LA ter surgido, historicamente, à sombra da linguística teórica, esta continua pesando na hora de redefinir prioridades (por mais que se negue que isso ocorra). Essa redefinição, em muitos casos, faz com que os pesquisadores se sintam embaraçados, confusos e perplexos diante das novas possibilidades de definição das suas metas e prioridades. Para o autor, a saída seria, na medida do possível, romper com a tradição a fim de repensar o futuro do campo de forma isenta.

Nas palavras de Rajagopalan, algumas propostas ousadas nesse sentido já existem; contudo – e até onde foi possível constatar –, elas são veiculadas isoladamente e ainda não encontraram espaço ou destaque suficiente nos livros introdutórios e didáticos que traçam os rumos de um campo de investigação (visto que, segundo o autor, servem de portal de ingresso àqueles que nele desejam atuar).

Em outras palavras, há um desconforto no que diz respeito à nomeação da LA como o ponto de encontro de várias outras disciplinas. Para Moita Lopes (2006), tal fato aponta para a necessidade de se pensar uma LA que dialogue com teorias que atravessam o campo das ciências sociais e humanidades. O autor chama esse movimento de “LA mestiça”, obviamente (como o próprio autor salienta) de natureza interdisciplinar/transdisciplinar, que tem sido notado no trabalho de muitos pesquisadores em busca de inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central; pesquisadores que percebem a necessidade de atar o seu trabalho a uma epistemologia e a teorias que falem ao mundo atual.

Rojo (2006) afirma que, de alguma forma, as discussões mais recentes sobre as práticas de investigação em LA (SIGNORINI e CAVALCANTI, 1998; MOITA-LOPES, 2006) têm contribuído de várias maneiras para a reflexão dos linguistas aplicados sobre temas relevantes. Explicando melhor, é interessante à LA, como também a muitos outros campos de pesquisa – aplicada ou não, sociais ou da natureza – no mundo contemporâneo, “entender, explicar ou solucionar problemas” para criar ou “aprimorar soluções existentes” (EVERSEN, 1996:91).

Para Rojo(2006), trata-se de investigar problemas de uso da linguagem e de discurso relacionados a práticas sociais relevantes e contextualizadas, visando a elaboração de conhecimento útil aos participantes de um contexto.

As atuais tendências de visão da LA, que por sua vez representam escolhas teóricas, visões de mundo, valores etc., não podem ser consideradas como as únicas opções possíveis de pesquisa em LA.

Segundo Moita Lopes (2006), não se pretende apontar uma nova “escola” de LA com princípios explícitos, de forma a conseguir um perfeito enquadramento dos trabalhos até então realizados na área. Se considerarmos um sujeito social heterogêneo e pensarmos em uma LA continuamente autorreflexiva, torna-se incoerente pensar que os pesquisadores em LA se amoldarão a ele, ou mesmo que pensarão de forma homogênea.

Nas palavras de Moita Lopes, os pesquisadores que discutem o espaço hoje ocupado pela LA compartilham alguns princípios gerais, especialmente em relação à necessidade de atentar para teorizações extremamente relevantes nas ciências sociais e nas humanidades que, de acordo com o autor, precisam ser incorporadas à LA sob um ponto de vista humanista.

Na figura abaixo pode-se observar outras disciplinas que estabelecem um diálogo com a LA. É o olhar de interdisciplinaridade que causa maior impacto no desenvolvimento da LA contemporânea. Moita Lopes (2006) assegura que é esse viés que leva à formulação de LA mestiça e nômade que, provavelmente, causa maior desconforto nos círculos de estudos linguísticos, aos quais o autor se refere como espaços acostumados a tematizar fonemas, sintagmas, ensino/aprendizagem de línguas etc. (questões perfeitamente legítimas em suas tradições); mesmo

assim, fica a surpresa diante de um trabalho que busca focar o uso da linguagem na vida social, de forma interdisciplinar, com intenção explícita de politização.

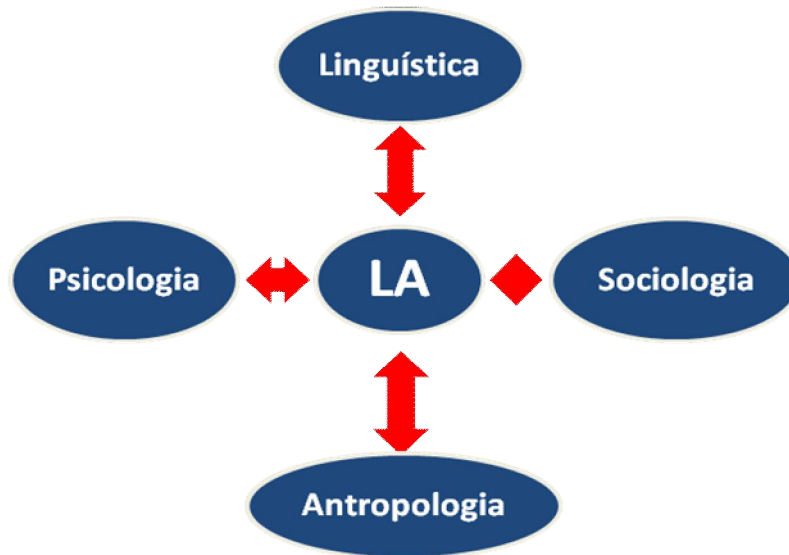


Figura 1: A Linguística Aplicada e suas relações (elaborado a partir de CELANI,1992)

Moita Lopes (2006) justifica essa questão ao afirmar que, contrariando o que frequentemente ocorre em outras partes do mundo, atualmente no Brasil a pesquisa em LA tem-se propagado para uma série de contextos diferentes de sala de aula de Língua Estrangeira (LE): da sala de aula de língua materna (LM) para empresas, para clínicas de saúde, para a delegacia de mulheres, para o parlamento no que tange ao discurso político feminino, para as revistas em línguas estrangeira e brasileira, para os livros didáticos no que diz respeito ao ensino da ciência, para os artigos científicos (foco deste trabalho) produzidos nas mais diversas áreas; contextos esses todos pertencentes à área de LA, pois tratam da linguagem e seu contexto de produção, da recepção, das dificuldades e da diversidade de produção.

Segundo Menezes (2009), parece haver consenso de que o objeto de investigação da LA é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou outra língua, seja em qualquer outro contexto onde surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem. Como afirma Kaplan (1985:4), “a noção de que a língua deve ser estudada em relação a um contexto

tomou conta do pensamento dos linguistas aplicados”. A área de LA é assim descrita na homepage da AILA²:

A linguística aplicada é um campo de pesquisa e de prática interdisciplinar lidando com problemas práticos da linguagem e da comunicação que podem ser identificados, analisados ou resolvidos com a aplicação de teorias disponíveis, métodos e resultados da linguística ou desenvolvendo novos arcabouços teóricos e metodológicos para lidar com esses problemas. A linguística aplicada difere da linguística geral, principalmente no que diz respeito à sua orientação explícita em direção à prática, aos problemas do dia a dia relacionados com a linguagem e a comunicação.

Menezes (2009) acrescenta que isso acontece independentemente das escolhas teóricas e metodológicas. Existe uma suposta separação entre os estudos da LA e os estudos linguísticos, porém esse hiato entre as duas áreas está cada vez menos evidente. Corroborando Moita Lopes, Menezes (Idem) ressalta que os problemas com os quais a LA lida vão de aspectos da competência linguística e comunicativa do indivíduo, tais como a aquisição de primeira ou segunda língua, letramento, distúrbios de linguagem etc., a problemas relacionados com linguagem e comunicação nas sociedades e entre sociedades como, por exemplo, a variação linguística e a discriminação linguística, o multilinguismo, o conflito linguístico, a política linguística e o planejamento linguístico. E essa descrição contempla a aplicação de teorias e a geração de teorias e de metodologias para os temas estudados pela área. Nesse sentido, para a seleção dos textos a serem estudados foram considerados aqueles que tinham como objetivo tratar de questões referentes à linguagem e seus diferentes contextos de produção e recepção. Por conseguinte, a seleção teve como foco central os temas abordados por autores que são – ou dizem ser – linguistas aplicados, já que o espaço entre ser e não ser não é o foco central deste estudo. Assim sendo, este trabalho analisa o gênero artigo científico produzido em LA.

A ampla literatura disponível sobre gênero poderia, até certo ponto, dar a impressão de que o assunto estaria esgotado. O conceito de gênero tem sido amplamente discutido na pesquisa acadêmico-científica desde o final da década de 90. Porém, a dificuldade de apreensão da noção de gênero e sua elaboração apontam para a complexidade das questões envolvidas em relação ao gênero do ponto de vista tanto terminológico quanto conceitual. Pode-se perceber que pesquisadores de diferentes aparatos teóricos partilham do mesmo consenso em

² AILA (*Associação Internacional de Linguística Aplicada*).

relação ao fato de que “a língua, do ponto de vista de sua práxis, reflete, por meio do gênero principalmente, os padrões culturais e interacionais da comunidade em que está inserida” (2001). As marcas discursivas presentes no gênero artigo científico podem levar a uma melhor compreensão, por parte dos autores do gênero, quanto à sua elaboração, possibilitando-lhes melhor entendimento em relação às exigências da produção textual, no tocante à organização textual e escolhas lexicogramaticais.

Vale ressaltar estudos realizados sobre o discurso científico no artigo, abordando especificamente os *abstracts* de artigos de pesquisas na língua inglesa (GRAETZ, 1985; SWALES, 1990; SALAGER-MEYER, 1992; SANTOS, 1996; ORASAN, 2001; MARTIN-MARTIN e BURGESS, 2004, dentre outros). Em suas análises, esses autores privilegiam o modo como os textos são organizados em seções discursivas.

Há vários trabalhos na pesquisa linguística acadêmica brasileira sobre gênero acadêmico. Alguns merecem especial destaque, como Motta-Roth (1995) a qual, em sua tese de doutoramento, investiga as conexões existentes entre retórica e discursos disciplinares. Nesse trabalho, a autora desenvolve uma análise textual do gênero acadêmico resenha crítica em inglês, enfocando movimentos retóricos e termos de elogio e crítica, presentes em cento e oitenta exemplares coletados em revistas acadêmicas de Linguística, Economia e Química. O mesmo gênero é estudado por Aranha (1996) nas introduções de trabalhos científicos na área de Química. Motta-Roth e Hendges (1998) estudam a organização discursiva de *abstracts* de artigos de pesquisas em português e em inglês, analisando *abstracts* nas áreas de Química, Economia e Linguística. Possamai (2004), em dissertação de mestrado, elabora estudo do gênero artigo científico, privilegiando expressões típicas de seu desenvolvimento e organização. Tais expressões são denominadas *marcadores textuais* pela autora, que se propõe a identificá-las e a verificar seus padrões de uso em textos – português e inglês – em estudo permeado pelos interesses e pelas perspectivas da tradução. Spinelli (2005) estuda a utilização de recursos linguísticos avaliativos em *abstracts* de artigos de pesquisa experimental em Medicina, visando detectar de que maneira esses recursos auxiliam os escritores de *abstracts* na persuasão de seus leitores sobre a veracidade e a validade de suas pesquisas. Para tanto, a autora baseia sua análise, mais especificamente, no modelo de avaliação do discurso científico de Hunston (1993), que defende a noção

de que, nesse tipo de discurso, a persuasão se dá por meio de avaliações implícitas que refletem a ideologia da área na qual os *abstracts* se inserem. Já Zanella (2006), em dissertação de mestrado permeando os estudos da tradução, discute como a retextualização de resumos da área biomédica se realiza, visando identificar como a linguagem se manifesta por meio de significados experienciais do sistema de transitividade. No campo da ciência, Moraes Rodrigues (2008) analisa os contextos discursivos da ciência em artigos da revista *Superinteressante* e em textos de livros didáticos de Biologia. Esse trabalho privilegia a metafunção interpessoal como recurso linguístico para a análise das relações entre os participantes, com o intuito de observar a questão da interação entre escritor e leitor, como os participantes se nomeiam e são nomeados, e que papéis são a eles atribuídos. A autora discute, ainda, o caráter pedagógico sob a visão de Bernstein (1984, 1990, 1996, 1999) e Christie (1998, 2002, 2005).

Os trabalhos desenvolvidos dentro e fora do Brasil sobre o artigo científico, em geral, prendem-se a partes do mesmo; em outras palavras, enquanto algumas pesquisas remetem a *abstracts* (SALAGER-MEYER, 1990; HYLAND, 2000), outras abordam introduções (SWALES, 1990; HOOD, 2004); discussões (DUDLEY-EVANS, 1994); resultados (HOPKINS e DUDLEY-EVANS, 1988); e conclusões (RUIYING & YANG, 2003). Como já dito, o mesmo ocorre no Brasil, onde os trabalhos realizados também apresentam como foco as diferentes partes dos artigos. Nota-se, porém, uma escassez de trabalhos que estudem o artigo como um todo; logo, o presente estudo vem ocupar um nicho ainda não preenchido dentro das pesquisas sobre o artigo científico, especialmente na área de LA posto que, além da preocupação em estudar e analisar as partes dos artigos ou estágios (MARTIN, 2007) que o compõem, também leva em consideração o artigo como um todo.

Em síntese, o presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar quais os elementos linguísticos utilizados pelos autores na caracterização do artigo científico da área de LA. Outro aspecto relevante desta pesquisa diz respeito à crescente necessidade de publicações acadêmicas em português geradas pela contínua aproximação dos pesquisadores que integram a comunidade científica, devido à divulgação de trabalhos científicos por meio da internet.

Nessa perspectiva, este estudo visa contribuir para que autores e pesquisadores em geral disponham de elementos linguísticos que favoreçam as

produções escritas pertencentes ao gênero artigo científico, ao identificar as escolhas lexicogramaticais que operam na produção do artigo científico como gênero argumentativo por natureza.

Com esse objetivo, a presente pesquisa junta-se a outros estudos realizados sob o escopo do projeto DIRECT como, por exemplo, os trabalhos de Aranha (1996), Spinelli (2005), Silva (2005) e Moraes Rodrigues (2008). Para tanto, optei por utilizar a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) como embasamento teórico, por se tratar de uma abordagem que vê a linguagem do ponto de vista social, coconstruída juntamente com o outro e semiótica porque vê a língua como “um sistema de codificação ajustado, combinado, organizado, como um conjunto de escolhas” (EGGINS, 1994:3).

Para Eggins (p.11), “cada texto em que participamos é um arquivo de significados que foram feitos num texto em particular”. A LSF observa e estuda a linguagem como um sistema probabilístico, razão pela qual as escolhas feitas pelos usuários de uma determinada língua não ocorrem por acaso, mas de acordo com o contexto cultural e situacional. Assim, uma determinada escolha pode ser influenciada ou determinada, ou ainda influenciar ou determinar as escolhas à sua volta (THOMPSON, 1998:30).

Ao realizar um significado por meio de um item lexical ou de um fraseado (*wording*), o falante está fazendo uma escolha entre outras possíveis, devido ao caráter probabilístico do uso da língua (HALLIDAY, 1991, 1992a, 1993; STUBBS, 1996). Para Eggins (1994:23), “o que distingue a linguística sistêmica é que ela procura desenvolver uma teoria sobre a linguagem como processo social e uma metodologia analítica que possa permitir a descrição detalhada e sistemática dos padrões da linguagem”.

A pesquisa está estruturada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, discorro sobre a Linguística Sistêmico-Funcional conforme Halliday (1994/2004) e seus seguidores (EGGINS, 1994; THOMPSON, 1996; MARTIN et al., 1997), atendo-me aos tópicos concernentes ao sistema da transitividade, em especial às metafunções ideacional e interpessoal³, e

³ No estudo da linguagem sob a ótica da LSF (cf. HALLIDAY, 1985) o trabalho com as três metafunções acontece simultaneamente, a *ideacional*, que constrói significado do mundo exterior ou interior por meio do sistema de transitividade, a *interpessoal*, que expressa as interações e os papéis assumidos pelos usuários,

ao Sistema de Modalidade no que se refere às metáforas interpessoais. A seguir apresento os conceitos e abordagens sobre gênero a partir de estudos de Bakhtin (1997), Miller (1984), Ventola (1987), Halliday e Hasan (1989), Swales (1990), Bhatia (1993) e Martin (1985, 1989, 1992, 1997, 2000, 2008); e o gênero artigo científico privilegiando as pesquisas e estudos de Halliday e Hasan (1989), Swales (1990), Martin (1992) e Martin e Rose (2008). Por fim, encerro o capítulo expondo algumas considerações teóricas sobre a linguagem da ciência por Myers (1990), Halliday e Martin (1993, 1998), Hess (1995), Bazerman (1998) e Halliday (2004).

No segundo capítulo passo a descrever as características do corpus enfocando os procedimentos metodológicos, os participantes e o contexto de situação. A seguir, apresento os fundamentos da Linguística de Corpus e as ferramentas utilizadas nesta tese. E, finalmente, exponho os procedimentos para a organização, descrição e análise dos dados, os quais constituem-se de 43 artigos na área de Linguística Aplicada e publicados durante os anos de 2000 a 2007.

No terceiro capítulo faço uma síntese da distribuição dos processos no corpus sob a forma de gráfico, com as porcentagens de ocorrência de cada um dos tipos em relação ao número total de processos. Inicialmente, desenvolvo uma discussão sobre o uso dos verbos que realizaram a função de processo verbal no corpus, cujas análises alicerçaram a produção de tabelas sintetizando o modo como os autores dos artigos fazem uso dos processos verbais em seu discurso. Nesse capítulo, apresento ainda os padrões lexicogramaticais das orações verbais, bem como os respectivos exemplos encontrados no corpus, para em seguida analisar e discutir possíveis características do discurso dos autores a partir desses padrões. Logo adiante, identifico e analiso o uso dos operadores modais no corpus, bem como o uso de metáfora interpessoal objetiva explícita na configuração do posicionamento dos autores frente ao texto e ao interlocutor.

As considerações finais trazem uma reflexão a respeito dos resultados obtidos. Procuo, nesse sentido, apontar como os autores buscam, por meio de recursos diversos, demarcar o seu território, trazendo confiabilidade ao texto e se

revelando atitudes, comprometimento para com o interlocutor e para com o tema abordado no seu texto por meio do sistema de modo e modalidade. E a metafunção textual que se refere ao fluxo de informação e organiza a textualização por meio do sistema de tema. Este trabalho se concentrará nas duas primeiras metafunções mencionados, por conta do foco do trabalho, ou seja, processos verbais e operadores e metáforas interpessoais.

posicionando diante dos temas abordados em seus textos. Em se tratando de um texto que propõe temas, discute-os e os analisa, aquele que se aventa a escrever um artigo científico busca estratégias para garantir, até certo ponto, a aceitabilidade do que é proposto. Em linhas gerais, as formas e a representação do discurso científico analisado apresentam nuances das representações sociais provenientes de uma determinada cultura científica. Todas as escolhas realizadas pelos autores no que tange aos padrões lexicogramaticais e especificamente ao seu significado são contribuições imprescindíveis para a orientação e o entendimento do discurso científico, o que mostra que tais recursos linguísticos presentes nos textos influenciam as relações sociais e determinam alguns fatores que extrapolam os limites da mensagem, permitindo que o leitor busque compreender e/ou aceitar o que lhe é apresentado.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Linguística Sistêmico-Funcional: a visão funcional da linguagem

O arcabouço teórico que fundamenta esta pesquisa é a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) proposta por Halliday (1985, 1994, 2004), que analisa e explica a prática social do discurso – o texto.

Para Halliday e Hasan (1989:03) a LSF estuda a linguagem a partir de um ponto de vista sociossemiótico, considerando-a como um dos diversos sistemas de criação de significados, os quais fazem parte da cultura de uma sociedade. Nesse sentido a linguagem é entendida como um sistema de sinalização usado para produção de significados, gerados sempre na interação com o contexto (MARTIN, 1992).

Para esse autor, nas escolhas de significado o contexto imediato de situação e o contexto global de cultura (EGGINS & MARTIN, 1997:230-256) estão diretamente envolvidos. A LSF parte de uma perspectiva sociossemiótica que entende que os significados são criados a partir de escolhas motivadas socialmente. Nessa perspectiva, entende-se que a linguagem consiste de um conjunto de sistemas, e que cada um desses sistemas oferece ao falante uma gama de escolhas para a expressão de significados (HALLIDAY, 1989:vii).

Eggins (1994:03) ressalta que adotar uma abordagem sistêmico-funcional para a linguagem envolve investigar como os indivíduos usam a linguagem em diferentes contextos e como esta é estruturada para uso. As escolhas feitas em diferentes níveis no sistema linguístico (semântico, lexicogramatical, fonológico, fonético) são significativas e determinam a criação de diferentes significados na medida em que determinam diferentes interpretações da realidade e criam diferentes visões de mundo. Quando fazemos uma escolha real no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado diante de outra possibilidade de escolha que poderia ter sido feita. Assim, uma determinada escolha pode ser influenciada ou determinada, ou ainda influenciar ou determinar as escolhas à sua volta (THOMPSON, 1998:30).

Essa abordagem teórica (HALLIDAY, 1985/1994) sugere que a linguagem deve ser vista como um fenômeno social e não individual, que tem origem e se

desenvolve com o objetivo de atender às necessidades socioculturais da comunicação humana. Por essa razão, na LSF as análises são realizadas a partir de produtos autênticos das interações sociais (textos orais ou escritos), levando em conta o contexto social, sobretudo os contextos cultural e situacional em que ocorrem. Halliday (1994) ressalta que ninguém usa a língua, escrita ou falada, sem um propósito, sem uma função.

Com base nas premissas acima, esta pesquisa apresentará os aparatos teóricos para a análise do discurso científico a partir da perspectiva de linguagem da LSF, analisando como os autores de artigos de LA constroem o seu discurso.

1.1.1 A relação texto e contexto

Na abordagem sistêmico-funcional, o contexto sociocultural é inseparável de toda escolha ou manifestação de linguagem; portanto, participa de toda a construção do seu significado. Santos (2002:4) faz referência ao fato de que, na análise de produções sob a perspectiva da LSF, alguns aspectos devem ser considerados, tais como o contexto social; a função/necessidade social a ser desempenhada; o tipo de relação entre os participantes envolvidos no evento social; os meios e modos usados para a comunicação e as características individuais de cada participante. Halliday (HALLIDAY e HASAN, 1989:5) afirma que o contexto precede o texto, e que a situação precede o discurso nela empregado. Por essa razão, o contexto destaca-se como elemento de extrema importância na abordagem de um determinado gênero.

1.1.1.1 Contexto de situação

Para Halliday (1994), todo texto carrega consigo influências do contexto no qual foi produzido. O texto é, então, considerado um evento interativo, uma troca social de significados: “a relação entre texto e contexto é dialógica; o texto cria o contexto da mesma maneira que o contexto cria o texto” (HALLIDAY e HASAN, 1989:47).

Ao escrever ou falar, optamos por determinados elementos de significação, escolhas essas que são motivadas pelo contexto de cultura e de situação em que a produção acontece. Isto é, nossas opções não são aleatórias, mas carregadas de significados culturais. O significado surgiria, então, da tensão, do ponto de

interseção entre texto e contexto.

Halliday (1994:xiii) considera que texto e contexto formam um todo significativo; em outras palavras, um texto isolado do contexto em que se manifesta perde elementos importantes que o constituem. Para o autor, um texto é sempre produzido em dois contextos de forma simultânea: o interno (contexto situacional), que se refere a padrões de interação social em uma situação, e o externo (contexto cultural), relacionado a padrões de organização social e de comportamento em uma cultura, ambos realizados sob a forma de padrões discursivos.

Todo texto – isto é, tudo que é dito ou escrito – se desenvolve em algum contexto de uso; ademais, são os usos da linguagem que, há dezenas de milhares de gerações, formaram o sistema. A linguagem **evolui** para satisfazer as necessidades humanas; e é organizada de forma funcional em relação a essas necessidades – não é arbitrária. A gramática funcional é essencialmente a gramática “natural”, ou seja, tudo pode ser explicado, em última instância, por referência ao modo como a língua é utilizada.

Halliday (1994:xiii)⁴

O contexto de situação está relacionado à situação imediata de realização do texto. Conforme Halliday (1978:111), uma configuração de recursos semânticos que membros de uma cultura tipicamente associam com um tipo de situação permite aos falantes estabelecerem graus de ocorrência ou de preferência no que se refere aos elementos linguísticos. Isso é possível porque membros de uma situação de ocorrência partilham os aspectos linguísticos e sociais que envolvem o evento comunicativo. As escolhas feitas pelos falantes ocorrem dentro do sistema de uma língua para poder significar algo diante das condições sociais e culturais pertencentes àquela situação.

Segundo Eggins (1994:7), “o contexto está no texto”. Sob a visão hallidayana, como participantes de uma mesma cultura reconhecemos as diferentes possibilidades de ocorrências ou escolhas linguísticas baseadas nas situações, ou seja, o contexto de situação reflete ou contém o contexto de cultura. Conforme o autor, o contexto de situação possibilita e promove a interface entre contexto e linguagem (HALLIDAY, 1978, 1989, 1985/1994), proporcionando os subsídios

⁴ “Every text – that is everything that is said or written – unfolds in some context of use; furthermore, it is the uses of language that, over tens of thousands of generation have shaped the system. Language has evolved to satisfy human needs; and the way it is organized is functional with respect to those needs – it is not arbitrary. A functional grammar is essentially a “natural” grammar, in the sense that everything in it can be explained, ultimately, by reference to how language is used”. (Traduções feitas pela autora)

analítico-teóricos que permitem a descrição linguístico-gramatical da linguagem em uso inserida no contexto sociocultural de ocorrência.

É no contexto de situação que o gênero é realizado em linguagem, por meio de escolhas linguísticas que caracterizarão o **registro** desse gênero.

O contexto de situação, ou registro, pode ser definido como “o ambiente do texto” (BRESSANE, 2006). Segundo Halliday e Hasan (1993:10), o contexto de situação possibilita a compreensão daquilo que acontece fora do texto.

A situação em que uma interação linguística ocorre dá aos participantes uma grande quantidade de informação sobre os significados que estão sendo trocados e sobre os que provavelmente poderão ser trocados. O tipo de descrição ou interpretação do contexto de situação que será mais adequado para o linguista será aquele que o caracteriza nesses termos; em termos que o tornam capaz de fazer previsões acerca dos significados que o ajudarão a explicar como as pessoas interagem.

Halliday e Hasan (1993:10)

Nesse sentido, a troca entre falantes em um evento comunicativo depende do tipo de contexto no qual a interação está ocorrendo, pois o significado de uma proposição só pode ser totalmente compreendido quando estabelecemos relação entre linguagem e condições sociais. A importância de relacionarmos contexto e linguagem fica bastante clara na fala de Matthiessen (1993:223):

(...) tornou-se possível colocar mais ênfase no sistema semântico (Halliday, 1971) e identificar mais precisamente a correlação entre contexto e linguagem graças à teoria das metafunções da linguagem que se desenvolveu na década de 1960 posterior e independentemente do estabelecimento da teoria original de registro.

Halliday e Hasan (1985/1994)⁵

Para Halliday e Hasan (1989:38-39), registro é “uma configuração de significados que são tipicamente associados com uma configuração particular de campo, modo e relações”. As variáveis situacionais do discurso que colaboram para a descrição do contexto são:

- **campo** – refere-se às características e motivação de um evento comunicativo; do que se fala ou escreve, a representação das atividades sociais;

⁵ “(...) it has become possible to place more emphasis on the semantic system (e.g., Halliday 1971) and to identify the correlation between context and language much more precisely thanks to the theory of metafunctions of language which developed in the 1960s after, and independently of, the original statement of register theory.

- **relações** – referem-se às características individuais e relacionais dos participantes de um evento comunicativo, ou seja, dos papéis sociais assumidos pelos participantes da interação;
- **modo** – refere-se à construção da mensagem/do texto e de como essa construção está organizada para que os propósitos sejam atingidos, isto é, o papel retórico e simbólico da linguagem.

Cada uma das variáveis acima tem uma relação sistemática e previsível com os padrões lexicogramaticais, os quais nos permitem prognosticar o gênero. A título de ilustração, cito alguns exemplos de diferentes textos produzidos para diferentes meios de comunicação. O artigo científico produzido na área médica, por exemplo, difere quando é dirigido para o público da área em questão (uma revista médica) ou quando está inserido em uma revista para o público leigo (uma revista que fale de bem-estar e de saúde).

Sob a visão de Halliday e Hasan (1989:38), todo texto carrega informações sobre o respectivo contexto de uso. Assim sendo, é possível recuperar as características de campo, relações e modo da situação a partir do texto. A LSF descreve a relação entre texto e contexto como um sistema semiótico complexo com vários níveis ou estratos (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:24).

Essa representação do sistema da linguagem em estratos nos revela como a gramática estabelece a interface entre o que acontece além da linguagem, ou seja, os acontecimentos e situações do mundo e os processos sociais que nele ocorrem, e os fraseados (*wordings*⁶) por meio dos quais significados da experiência humana são organizados pela linguagem.

Hasan (1995:21) esclarece que esse processo constitui-se em duas partes: a primeira trata da experiência e das relações interpessoais que são transformadas em significado, no estrato da semântica. Na segunda parte, o significado é transformado em palavreado, no estrato da lexicogramática, em uma realização que acontece entre estratos e que se denomina *realização*, conforme o quadro 1 abaixo.

⁶ Os termos da LSF aqui utilizados foram traduzidos conforme lista da sistêmica disponível em <http://www2.lael.pucsp.br/~tony/sistemica/>.

Contexto (variáveis de contexto)	Modo	Relações	Campo
Metafunções (significados)	Textual	Interpessoal	Ideacional
Sistemas Gramaticais (fraseados)	Tema	Modo	Transitividade

Quadro 1: Contexto, Metafunções e Lexicogramática

O quadro 1 representa a relação entre as variáveis de registro, as metafunções e os principais sistemas gramaticais. Vale observar que a relação entre texto e contexto está presente no aspecto funcional da linguagem.

Sendo assim, a variável *campo* é realizada por significados da metafunção ideacional, a qual revela e caracteriza os traços de representação do mundo contidos no discurso, e é operacionalizada pelo Sistema de Transitividade.

A variável *relações* é realizada por significados da metafunção interpessoal, a qual possibilita a observação das escolhas linguísticas que marcam as trocas e as relações entre os participantes, e é operacionalizada pelo Sistema de Modo.

A variável *modo* é realizada por significados da metafunção textual, a qual descreve a organização das metafunções mencionadas acima e o fluxo da mensagem, sendo por sua vez operacionalizada pelo Sistema de Tema.

Os elementos que constituem o contexto de situação (campo, relações e modo), associados aos aspectos semânticos representados pelas metafunções ideacional, interpessoal e textual e realizados no texto pelos sistemas de Transitividade, de Modo e de Tema, possibilitam a observação e a interpretação das escolhas linguísticas, adequadas ou não a um sistema convencionalizado e inserido em um contexto de uso.

Nesse sentido, Eggins (1994:03) esclarece que:

Esta complexidade semântica, que permite que significados experiencial, interpessoal e textual possam ser incorporados em conjunto de unidades linguísticas, é possível porque língua é um sistema semiótico: um sistema de codificação convencionalizada, organizado como conjuntos de escolhas. A característica distintiva do sistema semiótico é que cada escolha no sistema adquire o seu significado no contexto diante de outras opções que poderiam ter sido feitas. Esta interpretação semiótica do sistema de linguagem permite-nos considerar adequado e inadequado as diferentes escolhas linguísticas em relação aos seus contextos de uso, e ver a língua como um recurso que usamos para construir significados em contextos.⁷

⁷ "This semantic complexity, which allows experiential, interpersonal and textual meanings to be fused together in

Por conseguinte, o *campo* está relacionado à realização da metafunção ideacional, e estabelece o conteúdo e os papéis culturais dos participantes da interação. As *relações* descrevem as trocas interpessoais e os papéis de cada participante adotados naquela determinada relação estabelecida pelas condições sociais do momento – por exemplo, a relação escritor/leitor, falante/ouvinte. O *modo* compreende a modalidade de produção e transmissão da mensagem levando-se em consideração o tipo de canal utilizado (visual, gráfico etc.) e o meio (oral ou escrito).

Cada metafunção possui um sistema que possibilita a realização de seus significados. Segundo Eggins (1994:11-13), ao escolhermos um determinado fraseado estamos realizando três diferentes tipos de significados, relacionados às metafunções da linguagem:

1. Significados relativos à representação da experiência, relacionada à maneira como percebemos, sentimos, experienciamos, representamos;
2. Significados referentes às representações de poder e solidariedade, às nossas relações com outras pessoas e nossas atitudes em relação a elas;
3. Significados relativos à organização do conteúdo da mensagem, que permitem dar sequência lógica ao pensamento.

Sendo assim, os significados referentes às nossas relações com os outros dizem respeito à metafunção interpessoal. Os significados referentes ao tipo de atividade social e ao assunto tratado pelo texto referem-se à metafunção ideacional. Por sua vez, os significados referentes à organização da oração de forma a possibilitar que esta atinja os seus propósitos dentro de um contexto referem-se à metafunção textual.

Halliday e Hasan (1989:47) asseveram que o “relacionamento entre texto e contexto é dialógico; ou seja, o texto cria o contexto na mesma medida em que o contexto cria o texto”. Esse conceito básico da LSF alinha-se à visão de Firth, o qual assegura que “todo significado é função de um contexto”. Em outras palavras, um

linguistic units, is possible because language is a semiotic system: a conventionalized coding system, organized as sets of choices. The distinctive feature of semiotic system is that each choice in the system acquires its meanings against the background of the other choices which could have been made. This semiotic interpretation of the system of language allows us to consider the appropriacy or inappropriacy of different linguistic choices in relation to their contexts of use, and to view language as a resource which we use by choosing to make meanings in contexts”.

mesmo texto em contextos diferentes daria origem à criação de significados diferentes (HALLIDAY e HASAN, 1989:10).

1.1.2 As Metafunções

1.1.2.1 Metafunção Ideacional

A realização da função ideacional da linguagem ocorre no sistema de transitividade, por meio da representação de ideias e experiências.

Os significados relativos à representação da experiência são manifestados por meio da metafunção ideacional, a qual representa os eventos das orações em termos de *fazer*, *sentir* (processamento simbólico) ou *ser*. Essa metafunção refere-se ao uso da língua como representação da experiência relacionada ao conteúdo, às ideias e à lógica – a relação entre as ideias. Tais representações são modelos ou padrões de experiência que, segundo Halliday (1994:106), constroem “um quadro mental da realidade para fazer sentido no que acontece ao redor e no interior do falante”. Halliday e Matthiessen (2004:170) afirmam que, ao criar uma representação de mundo, o falante põe ordem no fluxo infinito e contínuo de eventos, segmentando esse fluxo em acontecimentos distintos.

Cada acontecimento identificado pelo falante é modelado na oração por um construto nomeado *figura*, que é constituído por elementos tais como: um processo que se desenrola no tempo (tipicamente realizado por grupos verbais, podendo porém ser também materializado como substantivo, como em casos de nominalização); o(s) participante(s) do processo (tipicamente realizado(s) pelos grupos nominais); e as circunstâncias (tempo, espaço, causa e modo, dentre outras (Idem, p.107)), associadas ao processo (tipicamente realizadas pelos grupos adverbiais ou sintagmas preposicionados).

Halliday (1979:211) esclarece que a representação da experiência humana, em termos semânticos, pode ser descrita de duas maneiras distintas: a experiencial e a lógica. A função experiencial representa a linguagem como organização de experiências de mundo de participantes dos processos, ao passo que a função lógica expressa relações lógicas entre complexos oracionais e grupos nominais.

No que tange à função experiencial, Halliday e Matthiessen (2004:177) afirmam que as figuras, representações do mundo do falante, são realizadas em

orações compostas por elementos tais como o *processo*, os *participantes* (envolvidos no processo) e as *circunstâncias* (associadas ao processo), como podemos observar na figura 2.

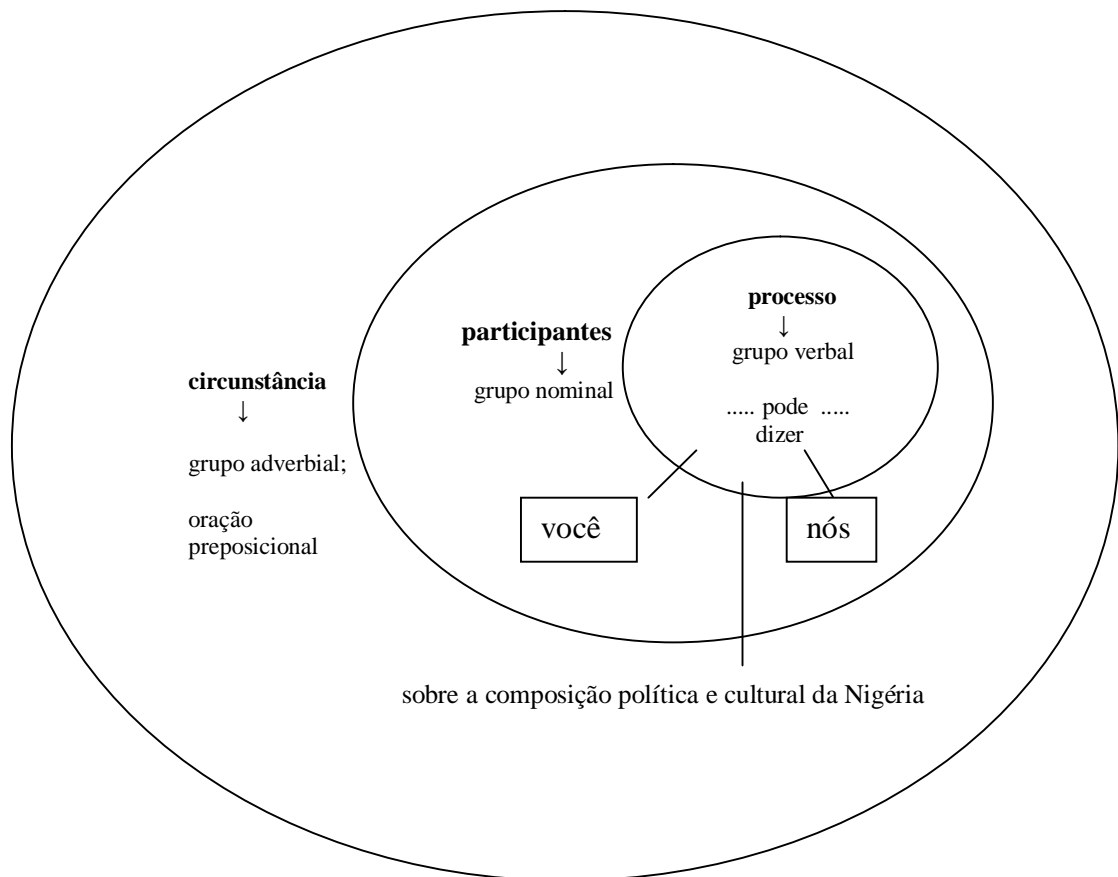


Figura 2: Elementos centrais e periféricos na estrutura experiencial da oração (adaptado de Halliday e Matthiessen, 2004:176)

Os autores definem o processo como o elemento central na oração; os participantes situam-se próximos ao centro, ou seja, estão diretamente envolvidos no processo, praticando a ação ou sendo afetados por ela; os elementos circunstanciais adicionam informações de cunho temporal, espacial, causal etc., porém seu status é mais periférico na estrutura experiencial pois, ao contrário dos participantes, as circunstâncias não estão diretamente envolvidas no processo.

A seguir, passo a descrever os elementos da transitividade mais detalhadamente, especialmente os processos verbais por serem estes um dos focos do presente estudo.

A) Os tipos de processos e os participantes

O falante interpreta o mundo da experiência por meio de um conjunto de tipos de processos. O processo é representado por verbos ou grupos verbais, e corresponde à ação propriamente dita. Halliday (1994) identificou seis tipos de processos:

A.1) Os processos materiais⁸ representam a nossa experiência no mundo exterior, isto é, expressam variações provocadas por ações físicas, que podem ser a criação ou transformação de algo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:179) – são processos de *fazer*. Dois são os seus participantes principais: o Ator e a Meta. O Ator é quem realiza a ação propriamente dita, com presença é obrigatória: todo processo tem um Ator, mesmo se não mencionado na proposição (THOMPSON, 1996:78). A Meta é o participante efetivamente modificado pelo processo e a quem ele é dirigido, como mostra o exemplo a seguir:

(1) LADEL⁹ 025

Mario	comprou	o livro	de Paulo ¹⁰	por dez reais
Participante:Ator	Processo:material	Participante:meta	Participante	Circunstância

Há, contudo, outros participantes que podem estar relacionados aos processos materiais, tais como o Escopo, o Recebedor e o Cliente (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). O Escopo é uma entidade que existe de forma independente do processo e que não é afetada por este (p.192), indicando o seu domínio de atuação. No exemplo 2, observa-se que o verbo *fazer* é dependente da palavra *discussão* para fins de complementação do significado:

(2) LADEL 031

Coudry (1986/1988)	faz	uma discussão	acerca das relações dos sujeitos com a linguagem
Participante:Ator	Processo:material	Participante:Escopo	Circunstância

⁸ Os exemplos utilizados foram retirados do corpus de análise.

⁹ A sigla LADEL refere-se aos textos aqui analisados: LA – Linguística Aplicada e DEL – revista DELTA.

¹⁰ A meu ver (o que significa que não é uma interpretação definitiva, mas a ser discutida), essa oração pode ser interpretada de duas maneiras: Mario comprou | o livro de Paulo | por dez reais. Neste caso, Paulo faz parte do grupo nominal, não parece fazer parte do processo da compra. Sua função experiencial fica sendo a de identificar o livro (Classificador, no grupo nominal). Porém, se a ideia for "comprou algo de alguém", Paulo passa, então, a fazer parte do processo de compra – mas, mesmo assim, parece ter função circunstancial nesse processo. O processo da oração principal tem a ver com "comprar" e Paulo não foi comprado, o que foi comprado foi o livro. Paulo faz parte de um processo que descreve melhor a compra do livro, em uma relação lógica de intensificação (*enhancing*), que nos dá mais informações sobre a compra – pode ser Maneira:Meio.

Lopes (2008) esclarece que, em português, o Escopo é muitas vezes responsável pela própria significação do grupo verbal, como por exemplo em verbos como *fazer, tomar, dar* etc. O autor ressalta que, embora esses processos pareçam estar vazios, a diferença entre seus significados reside no próprio Escopo o qual, uma vez substituído, especifica o sentido trazido pelo processo. Vejamos o exemplo 3 abaixo:

(3) LADEL 031

Coudry (1986/1988)	discute	acerca das relações dos sujeitos com a linguagem
Participante:Ator	Processo:material	Circunstância

No exemplo 3, é possível observar que processos seguidos de Escopo podem ser substituídos por outros processos. Por exemplo: *fazer uma discussão* equivale a *discutir*.

Halliday e Matthiessen (2004:191) esclarecem que Receptor e Cliente ocorrem em contextos diversos, e são identificados na gramática tradicional, comumente, como o objeto indireto (EGGINS, 1994:35). O Receptor é o participante que recebe um produto, como podemos ver no exemplo 4.

(04) LADEL 039

O incidente de Horan [11]	deu	lhe	um gás	a mais.
Participante:Ator	Processo: Material	Participante: Receptor	Participante:Meta	Circunstância

Por sua vez, o Cliente é o participante com maior tendência de ocorrer em processos materiais que indicam criatividade. Esse participante representa a entidade para quem alguma coisa é feita, criada ou transformada. Vejamos o exemplo abaixo:

(5) LADEL 039

As línguas naturais	recebiam	tratamento semelhante	ao das línguas mortas.
Participante: Cliente	Processo:Material	Participante:Meta	Circunstância

A.2) Os processos mentais são os processos de *sentir* e estão relacionados à representação do nosso mundo interior (*inner world*) (THOMPSON,1994:82). De acordo com Halliday e Matthiessen (2004:197), as ações realizadas não ocorrem no mundo material, mas no fluxo do nosso pensamento. Os autores dividem esses processos em quatro subtipos (p.208-210): (1) processos mentais de cognição, relacionados a questões de decisão e compreensão, que incluem processos como

saber, entender, decidir; (2) processos mentais de percepção, voltados para a observação de fenômenos (*sentir*), que compreendem processos como *ver, perceber e notar*; (3) processos mentais de afeição, relacionados a sentimentos, que abrangem processos como *gostar, temer, odiar*, e (4) processos mentais de desejo, que incluem processos como *querer, desejar*.

Ainda segundo Halliday e Matthiessen (2004), os processos mentais contam com dois participantes: o Experienciador (*senser*, o ser consciente, em cuja mente o processo se realiza) e o Fenômeno (aquilo que é sentido, o elemento percebido/sentido pelo Experienciador).

(6) LADEL 031

“...as	crianças	gostam	de esporte.”
Dêitico Modificador	Participante: Experienciador	Processo: mental	Participante: Fenômeno

Thompson (1998:82) ressalta que os processos mentais são gramaticalmente distintos dos processos materiais pelas quatro características apresentadas a seguir:

(1) A primeira característica refere-se à diferença entre os processos materiais e mentais no que diz respeito ao tempo verbal. Nos processos materiais, o tempo não marcado é o presente contínuo; as ações que podem ser caracterizadas como processos materiais normalmente têm começo e fim, enquanto nos processos mentais o tempo não marcado é o presente simples;

(2) A segunda característica está relacionada às orações de processos mentais – o que é sentido, pensado ou percebido pode ser uma coisa, um fato ou algo que é construído como participante por projeção;

(3) A terceira característica é a natureza do Experienciador: o participante do processo mental é sempre uma entidade dotada de consciência. O que parece ser diferente é que nos processos materiais não há atribuição de consciência às entidades personificadas, isto é, o agente pode ser algo não provido de consciência;

(4) A quarta característica está relacionada aos processos mentais que, diferentemente dos processos materiais, podem manter o significado (a voz do verbo) pela utilização de um processo de significado semelhante.

Ao contrário dos materiais, os processos mentais não são processos de *fazer*; portanto, não cabe a pergunta “o que fez x?” posto que não podem ser substituídos pelo processo *fazer*.

A.3) Os processos relacionais são os processos de *ser*, utilizados para definir, classificar, caracterizar, generalizar e identificar. Os processos relacionais deixam em evidência uma relação de natureza estática entre dois participantes.

Segundo Halliday (1994), todas as línguas apresentam construções de processos relacionais, que podem ser de três tipos principais:

- (1) intensivos, em que “x é a”;
- (2) circunstanciais, em que “x está em a” (podendo ser também “x” está sobre “a”, com “a”, dentro de “a” etc.); e
- (3) possessivos, em que “x tem (ou possui) a”.

Os tipos de processos relacionais mencionados acima podem ser expressos de dois modos: (a) atributivo, em que “a é um atributo de x”, e (b) identificativo, em que “a é a identidade de x”.

Os processos identificativos são reversíveis, ou seja, podem ter a ordem dos participantes alterada sem mudança de sentido. Já os processos atributivos não podem ter a ordem dos elementos alterada, do contrário a construção ficaria semanticamente diferente do sentido original.

Nas orações com processo atributivo, alguma qualidade é atribuída a uma entidade. O Portador é o participante que recebe as qualificações, sendo sempre representado por um nome ou sintagma nominal, enquanto o atributo é tipicamente realizado por um adjetivo ou sintagma adjetival.

Outros processos, além de *ser*, *ter* e *estar*, também podem ser relacionais, tais como *ficar*, *permanecer*, *transformar*, *tornar*, *parecer*, entre outros. Seis são as categorias de processos relacionais: processos intensivos de modo atributivo; processos intensivos de modo identificativo; processos circunstanciais de modo atributivo; processos circunstanciais de modo identificativo; processos relacionais de modo atributivo e processos relacionais de modo identificativo, de acordo com o

quadro 2 abaixo¹¹:

Tipo/Modo	(a) Atributivo	(b) Identificativo
(1) Intensivo	(66) 036" “..a ocorrência de <i>RILCO</i> em português brasileiro é rara e apresenta marcas de despreferência.”	(44) 026 “ ...anáfora é o nome dado a esta relação ou processo no qual um termo anafórico, em uma instância de discurso dada, se vincula a um elemento identificável chamado de antecedente.
(2) Circunstância	(58)007 Amigues (2003) ainda afirma que, ao contrário do que ocorre em outros domínios de atividade profissional, as prescrições para o trabalho do professor são bastante vagas e imprecisas, o que é também ressaltado por Faïta (2003).	(64)001 Gêneros como a carta de promoção de vendas (Bhatia, 1993) e o artigo científico (Swales, 1990) estão na esfera da ação individual, podendo ser vistos como elementos para a formatação da ação de linguagem.
(3) Possessivo	(52) 038 Se a gramática adulta tem categorias funcionais, estas podem ou não estar disponíveis na gramática inicial.	(54)006 Sendo a interdiscursividade e a intertextualidade, aspectos relevantes em qualquer análise de discurso que se empreenda ao discurso pertence papel privilegiado na constituição do social.

Quadro 2: Tipos de processos relacionais

- **Processos intensivos de modo atributivo**

Há quatro características que distinguem orações atributivas de identificativas. As particularidades dos processos atributivos são:

(1) O grupo nominal que funciona como atributo é tipicamente indefinido nos processos de modo atributivo. O núcleo da oração pode ser um adjetivo (ou um particípio) ou um substantivo comum – algumas vezes acompanhado de um artigo indefinido –, mas nunca um nome próprio ou pronome;

(2) O verbo que realiza o processo pertence à classe “ascriptiva”. No caso de o atributo ser um substantivo comum sem adjetivo, ele pode ser precedido por uma preposição, dependendo do verbo em questão;

(3) Fazemos as perguntas “o que é x?”, “como é x?” ou “x é como o quê?” para sabermos se determinada oração é de modo atributivo. Se obtivermos respostas a essas perguntas trata-se, então, de uma oração relacional de modo

¹¹ Exemplos retirados do corpus de análise.

atributivo;

(4) Orações no modo atributivo não são reversíveis, ou seja, não há formas passivas para esse tipo de oração.

- **Processos intensivos de modo identificativo**

Nos processos de modo identificativo, algo tem uma identidade assegurada para si. Em outras palavras, uma entidade é usada para identificar uma outra: “x” é identificado por “a”. O elemento “x” é chamado de **identificado** e o elemento “a” é chamado de **identificador**. Nesse modo, não se trata de pertencer a uma classe, uma vez que isso não provê identidade a uma entidade.

Quatro características distinguem os processos de modo identificativo dos processos de modo atributivo. São elas:

(1) O grupo nominal que realiza a função de identificador é geralmente definido. Usualmente, o núcleo é um substantivo comum acompanhado de artigo definido, um substantivo próprio ou um pronome. O superlativo é o único caso em que um adjetivo é o núcleo de um processo no modo identificativo;

(2) O verbo que realiza o processo que aparece nesse modo é do tipo “equativo”;

(3) Fazemos as perguntas “qual é x?” ou “quem é x?” para saber se se trata do modo identificativo. Se obtivermos respostas a essas perguntas, trata-se então desse tipo de processo;

(4) Esse tipo de oração é reversível. Exceto com os verbos *ser*, *estar*, *transformar* e *permanecer* – além daqueles acompanhados por preposição, tais como ‘agir como’ –, todos os processos identificativos podem apresentar formas passivas. Vale ressaltar que os elementos ‘identificador’ e ‘identificado’ podem vir em qualquer ordem.

- **Processos relacionais circunstanciais**

Nas orações relacionais de tipo circunstancial, a relação entre as duas entidades (os dois participantes) da oração é de tempo, lugar, causa, maneira, acompanhamento, papel, assunto ou ângulo.

- **Processos circunstanciais de modo atributivo**

Nas orações circunstanciais atributivas, o elemento circunstancial é um atributo assegurado a alguma entidade. Esse tipo de oração pode assumir duas formas: a circunstância é apresentada como um atributo; ou a circunstância aparece como um processo. A relação circunstancial é expressa por uma preposição e o atributo é um sintagma preposicional – quando a circunstância é expressa na forma de um atributo. Vejamos o exemplo: *Ele está na casa da mãe dele*. Quando a circunstância é expressa como um processo, ela aparece na forma de um verbo que expressa uma relação circunstancial. Neste caso, o atributo é um grupo nominal: *Ela ficou aqui mesmo*.

- **Processos circunstanciais de modo identificativo**

Nas orações relacionais circunstanciais de modo identificativo, a circunstância é expressa como uma relação entre duas entidades: uma dessas entidades está sendo relacionada a outra por um traço circunstancial (que pode ser de maneira, tempo etc.).

Esse tipo de oração pode se apresentar de duas maneiras: a relação circunstancial é expressa na forma de um traço dos participantes; ou a relação circunstancial vem na forma de um traço do processo.

Quando a circunstância é expressa como participante, identificador e identificado são elementos circunstanciais, como no exemplo: *Ontem era dia de jogo*. A ordem dos participantes pode ser trocada sem que se altere o sentido, como ocorre em outras orações identificativas. No caso da oração relacional circunstancial no modo identificativo, é o processo – e não os participantes – que expressa o traço circunstancial como uma relação entre os participantes. As orações desse tipo são metafóricas, como no exemplo: *A casa era cercada por várias estradas*.

- **Processos relacionais possessivos**

Nas orações com processos relacionais possessivos, uma entidade possui outra, isto é, a relação entre os participantes é de pertencimento. Nesse tipo de oração relacional, a relação de posse pode ser expressa no **modo atributivo** ou no **modo identificativo**.

Nas orações relacionais possessivas de modo atributivo, a relação de posse pode ser expressa como um atributo ou como um processo. Quando a relação é expressa como um atributo, ela aparece como um grupo nominal de posse. Normalmente, em português, o grupo nominal atua como pronome possessivo (meu, minha, nosso etc.) ou é precedido das preposições *de*, *da(s)* ou *do(s)*, como nos exemplos: *A bolsa é minha / A bolsa é dela*. O verbo da oração indica a relação de posse quando esta é expressa por um processo. Vejamos o exemplo: *A mãe tem a guarda da filha mais nova*. Neste caso, o portador pode ser o possuidor e o atributo, o possuído, ou o contrário: o portador pode vir como o elemento possuído e o atributo como o possuidor.

Nas orações relacionais possessivas de modo identificativo, a posse aparece na forma de uma relação entre entidades. Nesse caso, a relação de posse pode ser expressa como uma marca dos participantes ou como uma marca do processo. Quando a posse vem na forma de uma marca dos participantes, a relação entre eles é de identidade. Esse tipo de oração pode ser classificada como atributiva ou como identificativa, dado que a forma é exatamente a mesma. Voltemos a dois exemplos já citados: *A bolsa é minha / A bolsa é dela*.

Nas orações relacionais possessivas identificativas, quando a relação de posse aparece como uma marca do processo, o verbo típico que a realiza é *possuir*. Segundo Halliday (2004), a categoria dos processos relacionais possessivos, além dos processos que indicam posse no sentido usual, abarca processos que sugerem relações mais abstratas, as quais indicam algum tipo de posse ou pertencimento – por exemplo, com os verbos *consistir*, *incluir* e *conter*. Vejamos, em mais detalhes, quais são os participantes dos processos relacionais:

- *Portador*: entidade à qual foi assinalada uma classe (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004:219), como em: *Laura é bonita*. Laura está na classe de pessoas bonitas. Como foi dito anteriormente, em processos relacionais possessivos o Portador é o participante Possuidor, como no exemplo: *Carlos tem um carro*.

- *Atributo*: uma classe atribuída ao Portador. Voltemos aos exemplos acima: o *Atributo de Laura é bonita*. Já em processos relacionais possessivos, o Atributo é o participante Possuído; neste caso seria o carro, como no exemplo: *Carlos tem um carro*.

- *Identificado*: é o elemento ao qual se atribui uma identificação (p.227), como por exemplo o condor em: *O condor-dos-andes é a maior ave de rapina do mundo*.

- *Identificador*: é o elemento que identifica um participante. No exemplo acima – *O condor-dos-andes é a maior ave de rapina do mundo* –, o identificador seria a maior ave de rapina do mundo.

(A.4) Os processos comportamentais estão na fronteira entre os processos material e mental, com características comuns aos dois tipos de processo. Tais processos representam as manifestações do nosso mundo interior, a externalização de processos de consciência e de estados fisiológicos. Há processos comportamentais como *olhar, assistir, encarar* etc. que estão mais próximos de ações mentais, enquanto outros situam-se mais próximos de ações materiais, como *dançar, respirar, deitar* etc. O participante desse tipo de processo é o **Comportante**, um ser tipicamente dotado de consciência – assim como o experienciador dos processos mentais. É o **Comportamento** que define o escopo do processo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). No entanto, o processo comportamental é gramaticalmente mais parecido com os processos de *fazer*, como no exemplo abaixo:

(7)

Maria	pôde assistir	ao filme Matrix.
Participante:comportante	Processo:Comportamental	Participante:Comportamento

(A.5) Os processos existenciais, como o nome diz, referem-se à existência, possibilitam que fenômenos de todos os tipos sejam reconhecidos como *ser, existir* ou *acontecer* que se encontrem entre os processos relacionais e materiais. Esses processos relacionam-se a qualquer tipo de fenômeno reconhecido como existente. As proposições existenciais são realizadas tipicamente pelos processos *haver* e *existir*. Outros processos como *emergir, surgir* e *ocorrer* podem ser considerados existenciais, dependendo do contexto onde se inserem. O processo existencial tem um só participante, o Existente, que pode ser uma pessoa, um objeto, uma instituição, uma abstração, uma ação ou um evento, como mostra o exemplo 8:

(8) LADEL 019

Existe	ato físico não convencional?
Processo:Existencial	Participante:Existente

(A.6) Os processos verbais situam-se entre os mentais e os relacionais e são processos de *dizer* – *dizer*, aqui entendido como qualquer tipo de troca de significado expresso verbalmente. Esses processos de *dizer* são relações simbólicas construídas na consciência humana e realizadas por meio da linguagem (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004). Os processos verbais apresentam característica semelhante aos processos mentais no que se refere à capacidade de projetar fenômenos de segunda ordem. Já em relação aos processos relacionais, a particularidade que os aproxima é a possibilidade de serem considerados processos simbólicos, uma vez que aceitam como participante um dizente não dotado de consciência, destituído da capacidade de se expressar, de falar. O conteúdo que está sendo dito pode ser uma citação direta ou um discurso reportado. Muitas vezes, encontramos o que é dito em uma oração secundária de um complexo oracional – chamada, nesse caso, de oração projetada.

Os processos verbais contam com quatro participantes: o Dizente – aquele ou aquilo que diz alguma coisa, e que não precisa necessariamente ser dotado de consciência. O dizente e o processo (prototipicamente realizado por um grupo verbal), são elementos obrigatórios nas orações verbais. Há ainda mais três outros tipos de participantes: o Receptor – aquele para quem a mensagem é dirigida, como por exemplo: *O povo acusa os políticos por corrupção*; a Verbiagem refere-se à função que corresponde ao que é dito (a mensagem propriamente dita), que aparece como constituinte da oração e não como outra oração; a Locução, que é a função que corresponde ao que foi dito, e pode ocorrer como citação (tradicionalmente chamada de discurso direto) ou discurso reportado (tradicionalmente chamada de discurso indireto); e o Alvo – a entidade que é atingida pelo processo. Normalmente, verbos que aceitam um alvo não projetam discurso reportado. Um exemplo de alvo citado por Halliday (p.141) é *inteligência*, como no exemplo: *Por favor, não insulte minha inteligência!*

Vejamos o exemplo abaixo:

(9) LADEL 008

Kim Howells, Ministra do Consumo,	Disse	ao jornalista:	“O objetivo do governo é proteger os vulneráveis sem inibir um mercado bom e inovador para a vasta maioria.”
Participante: Dizente	Processo: Verbal	Participante: Receptor	Participante: Verbiagem

De acordo com a LSF, há dois tipos principais de processos verbais, que se subdividem em cinco subtipos.

Tipos de processos verbais		Exemplos de verbos
Atividade	alvo	elogiar, insultar, abusar, caluniar, lisonjear, culpar, criticar, repreender
	fala	falar, conversar
Semiose	neutros	dizer, contar; ir, ser como
	indicação	contar (à alguém algo), relatar, anunciar, informar, explicar, provar, convencer (de que), persuadir (alguém de que), prometer (que) perguntar (a alguém se), interrogar, indagar(se)
	comando	dizer (a alguém para fazer algo), inquirir (a alguém a fazer algo), ordenar, mandar, exigir, prometer, ameaçar, persuadir (alguém a fazer algo), convencer (alguém a fazer algo), suplicar, implorar, rogar

Quadro 3: Tipos de processos verbais (adaptado de HALLIDAY E MATTHIESSEN, 2004:255)

Como já mencionado, os processos verbais têm a capacidade de projetar fenômenos de segunda ordem por meio da função lógica, que expressa relações lógicas entre complexos oracionais e grupos nominais.

Em relação à função lógica da linguagem, Halliday e Matthiessen (2004:373) asseveram que as relações entre orações se dão por meio de dois sistemas básicos: (i) o grau de interdependência, ou *taxe*, e (ii) a relação logicossemântica. Em relação ao grau de interdependência, notam-se dois tipos de estrutura: a paratática e a hipotática. Na estrutura paratática, duas orações estão relacionadas entre si em estatutos iguais; na estrutura hipotática, os estatutos das duas orações são desiguais. A relação paratática, *a priori*, é logicamente simétrica e transitiva; a relação hipotática é assimétrica e intransitiva.

A relação logicossemântica se subdivide em duas relações fundamentais: **expansão** e **projeção**. Na **expansão**, a segunda oração expande a primeira através de elaboração (relação de igualdade entre orações), de extensão (relação de adição entre orações, comumente relacionadas por meio de conjunções aditivas) e de

intensificação (relação de multiplicação entre orações, comumente relacionadas por meio de conjunções conclusivas e adversativas, entre outras).

A LSF distingue três diferentes sistemas para a diferenciação de tipos de projeção: o nível de projeção (ideia x locução), o modo de projeção (discurso reportado x citação) e a função discursiva (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004:443).

A projeção caracteriza-se quando os processos de *sentir* (mentais) e de *falar* (verbais) projetam fenômenos que existem somente no nível da linguagem ou do pensamento (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 1999). Nesse sentido, a **projeção** ocorre quando a linguagem projeta fenômenos que existem apenas no plano semiótico (plano da linguagem ou do pensamento), ou seja, fenômenos de segunda ordem e não de primeira (os fenômenos da representação linguística da realidade). Sendo assim, os fenômenos de segunda ordem podem ser projetados por orações verbais ou mentais. Logo, a estrutura prototípica da projeção é o complexo oracional formado pela orações projetada e projetante.

A projeção pode ocorrer de duas maneiras: no nível da locução – a segunda oração é projetada pela oração principal, denominada oração projetante e representada por uma locução (quando algo que já foi representado linguisticamente é novamente dito – processo verbal) ou por uma ideia (quando se apresenta em forma de linguagem um evento que ocorreu apenas no nível da consciência – processo mental).

O modo de projeção define se a projeção é uma citação, ou seja, se a oração é projetada parataticamente entre orações no complexo oracional; ou se é um discurso reportado, isto é, projetada hipotaticamente entre as orações. Vale ressaltar que a oração verbal não é necessariamente a oração projetante, podendo ser uma oração simples em que o conteúdo do que é dito aparece como verbiagem propriamente dita. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), as combinações ‘locução-citação-processo verbal’ e ‘ideia-relato-processo mental’ são consideradas prototípicas no sistema de projeção. Segundo os autores, outras combinações são também possíveis, apesar de não prototípicas.

A função discursiva se refere ao conteúdo do que é projetado – se é uma proposição ou proposta. Quanto a esta função, o modo de projeção em citação paratática permite uma maior variedade de formas a serem projetadas, desde

asserções e propostas a exclamações e saudações. Já o modo em discurso reportado limita-se a proposições e propostas.

A seguir, direciono a atenção para as circunstâncias

B) As circunstâncias

O terceiro¹² componente do sistema de transitividade são as circunstâncias, que se referem às condições e coerções relacionadas ao processo. Halliday (Idem) sustenta que as circunstâncias acompanham processos e participantes na linguagem, seja expandindo os processos ou delineando os eventos como processos. As circunstâncias são elementos que expressam significados e respondem a questões sobre *onde*, *como*, *quando* e *por quê*, questões essas associadas ao acontecimento ou à ação expressa no enunciado. As circunstâncias podem ser divididas em nove categorias, conforme o quadro 4 a seguir:

	Tipo	Categorias específicas (subtipos)
1.	Extensão	distância, duração, frequência
2.	Localização	lugar, tempo
3.	Modo	meio, qualidade, comparação, grau
4.	Causa	razão, propósito, benefício
5.	Contingência	condição, falta, concessão
6.	Acompanhamento	comitativa, aditiva
7.	Papel	guisa, produto
8.	Assunto	
9.	Ângulo	fonte, ponto de vista

**Quadro 4: Tipos de elementos circunstanciais
(HALLIDAY, 1994 e HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004)**

As circunstâncias de extensão e localização realizam o desdobramento do processo em tempo e espaço. Na extensão – que revela a dimensão do processo no tempo e no espaço –, temos três subtipos ou categorias específicas como distância, duração e frequência. A distância caracteriza-se por expressar o deslocamento da ação realizado através do processo. A circunstância de localização está subdividida em lugar e tempo, revelando onde e quando ocorre a ação no evento comunicativo. Já as circunstâncias de modo compreendem quatro subtipos distintos: meio, qualidade, comparação e grau, e expressam a maneira como o processo ocorre. As

¹² O segundo componente do Sistema de Transitividade se refere aos participantes e já foi apresentado e discutido juntamente com os respectivos processos na página 30 (A).

circunstâncias de causa revelam um motivo ou objetivo pelo qual ocorre o processo, e dividem-se em três subtipos: razão, propósito e benefício.

Condição, concessão e falta são os três subtipos das circunstâncias de contingência, as quais especificam um elemento que revela as condições de realização do processo.

As circunstâncias de acompanhamento são formas de participação conjunta no processo, e representam significados de adição (aditiva) e de companhia (comitativa). A circunstância comitativa representa o processo como uma única instância, ainda que uma dentre duas entidades esteja envolvida, isto é, duas entidades poderiam estar unidas como um único elemento. A circunstância aditiva representa o processo em duas instâncias; ambas as entidades partilham a função do mesmo participante, mas uma delas é representada circunstancialmente, para efeito de contraste. As circunstâncias de papel expressam o significado de *ser* e *tornar-se* em determinado momento. O Papel corresponde ao Atributo ou Valor de uma oração relacional intensiva. As circunstâncias de papel incluem os subtipos de guisa (*ser*) e de produto (*tornar-se*). Em relação às circunstâncias de assunto, estas estão relacionadas aos processos verbais e equivalem à Verbiagem, ou seja, ao que é descrito, referido, narrado etc.

As circunstâncias de ângulo estão relacionadas ao Dizente de uma oração “verbal”, aquele que forneceu a informação, ou ao Experienciador de uma oração “mental”, e apresentam dois subtipos: fonte e ponto de vista.

Na próxima seção, passo a tratar da metafunção textual.

1.1.2.2 Metafunção Textual

Em qualquer ato linguístico, realizamos também significados de tipo textual, significados estes ligados ao modo como as coisas de que falamos estão relacionadas entre si, o modo como se relacionam com o que foi dito anteriormente e/ou com a situação de comunicação. Tais significados associam-se à metafunção textual, responsável pela organização dos significados experienciais e interpessoais e pela criação do sentido global do texto. Por meio dessa metafunção ocorrem as escolhas da construção da mensagem, as decisões que o falante toma em relação à distribuição da escolha do seu discurso.

Assim sendo, a atuação da metafunção textual é essencial para a construção de instâncias de significado ideacional, quer no momento da produção quer no da recepção do enunciado, devido ao papel que desempenha na organização da oração como mensagem. Para Halliday (1994:37), o sistema temático dá à sentença o status de mensagem. A metafunção textual diz respeito aos recursos linguísticos disponíveis para a organização – especialmente do fluxo de informação – de um texto. Segundo Halliday ([1970] 2002:199) e Halliday e Mathiessen (1999:11-15),

o sistema semântico capacita o falante para estruturar o significado como texto, organizando cada elemento como uma informação e relacionando-a significativamente ao que veio antes.

A metafunção textual reflete ou destaca a importância de uma informação – já conhecida ou nova – diante da posição que esta ocupa na sentença. Matthiessen (1995:26) descreve a metafunção textual como a metafunção que torna possível a um sujeito falante e a um sujeito ouvinte desenvolverem sistemas de instanciação ideacional. Para o autor, a metafunção textual

permite que o falante e/ou escritor organize os seus significados no discurso; sendo assim, ele/ela orienta o ouvinte e/ou leitor a construir um sistema ideacional na interpretação do desdobramento do texto.¹³

Essa metafunção é um sistema que intervém, necessariamente, a favor das metafunções ideacional e interpessoal na organização da mensagem e apresenta diferentes realizações na organização da mensagem.

● O tema e suas diferentes realizações

A escolha temática é um recurso utilizado pelo autor para atingir os seus objetivos. Em uma oração, o elemento tipicamente escolhido como tema dependerá da escolha de modo da oração, seja no modo indicativo seja no imperativo.

Quando as orações se apresentam no modo indicativo, podem ser declarativas ou interrogativas. Orações interrogativas iniciadas por (QU-) podem apresentar polaridade (sim/não) de conteúdo. Em orações declarativas, os temas podem ser marcados e não marcados, sendo que estes últimos – os não marcados – correspondem ao padrão mais usual.

¹³ "(...) enables the speaker or writer to organize his/her instantial meanings logogenetically in text and by doing this, s/he guides the listener or reader in constructing an instantial ideational system in his/her interpretation of the unfolding text".

Os temas marcados são atípicos, ou seja, não usuais, e podem ser representados por um sintagma adverbial ou preposicionado, funcionando como adjunto na oração; ou por um complemento, um sintagma nominal que não esteja funcionando como sujeito. Em vista disso, esta costuma ser a opção temática mais marcada em orações declarativas. Vejamos o exemplo (1) de tema¹⁴ não marcado:

(1) LADEL 007

	Seleção temática	TEMA			REMA
		textual	interpessoal	ideacional	
Ex	não marcado			Esse artigo	apresenta uma análise comparativa de partes de dois documentos oficiais que têm por função explícita prescrever o trabalho dos professores.

As discussões existentes sobre temas não marcado e marcado pairam sobre a questão de uma escolha considerada marcada ser não marcada em contextos diferentes. Alguns trabalhos discutem essa questão ao tratarem de relatórios anuais e cartas de anúncio de produtos e serviços (SIQUEIRA, 2000; LIMA-LOPES & VENTURA, 2008). Em suas pesquisas, os autores lembram que há casos em que o tema deve ser o processo (ou verbo) por representar o primeiro elemento experiencial da sentença, como em: *Busco aqui elaborar um estudo sobre a textualidade eletrônica e a autoria nos blogs*.

Nesse exemplo, os autores defendem que o tema seria *Busco*, enquanto *aqui elaborar um estudo sobre a textualidade eletrônica e a autoria nos blogs* seria o rema.

Vale ressaltar que partilhamos da postura adotada por Barbara e Gouveia (2001) em relação à realização do tema em português. Para esses autores, o tema é um elemento coesivo que pode (ou não) ser expresso; acrescentam, ainda, que – apesar de elíptico – o tema é recuperável pelo processo de coesão textual.

Ainda segundo Barbara e Gouveia, quando o tema não está expresso as escolhas podem, em vários contextos, ser consideradas equivalentes a situações onde ele está presente, visto que o falante não vê diferenças entre essas instanciações. Por último, sustentam que a classificação do processo como tema

¹⁴ Os exemplos utilizados foram retirados do corpus de análise.

marcado é uma transferência direta da regra do inglês, deixando de lado as especificidades do português. Portanto, a oração *Busco aqui elaborar um estudo sobre a textualidade eletrônica e a autoria nos blogs* assim se apresentaria:

(2) LADEL 022

	Seleção temática	TEMA			REMA
		textual	interpessoal	ideacional	
Ex.				(Eu)	Busco aqui elaborar um estudo sobre a textualidade eletrônica e a autoria nos blogs,

Passo agora à identificação dos principais tipos de temas: simples e múltiplos.

Temas simples são formados apenas pelo primeiro elemento experiencial da oração. O tema no exemplo 2 é simples pois limita-se ao elemento experiencial da oração (o sujeito, ou seja, o participante – neste caso, “eu elíptico”).

O tema múltiplo é formado por um tema experiencial precedido por outros tipos de temas: o textual e/ou o interpessoal. Antes de abordarmos os temas múltiplos, cabe esclarecer que há elementos que mantêm um status especial na estrutura temática, aqueles que são tipicamente mas não obrigatoriamente temáticos – por exemplo, os adjuntos conjuntivos (de fato, ou seja, além do mais, assim...), cujo papel é o de relacionar a oração ao texto que a antecede. Já os adjuntos modais (certamente, talvez, infelizmente...) expressam o julgamento do falante em relação à relevância da mensagem.

Por sua vez, os elementos obrigatoriamente temáticos são as conjunções (e, logo, mas...) e os relativos (o qual, cujo,...), elementos esses que relacionam a oração à oração anterior, dentro da mesma sentença. Como são tipicamente ou necessariamente temáticos, a presença de um deles na oração não esgota o seu potencial temático. Sendo assim, o elemento que o sucede ainda fará parte do tema. Por conseguinte, quando um adjunto conjuntivo, modal, relativo ou conjunção estiver em posição inicial na oração, ele formará, juntamente com o elemento subsequente, um tema múltiplo. O tema múltiplo pode ser constituído por um tema textual + tema experiencial; por um tema interpessoal + tema experiencial; ou por uma combinação dos três, sendo que a ordem mais típica é a textual^interpessoal^experiencial.

O exemplo 3 contém um tema múltiplo constituído por um tema interpessoal e um tema ideacional.

(3) LADEL 021

	Seleção temática	TEMA			REMA
		textual	interpessoal	ideacional	
Ex.			Decididamente,	a ciência	começa quando podemos provar que o sol não nasce nem morre no ocidente.

No exemplo 4, podemos observar outro tema múltiplo, constituído por um tema textual e um tema ideacional.

(4) LADEL 003

	Seleção temática	TEMA			REMA
		textual	interpessoal	ideacional	
Ex.		contudo,		o nomadismo	implica no trânsito necessário entre as disciplinas, como forma de ampliação do olhar que lançamos ao nosso objeto de estudo.

Em síntese, a metafunção textual é responsável pela organização da mensagem. O tema representa o ponto de partida da mensagem, enquanto o rema é responsável pela informação nova. Dessa forma, esses dois elementos dão à sentença o seu caráter de mensagem, estabelecendo coesão e coerência textuais.

Em seguida, apresento a metafunção interpessoal em maior profundidade, uma vez que ela também se constitui em um dos focos desta pesquisa.

1.1.2.3 Metafunção Interpessoal

Das três metafunções apresentadas por Halliday em sua gramática, duas já introduzidas na parte teórica, interessa-nos um aprofundamento dessa metafunção, pois por meio dela é possível mostrar como as relações são construídas e estabelecidas entre autor e leitor e como se dá essa interação, ou como o autor se posiciona frente à sua mensagem e ao seu interlocutor.

Na metafunção interpessoal, a estrutura dialógica de um texto assume particular destaque, com especial atenção a dois fatores primordiais: por um lado, o papel assumido pelos interlocutores na troca; por outro, a natureza daquilo que é trocado.

Sob a abordagem sistêmico-funcional, a metafunção interpessoal refere-se ao estabelecimento de relações humanas, isto é, o falante expressa significados que tratam da sua relação com o outro, ao dar pistas ao interlocutor a respeito do grau de distância/proximidade ou de poder/solidariedade existente na interação. Em outras palavras, o falante expressa, através dos significados, sua postura em relação ao evento comunicativo no que tange à responsabilidade que assume quanto à mensagem transmitida, ou seja, se o faz de maneira assertiva/categórica ou não. Segundo Lock (1996:9), tais significados representam as maneiras pelas quais atuamos uns sobre os outros e as formas como expressamos nossos julgamentos e atitudes.

Para Halliday (1994:68), na metafunção interpessoal

o falante adota para si um papel particular no discurso e, dessa forma, atribui ao ouvinte um papel complementar que ele quer que este adote.¹⁵

Assim, a metafunção interpessoal define-se pelo vínculo à variável *relações* no registro, possibilitando a materialização das interações sociais dos usuários da língua, bem como suas opiniões pessoais e avaliações. Os significados interpessoais realizam-se lexicogramaticalmente nos Sistemas de Modo e Modalidade os quais, por sua vez, sinalizam a interação. No Sistema de Modo estão estabelecidas as relações entre os participantes; já o Sistema de Modalidade nos permite perceber as intenções e avaliações dos participantes acerca do evento discursivo.

A seguir, apresento uma adaptação de figura realizada por Heberle (2000:297) com base em Halliday (1973, 1978), Ventola (1988) e Halliday e Hasan (1989) sobre contexto de situação, semântica e lexicogramática.

¹⁵ “the speaker adopts for himself a particular speech role, and in so doing assigns to the listener a complementary role which he wishes him to adopt on his turn”.

Contexto Situacional	Semântica	Lexicogramática
Relações interpessoais (quem participa)	Significados interpessoais	Estruturas de modo
A relação entre os participantes envolvidos	Interação pessoal	Oração como troca de experiência

Quadro 5: Contexto de Situação, Semântica e Lexicogramática

Nesse sentido, podemos dizer que há uma correlação direta entre a organização funcional da linguagem e o contexto de situação, que estabelece uma relação entre a metafunção interpessoal e a variável “relações de registro”, como se verifica a seguir:

Tipo de significado veiculado	Metafunção (organização da língua)	Registro (organização do contexto)	Lexicogramática (nível de realização)
Papéis assumidos pelos participantes da interação	Significados interpessoais (recursos para interação)	Relações (estrutura de papéis)	Oração como troca de informação ou bens e serviços (sistema de modo)

Quadro 6: A categoria de registro e sua relação com a metafunção (adaptada de Eggins e Martin, 1997:239)

O tipo de papel social que desempenhamos em uma dada situação afeta o modo como usamos a linguagem, pois há uma inescapável ligação entre língua e contexto (HALLIDAY, 1994:50). Segundo o autor, um “ato de fala poderia ser chamado de uma interação” dentro da abordagem sistêmico-funcional; acrescenta, ainda, que a metafunção interpessoal envolve as relações sociais no que tange à função da oração no diálogo. Ao definir a metafunção interpessoal como o sistema que estabelece os papéis de fala, Halliday sustenta que os tipos mais fundamentais de papéis de fala são *dar* e *pedir*, baseando-se na natureza do que está sendo dado ou pedido.

Na troca de Bens e Serviços, o locutor usa a linguagem como meio para atingir um determinado objetivo ou influenciar alguém. É nesse sentido que podemos afirmar que, ao usar uma língua, o fazemos como instrumento de ação. As funções discursivas fundamentais na troca de Bens e Serviços são: a oferta e a ordem. Nessa interação, o locutor pode aceitar/rejeitar a oferta ou, quando se tratar de uma ordem, obedecer ou recusar.

A troca de informação, por sua vez, existe na forma de linguagem, já que o que é trocado é a própria linguagem. Nessa interação o locutor, além de ouvir para realizar uma ação física ou oral, desempenha também um papel verbal – afirmar,

fornecer ou negar a informação (HALLIDAY,1994:70). A troca de informação define duas funções discursivas essenciais: a afirmação e a interrogação. Embora haja uma expectativa do locutor em relação ao interlocutor, este poderá optar por recusar-se a responder ou refutar a informação dada.

Assim, quatro funções de fala primária podem ser definidas: ofertas, comandos, declarações e perguntas. As funções de fala iniciais e suas respostas são listadas no quadro abaixo, baseado em Halliday (1994):

	Iniciação	Resposta esperada	Resposta não esperada
Dar bens e serviços	Oferta	Aceitação	Rejeição
Pedir bens e serviços	Comando	Cumprimento	Recusa
Dar informação	Declaração	Confirmação	Contradição
Pedir informação	Pergunta	Resposta	Recusa

Quadro 7: O Sistema de MODO: as funções da fala

As declarações e perguntas envolvem trocas de informação e são chamadas proposições, enquanto ofertas e comandos são trocas de bens e serviços denominadas propostas.

A metafunção interpessoal realiza-se lexicogramaticalmente pelo Sistema de Modo, que organiza a sentença em dois constituintes: o Modo oracional e o Resíduo.

(A) Sistema de Modo e seus constituintes

• O Modo Oracional

O Modo oracional consiste de dois elementos: (1) o Sujeito, que é o grupo nominal, a quem a responsabilidade pela proposição é atribuída; e (2) o Operador Finito, que é parte do grupo verbal, responsável pelas relações temporais e modais da proposição.

(1) O Sujeito tem uma função intrinsecamente interpessoal, como ressalta Thompson (1996:45):

O sujeito expressa a entidade na qual o falante é responsável pela validade da proposição apresentada na oração. O ouvinte pode então confirmar, rejeitar, inquirir ou qualificar a validade por repetição ou alteração do Finito...¹⁶

¹⁶ "The Subject expresses the entity that the speaker wants to make responsible for the validity of the proposition being advanced in the clause. The listener can then confirm, reject, query or qualify the validity by repeating or amending the Finite."

Para o autor (Idem), o Sujeito é o elemento no Modo Oracional que carrega o significado interpessoal da oração, responsável pelo sucesso da oração enquanto troca; é ele a entidade que sustenta a validade da proposição em torno da qual a oração pode ser negociada. Em outras palavras, a mensagem do autor é validada por meio do posicionamento do sujeito. Assim, uma mudança de sujeito implica uma nova mensagem. O Sujeito é composto por um grupo nominal (simples ou complexo), que pode também incluir uma oração encaixada pós-modificadora.

(2) O Finito é o elemento que possibilita negociar a validade da mensagem. Por meio do Finito, o Sujeito (em termos sistêmicos) pode expressar o significado da proposição em termos de polaridade, tempo e modalidade.

... o Finito torna possível negociar sobre a validade da proposta. Podemos ver o Sujeito como não-negociável, enquanto a atual proposta permanece em jogo.¹⁷

Thompson (1996:45)

A polaridade, tempo e modalidade são os três tipos básicos de significado que o locutor pode codificar nesse elemento, a fim de especificar o domínio da argumentatividade da oração e também de relacioná-la ao contexto do evento discursivo. Em relação ao aspecto interpessoal, o Modo Oracional constitui a parte mais importante da oração, contudo cabe ressaltar os outros elementos funcionais presentes no restante da oração.

O sistema de modo oracional conta também com o **Resíduo**, com estrutura composta por três elementos (EGGINS, 1994:156-169):

(i) O Predicador, elemento lexical ou parte constituinte do grupo verbal, o portador do significado lexical da oração como troca. Dentre suas funções principais ressalto a caracterização de aspecto ou fases do processo (como começar, conseguir ou continuar o processo), a determinação da voz (ativa/passiva) e a discriminação do processo (evento, ação, relação,...) que é predicado acerca do Sujeito (HALLIDAY,1994:79);

(ii) O complemento, outro elemento que compõe o Resíduo, tipicamente representado por um grupo nominal, potencial sujeito da oração na passiva;

¹⁷ "... the Finite makes it possible to negotiate about the validity of the proposition. We can see the Subject as non-negotiable as long as the current proposition remains in play."

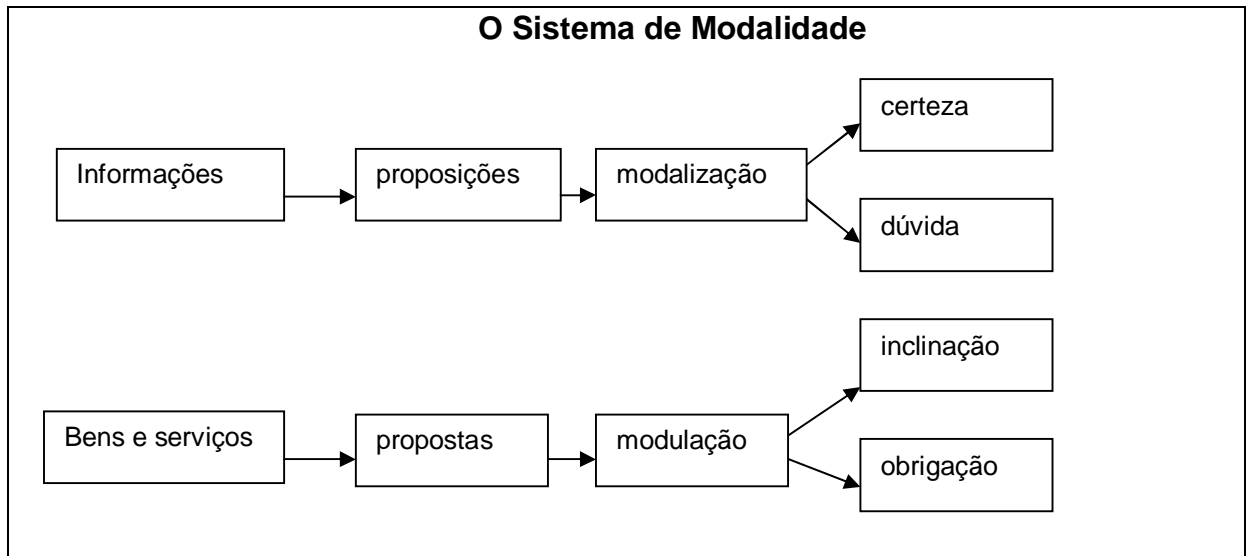
(iii) Os adjuntos ideacionais, modais (interpessoais) e textuais que são, em geral, grupos adverbiais ou sintagmas preposicionais, elementos oracionais que contribuem para o argumento da oração com informação adicional, mas não essencial.

(B) Sistema de Modalidade

Os significados interpessoais de polaridade e modalidade podem surgir expressos como uma característica do Finito. O sistema de modalidade está ligado à maneira como o falante produz sua mensagem (probabilidade, credibilidade, certeza, cordialidade, aspereza etc.), expressa pelo uso de diferentes elementos tais como modais, adjuntos modais e expressões modais. Para entender um pouco melhor o conceito de modalidade, podemos partir da noção de polaridade, ou seja, dos extremos 'sim' e 'não'. Segundo Thompson (2004:66), a modalidade ocupa um contínuo entre extremidades representadas respectivamente pelo sim e pelo não, como no exemplo: *É provável que os cientistas tenham uma resposta sobre um novo medicamento para enxaquecas*. Nesse fragmento percebemos, por um lado, que não há uma certeza absoluta em relação à resposta do novo medicamento mas, se pensarmos no contínuo sim-não, a mensagem está mais próxima do extremo positivo do que do negativo. Por outro lado, percebemos também o posicionamento do autor em relação à mensagem, ou seja, o de não assumir total responsabilidade pela validade da mesma; portanto, resta uma certa dúvida, mesmo de forma sutil.

Em vista disso, há duas noções importantes para o entendimento do conceito de modalidade: compromisso e responsabilidade. O locutor expressa sua atitude em relação a uma mensagem por meio da modalidade, podendo manifestar maior ou menor compromisso no tocante à validade da mensagem, e menor ou maior responsabilidade em relação ao que está sendo dito. A estrutura da língua permite ao locutor de uma mensagem, dependendo da situação, tornar implícitos ou explícitos os conceitos de compromisso e responsabilidade.

O Sistema de Modalidade se subdivide em *modalização* e *modulação*. A modalização refere-se aos graus de probabilidade (possivelmente, provavelmente, certamente) e de frequência (às vezes, normalmente, sempre) de uma proposição. O sistema de modulação diz respeito aos graus de obrigação (tem que fazer, precisa fazer, deve fazer etc.) ou de inclinação (querer fazer, estar determinado a fazer etc.) de uma proposta (pedir/oferecer bens e serviços).



Quadro 8: O Sistema de Modalidade

Quando o falante expressa uma ideia ou opinião, dá uma informação, faz uma solicitação ou oferta de bens e serviços, é possível identificar três valores de modalidade: alta, média e baixa (HALLIDAY, 1994:358):

Valores	Tipos de modalidade			
	Probabilidade	Frequência	Obrigação	Inclinação
Alta	Certo	Sempre	Necessário	Determinado
Média	Provável	Normalmente	Esperado	Entusiasmado
Baixa	Possível	Às vezes	Permitido	Disponível

Quadro 9: Tipos de Modalidade

Os graus de frequência/usualidade realizam-se com adjuntos modais ou sintagmas adverbiais do tipo *normalmente*, *às vezes*, *sempre*. A probabilidade e a frequência/usualidade constituem o que Halliday (1989:89) denomina modalização (Idem, 1994). Na modulação, há também graus intermediários que estão situados entre os polos positivo e negativo. No caso de comando, há graus de obrigação: *permitido*, *aceitável*, *necessário*; no caso de oferta, há graus de inclinação: *inclinado*, *desejoso*, *determinado*. As categorias obrigação e inclinação realizam-se gramaticalmente através de um verbo modalizador, de uma expansão do predicador ou de um adjetivo.

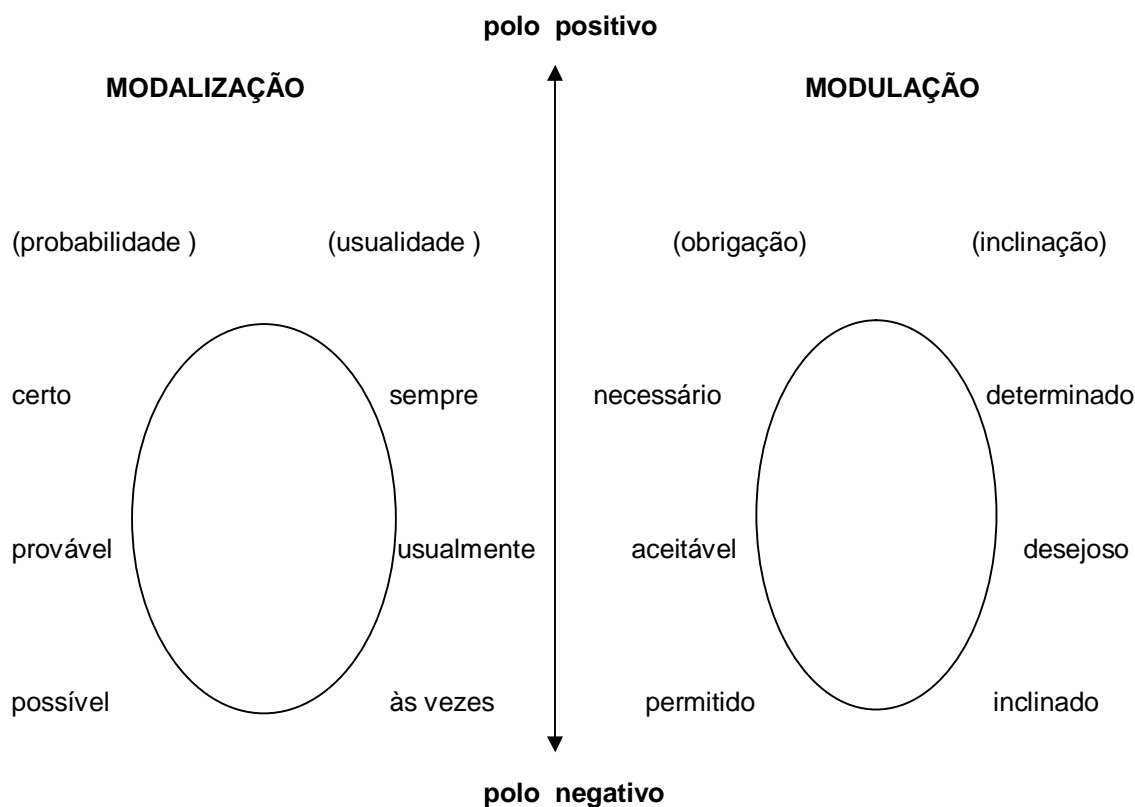


Figura 3: Modalidade e Polaridade (HALLIDAY, 1994)

Como podemos observar, a modalidade envolve diversos graus ou escalas denominados valores modais primários – alto, médio e baixo – que traduzem o grau de comprometimento do locutor frente à mensagem e ao seu interlocutor. O locutor pode demonstrar maior ou menor grau de certeza quanto à validade de uma proposição, ou pode ainda exercer maior ou menor grau de pressão sobre o interlocutor para que este cumpra uma ordem, por exemplo.

Sob essa perspectiva, pode-se analisar a relação entre escritor/autor e leitor dos artigos científicos aqui abordados sob o enfoque das relações interpessoais. Diante disso é possível perceber, por exemplo, o grau de comprometimento do autor em relação ao propósito do seu artigo e daí como se configura a força argumentativa da linguagem. Na verdade, pode-se entender como se dá a interação autor e leitor, seus argumentos por meio dos recursos de modalidade empregados no texto.

Há vários estudos desenvolvidos acerca dessas relações, as quais são manifestadas através do Sistema de Modo (HALLIDAY, 1994), dentre eles os de Ramos (1997), Baptista (1998), Bressane (2000) e Moraes Rodrigues (2008). Passo agora à discussão sobre a metáfora modal.

(C) A metáfora modal

Em qualquer evento discursivo, o locutor pode expressar claramente sua atitude em relação ao que é dito, como no exemplo abaixo, no qual o autor faz uso de um adjetivo de necessidade ao explicitar seu julgamento de maneira pessoal objetiva:

É preciso enfatizar que o propósito não é encontrar erros de tradução para criticar o trabalho deste ou daquele tradutor, ou de questionar a qualidade de editoras ou veículos específicos. (007)

Nesse caso, diz-se que a avaliação do locutor é de natureza objetiva e a modalidade é objetiva, porém pode haver também demonstração da atitude do locutor quando este faz julgamentos pessoais de possibilidade explicitados pelo uso de orações com processos mentais (acho, acredito, imagino, creio); neste caso, temos a metáfora modal, com modalidade subjetiva.

Halliday (1994:352) esclarece que a metáfora gramatical consiste em uma variação de expressão que possua algum significado conhecido. O autor sustenta que expressões ou palavras que mantêm sua configuração semântica usual são denominadas congruentes, ao passo que palavras ou expressões que adquirem sentido diverso são conhecidas como metafóricas. Sendo assim, em lugar de *Abra a janela* (congruente), podemos dizer *É possível abrir a janela?* (metafórico).

Halliday (1994:342) acrescenta que os modos metafóricos de expressão são característicos de todo discurso adulto, e reconhece dois tipos de metáfora gramatical na oração: as metáforas de modo (denominadas interpessoais) e as metáforas de transitividade (denominadas ideacionais).

As metáforas interpessoais podem realizar-se quanto à modalidade ou quanto ao modo. As metáforas de modalidade baseiam-se na relação semântica de projeção (oração hipotática complexa). Dessa forma, é a opinião do falante/escritor que se apresenta por meio da modalidade.

As metáforas mais comuns são as de probabilidade, nas seguintes categorias:

– Metáfora subjetiva: explícita - *Eu penso, Eu estou certo*; e implícita: *Ela deve conhecer*;

– Metáfora objetiva: explícita - *É certo, É provável*; e implícita: *provavelmente, certamente*.

Ao organizar a oração para fins de interação, o falante/escritor deve ter em mente que dar e receber informação envolve tanto a escolha do tipo de oração – que pode ser afirmativa, negativa ou interrogativa – quanto o emprego ou não de modalização.

A modalização pode ser realizada internamente, pelo operador finito modal, por um ou mais adjuntos de modo; e externamente, pela adição de uma pseudo-oração, a metáfora gramatical, que pode ser objetiva ou subjetiva.

Essas diferentes formas de expressão da modalidade e a identificação dos quatro pontos fundamentais na escala da responsabilidade modal surgem sintetizados no quadro 10.

Responsabilidade Modal	Modalização	Modulação
Explícita subjetiva	Tenho certeza que deve vender este lugar.	Eu não aconselho você a beber.
Implícita subjetiva	Ela poderia ter escrito para mim.	Eu não devo ir lá mais.
Implícita objetiva	Nós provavelmente não iremos reembolsá-la.	É esperado que cada cidadão vote para presidente.
Explícita objetiva	É provável que ela não esteja lá até agora.	É essencial que você vote para presidente.

Quadro 10: Padrões de responsabilidade modal¹⁸

Observando a linguagem em uso, a questão da responsabilidade modal nos permite perceber e explorar por que os escritores e falantes, por inúmeras razões, recorrem a vários métodos para mascarar sua responsabilidade e apresentar seu ponto de vista de uma forma aparentemente objetiva.

Antes de abordar a questão do gênero artigo científico, finalizo com dois quadros (11/12) que sistematizam o que foi até aqui brevemente explanado.

¹⁸ Adaptado de Thompson (1996:62).

Natureza do que é trocado	Função discursiva		Tipo de Modalidade	Valor modal	Realização típica	Exemplos	
Informação	Preposição	Afirmção	Modalização	Probabilidade	Operador modal finito	Ela deve ter feito isso.	
				baixa: possibilidade			
				média: probabilidade			
		alta: certeza		adjunto modal	Ela certamente irá.		
	Interrogação	ambos		Frequência	Operador modal finito	baixa: às vezes	Eles devem vir.
				média: usualmente		adjunto modal	Eles sempre vêm.
				alta: sempre		ambos	Eles devem vir sempre.

Quadro 11: Síntese do Sistema de Modalidade - Informação¹⁹

Natureza do que é trocado	Função discursiva		Tipo de Modalidade	Valor modal	Realização típica	Exemplos		
Bens & Serviços	Proposta	Ordem	Modulação	Obrigação	Operador modal finito	Você deve estar em casa lá pelas dez.		
				baixa: permitido				
				média: aceitável			predicador verbal passivo	Você é obrigado a estar em casa às 10.
				alta: necessário				
	Oferta	ambos		Inclinação	Operador modal finito	baixa: inclinado	Eles devem ganhar.	
				média: desejoso		predicador adjetival	Eles estão determinados a vencer.	
				alta: determinado				

Quadro 12: Síntese do Sistema de Modalidade – Bens & Serviços

¹⁹ Adaptado de Halliday (1994:91).

A linguagem possibilita um grande número de recursos por meio dos quais a opinião do locutor pode ser expressa em termos de emoção, atitude, certeza ou dúvida. Para Halliday e Hasan (1989:12), a dimensão interpessoal da linguagem se realiza por meio dos relacionamentos permanentes ou temporários de quem está fazendo parte da interação comunicativa, da natureza de seus interlocutores, do status e dos papéis desempenhados na construção de significados.

1.2 Gênero – alguns conceitos

O conceito de gênero é hoje amplamente discutido e, por essa razão, é possível constatar que as abordagens teóricas se aproximam quando lançam um olhar discursivo e social sobre a linguagem; simultaneamente, porém, se distanciam ao deparar-se com conceitos-chave em relação às teorias de gêneros.

1.2.1 Abordagens sociodiscursivas

A apresentação do conceito de gênero na perspectiva dialógica da linguagem exige, segundo Rodrigues (2005:154), algumas considerações, uma delas relacionada à questão da flutuação terminológica existente na obra do Círculo, e que também se reflete no caso dos gêneros, e outra associada à predileção de Bakhtin pela variação terminológica. Considerações à parte, para Bakhtin a língua é uma entidade viva, um instrumento de mediação que se perpetua e se transforma no falar e agir humano. Ao (re)produzirmos a linguagem, dialogamos com o outro, negociamos e construímos significados. Essa relação dialógica (constante e contraditória) permite a construção de significados na interação com o outro. Para Bakhtin:

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [língua como sistema de formas – objetivismo abstrato – nem pela enunciação monológica isolada [língua como expressão de uma consciência individual – subjetivismo individualista] mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada pela *enunciação* [enunciado] ou pelas *enunciações* [enunciados].

Bakhtin (1992:123, grifos do autor)

O enunciado é sempre dirigido a alguém – o outro –, que tem uma participação ativa em sua feitura: “o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma

atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (...), completa, adapta, apronta-se para executar, etc [...] (BAKHTIN, 1997:290).

Em se tratando de gêneros, Bakhtin (1953) os concebe como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, entendendo por enunciado “uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra do outro [...]”. Por meio desses conceitos, o autor sugere a interligação da linguagem/atividade discursiva e sociedade, uma vez que o enunciado, como unidade real e dialógica, se une ao gênero, unidade motriz da linguagem e elemento estabilizado em/de uma instância social (BONINI, 2005:209).

Segundo Bakhtin (1992):

todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional.

Assim, as produções, quer sejam escritas ou orais, estão pautadas em padrões relativamente estáveis de estruturação de um todo que é denominado *gênero*. Essas práticas comunicativas são modeladas ou remodeladas em processos interacionais, e não em ação individuais, das e nas quais participam sujeitos de uma determinada cultura. Já que as esferas de utilização da língua são bastante heterogêneas, os gêneros apresentam também grande heterogeneidade, desde o diálogo ao artigo científico.

Nesse sentido, Bakhtin distingue os gêneros em primário e secundário. Enquanto o primeiro está relacionado a situações de comunicação ligadas a esferas sociais cotidianas de relações humanas como diários, cartas e situações de interação face a face, o segundo se refere a outras esferas, públicas e mais complexas de interação social. O gênero secundário é formado a partir do gênero primário, absorvendo-o e transmutando-o, destacando-se frequentemente na modalidade escrita.

Em termos bakhtinianos, gêneros podem ser caracterizados como tipos relativamente estáveis de enunciados presentes em cada esfera de troca. Os gêneros possuem uma forma de composição, um plano composicional. Como um

cartão postal, por exemplo, cuja composição conta com os seguintes elementos: destinatário, informação contida em um campo à parte, saudação inicial, mensagem, saudação final e assinatura. Além do plano composicional, os gêneros distinguem-se pelo conteúdo temático e pelo estilo. Enquanto o conteúdo temático diz respeito ao tema esperado no tipo de produção, o estilo está vinculado ao tema e ao conteúdo. Para Bakhtin (1991), o estilo

está indissociavelmente vinculado a determinadas unidades temáticas e, o que é mais importante, a determinadas unidades composicionais: tipos de estruturação e conclusão de um todo, tipo de relação entre locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, ou com o interlocutor, com o discurso do outro etc.)

Vale ressaltar que por meio dos gêneros se configuram as relações sociais e a apreensão do conhecimento resultante da interação com o outro. É por meio dessa interação que se organizam as estruturas sociais e se constituem os conceitos que as categorizam.

1.2.2 Abordagens sociorretóricas

A obra de John M. Swales é especialmente voltada para aplicações em análises de gêneros textuais. Dentre os trabalhos realizados sobre o assunto vale mencionar as pesquisas sobre gêneros (1990) especificamente voltadas para os artigos científicos. Em suas reflexões, o autor enfatiza a relevância do propósito comunicativo do texto ao analisar textos produzidos para fins acadêmicos e profissionais. Swales ressalta que é o propósito comunicativo que molda o gênero, determinando sua estrutura interna e impondo limites quanto às possibilidades de ocorrências linguísticas e retóricas. Chama a atenção, ainda, para o propósito comunicativo compartilhado por um determinado grupo denominado comunidade discursiva, enfatizando o aspecto de grupo ou de comunidade inerente ao conceito e à configuração de um gênero. Para esse autor, o texto deve ser visto em seu contexto e não pode ser completamente entendido e interpretado somente por meio da análise de elementos linguísticos. A partir daí, o autor se volta para o conceito de gênero.

Silva (2005), em leitura sobre o conceito de gêneros defendido por Swales, assegura que, na construção de uma definição para gênero, o autor pesquisou o conceito de gênero do ponto de vista de diferentes disciplinas – estudos folclóricos,

estudos literários, linguística e retórica –, percebendo pontos em comum na forma como cada vertente compreendia o conceito e elencando alguns aspectos importantes que devem ser ressaltados, tais como:

→ a classificação dos gêneros e a adoção de uma postura prescritiva na sua definição: gêneros são entidades dinâmicas sendo, portanto, passíveis de transformações de acordo com as condições sociais e históricas em que são produzidos; por isso, não se prestam a classificações fáceis ou a estudos meramente prescritivos;

→ a percepção de que os gêneros são importantes para integrar o passado e o presente: como construções históricas, os gêneros mantêm certa estabilidade, mas também evoluem para responder às necessidades de um mundo em mudança;

→ o reconhecimento de que os gêneros se situam no âmbito de comunidades discursivas, nas quais são importantes as práticas e crenças de seus membros; ou seja, cada comunidade tem seus objetivos particulares e, assim, é a própria comunidade que define quais gêneros são relevantes para a consecução desses objetivos;

→ a ênfase no propósito comunicativo e na ação social.

A noção de gênero proposta por Swales é o resultado do entrelaçamento de tradições de vários campos de estudos. Para Biasi-Rodrigues e Hemais (2005:110) a originalidade do trabalho de Swales está na integração proveitosa de ideias emprestadas dessas tradições, levando-o a adotar uma postura eclética quanto à noção de gênero.

Dentre as influências responsáveis pela noção de gênero proposta por Swales estão as que se referem aos estudos das variedades funcionais do inglês (sintaxe, discursos e retórica, por exemplo), o estudo das estratégias usadas para leituras com objetivos variados, as abordagens e as funções na área de aprendizagem no que se refere ao propósito comunicativo da linguagem e a necessidade do aprendiz. Na construção do conceito de gênero pelo autor, fazem parte também os aspectos da estrutura temática, a coesão, a coerência e os macropadrões dos discursos. Outras áreas como a linguística, a etnografia e a teoria de ensino de produção de texto vêm também influenciar, juntamente com a antropologia, a perspectiva teórica de Swales.

Dentro desse quadro, no qual o propósito comunicativo permeia o conceito, Swales (1990:58) constrói sua definição de gênero da seguinte forma:

Gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham algum conjunto de propósitos comunicativo. Estes propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva, e não por constituírem a razão de ser do gênero. Essa lógica molda a estrutura esquemática do discurso e influencia restrições e escolha de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado no intuito de conceber o gênero de forma restrita e centrado na ação retórica. Além disso, exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se todas as probabilidades esperadas são realizadas, o exemplar será visto como prototípico comunidade discursiva. O gênero herdado e produzido pelas comunidades discursivas e importado por outros constitui uma comunicação etnográfica valiosa, porém geralmente necessitam de uma maior validação.²⁰

A definição apresentada aponta claramente para o principal traço definidor de gênero sob a perspectiva do autor nessa obra, que é o propósito comunicativo compartilhado pelos membros da comunidade na qual o gênero é usado. Os demais traços, como as convenções, o estilo, o canal, o vocabulário e a terminologia específicos, embora importantes, não exercem a mesma influência sobre a natureza e a construção do gênero. Sendo assim, os gêneros aparecem como veículos comunicativos usados para a consecução de determinados fins (1990:46).

Bhatia (1993) corrobora a posição de Swales quanto ao critério de maior relevância para a definição de gêneros (e a identificação de possíveis subgêneros): o propósito comunicativo. Qualquer mudança significativa no propósito comunicativo provavelmente resultará em um gênero diferente, ao passo que modificações menores nos ajudam a distinguir os subgêneros.

Para Swales, gênero e comunidade discursiva são conceitos-chave. Nessa perspectiva, um evento comunicativo compreende “não somente o discurso e seus participantes, mas também o papel desse discurso e o ambiente de sua produção e recepção, incluindo suas associações históricas e culturais” (1990:46).

²⁰ "Genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and there by constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation."

Apesar disso, Swales elenca alguns problemas em relação à definição de comunidade discursiva, dentre eles a dificuldade no reconhecimento de tais comunidades e o critério utilizado para defini-las. Em *Genre Analysis* (1990), o autor faz uma revisão do conceito de comunidade discursiva. Após discussões e revisitações posteriores, Swales reconhece a relevância da visão levantada por autores como Killingsworth e Gilbertson (1992), ao proporem o conceito de comunidade discursiva de lugar como um grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas e que têm uma noção estável dos objetivos propostos pelo grupo.

A noção de comunidade discursiva é empregada em relação ao ensino de produção de texto como uma atividade social e diz respeito àqueles que trabalham usualmente ou profissionalmente com um determinado gênero tendo, desse modo, um maior conhecimento de suas convenções; para tais pessoas, o discurso faz parte do seu comportamento social (p. 54). Segundo Swales, uma das condições essenciais para fazer parte de uma dada comunidade discursiva é, portanto, dominar razoavelmente os gêneros que ela detém, é ser capaz de manejar as convenções comunicativas e pragmáticas daquela comunidade.

Ainda sobre o mesmo conceito, para Miller (1984) o gênero não está centrado na substância ou na forma do discurso, mas no conceito de ação social, situado em um contexto sociorretórico mais amplo. Nessa visão, o gênero funciona como um meio para a realização de nossos propósitos comunicativos (e mesmo para a identificação de tais propósitos).

1.2.3 Abordagens sociossemióticas

Meurer (2000) afirma que o gênero é um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais. Nessa direção, apresento algumas discussões sobre o assunto a partir de trabalhos com laços teóricos mais visíveis, denominados abordagens sociossemióticas.

Diversos são os estudos que tratam do conceito de gênero na mesma perspectiva, como é o caso de Halliday e Hasan (1989), para quem os gêneros possuem convenções recorrentes utilizadas pelos usuários e materializadas em seus textos. O argumento central nos textos de Hasan reside na necessidade e na possibilidade de analisarmos a linguagem como um sistema sociossemiótico. Em conjunto com Halliday, Hasan faz uso dos conceitos de gênero e de estrutura

potencial dos gêneros; para ambos, os gêneros possuem convenções recorrentes utilizadas pelos usuários e materializadas em seus textos. Hasan utiliza os termos estágios obrigatórios, estágios opcionais e estágios recursivos para tratar da organização textual.

A perspectiva apresentada por Hasan está em harmonia com a teoria social de Bernstein e com a linguística sistêmico-funcional de Halliday, que concebe a linguagem como um sistema de significações que intervém na existência humana. As relações sociais influenciam os padrões de seleção “do que é dito, quando é dito e como é dito” (BERNSTEIN, *apud* HASAN, 1999:22). A partir daí, Hasan recontextualiza a teoria sociolinguística de Bernstein e assevera que, quando se trata de analisar a linguagem, os fatores pertinentes aos contextos em que a vida humana está em andamento devem ser examinados; argumenta, ainda, que a análise da configuração do contexto nos possibilita perceber quais elementos da estrutura textual são obrigatórios e quais são opcionais.

Motta-Roth e Herbele (2005) ressaltam que, na relação funcional entre linguagem e contexto de situação, cada gênero corresponde a padrões textuais recorrentes. Desse modo, para atingir um determinado objetivo comunicativo valemo-nos do registro de linguagem comumente associado ao contexto em que se ambienta a situação de experiência humana.

Para Halliday (1989:12) e Hasan (1996c:39), as três variáveis (campo, relações e modo) da configuração contextual, doravante (CC), são necessárias para definir o contexto da interação pela linguagem. Essas variáveis, responsáveis pela CC, nos permitem prever a apropriação de um texto em um dado contexto, isto é, se o texto pode ser considerado exemplo de um gênero específico.

Ainda em relação ao gênero, Hasan (HALLIDAY e HASAN, 1989) diz que o gênero possui basicamente dois tipos de elementos: os **obrigatórios** e os **opcionais**. Entretanto, a autora ressalta que um gênero só é configurado pela presença de elementos obrigatórios em sua estrutura. Os elementos obrigatórios dispostos em uma ordem padrão permitem que reconheçamos se o texto está completo ou não. Hasan também afirma que os elementos opcionais são por definição aqueles que podem ocorrer, mas não obrigatoriamente. As possibilidades dos elementos obrigatórios e opcionais que podem ser constituintes de um gênero e

a ordem em que tais elementos ocorrem estabelecem, por sua vez, a Estrutura Genérica Potencial (EGP) desse gênero.

Motta-Roth e Herbele (2005:17) asseguram que, enquanto a CC determina uma classe de situações, o gênero se configura na linguagem e desempenha o papel apropriado àquele evento social. Segundo as autoras, a EPG se constitui, portanto, na expressão verbal de uma CC, e como tal depende de determinado conjunto de valores associados ao campo, relação e modo. Sendo assim, CC representa a interrelação entre a linguagem e seus contextos de uso em situações específicas. Essas situações, por tratarem de relações sociais ou atividades sociais específicas, são semiotizadas linguisticamente em determinados gêneros, e podem mudar conforme a evolução/alteração de tais relações. Em outras palavras, “exemplares de um mesmo gênero podem apresentar variações no seu esboço dentro de limites especificados na EPG” (MOTTA-ROTH e HERBELE, 2005:18).

Há uma tendência de os elementos obrigatórios da EPG aparecerem em uma ordem específica, e sua ocorrência pode ser prevista por elementos contextuais. Esses elementos são componentes essenciais de qualquer texto completo de determinada CC e, portanto, são definidores do gênero (Idem). Já os elementos opcionais podem ser mais variáveis e estão associados a determinado gênero, porém não precisam necessariamente estar presentes em qualquer texto que faça parte daquela atividade social específica. A ocorrência desses elementos não é condição necessária, pois é prevista por um elemento contextual não definidor do gênero. Há, ainda, um terceiro elemento textual, denominado recursivo, que não segue uma ordem rígida e que pode aparecer mais de uma vez em um evento comunicativo.

Motta-Roth e Heberle (2005:19) esclarecem que a CC, situação na qual o gênero se constitui, e a EPG, linguagem que medeia a atividade social nessa situação, são por essência conectados, ou seja, a CC oferece pistas para a compreensão do significado em função da EPG e vice-versa, de maneira que traços específicos do contexto correspondem a elementos do texto de um gênero e à ordem na qual aparecem. Para Hasan (1994:128), o construto da EPG assemelha-se a um esboço ou plano capaz de esclarecer quais elementos devem/podem ocorrer em cada e toda instância de um discurso particular; e também como esses elementos se relacionam. Em relação à EPG, Martin (1985, *apud* HASAN, 1995:187)

argumenta que até certo ponto a EPG impõe uma visão linear e objetiva de gêneros, o que a coloca como uma categoria desconectada do evento que a originou. Para Martin, um modelo como a EPG, quando prioriza a representação abstrata, não dá conta da individualidade e da dinâmica de cada evento particular. A perspectiva teleológica adotada por Martin (1985, 1989, 1992, 1997, 2000) para a análise de gêneros tem sua origem em diversos trabalhos, como o de Halliday (1985) e Matthiessen (1995). O modelo de contexto utilizado por Martin em seus trabalhos anteriores (1985,1989) tem sua base em Ventola (1987) e nos conceitos de contexto de situação e de registro de Halliday (1978).

Sob a perspectiva teleológica, o conceito de gênero é definido como um sistema estruturado em partes, com meios específicos para fins específicos. A teleologia “considera o mundo como um sistema de relações entre meios e fins”; sendo assim, os estágios nos quais um texto se estrutura levam o usuário a um ponto de conclusão que, segundo Martin (1992:503), poderá ser considerado incompleto caso a conclusão não seja atingida. Para um melhor entendimento, vale mencionar o exemplo dado por Vian Jr. (1997): se um usuário da língua está ao telefone e a pessoa com a qual ele/ela esteja falando não assinala o fim da conversa com algum elemento linguístico e desliga o telefone subitamente, haverá uma “quebra” no gênero. Em outras palavras, o ouvinte possui conhecimento desse gênero e sabe como deve ou deveria ser o encerramento, e quais são os elementos linguísticos pré-estabelecidos no contexto. Nesse caso, o gênero é considerado incompleto.

Retomando a importância do contexto, Martin (1992:494), no que se refere à teoria de linguagem hallidayana, ressalta que a teoria intrínseca da função da linguagem é projetada no contexto como uma teoria extrínseca de linguagem em uso. A relação entre contexto e linguagem é, então, tratada como uma relação simbólica.

Por outro lado, visto da perspectiva de cultura, o contexto pode ser interpretado como um sistema de processos sociais. Essa perspectiva fundamenta de certa maneira o trabalho de Bakhtin no que se refere ao gênero pois, para esse autor, a língua é utilizada em todas as esferas de atividade humana, em forma de enunciados, que podem ser orais ou escritos. Essas formas são compostas por um *conteúdo*, um *estilo verbal* e uma *construção composicional*. Para Bakhtin

(1992:279), os três elementos “fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação”. Martin (1992) ressalta que essa perspectiva mais “holística” (grifo do autor) presente no trabalho sobre gêneros de Bakhtin converge surpreendentemente com o desenvolvimento dos estudos sobre gênero na teoria sistêmica:

Todas as diversas áreas de atividade humana envolvem o uso da linguagem. A natureza da forma do uso da linguagem é muito compreensivamente, tão diversa quanto as áreas da atividade humana (...). A língua é realizada sob a forma de declarações concretas (oral e escrito) por participantes das diversas áreas da atividade humana. (...) Todos os três destes aspectos – conteúdo temático, estilo e estrutura composicional – estão inseparavelmente ligadas à totalidade da declaração e são igualmente determinados pela natureza específica da esfera particular de comunicação.²¹

O ponto de tensão entre as duas perspectivas – Halliday e Bakhtin – pode ser esclarecido quando entendemos os dois planos de comunicação do contexto, gênero (contexto de cultura) e registro (contexto de situação).

Halliday (HALLIDAY e HASAN, 1989:38) define registro como um conceito semântico. O registro, que se manifesta no texto por meio de traços linguísticos – sejam eles fonológicos, lexicais, gramaticais, locucionais ou discursivos – é “uma configuração de significados que são tipicamente associados com uma configuração particular de campo, modo e relações”. As relações sociais existentes no cotidiano – os processos sociais –, podem estar refletidos no registro.

A situação, compreendida como as circunstâncias referentes a cada interação, origina-se nos processos; por essa razão, a cada contexto de situação está relacionado um tipo de registro, ou seja, não é possível utilizar um único registro para todas as situações do cotidiano que vivenciamos. O registro está relacionado à organização da situação ou do contexto, e o gênero à organização da cultura e dos propósitos sociais em torno da linguagem (SWALES, 1990).

1.2.4 Contexto de Cultura

Gêneros estão comumente ligados ao contexto de cultura, por isso esse

²¹ “All the diverse areas of human activity involve the use of language. Quite understandably, the nature of forms of this use are just as diverse as are the areas of human activity (...) Language is realized in the form of individual concrete utterances (oral and written) by participants in the various areas of human activity. (...) All three of these aspects – thematic content, style, and compositional structure – are inseparably linked to the whole of the utterance and are equally determined by the specific nature of the particular sphere of communication.”

conceito será mais aprofundado. Ao estudarmos o contexto de cultura, observamos como a língua é estruturada para uso. Nessa perspectiva, são levantadas as diferentes manifestações textuais, e de que forma cada uma delas se articula. As formas de agir, organizar, representar e de interagir são características de cada cultura, definidas e distintas de outras tantas culturas diferentes, o que as torna originais e as caracteriza como culturas distintas. Para Eggins (1994:32),

gênero, ou contexto de cultura, pode ser visto como mais abstrato mais geral [do que registro] – nós podemos reconhecer um gênero particular mesmo se não estivermos certos sobre o contexto de situação em que ocorre. Os gêneros, então, podem ser compreendidos como formatos gerais que dão propósito a interações particulares, adaptáveis aos vários contextos de situação específicos em que são usados.

Os gêneros correspondem, então, à forma como a linguagem é organizada para atingir os processos sociais, de poder expressar o que se quer dizer, ou o que está sendo dito. Isto é, o indivíduo, ao utilizar a linguagem, não quer apenas transmitir informações ou exteriorizar seu pensamento, mas realiza ações por meio da linguagem e atua sobre o interlocutor, interagindo, influenciando, persuadindo-o ou não.

Para Martin (1984:25), o **gênero** representa os processos sociais com etapas orientadas para um determinado objetivo comunicativo em uma dada cultura. O estudo do contexto de cultura envolve a observação de como a língua é estruturada para uso. Eggins (1994:25) lembra que para esse estudo é necessário considerar interações autênticas e completas, de maneira a observar como as pessoas usam a língua para alcançar objetivos culturalmente motivados.

Os gêneros são realizados por meio do registro que, por sua vez, realiza-se através da língua. O gênero é uma atividade organizada em **estágios**, da qual os falantes participam como membros de uma determinada cultura, e orientada para um objetivo, uma finalidade. Nesse sentido, o registro específico é usado para que tais objetivos e propósitos sejam alcançados. Nessa perspectiva, Eggins (1994:33) assevera que o registro é o elemento que medeia a instanciação do gênero, trazendo elementos relacionados à situação em que ocorrem.

Ikeda e Vian Jr. (2006) lembram que, para Eggins (1994), existem dois passos na abordagem de um texto com base nessa proposta. No primeiro, há três áreas principais a examinar em um texto: o conhecimento prévio trazido para os

textos, a quantidade de atitude/avaliação expressa pelo escritor e o grau de formalidade na linguagem usada. O segundo passo reside no esclarecimento dessas características o que, conseqüentemente, vai delinear o contexto social em que o texto foi escrito. Cada texto carrega consigo algumas influências do contexto em que foi produzido; isto é, o contexto entra no texto influenciando as palavras e estruturas que o produtor usa.

Para Hasan (HALLIDAY e HASAN, 1989:68), o texto é visto como uma unidade de significado, como linguagem que é funcional em um dado contexto. Portanto, os elementos que compõem a estrutura do texto devem ser definidos a partir do papel, ou seja, da função que desempenham naquela configuração textual específica.

Se em Eggins (1994) a autora partia do trabalho de Martin (1984 e 1985), em Eggins e Martin (1997) os dois autores propõem uma teoria que abarca os termos em uma única proposta de análise: a teoria de Registro e Gênero. Esta teoria apresenta um modelo multidimensional de análise da linguagem e de contexto, possibilitando a descrição das semelhanças e diferenças nos diferentes discursos. A Teoria de Registro e Gênero mostra como o contexto de situação e os contextos de cultura aparecem expressos sistematicamente nas escolhas de linguagem, por meio da combinação das variáveis de registro – *campo*, *relações* e *modo* – constituídos nos estágios, e com propósitos socialmente orientados. Nesse sentido, como ressalta Martin (1997:12),

(...) gênero diz respeito ao sistema de processos sociais, onde os princípios para relação de uns com os outros nos processos sociais têm a ver com a tessitura – a maneira pela qual o campo, o modo e as relações, ou seja, as variáveis de registro são realizadas conjuntamente num texto. Isto significa que os princípios para a relação de um texto para outro ao nível do gênero complementam aqueles ao nível do registro.²²

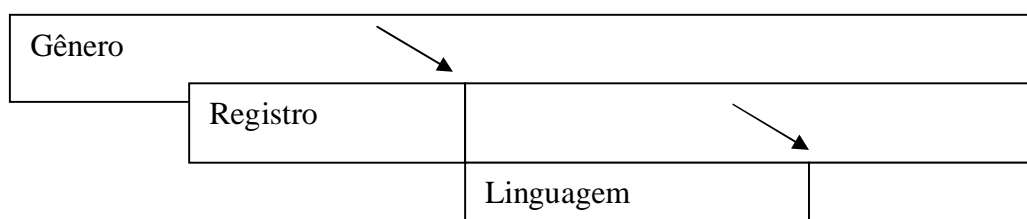
Sendo assim, os gêneros estão relacionados às práticas sociais de linguagem, portanto passíveis de inovações, evoluções e adaptações. Esses gêneros, muitas vezes, sofrem determinadas adaptações para atenderem a uma demanda específica criada pelo contexto, no qual a linguagem é vista como uma

²² "(...), genre is concerned with systems of social processes, where the principles for relating social processes to each other have to do with texture – the ways in which field, mode and tenor variables are phased together in a text. This means that the principles for relating texts to one another at the level of genre complement those at the level of register."

ação social que demanda preocupação com o falante/leitor, preocupação essa que exerce influência direta nas escolhas lexicogramaticais que o falante/escritor faz em situações de produção, possibilitando assim a interação com o provável ouvinte/leitor.

Na perspectiva defendida por Martin (1992, 2000), o registro funciona como uma forma de instanciação do gênero, ou seja, organiza-se em concordância com as escolhas no nível do campo, relações e modo, revelando a diversidade metafuncional no nível da linguagem materializada pela lexicogramática; já o gênero o faz no nível dos processos sociais. Para Martin (1992), o acesso de um falante ao gênero é mediado pelos diversos discursos das etnias, classes sociais, sexo, geração, dentre outros (p.495).

Apesar das perspectivas aqui apresentadas estarem também presentes no âmbito da linguística funcional de Halliday, os parâmetros revelam-se diferentes. O ponto de partida para a observação do fenômeno é a diferença presente nessas perspectivas. Martin argumenta que o gênero é instanciado a partir de escolhas das variáveis de registro; portanto, faz parte do gênero. Hasan parte do registro e argumenta que essas variáveis é que são realizadas pelo gênero. Sendo assim, para Martin o gênero pré-seleciona as variáveis de registro, agregando-as a partes específicas da estrutura textual, isto é, à estrutura esquemática assim denominada pelo autor (1992:495). Assim, a interrelação gênero-registro-linguagem estrutura-se em planos semióticos, conforme o quadro 13 abaixo:



Quadro 13: Plano de conteúdo da linguagem (MARTIN, 1992:495)

Martin sustenta que, na organização semiótica dos planos de conteúdo, o gênero é visto como um dos planos do contexto. Nesse sentido, o contexto de cultura pode ser compreendido como o pano de fundo no qual a interação está inserida (HALLIDAY e HASAN, 1989), oferecendo um potencial semiótico de realização.

Eggin (1994:34) assegura que devemos considerar o contexto de cultura (ou gênero) como um plano mais geral e abstrato que o contexto de situação (ou registro) dado que o primeiro é instanciado pela linguagem, e essa realização é mediada pelo registro.

Em sua análise, Martin (1992:505-506) cita cinco razões para partirmos do gênero e não do registro quando tratamos da análise:

(1) Ao partirmos de um nível de análise que não se pauta nas metafunções, temos a possibilidade de fazer uma análise que compreenda vários tipos de significado e que ao mesmo tempo não agregue o gênero a uma função da linguagem específica. Se considerarmos um evento de compra e venda, por exemplo, estaremos preocupados com o significado social da interação, sendo este responsável pelas escolhas no nível lexicogramatical (LIMA-LOPES e VIAN JR, 2005:36);

(2) Quando optamos pelo gênero como definidor do registro, é possível explicar por que nem todas as combinações de campo, modo e tenor variáveis ocorrem, ou seja, as combinações campo-relações-modo só acontecem a partir da definição do contexto de cultura;

(3) Quando tomamos o gênero como responsável pela estrutura esquemática, torna-se mais fácil analisar as mudanças que ocorrem nos estágios de um gênero. Em outras palavras, é a função retórica pertencente a cada estágio que determina as escolhas linguísticas; da mesma maneira, o objetivo comunicacional do gênero é que condiciona as funções dos estágios;

(4) Quando fazemos a distinção entre gênero e registro, tomando-os como dois planos diferentes, podemos perceber com maior propriedade as diferentes formas de desenvolvimento que um texto pode apresentar, pela realização de elementos tanto do contexto de cultura quanto do contexto de situação no qual o texto foi produzido. Se considerarmos o exemplo de uma interação entre um vendedor e uma compradora, no evento de compra e venda em uma loja de roupas, a falta do número da blusa que a compradora quer poderá redirecionar a conversa para estágios não previstos, não necessariamente os estágios de compra e venda. Em outras palavras, as escolhas linguísticas serão alteradas em decorrência daquele contexto (LIMA-LOPES e VIAN JR, 2005:36);

(5) Finalmente, quando observamos um texto do ponto de vista do contexto de cultura, complementamos os significados, os quais podem ser alcançados na análise de registro. Isto é, gênero e registro devem ser analisados em conjunto, proposta que mais tarde é ampliada por Martin (EGGINS e MARTIN, 1997).

Em relação à proposta de Hasan (HALLIDAY e HASAN, 1989), Martin (1992:505) assegura que tanto o seu modelo quanto o de Hasan propõem uma correlação entre a estrutura esquemática e as variáveis de registro. No entanto, as duas propostas divergem. Para Martin, há uma rede de relações entre os diferentes tipos de textos, o que não pode ser mapeado partindo do contexto de situação. Segundo o autor, essa rede de relações estabelece a diferença funcional dos gêneros.

A teoria de gênero e registro proposta por Eggins e Martin (1997) sugere que tenhamos o contexto de cultura como ponto de partida para análise. Para tanto, algumas questões devem ser consideradas partindo de um alargamento das teorias de gênero e registro. Essas teorias têm como foco a variação funcional, ou seja, a explicação das diferenças presentes nos textos em relação às motivações contextuais que levam a essas diferenças, permitindo a predição textual e a dedução contextual. Em outras palavras, para explicarmos essas diferenças devemos analisar a variação de elementos linguísticos no discurso, identificando e quantificando padrões gramaticais e semânticos em um dado texto e relacionando esses elementos às variáveis de valor social e cultural presentes no texto.

Nessa abordagem, os textos variam não somente em relação ao contexto imediato de produção, considerando as diferentes escolhas lexicogramaticais mapeadas nas variáveis de registro, mas também em termos de sua organização em estágios, pois cada objetivo social leva a diferentes configurações textuais.

Eggins e Martin (p.234) ressaltam que essa relação tem caráter probabilístico e não determinístico, possibilitando, conforme o refinamento da análise, esclarecer a ideologia que subjaz ao contexto como um todo (EGGINS & MARTIN, 1997:234, 236 e 237).

Para os autores, a ideologia refere-se às posições de poder, aos preconceitos políticos e aos pressupostos que todos os interlocutores trazem para os seus textos.²³

1.2.5 O gênero artigo científico para Martin & Rose

Neste trabalho trato da questão na linguagem dos artigos científicos, textos que já são aceitos e reconhecidos como constituintes da comunicação de uma grande comunidade e que geralmente possuem um formato bastante estável, que os caracteriza como um gênero textual. Por conseguinte, torna-se necessário explicar como os autores Martin e Rose (2008) veem esse gênero.

Artigos científicos têm recebido atenção especial nas pesquisas sobre gêneros: Swales (1994, 2004) e Paltridge (1997) são as principais fontes. Por outro lado, há trabalhos que privilegiam determinados estágios, a saber: Swales (1990) e Hood (2004) sobre introduções, Salager-Meyer (1990) e Hyland (2000) sobre *abstracts*, Swales e Lindemann (2002) sobre revisão de literatura, Hopkins e Dudley-Evans (1988) sobre resultados, (Dudley-Evans, 1994) sobre discussões, Ruiying e Allison (2003) sobre a fase transitória entre os resultados e as conclusões em artigos científicos.

No Brasil, Aranha (1996) debruça-se sobre as introduções de trabalhos científicos na área de Química; Spinelli (2005) sobre a utilização de recursos linguísticos avaliativos em *abstracts* de artigos de pesquisa experimental em Medicina; Motta-Roth e Hendges (1998) também sobre *abstracts* de artigos de pesquisas em português e em inglês, nas áreas de Química, Economia e Linguística; e Possamai (2004) sobre as expressões típicas e a organização do gênero artigo científico mencionadas anteriormente.

Especificamente sobre o gênero artigo científico, Martin e Rose (2008) não apresentam maior detalhamento sobre o assunto. Segundo os autores, não há a pretensão de explorar a rica tradição de análise sobre o gênero artigo científico de forma minuciosa, pois o foco do trabalho é a relação do gênero no local de trabalho e no ensino. Ressaltam, ainda, que artigos científicos estão preocupados com a aplicação mais geral do conhecimento científico – adicionando e modificando a base

²³ "Ideology refers to the positions of power, the political biases and assumptions that all social interactants bring with them to their texts."

de conhecimentos do campo científico. Propõem-se, assim, a estabelecer os estágios que constituem um artigo científico: o *abstract*; a introdução; o método; a discussão e os resultados; as conclusões e as referências.

Martin e Rose veem o primeiro elemento da estrutura esquemática – o *abstract* – com a função de apresentar uma síntese do método utilizado, dos resultados e discussão. Já o segundo elemento da estrutura esquemática – a introdução – apresenta três funções distintas (2007:138):

- a) Localizar o texto no seu campo de pesquisa por meio de referências à pesquisa previamente realizada;
- b) Identificar o problema que fez com que determinada pesquisa prévia não obtivesse sucesso;
- c) Estabelecer os objetivos da presente pesquisa.

O terceiro elemento – o método – elenca os experimentos e procedimentos utilizados. Em seguida vêm a discussão e os resultados (estes na forma de gráficos), a interpretação dos mesmos e as possíveis razões para as causas que originaram o problema inicialmente detectado.

As conclusões incluem um resumo do que foi realizado, e as referências elencam as pesquisas previamente desenvolvidas. Segundo os autores, os artigos científicos podem ainda apresentar agradecimentos, tabelas ou outro tipo de ilustração para os dados.

O quadro 14 lista os estágios da estrutura esquemática dos artigos científicos propostos por Martin & Rose (2008):

Martin (1998) afirma que não pairam dúvidas sobre a posição privilegiada ocupada pelo discurso da ciência. O conhecimento científico não pode ser dissociado de sua representação discursiva e está necessariamente vinculado a um contexto comunicativo específico. Em outras palavras, os gêneros que transitam nos contextos nos quais se discute ou divulga ciência têm a necessidade de recriar a informação para essa nova audiência.

Abstract	This paper conducts an analysis of infinitive matrix sentences in Brazilian Portuguese in a 20-24-month period. The hypothesis is that children's grammar has the functional categories, as proposed by the continuist approach. This study considers that in children's Brazilian Portuguese, it is weak, as proposed by Galves (1993). ²⁴
Introdução	<p>a) No quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros, assume-se que as sentenças contêm categorias funcionais, que são não-lexicais, como D, C, T e Agr¹ (Ver Chomsky, 1995).</p> <p>b) As pesquisas indicam que a ausência ou o uso limitado de morfemas associados a uma determinada categoria funcional são evidências para a sua não representação gramatical.</p> <p>c) A partir dos pressupostos teóricos da hipótese continuísta, fazemos a análise das sentenças matrizes infinitivas do PB em uma criança no período de 20-24 meses.</p>
Método	O <i>corpus</i> selecionado para este trabalho faz parte das amostras de fala de uma criança (R.) estudada dos 20 aos 24 meses ³ . Fizemos uma análise quantitativa, tendo em vista a seguinte questão: com que frequência uma criança, no estágio inicial de aquisição do PB, usa sentenças matrizes infinitivas?
Discussão e resultados	Nesta seção, descrevemos os dados do PB, indicando a disponibilidade das categorias funcionais DP, CP e IP na gramática infantil, no período de 20-24 meses. Com a descrição acima, temos algumas considerações a fazer. A primeira diz respeito à categoria funcional TP. Assumimos que TP está em uso pleno pela gramática infantil a partir de 1;10 meses, quando há contraste temporal.
Conclusões	Nesse trabalho adotamos a hipótese continuísta fraca. Assumimos que há estágios diferentes para a gramática infantil, mas que não ferem a Gramática Universal. .
Referências	BELLETTI, Adriana. 1990. <i>Generalized Verb Movement</i> . Turin: Rosenberg & Sellier. CHOMSKY, Noam. 1995. <i>O Programa Minimalista</i> . Tradução de E. Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.

Quadro 14: Estágios de artigo científico propostos por Martin & Rose (2008:210)²⁵

Por outro lado, Martin & Rose (2008) asseveram que em uma oração é possível encontrar dez palavras de conteúdo, o que representa quatro vezes a densidade lexical do discurso falado. Acrescentam, ainda, que a maioria dessas palavras correspondem a termos de conteúdo técnico no campo científico, o que torna sua leitura muitas vezes inacessível ao público leigo.

Alguns autores – como Myers (1990) –, expressam preocupação sobre a necessidade de uma melhor compreensão dos usos sociais da linguagem da ciência. Um aspecto negativo ressaltado por Myers está relacionado aos textos científicos ou à ciência como textos constituintes da autoridade social da ciência. O autor vê a elaboração de textos científicos ou relativos à ciência como um processo

²⁴ Este estudo analisa as sentenças matrizes infinitivas do PB em uma criança no período de 20-24 meses. Levanta-se como hipótese que, nesta fase, a gramática infantil tem as categorias funcionais, conforme aponta a corrente continuísta. Porém, Agr não foi acionado ainda com todos os traços relevantes. Consideramos que no PB infantil, ele é fraco, como proposto por Galves (1993).

²⁵ Artigo LADEL 038 retirado do corpus de análise.

de representação; ou seja, mais que transmitir conteúdo, tais textos informam sobre a identidade do saber científico, sobre o papel da ciência em um dado contexto social e sobre as relações de autoridade estabelecidas no âmbito do discurso entre atores sociais, como por exemplo o escritor do texto, os leitores e autores por ele citados.

Bazerman (*apud* SWALES, 1990:113) ressalta que “a relação do cientista com a natureza se alterou gradualmente de uma visão em que a natureza das coisas era facilmente revelada pela observação ou manipulação direta para uma em que a natureza era complexa, obscura e difícil de ser apreendida”. Esse novo olhar para a escrita dos experimentos científicos nos leva a ter um cuidado maior em descrever como os experimentos são feitos, como os métodos são explicados e como se dão os resultados encontrados. Vale ressaltar aqui as diferenças existentes entre o modo de escrever um artigo científico no século XVII e na época atual. O intuito deste trabalho não é realçar as diferenças, pois hoje a estrutura do artigo científico mostra-se mais relativamente estabelecida, assim como o questionamento em relação ao seu formato. Basicamente, os artigos são compostos de Introdução, Métodos, Resultados, Discussão e Conclusão, modelo proposto por Swales.

Martin (1984:25) ressalta que os gêneros frequentemente passam por determinadas adaptações para atenderem a uma demanda específica criada pelo contexto. Os artigos aqui analisados não apresentam como estrutura mais frequente a divisão acima mencionada, apesar de contemplarem aspectos relevantes à discussão e à metodologia no contexto geral do texto.

1.3 A linguagem da ciência

Os estudos sobre a linguagem da ciência e seus discursos têm motivado investigações em diversos campos – Comunicação Social, Sociologia, Retórica, Psicologia, História, Epistemologia ou Filosofia da Reflexão, Ciência e Linguística Aplicada, dentre outros. A motivação para as pesquisas sobre o discurso científico parte, a princípio, da necessidade de compreendermos o grande impacto tecnológico e o desenvolvimento científico ocorridos nos últimos anos. Além disso, o ato de refletir sobre a relação entre o conhecimento científico e sua socialização implica observar a necessidade de diálogo entre os que produzem o conhecimento científico e aqueles que supostamente dele se beneficiarão, bem como o

estabelecimento de bases para as disciplinas, correntes teóricas, áreas de investigação e objetivos educacionais (BAZERMAN, 1998).

Segundo Hess (1995), o campo de investigação do discurso científico parte do pressuposto de que os aspectos relacionados ao mundo técnico-científico, tais como teorias, observações, métodos, máquinas, relações sociais, instituições, redes de trabalho etc. “são em algum sentido socialmente modelados, negociados, ou – posto de outra maneira – ‘construídos’”. Para De Oliveira (2003), é possível afirmar que, ainda que com formas de aproximação diferentes, existe a percepção de que a noção de autoridade usualmente conferida à linguagem da ciência e seus discursos tem historicamente ofuscado a consciência geral do caráter retórico, comunicativo e simbólico do conhecimento científico. A autora chama atenção para a relevância dada pelos pesquisadores ao conhecimento científico para a estruturação da vida econômica, política e cultural na sociedade contemporânea.

No campo da Linguística, Martin (1998) afirma que a prática social da ciência se dá por meio da linguagem – através da gramática e da estrutura particular de um texto.

O complemento natural para essa perspectiva é uma abordagem que tem origem no social, especialmente quando este é interpretado por meio do discurso. Outra característica presente no trabalho dos systemicistas Halliday e Martin quanto à necessidade de recontextualização é o foco sobre a ciência canônica.

A questão da hegemonia também é discutida por Martin (1998) na medida em que a distribuição do poder discursivo na cultura ocidental se faz presente.

Nesse contexto, não há dúvida de que o discurso da ciência ocupa um lugar privilegiado, apesar do estigma que ainda enfrentam algumas pesquisas em contextos específicos, como nos estudos de gênero (social), no discurso pós-colonial e no ensino da ciência na escola, além da crescente incerteza sobre o financiamento da pesquisa básica.

Para os autores, o questionamento esbarra no entendimento de que a posição privilegiada do discurso científico baseia-se no poder ou status. Em outras palavras, o privilégio do discurso da ciência equivaleria ao do dialeto padrão utilizado por um determinado grupo de falantes. Nesse sentido e considerando a gênese do

discurso científico, Halliday e Martin (1993:68) abordam a questão de poder e status afirmando que

A evolução do registro é sempre funcional no seu contexto (independentemente do contexto em si é um consenso ou conflito), a linguagem pode tornar-se ritualizada, mas não pode iniciar desta forma, porque para ser ritualizada a primeira característica que deve adquirir é valor, e esta característica somente pode ser adquirida quando a linguagem é funcional.

Halliday (HALLIDAY e MARTIN, 1993) sustenta que o discurso evolui por razões funcionais, isto é, visando sua realização em contextos sociais emergentes. Quanto mais funcional for o discurso em seu contexto, maior status poderá angariar. Martin (1998) acrescenta que o poder do discurso científico tem origem no controle sobre os recursos materiais por meio da tecnologia, tornando-o imprescindível à distribuição de poder na sociedade ocidental. Para os autores, não há surpresas no fato da linguagem empregada pela ciência ser vista como “uma ferramenta, como um instrumento de expressão de ideias sobre a natureza de processos físicos e naturais” (HALLIDAY e MARTIN, 1993:4). No seu entender, essa visão da linguagem da ciência provém da concepção ocidental sobre o próprio fenômeno da linguagem, que o dissocia das relações de poder e o considera como uma forma de apresentar a realidade, ou seja, como um reflexo no espelho.

A linguagem deve ser vista como um fenômeno social e não individual, que tem origem e se desenvolve com o objetivo de atender às necessidades socioculturais da comunicação humana. Adotar para a linguagem a noção de língua como “correlação” é desconsiderar o seu caráter funcional e histórico.

A linguagem é uma atividade humana, por meio da qual interpretamos, construímos e conciliamos as realidades material e psicológica. Essa percepção ganha ênfase ao tomarmos ciência da linguagem como parte da história humana e como realização da própria história; ela é, portanto, o meio pelo qual o processo histórico é construído. Sendo assim, não devemos entender a linguagem da ciência como um mecanismo para expressão de fatos sobre a natureza ou sobre o homem, mas como a realização de um sistema semiótico que serve às práticas social, histórica e econômica culturalmente situadas, as quais geram e influenciam as

relações de poder. Corroborando a ideia da linguagem da ciência como expressão de fatos sobre o homem e seu entorno, Halliday (2004:3) ressalta²⁶ que:

Ciência não tem um início, é simplesmente a continuação da teorização da gramática referente a nós mesmos e nossas relações com o meio ambiente. A humanidade é sempre "teorização" sobre nós e o mundo que nos rodeia. Para compreender algo que temos de transformá-lo, primeira devemos torná-lo significativo, só então poderemos internalizá-lo ou conhecê-lo. Para transformar a nossa experiência em significado precisamos da linguagem. Seja do senso comum ou do conhecimento científico, não importa se isto se refere a um dado fato da realidade ou alguns fenômenos referentes às experiências do cotidiano, não há teorização sem linguagem, ou, mais especificamente, sem o poder semogenético²⁷ da gramática.

Halliday e Martin asseveram que a linguagem da ciência desenvolveu características de cunho histórico, distintas do sistema semiótico mais geral que reflete e materializa a própria ciência. Essas características estão relacionadas a aspectos lexicogramaticais, manifestados em nível de sentença, e a aspectos semânticos, em nível de discurso.

Os autores ressaltam que, dado o fato de os indivíduos lidarem melhor com a linguagem em relação ao vocabulário do que a gramática, talvez esteja aqui a razão pela qual a linguagem da ciência é comumente associada a complexos sistemas de taxonomia e, secundariamente, a uma gramática técnica própria.

Na perspectiva científica, tanto a escolha lexical quanto a gramática técnica própria da linguagem da ciência são igualmente importantes e interdependentes na construção da realidade; em outras palavras, a escolha lexical e a gramática técnica empregadas na linguagem da ciência são diferentes aspectos que fazem parte de um mesmo processo semiótico, processo esse que, de forma técnica e funcional, organiza o discurso científico localizado no tempo e situado historicamente.

Nas últimas décadas, o objetivo mais ambicioso dos estudos referentes à linguagem da ciência foi o de estabelecer uma língua filosófica universal, isto é,

²⁶ Science has no beginning; it is simply the continuation of the grammars theorizing of ourselves and our relations with our environment. Humankind is forever "theorizing" about ourselves and the world around us. To understand something we must first turn it into meaning, only then can we internalize or know it. To transform our experience into meaning we need language. Be it commonsense or scientific knowledge, no matter whether it concerns our "taken for granted reality" or some phenomena far removed from the experiences of daily life, there can be no theorizing without language, or more specially, without the semogenic power of the grammar.

²⁷ Semogenético (semogenese) – Halliday tem estado particularmente preocupado com as questões referentes às mudanças ocorridas na linguagem, isto é, mudança semântica, semogenese como o próprio autor a intitula; esta preocupação com a semântica está refletida em sua descrição sobre o discurso científico em inglês.

conceber uma linguagem artificial que pudesse preencher as necessidades da investigação científica. Segundo Halliday (2004:6)²⁸

Uma linguagem filosófica não é simplesmente um meio de escrever e, portanto, transmitir os conhecimentos que já tenham sido adquiridos; mais do que isso, era um meio de chegar a novos conhecimentos, um recurso para o inquirido e para com o pensamento.

Nesse sentido, Halliday (2004) sustenta que se remetermos a cientistas como Isaac Newton, por exemplo, é possível perceber que o escritor utilizava uma linguagem que incluía inovações na gramática não menos marcantes que os termos técnicos consagrados. De certa forma, os escritos de Newton e Galileu inauguram o estilo de redação científica considerada padrão na atualidade. Além da terminologia técnica, Halliday sugere haver outro motivo que poderia estar ligado a uma evolução gramatical mais gradual.

A concepção das características lexicogramaticais, as quais distinguem a linguagem da ciência do sistema semiótico mais extenso por ela materializado, remete a Thales e Pitágoras, na Grécia Antiga. Para esses estudiosos, desenvolvimento gramatical não implicava a criação de novas formas gramaticais, mas a implantação e expansão sistemática dos recursos potencialmente já existentes.

A gramática da linguagem da ciência desenvolve uma forma particular de argumentação, na qual verbos e adjetivos são rerepresentados como substantivos na forma de informação dada, ou seja, são nominalizados. Halliday e Martin chamam a nominalização de “metáforas gramaticais”, uma vez que “processos” geralmente expressos por meio de verbos são codificados como “coisas” através de substantivos.

Halliday e Martin (1998) afirmam que, se por um lado a linguagem do senso comum dá sustentação à tensão entre “coisas” e “processos” em sua construção cotidiana da realidade, a linguagem da ciência, por outro lado, constrói a realidade como um “edifício de coisas”.

²⁸ “A philosophical language was not simply a means of writing down, and hence transmitting, knowledge that had already been gained; more that, it was a means of arriving at new knowledge, a resource for enquiring and for thinking with”.

Para Halliday (2004:43), toda teoria é um sistema de significados relacionados. No seu entender, a concepção de uma teoria científica pode ser projetada ou semiprojetada; é um sistema em que os elementos-chave são taxonomias metafóricas ou coisas virtuais – as coisas criadas pela junção semântica entre “processos” ou “qualidade” e subjacentes ao significado de um substantivo – como uma “entidade”, especialmente uma entidade concreta e observável; por isso, a importância da nominalização que, por outro lado, não é uma característica inerente à construção sistemática da realidade.

Criar um termo técnico é em si um processo gramatical, e quando o argumento é construído pela gramática dessa forma, as palavras que se transformam em substantivos tendem a tornar-se técnicas. Em outras palavras, apesar de reconhecer dois fenômenos diferentes ocorrendo ao mesmo tempo (essencial à compreensão), na prática são diferentes aspectos de um único processo semiótico: o da evolução técnica – uma forma de discurso, em um especial "momento" sócio-histórico.

Para Halliday e Martin (1993:18) a linguagem é “ao mesmo tempo uma parte da história humana e uma realização dela, o meio através do qual o processo histórico é construído”. Sendo assim, a linguagem da ciência não deve ser compreendida somente como um mecanismo para a expressão de fatos sobre a natureza ou sobre o homem, mas também como a realização de um sistema semiótico. Segundo os autores, essa constituição discursiva, tanto do ponto de vista léxico quanto gramatical, tornou-se padrão para a ciência experimental.

Em contrapartida, Halliday e Martin sustentam que essas características se desenvolvem de forma funcional em relação à linguagem da ciência, contribuindo com uma terminologia técnica e uma forma de argumentação específica, transformando-se progressivamente em uma forma dominante de interpretação da experiência humana. Para os autores, “esta se torna a linguagem da hierarquia, que privilegia o perito e limita acesso a âmbitos especializados da experiência cultural”. Martin (1998:11) ressalta, ainda, a existência de um pequeno senão em relação à visão do discurso da ciência como tecnicista e masculino: como um discurso de segregação. Em consequência, sugere que tentemos reformular a nossa compreensão da ciência e do papel que esta desempenha ou pode desempenhar na nossa vida, não como linguagem hierarquizada e classista, mas como uma

linguagem que possa estar ao alcance de todos os que se interessam por ciência e pela produção do conhecimento.

Em suma, a linguagem da ciência restringiu-se a uma linguagem de poucos se a considerarmos como a linguagem dos letrados pois, em algumas situações, ela é vista como uma forma particular de escrita, construída por meio de modelos e normas. Halliday e Martin (1993:11) afirmam que, exercendo ou não o papel de cientistas, sempre que lemos ou escrevemos algo estamos sujeitos a nos sentir como parte de um determinado mundo, seja utilizando a pintura ou a fotografia, originalmente, como pano de fundo para a fase científica. Esse quadro passa a representar uma construção particular da realidade, como lembra o excerto a seguir:

Tudo que a realidade pode significar sempre corresponde a uma construção intelectual ativa. As descrições apresentadas pela ciência já não podem nos livrar de nossa (isto é, o cientista) atividade de questionamento.

Prigogine e Stengers
(*apud* HALLIDAY e MARTIN, 1993:11)

Halliday e Martin (1993:12) também postulam que a evolução da ciência deve-se à evolução da gramática científica, posto que o processo evolutivo não se restringe às teorias científicas de gramática, isto é, a uma gramática científica. Quando tratamos da evolução da gramática científica, referimo-nos aos recursos gramaticais de línguas naturais pelos quais a ciência passou a ser entendida. A evolução da ciência significou a evolução do pensamento científico, talvez não de qualquer pensamento, mas certamente de todos os pensamentos sistêmicos – os quais são construídos na e pela linguagem.

Assim, temos que construí-los gramaticalmente, utilizando a energia da gramática para teorizar – selecionando indefinidamente dentre muitas formas sob as quais a experiência pode ser analisada e então fazer sentido. Considerar a semelhança entre diferentes tipos de desenvolvimento – o pessoal, o histórico e o disciplinar – é significativo para aqueles interessados em modificar o discurso científico.

2 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta, inicialmente, os pressupostos da metodologia eleita para a análise dos dados da pesquisa, o corpus utilizado e o perfil dos autores dos artigos analisados. Em seguida, descreve o contexto de situação em que os textos constituintes do corpus foram produzidos, considerando as variáveis contextuais que dão forma ao registro associado à situação de produção dos artigos.

Na sequência, são expostos os procedimentos de coleta e organização dos dados para, finalmente, abordar os procedimentos de análise dos dados, destacando o programa computacional WordSmith Tools (SCOTT, 2004) bem como as ferramentas disponibilizadas que foram utilizadas neste trabalho e os passos da análise.

2.1 Escolha metodológica

Esta pesquisa é de cunho qualitativo com o uso de quantificação. A LSF busca estudar as funções sociais da língua em uso, as quais somente podem ser compreendidas dentro do contexto sociocultural em que a língua ocorre. Portanto, este trabalho foca os dados em seu contexto, observa-os quantitativamente e analisa-os qualitativamente como uma pesquisa de natureza antropológico-social e de análise de discurso.

Como abordagem metodológica optou-se pela Linguística de Corpus (LC), a qual proporciona ferramentas de análise e trabalha com a coleta e análise de dados linguísticos reais – um *corpus* (BERBER SARDINHA, 2000:325) –, o que permite abarcar grande quantidade de textos. Tal abordagem presta-se, portanto, à diversidade de universos teóricos como a semântica, a sintaxe e a análise do discurso (MCENERY e WILSON, 1996). A LC busca esclarecer o fenômeno linguístico a partir de generalizações baseadas em exemplos reais de comunicação (Idem), dando ao estudo da linguagem um caráter empírico:

A Linguística de Corpus está baseada na análise de quantidade de textos como objeto de estudo e como fonte de evidências para a descrição linguística e argumentação.

Kennedy (1998:4)²⁹

Para Berber-Sardinha (2000), um corpus pode ser assim denominado desde que os textos coletados sejam compilados e interpretados segundo critérios linguísticos. Ressalta, entretanto, que não há nada que impeça a pesquisa em LC de ser empreendida tendo como base arquivos, bancos de dados eletrônicos (definidos como coleções de informações que são projetadas para facilitar a entrada e a recuperação de informação) ou textos individuais que tenham sido compilados para outras propostas.

Alguns critérios devem ser considerados para que um conjunto de dados linguísticos possa ser denominado *corpus*. Berber Sardinha (2004) elenca os seguintes critérios: a **origem** (os dados devem ser autênticos e escritos por falantes nativos; quando não pertencerem a falantes nativos, devem receber outro nome – corpora de aprendizes); o **propósito** (os dados devem ser objeto de estudo linguístico); a **composição** (os dados devem ser selecionados e coletados sob determinados critérios); a **formatação** (os dados devem ser legíveis por computador); a **representatividade** (o corpus deve ser o maior possível, e assim representar determinadas produções linguísticas de uma dada língua ou de uma variedade linguística); e a **extensão** (o material deve ser extenso para ser representativo).

Para Kennedy (1998), a LC seria uma linguística descritiva acrescida de novas tecnologias. Além disso, o autor afirma que as análises baseadas em corpora têm consequências além da descrição linguística, afetando até mesmo as metas da teoria linguística. Algumas divergências sobre o estatuto da Linguística de Corpus são expostas por Berber-Sardinha (2004), incluindo três visões de diferentes pesquisadores sobre o tema. A primeira visão considera a Linguística de Corpus como uma metodologia. Isso se justifica pelo fato de que é possível aplicar o seu aparato livremente, mantendo a orientação teórica da disciplina de origem. Nessa perspectiva, a LC é compreendida como um “modo típico de aplicar um conjunto de pressupostos de caráter teórico” (p.6).

A segunda visão sustenta que, mais que uma metodologia, a Linguística de

²⁹ “Corpus linguistics is based on bodies of text as the domain of study and as the source of evidence for linguistics description and argumentation.”

Corpus é uma teoria. Se considerarmos que toda metodologia só existe em correlação com uma teoria, e que os linguistas de corpus produzem conhecimento novo que muitas vezes não é passível de aquisição com base em outros pressupostos teóricos, a LC pode efetivamente ser considerada uma teoria.

O terceiro e último grupo vê a Linguística de Corpus como uma abordagem, uma perspectiva, uma maneira de enxergar a linguagem. Berber-Sardinha (2000) lembra que a LC trabalha dentro de um quadro conceitual formado por uma abordagem empirista e uma visão da linguagem enquanto sistema probabilístico. No empirismo, uma doutrina filosófica, o conhecimento tem origem na experiência. No campo linguístico, o empirismo significa dar primazia aos dados provenientes da observação da linguagem, em geral reunidos sob a forma de corpus. O empirismo se coloca em oposição ao racionalismo, segundo o qual, em linhas gerais, o conhecimento provém de princípios, estabelecidos *a priori*. O segundo elemento central da conceituação em que a Linguística de Corpus se baseia é a visão probabilística da linguagem. A perspectiva hallidayana (LSF) descreve a probabilidade dos sistemas linguísticos, dados os contextos em que são empregados pelos falantes. Essa abordagem analisa o texto e o respectivo contexto de uso. Uma análise pautada na sistêmico-funcional leva em consideração três aspectos conceituais, os quais se configuram e combinam com o intuito de constituir a interpretação de uma manifestação linguística: o **contexto** (tudo o que circunda um texto); a **semântica** (a escolha linguística, dentro de um sistema paradigmático de opções, em relação à função a ser desempenhada no momento e na situação de uso); e o **texto** (a concretização autêntica dos dois elementos anteriores). A visão da linguagem enquanto sistema probabilístico pressupõe que, embora muitos traços linguísticos sejam possíveis teoricamente, eles não ocorrem com a mesma frequência. Nesse sentido a língua, na visão dos linguistas de corpus, é usada de forma padronizada, através de colocações recorrentes, com itens ou sequências de itens tendendo a ocorrer em contextos particulares.

Citando Berber-Sardinha (2000:40), a padronização é uma "regularidade expressa na recorrência sistemática de unidades concorrentes de várias ordens (lexical, gramática, sintática etc.)". Segundo o autor, os padrões podem ser de três tipos: a *colocação* – tipo de padrão mais focado nos estudos de corpora – vem a ser a "associação entre itens lexicais, ou entre léxico e campos semânticos"; a

coligação, que é a "associação entre itens lexicais e gramaticais"; e a *prosódia semântica*, que por sua vez é a "associação entre itens lexicais e conotação (negativa, positiva ou neutra) ou instância avaliativa".

Para Biber, Conrad e Reppen (1998), o uso da LC em Análise do Discurso procura responder à questão central de como a análise de padrões gramaticais e de palavras em um texto pode contribuir para a compreensão do seu sentido. Para Kennedy (1998), o uso de corpora não constitui por si só um ramo separado da Linguística. A Linguística de Corpus seria, segundo o autor, essencialmente uma linguística descritiva adicionada de novas tecnologias. Kennedy ressalta que as análises baseadas em corpora têm consequências além da descrição linguística, afetando até mesmo as metas da teoria linguística.

O advento da Linguística de Corpus, ainda segundo Kennedy, comprova e ratifica a teoria de Firth no sentido de que o uso da linguagem inclui considerável uso de construções recorrentes pré-fabricadas.

Vale ressaltar, entretanto, que os corpora não nos dizem tudo a respeito de como uma língua funciona. Para Kennedy (1998), nem sempre eles podem apontar, por exemplo, quais estruturas e processos não são passíveis de ocorrência. A questão é que o simples fato de uma estrutura não aparecer em um corpus considerado extenso não traduz a impossibilidade de ocorrência dessa estrutura.

2.2 O corpus

O corpus desta pesquisa é formado por 43 artigos científicos da área de Linguística Aplicada. Os artigos selecionados para este estudo foram publicados no período de oito anos, ou seja, de 2000 a 2007, na Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada – DELTA, editada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP desde 1985.

A revista publica estudos de caráter teórico ou aplicado, oriundos de qualquer área referente ao fenômeno linguístico desde que se trate de contribuições inéditas. O título abreviado da revista é DELTA, forma que deve ser usada em bibliografias, notas de rodapé, referências e legendas bibliográficas. Os textos publicados na revista são indexados em: *Sociological Abstracts* e *Linguistics and Language Behavior Abstracts*. Vale ressaltar a importância do conhecimento das áreas

presentes na revista aqui analisada, isto é, o entendimento do contexto, pois é a partir dele que o texto passa a constituir sentido para o leitor, ou seja, diferentes contextos sociais geram diferentes discursos. Retomando Halliday (1985:5-6), o contexto vincula o texto à situação em que ocorre e na qual pode ser interpretado. A partir de um determinado texto, pode-se recuperar o contexto que o originou. O contexto de situação nos permite entender sobre o quê se escreve e quais as relações estabelecidas a partir do texto; neste caso, a relação/autor/leitor e a organização retórica do texto.

O tamanho total do corpus é de 287.240 palavras, distribuído entre as suas partes conforme quadro 15:

Introdução	28.448
Desenvolvimento	234.484
Conclusão	24.308
Total de palavras	287.240

Quadro 15: Número de palavras por parte

Entendendo que a área de LA é bastante fluida dados os diversos problemas com os quais vem lidando, ou seja, desde aspectos da competência linguística e comunicativa do indivíduo, aquisição de primeira ou segunda língua, letramento e distúrbios de linguagem, até problemas referentes à linguagem e comunicação na sociedade, optei por verificar e analisar os artigos até então produzidos por linguistas aplicados, ou por aqueles que discutem os temas referentes ao campo da Linguística Aplicada. Para a primeira organização dos artigos em temas, considerei importante verificar a formação de cada um dos autores por meio da verificação do Currículo Lattes. Para essa seleção, levei em conta o maior nível de formação – doutorado – e, em alguns casos, pós-doutorado e uma leitura do resumo de cada artigo. Além disso, verifiquei as referências bibliográficas com o emprego da estratégia de *scanning*³⁰ para localizar as informações sobre as teorias e as metodologias ao longo do artigo, no sentido de agrupar os artigos de LA. A partir daí, separei os artigos em temas, o que foi possível diante dos agrupamentos de pesquisadores da AILA, que em 2007 abrigava 25 grupos de trabalho identificados

³⁰ **Scanning:** estratégia de leitura que se caracteriza pela leitura rápida, em busca de uma informação específica.

como “comissões científicas” organizadas em torno de investigações sobre os temas discutidos nos artigos estudados.

Nessa direção, Menezes et al. (2009) fez um levantamento dos temas, das teorias e dos métodos mais recorrentes na pesquisa internacional, analisando sete periódicos internacionais e cinco nacionais que corroboram a divisão dos temas proposta nesta pesquisa.

No quadro a seguir reúnem-se sete temas encontrados no corpus, cada um representado por mais de um artigo.

Subárea	No. de artigos	Tamanho dos textos	Introdução	Desenvolvimento	Conclusão
Análise do Discurso	12	79.322	5.812	100.654	6.451
Análise crítica do discurso	7	43.024	4.132	33.595	5.297
Aquisição de Linguagem	4	31.060	3.549	25.676	1.835
Tradução	4	25.258	2.704	20.476	2.078
Análise do Discurso de Linha Francesa	3	19.219	1.823	14.648	2.748
Linguística de Corpus	3	19.106	4.501	13.713	892
Ensino e Aprendizagem	2	18.468	696	16.436	1.336

Quadro 16: Distribuição dos artigos por temas encontrados

A título de análise, a princípio optei por não computar as subáreas que contivessem somente 1 (um) artigo por entender que, em uma análise quantitativa e qualitativa, a quantidade de textos produzidos em contexto se torna extremamente importante para o analista. No entanto, com o objetivo de traçar um panorama geral dos artigos previamente organizados, exponho no quadro abaixo os 8 (oito) outros temas encontrados, cada um representado por somente 1 (um) artigo, com a distribuição dos artigos que tratam dos temas elencados bem como o tamanho dos textos e suas partes.

Subárea	No. de artigos	Tamanho dos textos	Introdução	Desenvolvimento	Conclusão
Gênero	1	8.077	533	7.395	149
Análise textual	1	7.003	769	5.939	295
Ensino de Línguas	1	5.607	781	4.354	472
Linguística Textual	1	9.324	685	8.192	447
Material Didático	1	7.667	522	6.246	899
Teoria dos Atos de Fala	1	2.691	925	1.589	177
Revisão crítica	1	5.151	700	4.058	393
Revisão Histórica	1	6.263	316	5.108	839

Quadro 17: Distribuição dos artigos com frequência 1 por temas encontrados

A soma dos artigos constantes dos quadros 16 e 17 corresponde aos 43 artigos de LA que fazem parte desta pesquisa. Após a primeira subcategorização dos temas presentes nos artigos, o número expressivo de artigos encontrados em Análise do Discurso (AD) chamou a minha atenção, levando-me a perceber que em AD eu poderia encontrar tópicos/temas dos mais diversos, passíveis de verificação mais detalhada sobre o tema discutido em uma área abrangente como a AD. Tal constatação instigou-me a retomar a verificação dos possíveis temas tratados em LA. A revisão dos temas foi extremamente importante, pois ficou comprovado posteriormente que muitos diferiam significativamente por conta das linhas teóricas de trabalho.

Retornando à questão da segunda verificação dos temas dos artigos, decidi rever o primeiro critério utilizado – o de verificar o Currículo Lattes dos autores.

O primeiro passo foi retomar a verificação do Currículo Lattes e rever as informações acadêmicas de formação de cada autor, desde a graduação ao pós-doutoramento. Nessa averiguação, constatei que os temas até então eleitos estavam equivocados, e talvez precisassem de um desdobramento maior para o seu agrupamento.

Pude perceber que, com exceção de 12 autores, 29 possuem graduação em Letras/Português ou Inglês/Francês/Alemão. Os 12 autores possuem graduação em áreas diversas, porém ligadas à linguagem, tais como: Tradução (dois autores), Pedagogia (um), Fonoaudiologia (um), Comunicação Social (um), Psicologia (dois),

Ciências Econômicas (um), Ciências Jurídicas (dois) e Linguística (dois). Nos cursos de pós-graduação *Lato Sensu*, há uma variedade de áreas estudadas por alguns dos 41 autores: Didática do Ensino e Supervisão Escolar, Linguagem (CNF-Fonoaudiologia), Informática e Educação, Literatura Brasileira, Literatura Francesa e Inglesa, Difusão em Arquivos de Museus, Linguística e Ensino de Português e Inglês.

A maioria dos autores não fez curso de especialização, ingressando diretamente nos cursos de pós-graduação *Stricto Sensu*, no seguimento mestrado. Desses 41 autores, averiguamos que 35 fizeram mestrado nas seguintes áreas, conforme quadro 18 abaixo:

No. de Autores	Mestrado em:	Área	Subáreas
13	Linguística	Linguística	Psicolinguística Teoria e Análise Linguística Línguas Estrangeiras Análise do Discurso Linguística Aplicada Língua Portuguesa Pragmática Linguística
6	Letras	Letras Linguística	Língua Portuguesa Linguística Aplicada
5	Linguística Aplicada	Linguística	Linguística Aplicada Teoria e Análise Linguística
3	Estudos Linguísticos	Linguística	Linguística Aplicada Teoria e Análise Linguística
2	Educação	Educação	Tópicos Específicos de Educação Educação/Linguística
1	Comunicação	Linguística	Linguística Aplicada
1	Artes ³¹	Não há informação	Não há informação
1	Língua Portuguesa	Letras	Língua Portuguesa
1	Linguística para o Ensino de Língua Inglesa	Linguística	Linguística Aplicada
1	Teoria e Prática da Tradução Literária	Letras	Teoria Literária
1	Linguagem e Literatura na Educação	Letras	Literaturas Estrangeiras Modernas

Quadro 18: Formação Acadêmica *Stricto Sensu* (mestrado) dos autores

³¹ Mestrado realizado em Artes-University of North Carolina; não consta do Currículo Lattes do autor.

O quadro acima revela que há grande diversidade na formação acadêmica dos autores. Ressalto, contudo, que – apesar da diversidade de áreas e subáreas – os temas dos artigos ligam-se a questões relacionadas com a linguagem, sua aquisição, produção e análise, temas estes que se abrigam na área de LA.

Para averiguação dos temas pertencentes à LA, é importante levar em conta a última formação dos autores, assim como a área em que atuam como pesquisadores. No entanto, o quadro 18 já apresenta um delineamento do perfil dos artigos analisados. Esse argumento é reforçado pelas palavras de Eversen (1996) ao afirmar que é interessante à LA, como também a vários outros campos de pesquisa – aplicada ou não, sociais ou da natureza – no mundo contemporâneo, “entender, explicar ou solucionar problemas” para criar ou “aprimorar soluções existentes” (p.91). Nesse sentido, trata-se de investigar problemas de uso da linguagem e de discurso relacionados às práticas sociais relevantes e devidamente contextualizados, para a elaboração de conhecimento útil a participantes em contexto. Essa variedade na formação dos autores reflete-se nos trabalhos por eles produzidos. Quarenta autores possuem doutorado, e o único mestrando publica como co-autor. Há também 1 (um) autor sobre o qual não consegui informações tanto no que se refere à grande área quanto à subárea do seu doutoramento. A averiguação da formação dos autores, bem como suas áreas de pesquisa, fez-se necessária para a divisão dos temas de LA. No quadro 19 apresento as áreas e subáreas relativas à formação dos autores dos textos aqui analisados.

Vale ressaltar que, dos 39 autores analisados, 34 deles estão assim divididos: 28 pertencem à grande área intitulada Linguística e área Linguística, e (6) seis pertencem à grande área de Letras e Artes e, como área, Letras. Há um pequeno grupo de autores com doutoramento nas áreas das Ciências Sociais Aplicadas e Humanas. Dois (2) autores pertencem à área da Educação, 1 (um) autor à área de Administração e os outros dois (2) autores às áreas de Psicolinguística e Filosofia, respectivamente. No que diz respeito à variedade das subáreas e às especialidades de cada uma delas, optei por apresentá-las por perceber a importância desses diferentes pertencimentos em um trabalho que analisa as produções da área de LA.

No. de autores	Grande-área	Áreas	Subáreas	Especialidades
28	Linguística	Linguística	<ul style="list-style-type: none"> • Psicolinguística 	<ul style="list-style-type: none"> • Processamento Linguístico • Aquisição da Linguagem
			<ul style="list-style-type: none"> • Linguística Aplicada 	<ul style="list-style-type: none"> • Educação Especial • Análise do Discurso • Tradução • Sociolinguística Interacional • Ensino de Língua Estrangeira • Metáfora
			<ul style="list-style-type: none"> • Análise do Discurso 	<ul style="list-style-type: none"> • Sociolinguística Interacional e Análise da Conversa
			<ul style="list-style-type: none"> • Teoria e Análise Linguística 	<ul style="list-style-type: none"> • Teoria dos Atos de Fala • Performatividade • Estrutura Sentencial • Sintaxe
6	Letras e Artes	Letras	<ul style="list-style-type: none"> • Literatura Comparada • Língua Portuguesa • Teoria e Análise Linguística 	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos da Tradução
5	Ciências Sociais Aplicadas e Humanas	Administração	<ul style="list-style-type: none"> • Administração de Empresas 	<ul style="list-style-type: none"> • Administração de Recursos Humanos
		Psicolinguística	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégias de compreensão da ordem das palavras 	<ul style="list-style-type: none"> • O papel que a linguagem exerce na regulação do comportamento motor
		Educação	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino-Aprendizagem • Aquisição da Linguagem 	
		Filosofia	<ul style="list-style-type: none"> • Desconstrução 	<ul style="list-style-type: none"> • Literatura Comparada

Quadro 19: Grande área e subáreas de doutoramento dos autores dos textos

Concordo com Moita Lopes (2006) quanto à afirmação de que não há a pretensão de apontar uma nova “escola” de LA com princípios explícitos, com vistas ao perfeito enquadramento dos trabalhos até então realizados na área. O autor se refere à heterogeneidade do sujeito que hoje pensa e produz em LA. Sendo assim, se considerarmos um sujeito social e heterogêneo torna-se incoerente pensar que os pesquisadores/as em LA se amoldem ou pensem homogeneamente; daí a diversidade das áreas de estudos e especificidades mostradas no quadro acima. Para finalizar a verificação em relação aos autores, suas áreas e formação acadêmica, somei os grupos de pesquisa no intuito de rever as temáticas tratadas nos artigos de LA.

Este último item, em conjunto com a ordem doutorado/pós-doutorado/grupo de pesquisa, reorganizou os temas discutidos nos artigos. Vale ressaltar, porém, que três dos temas separados mantiveram um diferencial. No que se refere ao tema que

traz como embasamento teórico a Análise de Linha Francesa, há duas filiações teóricas – as de Michel Pêcheux e Dominique Maingueneau. Os outros dois temas que se mantiveram são: Linguística de Corpus e Tradução.

Temas encontrados	No. de artigos	Tamanho dos textos	Introdução	Desenvolvimento	Conclusão
Abordagem Pragmática / Linguagem e Sociedade	1	8.812	747	7.097	968
Análise de Linha Francesa (Maingueneau)	3	19.339	1.952	14.370	3.017
Análise de Linha Francesa (Michel Pêcheux)	1	7.610	685	6.731	194
Discurso de Identidades / Letramento	3	17.760	2.070	14.405	1.285
Educação Inclusiva (Giroux)	1	4.782	426	4.000	356
Educação Inclusiva / Socioconstrutivista	1	8.077	533	7.395	149
Enunciação / Processamento Textual	1	9.324	685	8.192	447
Gênero	3	21.936	1.597	18.459	1.880
Gramática Discursiva-Funcional (Van Dijk)	1	8.809	349	7.643	817
Lexicografia	1	5.151	700	4.058	393
Linguística Crítica e Pragmática	1	2.691	925	1.589	177
Linguística de Corpus	3	19.106	4.501	13.713	892
Linguística e Cognição	2	14.296	1.046	12.132	1.118
Linguística Estrutural / Análise Contrastiva	2	12.098	1.492	10.150	456
Linguística Funcional (Givón)	1	7.776	232	7.258	286
Pragmática	1	8.148	1.437	6497	214
Semântica	2	15.930	1.022	13.892	1.016
Sociolinguística e Dialetologia	1	10.814	620	9.029	1.165
Sociolinguística Interacional	2	11.725	1.230	9.449	1.046
Sociologia/Antropologia	3	24.257	1.767	20.199	2.291
Teoria Social do Discurso	4	16.316	1.142	13.309	1.865
Tradução	5	32.483	3.290	24.917	4.276
TOTAL	43	287.240	28.448	234.484	24.308

Quadro 20: Distribuição dos temas encontrados nos artigos estudados

Como já mencionado, o corpus utilizado neste trabalho é constituído de 43 artigos. No ato de averiguação da formação acadêmica e dos grupos de pesquisa, 5 (cinco) dos 43 autores não possuíam informações completas, e 1 (um) dos 5 (cinco) autores havia feito o seu doutoramento no exterior em Filosofia, sem maiores detalhes sobre áreas e/ou especialidades. Os outros 4 (quatro) autores têm doutorado em Linguística com subáreas em Análise do Discurso, Teoria e Análise Linguística e Linguística Aplicada, a primeira com ênfase em Sociolinguística, a segunda em Estrutura Sentencial e a terceira em Análise do Discurso. Embora os cinco autores não pertençam a grupos de pesquisa, decidi incluí-los no quadro acima, pois, como afirmado acima, vali-me de três critérios para a verificação final e categorização das subáreas de LA, doutoramento – pós-doutoramento e grupos de pesquisa. Nesse sentido, utilizei dois dos critérios na alocação dos artigos produzidos por esses autores, os quais totalizam o número de artigos aqui analisados, isto é, 43 autores.

2.3 Contexto de situação

Com o objetivo de elucidar o contexto de situação dos artigos que compõem o corpus, bem como o universo desta pesquisa, é necessário trazer à baila algumas questões e esclarecimentos sobre a área escolhida – a LA. Entretanto, antes disso – e em linhas gerais – apresento o quadro 20 com as variáveis contextuais que dão forma ao registro associado ao gênero artigo científico.

Campo	Relações	Modo
Temas com foco na variedade de contextos de usos da linguagem: linguagem e identidades sociais, linguagem e vida social, letramento, problemas relacionados com linguagem e comunicação nas sociedades e entre as sociedades	Autor e leitor – Interação relativa	Escrito: referências à pesquisa realizadas Canal de viabilização da informação: impresso e virtual

Quadro 21: Variáveis de registro

Há uma grande diversidade de tópicos abordados nos artigos, variando conforme a subárea de LA à qual pertence o autor. Apesar da variedade de tópicos e das diferentes escolhas lexicogramaticais feitas pelos autores, as discussões

presentes nos artigos giram em torno da questão linguagem e do seu contexto aplicado, isto é, a produção dessa linguagem no que se refere aos lugares onde vivem e agem as pessoas, bem como a preocupação e a compreensão das mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e histórica que as mesmas experienciam e vivenciam. Os assuntos abordados variaram bastante, como por exemplo: estudos de corpora, o gênero (do ponto de vista gênero (identidade), aquisição de primeira língua, interação texto x leitor, problemas educacionais (professores e alunos) etc.). Algumas estruturas utilizadas pelos autores sinalizam algumas pistas quanto à forma de interação. Os seguintes fragmentos, retirados do corpus, servem como exemplo: *Busco aqui elaborar um estudo sobre a textualidade eletrônica e a autoria nos blogs* – neste fragmento, o autor se propõe a apresentar um estudo sobre a realidade virtual. Ao usar o verbo *buscar* em primeira pessoa, ele revela o seu envolvimento e posicionamento frente ao texto e ao leitor, expressando comprometimento. O mesmo acontece com o fragmento seguinte: *Iniciaremos com um breve percurso teórico pelos estudos culturais e pós-coloniais* – neste caso, além de dar a perceber, pelo texto, que se trata de uma discussão teórica, o autor inclui o(s) leitor(es) como participante(s) do discurso, ao optar pelo verbo *iniciar* na primeira pessoa (nós). Pode-se observar, ainda, uma outra forma de manifestação do autor do artigo: a impessoalização, por meio do uso da passiva, como pode ser visto neste fragmento: *As gravações foram feitas em ambos os locais*. Os fragmentos retirados dos textos estudados podem indicar que há uma situação não imediata entre duas pessoas, o que sugere tratar-se de um texto previamente escrito e dirigido a um determinado grupo de pessoas.

Em relação à variável modo, além da forma de viabilização da informação – impressa ou virtual –, o uso da linguagem por parte dos autores permite inferir uma relativa interação que, apesar de não ser face a face, denota proximidade entre autor e leitor. Nota-se uma intenção do autor quando da produção do texto, porém a aceitabilidade desse texto é relativa por conta da concordância do leitor em participar do evento comunicativo. Também relativo é o engajamento do autor com o propósito, já que, na maioria das vezes, observa-se o uso de primeira pessoa do plural, o que de alguma forma convida o leitor a partilhar das informações trazidas nos textos, sugerindo um comprometimento parcial do autor com o que foi dito.

Diante dos fragmentos expostos, pode-se deduzir o tipo de contexto: a modalidade escrita. Os textos são publicados em uma revista semestral, com possíveis leitores virtuais ou não, visto serem eles disponibilizados tanto na forma impressa como online.

2.4 Procedimentos de coleta e organização dos dados

2.4.1 Coleta dos dados

A coleta dos dados permitiu averiguar se os artigos pertenciam a temas relacionados à área de LA por meio da confirmação da formação acadêmica e grupos de pesquisas aos quais os autores estão afiliados, através do site do <http://lattes.cnpq.br/>.

2.4.2 Organização dos dados

Os artigos foram salvos em diretórios no formato txt. Para cada artigo, foram criados quatro novos arquivos, um contendo todo o artigo em pdf e/ou word, e os outros três arquivos abrangendo os estágios dos artigos, aqui denominados introdução, desenvolvimento e conclusão³². Como a proposta era a de estudar os artigos publicados na revista mencionada, ou seja, o artigo como um todo, tornou-se necessário agrupar novamente os artigos já em txt. Embora a elaboração de artigos a serem publicados em revistas especializadas dependa das regras estabelecidas pelo Conselho Editorial de cada uma delas, no caso da revista DELTA as normas para apresentação de trabalhos para publicação seguem as seguintes exigências: os artigos devem conter notas de rodapé, referências bibliográficas, abstract/resumo, ilustrações e anexos³³.

A seguir serão abordados os procedimentos de análise dos dados.

³² Optei por utilizar e nomear as partes dos artigos em introdução, desenvolvimento e conclusão, porém isso não significa que foram desconsiderados outros estágios existentes e pertinentes a este gênero como método, resultados e discussão (Martin & Rose, 2008), os quais normalmente encontram-se na parte denominada desenvolvimento ou corpo de artigo, como muitos autores utilizam. O corpo do texto é constituído da descrição, ao longo de vários parágrafos, de todos os pontos relevantes do trabalho realizado. A depender da natureza do texto, esta seção pode ser dividida em *metodologia / procedimentos metodológicos / material e métodos* (descrição do que foi usado para a realização da pesquisa, indicando técnicas e processos utilizados na investigação), os *resultados* encontrados durante o experimento, podendo ser ilustrados; a *discussão*, que deve se ater estritamente ao resultado do trabalho e seu confronto com dados da literatura . (TACHIZAWA & MENDES, 2000).

³³ As informações sobre as exigências para publicação na Revista DELTA foram retiradas do site www.scielo.br/delta.

2.5 Procedimentos de análise dos dados

2.5.1 Instrumentos de análise

Para o estudo do corpus, lancei mão do programa computacional WordSmith Tools (SCOTT, 2004) no que tange às análises quantitativas. O WordSmith Tools é constituído por algumas ferramentas, como a *Wordlist*, uma das mais utilizadas nas pesquisas em Linguística de Corpus. A *Wordlist* possibilita a criação de listas de palavras que abarcam todas as palavras do corpus trabalhado, mostrando a frequência absoluta – o número total de palavras (*token*) – e a frequência relativa – o número de palavras diferentes (*types*)–, bem como a proporção entre esses dois números, fornecida em porcentagem (*ratio*). As palavras podem ser listadas tanto em ordem alfabética quanto em ordem de frequência.

O WordSmith Tools conta também com a ferramenta *Concord* para a produção de concordâncias ou listagens das ocorrências de um item específico, visando observar padrões de uso das palavras de um corpus. Berber-Sardinha (1999) esclarece que um item específico (chamado *palavra de busca* ou *nódulo*) pode ser formado por uma ou mais palavras, acompanhado do texto ao seu redor (o co-texto).

Segundo Berber-Sardinha (Idem) o programa WordSmith Tools, assim como demais programas de computador para análise linguística, funciona com base em três princípios básicos: (1) **Ocorrência**: os itens devem estar presentes; itens que não ocorreram não são incorporados porque não são observáveis; (2) **Recorrência**: os itens devem estar presentes pelo menos duas vezes; e (3) **Co-ocorrência**: os itens devem estar na presença de outros, pois um item isolado é insuficiente em termos de informação. Os itens podem ou não ter co-ocorrido em sequência no discurso.

Berber-Sardinha ressalta, ainda, que há vários tipos de concordância possíveis, de acordo com a posição do item de busca na listagem e levando em conta os colocados (*collocates*), que são as palavras que ocorrem ao redor da palavra de busca, em posições determinadas. O *Concord* permite, ainda, a verificação posterior das palavras que acompanham a palavra selecionada (suas colocações) e das listas de frases ou grupos de palavras recorrentes. Para os

propósitos deste trabalho, limitei-me a utilizar as ferramentas *Wordlist* e *Concord*. A *Wordlist* foi utilizada na preparação de listas de palavras correspondentes a cada parte do artigo, enquanto o *Concord* foi empregado na confecção de listas de concordâncias para posterior análise minuciosa. Foram realizadas, também, listas de consistência detalhada³⁴ para cada parte dos artigos, com fins comparativos. Essas listas contribuíram para a seleção dos itens lexicais com vistas à observação do posicionamento e/ou comprometimento do autor com texto e leitor. A seguir são detalhados os passos da análise.

2.5.2 Passos da análise

Após a coleta e organização do corpus da pesquisa, teve início a fase do processamento. Primeiramente, os assuntos dos 43 artigos coletados foram divididos em temas. A configuração final dos 43 artigos distribuídos em temas da área de LA ocorreu após exaustiva e detalhada pesquisa sobre a formação acadêmica e os trabalhos desenvolvidos pelos autores com grupos de pesquisa. Sendo assim, optei por verificar as questões referentes aos padrões lexicogramaticais utilizado pelos autores na representação do discurso científico, com o seu envolvimento com o texto e, conseqüentemente, com o leitor.

Em um primeiro estágio, montei listas de palavras para cada parte dos artigos: introdução, desenvolvimento e conclusão. A partir dessas listas, criei listas de concordâncias a fim de verificar as escolhas lexicogramaticais utilizadas pelos autores dos artigos. O primeiro intuito foi o de computar o número total de processos por categorias, no sentido de obter uma ideia geral do padrão linguístico do discurso científico nos artigos de LA, ou seja, de como os autores construam seu discurso dentro de uma área específica, em termos de transitividade. Esse levantamento resultou em um gráfico sobre a distribuição dos processos no corpus, que revelou um grande número de ocorrências com o processo relacional, seguido de processo material.

Entretanto, tendo em vista o propósito deste trabalho, que era o de verificar como os autores constroem o seu discurso, e como tais autores se manifestam frente ao seu texto e ao seu leitor, optei por separar os verbos até frequência 10

³⁴ Em inglês, 'detailed consistency' é uma lista que combina duas ou mais listas de palavras, com termos idênticos colocadas lado a lado. A lista mostra, ainda, o total de arquivos em que cada item aparece e as frequências de cada item nas listas originais (BERBER-SARDINHA, 2004:110).

levando em conta os 23 verbos mais frequentes no corpus que desempenharam a função de processo verbal. Para que a escolha dessa amostra tivesse caráter aleatório, foram considerados os elementos posicionados em um horizonte entre 5 colocados à direita e 5 à esquerda na lista de concordâncias, tendo como nódulos os processos a serem analisados.

Antes de reiniciar o trabalho com as concordâncias, fiz um levantamento das formas verbais encontradas no corpus, o que resultou em uma tabela que apresenta as formas mais frequentes: primeira pessoa, terceira pessoa e as formas – infinitivo, particípio presente e particípio passado. Esse levantamento permitiu observar as ocorrências de passiva, o uso de operadores modais – segundo aspecto desta análise –, e também a configuração dos participantes

Feito isso, decidi agrupar as partes dos artigos, até então separadas em introdução, desenvolvimento e conclusão, a fim de obter novas listas de palavras. Para tanto, recorri novamente à ferramenta *WordList*.

Respaldada por essa lista, passei a observar os processos verbais (Anexo 1) mais frequentes nos artigos, e por meio da ferramenta *Concord* iniciei as respectivas concordâncias, analisando – linha por linha – as concordâncias com os processos verbais em busca dos padrões de realização da mensagem, conforme quadro 22 abaixo:

1 – (que) (:) (“”) (,)
2- Que (indicativo/subjuntivo)
3-Infinitivo
4-Nominalização ou Circunstância de ângulo ou assunto

Quadro 22: Padrões de realização

Vale ressaltar que o trabalho de análise linha por linha fez-se necessário especialmente porque um verbo poderia estar a princípio categorizado como pertencente a um tipo específico de processo, contudo – dependendo da função que esse verbo está desempenhando – sua classificação e significados poderia sofrer alterações. A partir daí, foi necessária a elaboração de listas de concordâncias para obter a quantificação dos padrões de realização das mensagens (Anexo 2).

Ao longo do levantamento das formas e da análise das concordâncias, os dados auferidos levaram-me a considerar alguns aspectos da metafunção interpessoal. A modalidade, incluindo os modais *deve*, *pode* e *precisa*, por exemplo, foi algo inúmeras vezes observado durante a análise, passando a merecer uma tabela à parte.

O próximo passo foi observar o uso de metáfora interpessoal nas partes do artigo, especialmente no que tange ao desenvolvimento, porém presentes também nas introduções e conclusões. Segui, então, para a análise das metáforas, percebendo que nos exemplos analisados os autores demonstravam certa ou nenhuma relação de proximidade com os seus leitores. Em alguns casos, a questão da metáfora relacionava-se diretamente ao próprio assunto. De acordo com Thompson (2004), tanto a perspectiva interpessoal quanto a ideacional são necessárias uma vez que as orações carregam em si, de forma simultânea, os dois tipos de significado. Para Thompson, em algum momento precisamos trazer juntas as duas análises (p.101). A partir daí, decidi investigar a questão do posicionamento e comprometimento desses autores com os seus propósitos e possíveis leitores.

Na próxima seção, procuro descrever os resultados quantitativos do corpus de pesquisa para, em seguida, discutir e propor formas de análise qualitativa. Desse modo, busco averiguar os processos que, no contexto de uso, desempenham função de processo verbal. Para os processos verbais, foram idealizadas três tabelas, a primeira contendo os valores absolutos e percentuais de uso; a segunda listando os padrões de realização das mensagens com todos os processos verbais; e a terceira associada às formas de apresentação das mensagens em relação à oração verbal: anteposição, posposição ou intercalada.

Paralelamente, foram feitos gráficos referentes a essas tabelas, a fim de facilitar a visualização dos padrões de uso dos processos estudados. Além de analisar os padrões de realização das mensagens, prossegui com a análise das circunstâncias de projeção, assunto e ângulo que constam também da tabela dos processos verbais (Anexo 2), bem como da tabela que agrupa os participantes desses processos. Após observação e estudos dos processos verbais presentes nos artigos da área de LA, procurei evidências quanto aos padrões de realização da mensagem de que os autores fazem uso, ou seja, o que eles dizem e como o dizem. Além disso, ao voltar o olhar para os operadores modais e para as metáforas

interpessoais, busquei observar e analisar como os autores se comprometem, ou não, com o seu discurso, e qual a sua forma de posicionamento frente ao leitor.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo traz a análise dos dados e a discussão dos resultados obtidos com base nos procedimentos metodológicos adotados para responder as questões de pesquisa que norteiam o presente estudo, visando investigar, sob a ótica da Linguística Sistêmica Funcional, como os autores da área de Linguística Aplicada constroem seus posicionamentos nesse gênero.

Para tanto, e como já mencionado na introdução desta pesquisa (p.15), proponho-me a responder às seguintes questões de pesquisa:

Pergunta Geral:

Quais são os padrões de representação da mensagem e do posicionamento do autor expressos em artigos da área de Linguística Aplicada?

Perguntas Específicas:

- 1 – Quais são os processos verbais mais frequentes nos artigos?
- 2 – Quais os padrões de realização das mensagens?
- 3 – Quais são os recursos interpessoais utilizados pelos autores na expressão do compromisso e da responsabilidade modais?

Este capítulo busca investigar quais os processos verbais mais frequentes e como são usados na construção do posicionamento do autor no gênero artigo científico. Em um primeiro momento, apresenta-se ao leitor um gráfico com a visão quantitativa de todos os tipos de processos encontrados no corpus, desenhando-se assim um perfil da distribuição desses processos no que diz respeito à sua frequência nos artigos científicos de LA³⁵.

Nesta tese, porém, as análises estão voltadas para as metafunções experiencial, no âmbito da transitividade, e interpessoal, no âmbito da modalidade, já que as orações – especificamente as verbais – são vistas como representação, como escolhas de um determinado grupo de autores na expressão de significados e posicionamentos. Nesse sentido, foram analisados detalhadamente os verbos usados para realizar a função de processo verbal, muito frequente no contexto de artigos científicos.

³⁵ Esta sigla se refere à área aqui estudada – a Linguística Aplicada (LA) – já apresentada na introdução.

Levando em consideração estudos já realizados sobre o uso de orações verbais em artigos científicos de uma variedade de áreas (BARBARA & MACEDO, 2009), a frequência desse processo parece estar relacionada ao gênero em questão. Por meio da análise do processo e participantes é possível interpretar, diante das variações tanto no item lexical escolhido para relatar um discurso quanto na forma escolhida para expressar a mensagem (o que foi dito), quem disse o que está sendo relatado, em termos sistêmico-funcionais – o dizente, e para quem o relato está sendo apresentado, que em termos sistêmico-funcionais se refere ao receptor, que nem sempre está presença na oração. Sabe-se, porém, que conteúdos são relatados de formas diversas para receptores diferentes..

Se, por um lado, esta pesquisa enfoca como se dá a representação dos significados construídos pelos autores em seus textos, por outro busca, no trabalho com a metafunção interpessoal, identificar e analisar o uso dos verbos modais no corpus, especialmente o uso de metáfora interpessoal, quando a opinião do falante/escritor se apresenta por meio da modalidade, na constituição do posicionamento desse autor frente à sua produção no que se refere ao seu comprometimento e responsabilidade sobre o quê, como e para quem diz. Após análise dos modais, são sugeridas algumas categorias semântico-discursivas (ou categorias de sentido) diante das escolhas desses modais pelos autores, sendo também abordados outros significados acerca das metáforas interpessoais presentes no corpus. Ao final deste capítulo, discutem-se os resultados das análises em relação aos processos verbais e às metáforas interpessoais, tentando estabelecer um diálogo entre esses resultados e pesquisas anteriores sobre o uso do processo verbal em artigos científicos, bem como das metáforas interpessoais na configuração da interação entre autor x texto x leitor.

Espera-se, no entanto, apontar para o uso desse processo pela crença de que os verbais têm presença garantida quando os autores julgam necessário trazer outro participante para o discurso, já que o gênero artigo científico requer uma maior quantidade de discurso relatado e também de citações, especialmente quando empregadas para reportar discursos de outros autores e fontes de trabalhos consagrados na área. Já o uso de metáforas interpessoais permite-nos perceber a opinião do falante/escritor, ou seja, o seu envolvimento no discurso tanto por meio dos verbos modais quanto das metáforas interpessoais.

3.1 Percurso Analítico

Nesta tese, como mencionado na introdução deste capítulo, optou-se por analisar o processo verbal devido ao seu papel relevante no discurso acadêmico, mostrando como as pessoas se comunicam e expressam suas percepções e pensamentos por meio da citação e do relato de pesquisas de vários estudiosos, e ao mesmo tempo indicando a posição do escritor por meio de verbos como *apontar*, *sugerir*, *reivindicar*, *afirmar* (HALLIDAY, 2004:253).

Para Barbara e Macedo (2009), do ponto de vista gramatical a análise do uso de processos verbais é de grande interesse, pois tais processos ocorrem com grande frequência em conversas espontâneas e estão presentes em diversos gêneros informacionais, como na mídia. Outro aspecto importante ressaltado pelas autoras é o fato de que esses processos se realizam por meio de um número pequeno de verbos, em tipos bem variados e relativamente complexos de contextos de situação e gramaticais, especialmente em linguagem mais elaborada, como no discurso científico.

No sentido de comparar os processos verbais em relação aos demais tipos de processo, o trabalho de análise teve início com a contagem geral dos processos presentes no corpus da pesquisa. O gráfico 1 expõe uma visão quantitativa dos tipos de processo encontrados nos dados, ou seja, um perfil dessa distribuição no que tange à sua incidência nos artigos científicos, exibindo um número de ocorrências dos processos materiais, seguidos dos relacionais e dos verbais e, em ordem decrescente, dos processos mentais, existenciais e comportamentais.

O gráfico 1 evidencia uma escala que situa os processos materiais no topo (42,%), em oposição aos comportamentais, os processos com menor número de ocorrências (0,5%). Pode-se observar que, no corpus aqui analisado, os processos materiais – além de terem sido os mais usados – o foram em grande proporção, quando comparados aos demais processos. A segunda posição coube aos processos relacionais, com 35,6% de frequência.

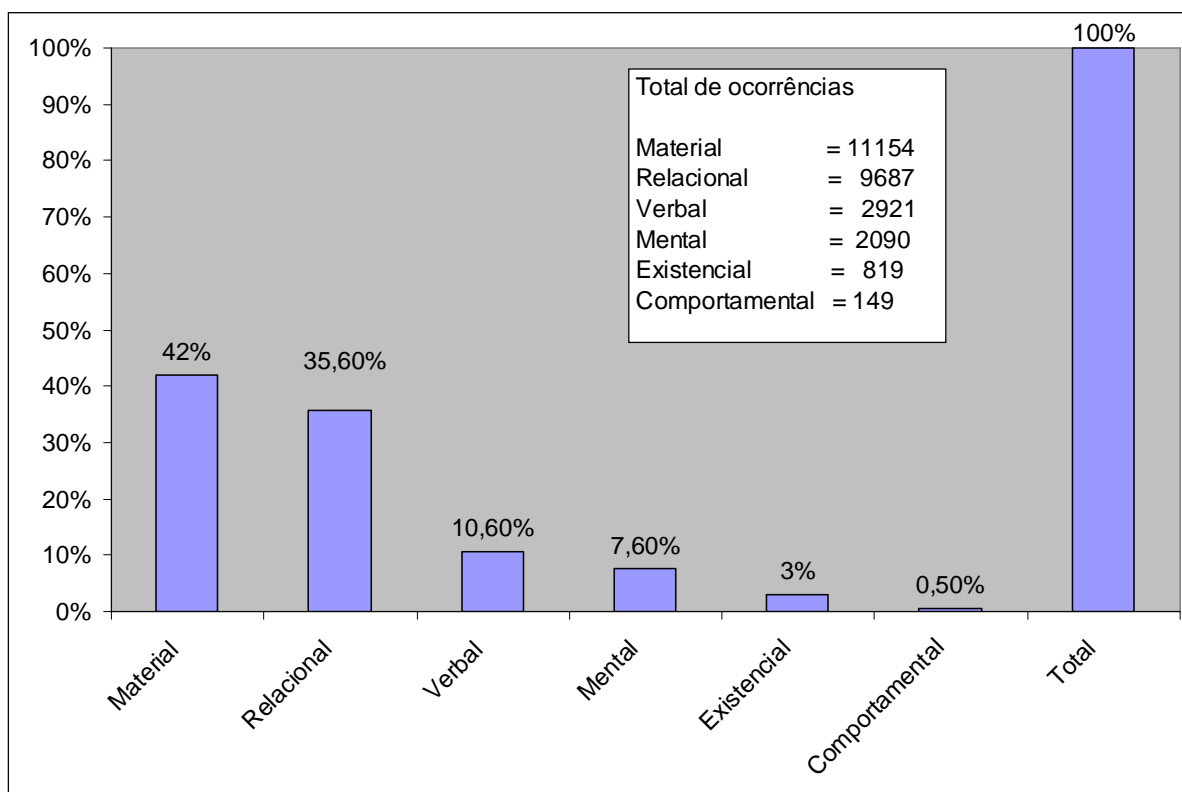


Gráfico 1: Distribuição dos tipos de processo no corpus

O corpus desta pesquisa segue a divisão padrão em relação à distribuição quantitativa dos dois tipos de processos mais usados em corpora de vários tipos de discurso da linguagem – os materiais em primeiro lugar, seguidos dos relacionais como nos estudos de Matthiessen (1999:1-51) em língua inglesa. O corpus analisado por Matthiessen faz um levantamento quantitativo das estruturas de transitividade de vários tipos de textos.

Os estudos que envolvem a análise de processos em língua portuguesa, inclusive a presente pesquisa, têm apresentado dados quantitativos semelhantes em relação às ocorrências de processos. A pesquisa de Martins (2008) constitui-se de 10 falas (transcritas) de pacientes diagnosticados como portadores de esquizofrenia em doze entrevistas psiquiátricas. Fuzer (2008) analisa as formas de representação dos atores sociais, a partir da descrição do Sistema de Transitividade. Nas pesquisas mencionadas, tanto em Matthiessen como nos trabalhos em língua portuguesa, os processos materiais e relacionais aparecem, respectivamente, em primeiro e segundo lugar nas ocorrências. A pesquisa de Medianeira (2006:17) teve os resultados quantitativos em relação aos processos materiais e relacionais invertidos. Nesse trabalho, as orações relacionais foram as mais frequentes,

seguidas das orações materiais. O corpus analisado por Medianeira (2006) é constituído de 72 editoriais extraídos dos jornais Folha de São Paulo, Jornal do Comércio e Folha de Pernambuco e das revistas Veja, Época, Uma e Todateen.

Em relação ao corpus desta pesquisa, e de acordo com o gráfico 1, os processos verbais foram os terceiros mais utilizados, com uma diferença de 4% a mais do que o quarto processo mais usado no corpus – o processo mental. Neste estudo, os processos existenciais apresentaram proporção similar à da pesquisa de Matthiessen, respectivamente 3,0% neste corpus e 2,0% no de Matthiessen, enquanto os processos comportamentais tiveram uma proporção bem menor em relação ao corpus de Matthiessen, ou seja, 0,5% neste corpus e 5,0% em Matthiessen.

O presente trabalho privilegiou a análise dos processos verbais e das metáforas interpessoais com operadores modais, propondo-se a mensurar o grau de maior ou menor certeza do locutor em relação à validade de uma proposição, ou seja, diminuindo assim o seu comprometimento no evento discursivo.

A seguir, são abordadas as orações com processos verbais.

3.1.1 Processos verbais

A análise detalhada dos verbos que desempenharam a função de processo apontou para 2.921 ocorrências de processos verbais, equivalentes a 10,7% do total de verbos que exerceram a função de processo (Anexo 1). A tabela 1 apresenta o total de todos os verbos encontrados até a frequência 10, considerando os 23 verbos mais frequentes no corpus que desempenharam a função de processo verbal, em um total de 2.439 ocorrências.

	Verbos	1a. Pessoa		3a. Pessoa		Infinitivo		Particípio Presente		Particípio Passado		TOTAL	
		%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.
1.	Dizer	5,2	20	25,1	96	40,5	155	2,6	10	26,6	102	100,0	383
2.	Apresentar	6,8	26	52,1	198	8,7	33	3,9	12	29,2	111	100,0	380
3.	Apontar	4,1	7	53,0	86	13,0	22	4,4	7	25,4	43	100,0	169
4.	Chamar	7,9	13	28,7	47	11,0	18	2,4	4	50,0	82	100,0	164
5.	Mostrar	0,0	0	59,9	97	22,2	36	4,3	7	13,6	22	100,0	162
6.	Referir	2,0	3	53,9	82	11,2	17	6,6	10	26,3	40	100,0	152
7.	Falar	7,9	11	12,9	18	46,0	64	9,4	13	23,7	33	100,0	139
8.	Afirmar	0,0	0	56,6	73	34,9	45	8,5	11	0,0	0	100,0	129
9.	Explicar	0,0	0	28,6	36	54,0	68	0,0	0	17,5	22	100,0	126
10.	Explicitar	0,0	0	22,5	20	18,0	16	0,0	0	59,6	53	100,0	89
11.	Discutir	0,0	0	25,0	22	25,0	22	4,5	4	45,5	40	100,0	88
12.	Revelar	0,0	0	72,7	64	21,6	19	5,7	5	0,0	0	100,0	88
13.	Expressar	0,0	0	59,7	37	17,7	11	0,0	0	22,6	14	100,0	62
14.	Citar	0,0	0	17,3	9	23,1	12	0,0	0	59,6	31	100,0	52
15.	Argumentar	0,0	0	66,7	26	25,6	10	7,7	3	0,0	0	100,0	39
16.	Perguntar	0,0	0	57,9	22	34,2	13	7,9	3	0,0	0	100,0	38
17.	Confirmar	0,0	0	32,4	11	55,9	19	11,8	4	0,0	0	100,0	34
18.	Ressaltar	0,0	0	47,1	16	29,4	10	8,8	3	14,7	5	100,0	34
19.	Comentar	0,0	0	45,2	14	38,7	12	0,0	0	16,1	5	100,0	31
20.	Responder	0,0	0	37,9	11	48,3	14	13,8	4	0,0	0	100,0	29
21.	Comunicar	0,0	0	16,7	3	66,7	12	0,0	0	16,7	3	100,0	18
22.	Postular	0,0	0	100,0	17	0,0	0	0,0	0	0,0	0	100,0	17
23.	Esclarecer	0,0	0	0,0	0	100,0	16	0,0	0	0,0	0	100,0	16
TOTAL		3,4	84	41,2	1005	26,0	644	4,1	100	24,8	606	100,0	2439

Tabela 1: Formas verbais mais frequentes de cada verbo em percentual e valores absolutos

Como é possível observar nos totais de ocorrências de cada uma das formas verbais, o uso mais frequente foi em terceira pessoa. Por conseguinte, inicio a discussão com a terceira pessoa, seguida do segundo uso mais frequente – o particípio passado; subseqüentemente passo a abordar o infinitivo, seguido do particípio presente e da primeira pessoa. Agrupando os verbos que tiveram maior ocorrência nessas formas verbais, pode-se notar na tabela acima que há uma regularidade no uso de terceira pessoa, o que de certa maneira é previsível dado o

caráter impessoal do artigo científico. A primeira pessoa aparece na tabela com baixa frequência (3,4%), indicando ter sido possivelmente abandonada pela maioria dos autores aqui estudados. O uso de infinitivo aparece em segunda posição e pode caracterizar o uso de modalidade e de reduzidas. Em terceiro lugar, e mais ou menos no mesmo nível de frequência que o infinitivo, vem o particípio passado (24,8%) que ocorreu com 15 verbos, indicando o uso de passiva e evidenciando foco na mensagem. A presença do particípio presente é baixa, em torno de 4,1%.

Seguem-se então às discussões dos grupos verbais, agrupados por ocorrência em cada uma das formas verbais mais frequentes apresentadas na tabela 1.

3.1.1.1 A terceira pessoa do presente

Observando os números da tabela 2, nota-se um alto índice do uso de terceira pessoa com os verbos *apresentar, apontar, mostrar, referir, afirmar, revelar, expressar, argumentar, perguntar, ressaltar, comentar* e *postular*, todos acima de 45% dentre as demais formas verbais presentes na tabela. Há no corpus um total de 732 ocorrências desses verbos em terceira pessoa, equivalentes a 56,2% de uso.

O uso de terceira pessoa é de certa maneira previsível dado o caráter impessoal do artigo científico. A primeira pessoa aparece na tabela com frequência bastante baixa e somente com três dos verbos listados: *apresentar, apontar* e *referir*.

Como já mencionado na subseção anterior, a baixa ocorrência em relação ao uso de primeira pessoa pode caracterizar um sinal de abandono do uso dessa pessoa pela maioria dos cientistas.

Na tabela 2 a seguir, nota-se que a segunda forma mais frequente é o particípio passado seguido de infinitivo. Os exemplos a seguir contêm os verbos que apresentaram maior número de ocorrências em terceira pessoa, conforme a tabela acima, tais como *apresentar, apontar, mostrar, referir, afirmar*, e *revelar*. A ocorrência de terceira pessoa caracteriza uma tendência à omissão do sujeito, como mostra o exemplo 1 logo em seguida:

	Verbos	1a. Pessoa		3a. Pessoa		Infinitivo		Particípio Presente		Particípio Passado		Total	
		%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.
2.	Apresentar	6,8	26	52,1	198	8,7	33	3,2	12	29,2	111	100,0	380
3.	Apontar	6,5	11	50,9	86	13,0	22	4,1	7	25,4	43	100,0	169
5.	Mostrar	0,0	0	59,9	97	22,2	36	4,3	7	13,6	22	100,0	162
6.	Referir	2,0	3	53,9	82	11,2	17	6,6	10	26,3	40	100,0	152
8.	Afirmar	0,0	0	56,6	73	34,9	45	8,5	11	0	0	100,0	129
12.	Revelar	0,0	0	72,7	64	21,6	19	5,7	5	0	0	100,0	88
13.	Expressar	0,0	0	59,7	37	17,7	11	0	0	22,6	14	100,0	62
15.	Argumentar	0,0	0	66,7	26	25,6	10	7,7	3	0	0	100,0	39
16.	Perguntar	0,0	0	57,9	22	34,2	13	7,9	3	0	0	100,0	38
18.	Ressaltar	0,0	0	47,1	16	29,4	10	8,8	3	14,7	5	100,0	34
19.	Comentar	0,0	0	45,2	14	38,7	12	0	0	16,1	5	100,0	31
22.	Postular	0,0	0	100	17	0	0	0	0	0	0	100,0	17
	Total	3,1	40	56,2	732	17,5	228	4,7	61	18,4	240	100,0	1301

Tabela 2 – Formas verbais com maior ocorrência de terceira pessoa

1) A seguir, no item 2, **explicitamos** que, se o homem da razão não pode corresponder ao que se persegue como modo de produção de subjetividade 2, tampouco encontraremos a resposta que buscamos nos modelos inaugurados por Marx e Freud, por intermédio de uma certa concepção de ideológico e de inconsciente que se tornou hegemônica a partir dos trabalhos de Althusser, em sua releitura de Marx, e de Lacan, em relação a Freud.(043)

ou uma indeterminação do sujeito, como em:

2) **Cita** também números e porcentagens presentes em estudos encaminhados por especialistas que caracterizam vinte por cento das mulheres como consumidoras maníacas e compulsivas. (008)

ou ainda a ocorrência de passiva sintética³⁶, como no exemplo 3:

3) **Discute-se**, por esta perspectiva, por exemplo, se o social é causa ou consequência do lingüístico (Sociolingüística x Etnolingüística) (033)

O uso de terceira pessoa evidencia grande quantidade de referência a outros autores, como nos exemplos 4, 5 e 6 – ou a sujeitos indeterminados, como no exemplo 2.

4) A partir de tais premissas, Antos **apresenta** doze teses, dentre as quais gostaria de destacar as seguintes (017)

5) Wittgenstein **mostra** em sua obra Investigações Filosóficas que a função expressivo-representável é inseparável de sua função comunicativa.(033)

6) **Afirma** Gibson e Graham (1996: 28) "que o capitalismo é uma arquitetura ou estrutura de poder que é conferida pela propriedade e pelo controle diretivo ou financeiro".(020)

³⁶ "Análise dos usos da partícula SE em artigos científicos"– tese de doutoramento em andamento (2009).

7) O primeiro Relatório Anual sobre Negociação Empresarial (1994) **revela** que mesmo as mulheres protegidas por acordos registrados e por negociações não-sindicais recebem aumentos salariais menores do que os homens.

O discurso científico objetiva ser neutro e impessoal. O uso de terceira pessoa nos artigos científicos torna possível a inserção de outro participante para fazer relato do discurso de outros estudiosos, como nos exemplos 4, 5 e 6. Ou ainda para destacar outros estudos e pesquisas consagradas na área, como ocorre no exemplo 7. A impessoalização por meio do uso de terceira pessoa camufla o autor, possibilitando o seu distanciamento do objeto central do artigo, ou seja, focando na temática discutida no texto. Por outro lado, a escolha de outro participante pelo autor do artigo tem como intenção fortalecer a temática proposta no texto, diante de trabalhos respeitados na comunidade discursiva.

3.1.1.2 O uso de infinitivo

O uso de infinitivo relaciona-se especialmente ao alto uso de modalidade, que ocorreu em menor ou maior escala com todos os verbos, com exceção do verbo *postular* que não apresentou ocorrência nessa forma. A tabela 3 exhibe os verbos que tiveram ocorrências no infinitivo acima de 45%, dentre as formas em que ocorreram e entre os processos verbais mais frequentes.

Esperava-se também que o uso de infinitivo com esses verbos, que somam 644³⁷ do total de 2.439 ocorrências, estivesse relacionado ao uso de orações reduzidas; porém, após levantamento e análise das orações pude observar que há 101 ocorrências (15,6%) de orações reduzidas de infinitivo com 18 dos 23 verbos analisados, ou seja, 84,4% de uso na forma infinitivo se referem ao uso de modalidade.

Os verbos que não apresentaram uso de infinitivo em orações reduzidas são *dizer, chamar, perguntar, ressaltar e postular*.

Dentre os verbos na forma infinitivo, *comentar* teve o maior percentual de orações reduzidas (66,6%), enquanto *mostrar* teve o menor percentual (5,5%). A tabela 3 lista os verbos com maior número de ocorrências na forma do infinitivo.

³⁷ Ver tabela 1.

	Verbos	1a. Pessoa		3a. Pessoa		Infinitivo		Particípio Presente		Particípio Passado		Total	
		%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.
7	Falar	7,9	11	12,9	18	46	64	9,4	13	23,7	33	100,0	139
9	Explicar	0	0	28,6	36	54	68	0	0	17,5	22	100,0	126
17	Confirmar	0	0	32,4	11	55,9	19	11,8	4	0	0	100,0	34
20	Responder	0	0	37,9	11	48,3	14	13,8	4	0	0	100,0	29
21	Comunicar	0	0	16,7	3	66,7	12	0	0	16,7	3	100,0	18
23	Esclarecer	0	0	0	0	100	16	0	0	0	0	100,0	16
Total		3,0	11	21,8	79	53,3	193	5,8	21	16,0	58	100,0	362

Tabela 3 – Formas verbais com maior ocorrência de infinitivo

A título de comparação das formas verbais mais utilizadas pelos verbos no corpus, vale ressaltar que a segunda forma mais frequente, após o infinitivo, é a terceira pessoa seguida de particípio passado. Vamos aos exemplos dos verbos que apresentaram maior número de ocorrências na forma infinitiva:

8) Desse modo, podemos falar de aspectos abstratos do ambiente social e cultural como se fossem substâncias ou entidades concretas, que têm limites, fronteiras. (011)

9) Ou seja, como poderíamos explicar o fato de que, num texto que, entre outros temas, aborda a rivalidade entre Autor e revisor, é o revisor subversivo e inadequadamente "visível" quem acaba levando a melhor? (037)

10) O que pode confirmar nossa hipótese é o fato de termos sentenças finitas com negação, como observado em (15), repetido em (39). (038)

11) Nessa situação, o produtor deve responder, em seu texto, a uma questão controversa que lhe é colocada pelo próprio jornal. (003)

12) Richman leva em conta apenas as palavras mais usadas de cada língua, ou seja, o vocabulário básico para que os aprendizes possam se comunicar: (015)

Como mostram os exemplos, o uso de modalidade presente nos artigos representa a atitude do interlocutor frente à sua proposição. Há duas noções importantes para o entendimento do conceito de modalidade: compromisso e responsabilidade modais. Um locutor, quando expressa sua atitude em relação à mensagem por meio da modalidade, pode expressar maior ou menor comprometimento no tocante à validade da mensagem que está relatando e maior ou menor responsabilidade pela atitude que assume frente à proposição

apresentada. A estrutura da língua permite ao interlocutor deixar implícito ou explícito o seu compromisso ou responsabilidade, de acordo com a sua intenção.

O uso dos operadores modais de baixo grau como *pode* da modalização mostra o grau de validade da informação, ou seja, o quão provável de ser verdadeira é a proposição apresentada, atribuindo de certa forma ao interlocutor e aos demais participantes do discurso um baixo grau de responsabilidade. Já em relação ao operador modal *deve* da modulação, mostra o quão inclinado está o interlocutor frente à sua proposição, no sentido de exprimir certeza sobre o que está sendo relatado frente ao interlocutor. Isso indica que no artigo científico fala-se em possibilidades, mais que em certezas.

Como mostram os dados na tabela 4, o uso de modalidade é bastante frequente nos textos dos artigos científicos. Se por um lado o uso de modalidade parece favorecer a impessoalização do discurso, por conta da não explicitude do posicionamento do interlocutor, por outro abre também um espaço para a questão da possibilidade na ciência no sentido do que é possível, do que é provável observar ou analisar. Nesse sentido o uso da modalidade parece estar em acordo com o objetivo da ciência: o de estabelecer verdades universais não atreladas a condições específicas nem de tempo, tampouco de observador. Em relação ao uso de reduzidas, vale ressaltar a questão da linguagem da ciência. Para Halliday e Martin (1993:4), não é surpresa o entendimento de que a linguagem empregada pela ciência seja ingenuamente entendida como 'uma ferramenta, ou seja, como um instrumento de expressão de ideias sobre a natureza de processos físicos e naturais'. Os autores (p.12) chamam essa linguagem empregada na construção do discurso científico de "gramática técnica", isto é, o conjunto de determinadas construções gramaticais que se sobressaem, que são mais usadas nos textos científicos em detrimento a outras. Alguns exemplos dessas construções seriam: orações passivas, nominalizações, construções nominais extensas contendo termos preposicionados ou orações encaixadas, inversão na ordem direta das palavras nas frases.

3.1.1.3 O particípio passado

A tabela 4 mostra que o particípio passado é a forma prioritária com *chamar*, *explicitar*, *discutir* e *citar*, todos nessa forma com frequência acima de 45%, dentre os 23 verbos mais frequentes do corpus.

	Verbos	1a. Pessoa		3a. Pessoa		Infinitivo		Particípio Presente		Particípio Passado		Total	
		%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.
4	Chamar	7,9	13	28,7	47	11	18	2,4	4	50	82	100,0	164
10	Explicitar	0	0	22,5	20	18	16	0	0	59,6	53	100,0	89
11	Discutir	0	0	25	22	25	22	4,5	4	45,5	40	100,0	88
14	Citar	0	0	17,3	9	23,1	12	0	0	59,6	31	100,0	52
	Total	3,3	13	24,9	98	17,3	68	2,0	8	52,4	206	100,0	393

Tabela 4: Formas verbais com maior ocorrência de particípio passado

Vejamos alguns exemplos com esses verbos no particípio passado:

13) Infelizmente, nenhum desses ‘apelidos’ foi **explicitado** na coleta. (011)

14) Decorrido o tempo da evidência institucional e o dos grandes questionamentos ideológicos, esse ensino é **discutido** simultaneamente pelas dificuldades empíricas de seu exercício e pelas profundas mudanças teóricas nas ciências humanas em geral e na didática.(033)

15) Este modelo que relaciona funções da linguagem a componentes da comunicação, é o mais conhecido e **citado** no campo dos estudos linguísticos. (001)

16) Decorrido o tempo da evidência institucional e o dos grandes questionamentos ideológicos, esse ensino é **discutido** simultaneamente pelas dificuldades empíricas de seu exercício e pelas profundas mudanças teóricas nas ciências humanas em geral e na didática. (039).

As formas passivas (analíticas e sintéticas) que não explicitam o verdadeiro agente podem se caracterizar como uma constante no corpus, uma vez que a ocorrência predominante de particípio passado indica foco na mensagem, colocando em evidência o objeto de estudo. A norma científica e acadêmica, portanto confere à passiva uma forma de o interlocutor ao mesmo tempo se esconder e aparecer no discurso, dependendo do grau de sua aceitação dentro da academia. Segundo Taschetto (2002:109), dessa maneira “o sujeito atenua a sua presença agindo de acordo com a norma que rege o discurso acadêmico, isto é, privilegiando uma linguagem objetiva de afastamento ou isenção do objeto em estudo”.

Pode-se inferir que o uso de particípio passado remete à questão da objetividade e racionalidade presente no artigo científico. Ao usar a passiva, o locutor enfatiza a ação propriamente dita sem privilegiar o verdadeiro agente dessa ação. Ao tratar da ciência, esse gênero reflete certo ‘apagamento’ do sujeito, tendo em vista que o foco deve ser o fato, como no exemplo 1 – a coleta ‘desses’ apelidos; no exemplo 2 o foco é ‘no ensino’, que se refere à questão da didática; e no exemplo 3, que trata de um modelo em relação às funções da linguagem.

Os exemplos acima não sinalizam a presença do posicionamento do autor, o que não significa dizer que não há argumentos expostos pelo autor nas análises e hipóteses levantadas; porém, o seu distanciamento pode ser usado para assegurar a credibilidade das informações e dos argumentos; ou seja, a atenção está sobre o objeto de análise e não sobre aquele que a faz.

3.1.1.4 O particípio presente

	Verbos	1a. Pessoa		3a. Pessoa		Infinitivo		Particípio Presente		Particípio Passado		Total	
		%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.
1	Dizer	5,2	20	25,1	96	40,5	155	2,6	10	26,6	102	100,00	383
2	Apresentar	6,8	26	52,1	198	8,7	33	3,2	12	29,2	111	100,00	380
3	Apontar	6,5	11	50,9	86	13,0	22	4,1	7	25,4	43	100,00	169
4	Chamar	7,9	13	28,7	47	11	18	2,4	4	50	82	100,00	164
5	Mostrar	0	0	59,9	97	22,2	36	4,3	7	13,6	22	100,00	162
6	Referir	2	3	53,9	82	11,2	17	6,6	10	26,3	40	100,00	152
7	Falar	7,9	11	12,9	18	46	64	9,4	13	23,7	33	100,00	139
8	Afirmar	0	0	56,6	73	34,9	45	8,5	11	0	0	100,00	129
11	Discutir	0	0	25	22	25	22	4,5	4	45,5	40	100,00	88
12	Revelar	0	0	72,7	64	21,6	19	5,7	5	0	0	100,00	88
15	Argumentar	0	0	66,7	26	25,6	10	7,7	3	0	0	100,00	39
16	Perguntar	0	0	57,9	22	34,2	13	7,9	3	0	0	100,00	38
17	Confirmar	0	0	32,4	11	55,9	19	11,8	4	0	0	100,00	34
18	Ressaltar	0	0	47,1	16	29,4	10	8,8	3	14,7	5	100,00	34
20	Responder	0	0	37,9	11	48,3	14	13,8	4	0	0	100,00	29
	Total	4,1	84	42,9	869	24,5	497	4,9	100	23,6	478	100,0	2.028

Tabela 5: Formas verbais com maior ocorrência de particípio presente

17) Apontou, ainda, para a necessidade de desenvolvimento de estudos sobre as línguas de sinais, **discutindo** que, ao se tomar como base a ordem metodológica de investigação linguística proposta por Bakhtin/ Volochinov (1929), os estudiosos das línguas de sinais seriam menos influenciados por conceitos prévios.(004)

18) A autora complementa suas análises **apontando** que as relações referenciais em LSA seguem uma hierarquia determinada discursivamente e, para melhor explicar a dinâmica destas relações, a autora fez uma analogia com a organização espacial das cenas de um filme cinematográfico (004)

19) Antos prefere de textos ,no plural, **ressaltando** que o plural deve sinalizar que cada texto individual, apesar de ou justamente em razão de sua força constitutiva do conhecimento, depende da ativação de outros domínios deste. (017)

O participio presente ocorre com 15 dos 23 verbos. Nota-se que na tabela 5 o número de ocorrências é baixo – somente 4,9% do total de verbos apresentados. O uso de participio presente pode nos levar a algumas possibilidades em relação ao seu uso, em geral referindo-se ao desejo de exprimir uma ação frequentativa, que traz consigo a ideia de continuidade (exemplos 1 e 2). Já no exemplo 3, com o verbo *ressaltar*, o autor do artigo chama a atenção para a justificativa apresentada por ele, pelo discurso relatado de outro participante, uma forma de frisar a importância de se perceber os outros domínios envolvidos na compreensão de um só texto, seja domínio do ponto de vista cognitivo ou outros domínios extralinguísticos. Nos exemplos listados, as informações trazidas para o texto por meio de participio presente referem-se a informações relacionadas à temática do texto e à atitude subjetiva do locutor, uma vez que o desejo de exprimir continuidade nas ações parte de outros participantes e não propriamente do locutor.

A partir do levantamento das formas verbais mais frequentes no corpus dos 23 verbos estudados, o gráfico 2 apresenta as diferenças presentes no Sistema de Modo.

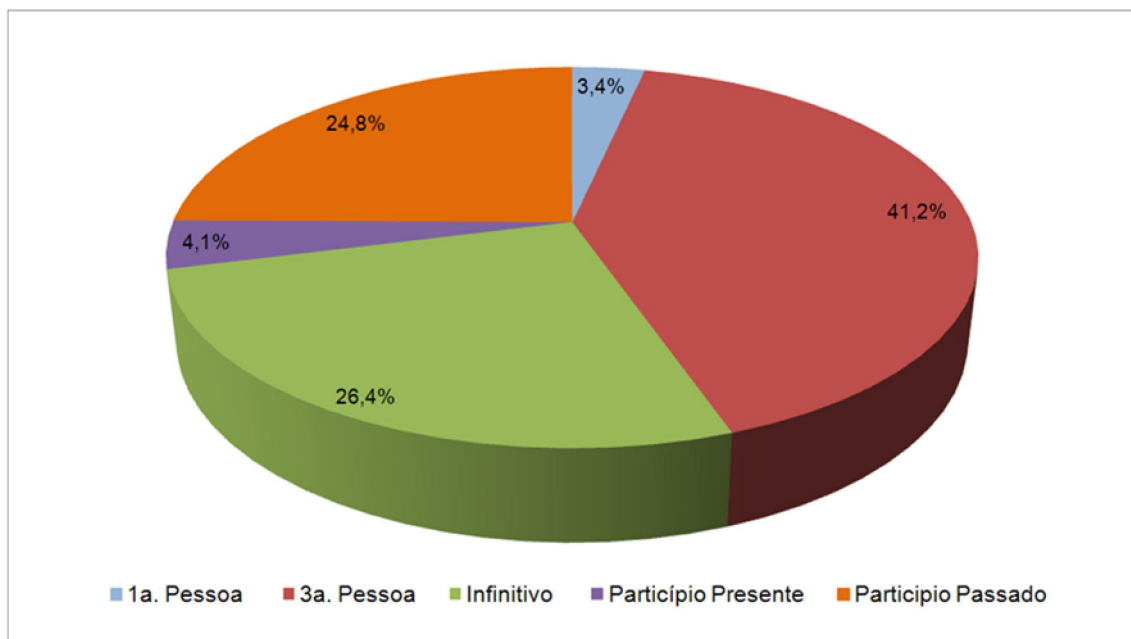


Gráfico 2: As diferenças do Sistema de Modo (formais verbais mais frequentes)

Há no corpus 2.439 ocorrências totais dos verbos analisados. Dentre as formas verbais estudadas, a de maior frequência ocorre no uso de terceira pessoa (41,2%), e a de menor ocorrência no uso de primeira pessoa (3,4%). No que tange às formas nominais, o maior uso se refere ao uso do infinitivo (26,4%), seguido de participio passado com 24,8% e de participio presente com 4,1%.

A tabela 6 apresenta as formas verbais mais frequentes em número absoluto de cada verbo estudado e o percentual total das formas verbais encontradas.

Verbo	1a. Pessoa	3a. Pessoa	Infinitivo	Participio Presente	Participio Passado	Total
Dizer	20	96	155	10	102	383
Apresentar	26	198	33	12	111	380
Apontar	11	86	22	7	43	169
Chamar	13	47	18	4	82	164
Mostrar	0	97	36	7	22	162
Referir	3	82	17	10	40	152
Falar	11	18	64	13	33	139
Afirmar	0	73	45	11	0	129
Explicar	0	36	68	0	22	126
Explicitar	0	20	16	0	53	89
Discutir	0	22	22	4	40	88
Revelar	0	64	19	5	0	88
Expressar	0	37	11	0	14	62
Citar	0	9	12	0	31	52
Argumentar	0	26	10	3	0	39
Perguntar	0	22	13	3	0	38
Confirmar	0	11	19	4	0	34
Ressaltar	0	16	10	3	5	34
Comentar	0	14	12	0	5	31
Responder	0	11	14	4	0	29
Comunicar	0	3	12	0	3	18
Postular	0	17	0	0	0	17
Esclarecer	0	0	16	0	0	16
TOTAL	84	1005	644	100	606	2439
% Total	3,4%	41,2%	26,4%	4,1%	24,8%	100,0%

Tabela 6: Nº de ocorrência por verbo

As 2.439 ocorrências totais estão divididas entre os 23 verbos, como mostra o gráfico 3:

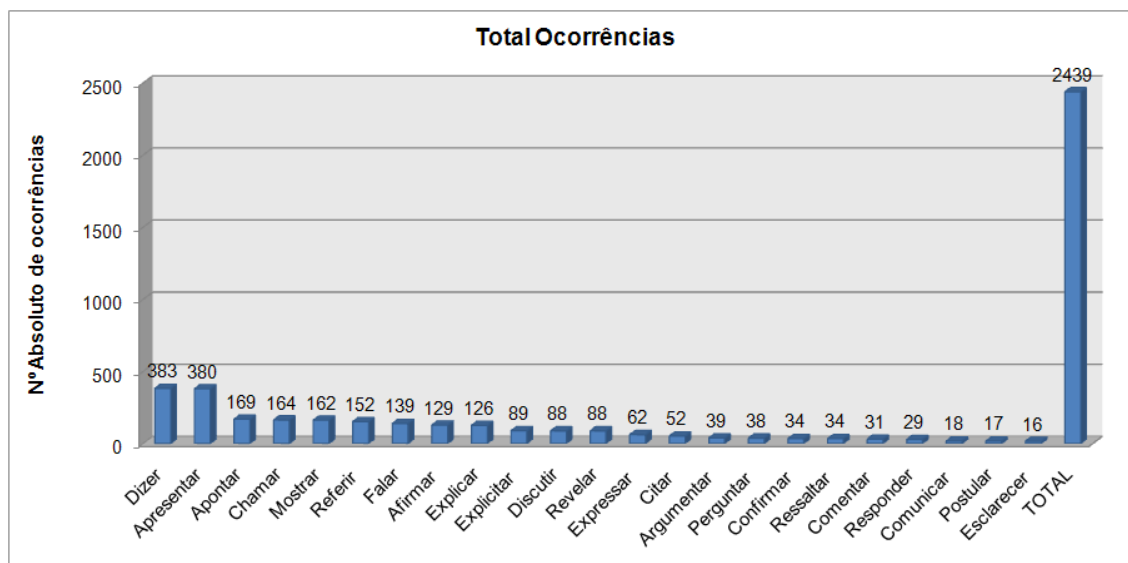


Gráfico 3: Número absoluto de ocorrências totais dos verbos no corpus

O gráfico 3 mostra que, dentre os 23 verbos, o de maior ocorrência é o verbo *dizer* com 383 ocorrências, embora não tenha sido o mais utilizado em terceira pessoa (96 ocorrências). A maior frequência em terceira pessoa ocorreu com *apresentar* (198 ocorrências). Já o verbo *esclarecer* não apresentou ocorrências nessa forma. O uso de terceira pessoa dentre os 22 verbos somou 1.005 ocorrências.

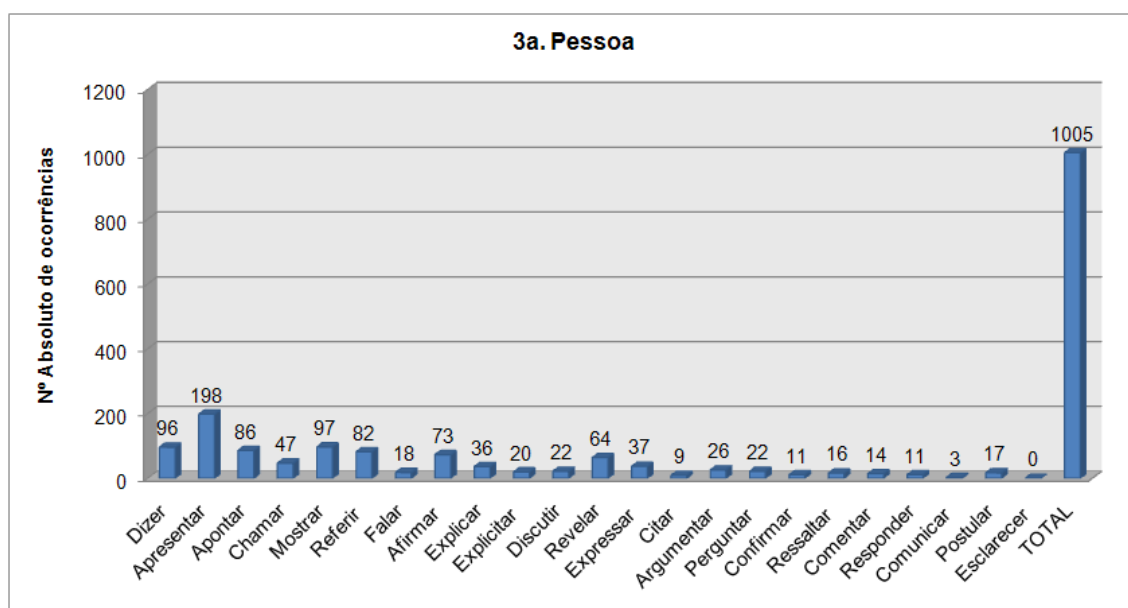


Gráfico 4: Número absoluto de ocorrências em terceira pessoa

Com relação às formas nominais do gráfico 2, o infinitivo apresentou percentual de uso 26,4%, distribuídos nos 22 verbos estudados conforme o gráfico 5.

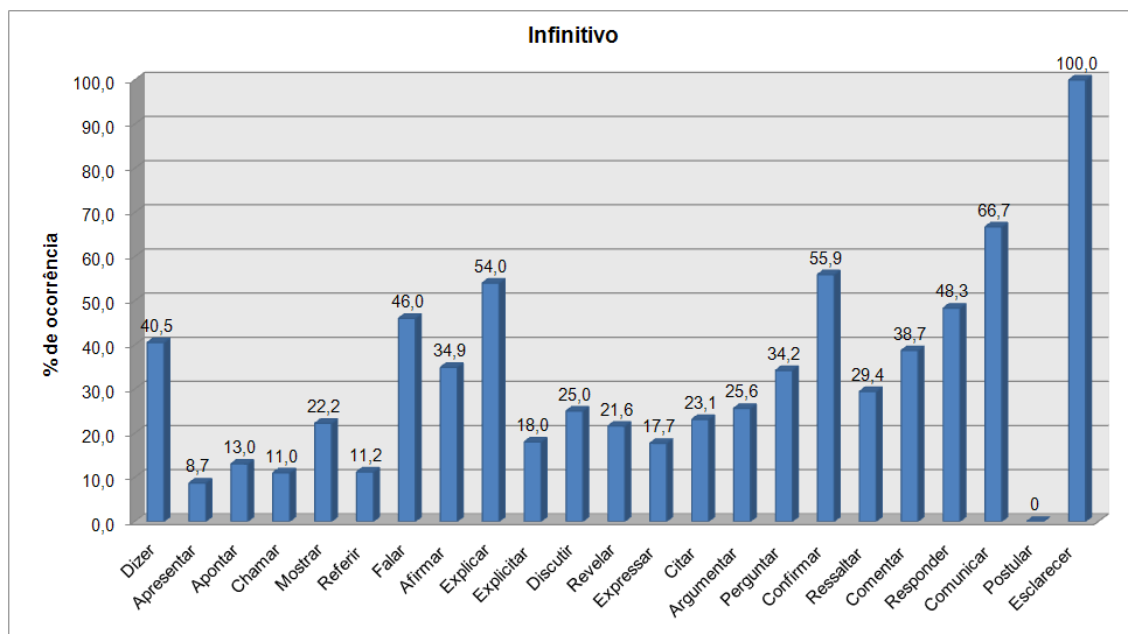


Gráfico 5: Percentuais de ocorrência do infinitivo

Com exceção do verbo *postular*, que não apresentou ocorrências nessa forma, todos os demais verbos apresentaram ocorrência no infinitivo. O verbo *esclarecer* teve 100% de ocorrências na forma infinitiva. Dentre os verbos na forma infinitiva, *comunicar* situou-se na 21ª. posição, com um total de 18 ocorrências de uso na forma infinitiva (66,7%).

O uso dessa forma, que representa 26,4%, refere-se a 644 ocorrências totais e pode estar relacionado ao uso de modal, explícito ou omitido em orações reduzidas. A análise mostrou que 15,6% associam-se a orações reduzidas e 84,4% ligam-se à modalidade nos artigos, em oposição a posicionamentos categóricos nas proposições apresentadas pelos autores.

Em seguida temos o uso de particípio passado com 24,8%, correspondentes ao total de 452 ocorrências distribuídas entre 15 dos 23 verbos analisados.

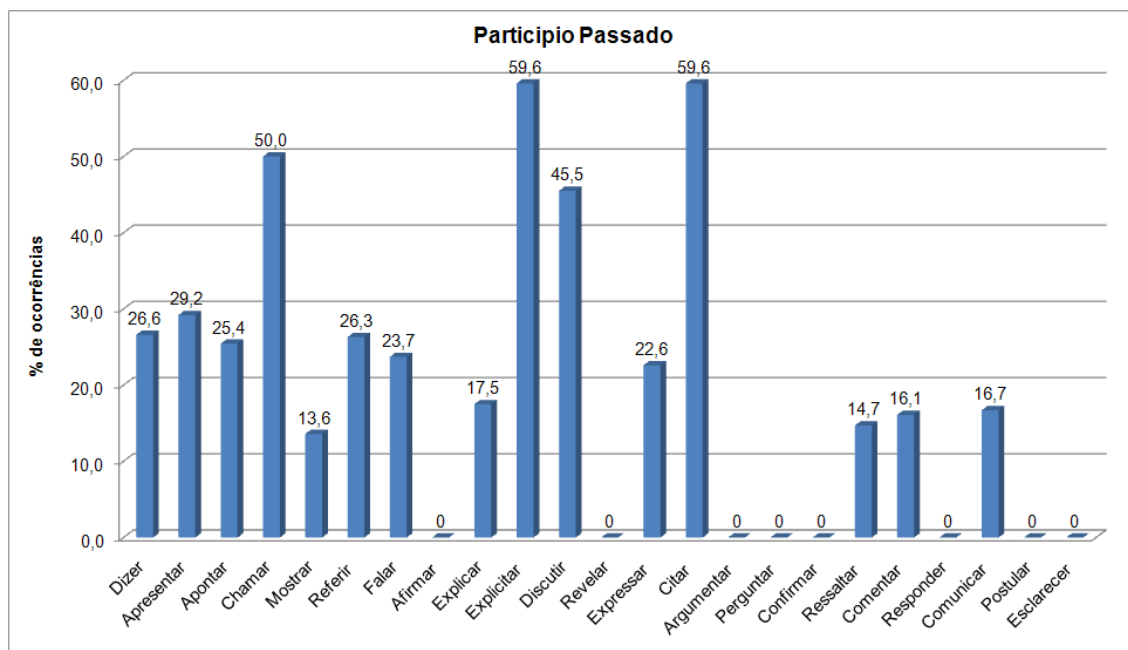


Gráfico 6: Percentuais de ocorrências de participio passado

O participio passado apresentou ocorrência entre 13,6% e 17,5% com 5 verbos, e um uso de mais de 50% nessa forma em 4 dos 10 restantes. Os demais verbos tiveram uma variação entre 22,6% e 29,2%, dados estes que corroboram os achados de Barbara e Macedo (2009) em relação ao apagamento do sujeito nos artigos científicos diante da alta frequência de uso de orações na voz passiva, o que leva a pensar que esse uso possivelmente tem a ver com o valor dado à credibilidade da pesquisa, quando o foco é o próprio objeto de análise e não o seu analista.

O número menor de ocorrências ocorreu com o participio presente e a primeira pessoa, respectivamente totalizando 4,1% (100 ocorrências) com 15 dos 23 verbos e 3,4% (84 ocorrências) com 6 verbos dos 23 verbos estudados. O gráfico 7 agrupa essas ocorrências.

O uso de participio presente apresentou baixa ocorrência em 15 dos 23 verbos analisados, com uma variação entre 2,4% e 13,8%. O restante dos verbos não apresentou uso de participio presente. O uso de primeira pessoa teve um percentual de uso variando entre 2% e 7,9%.

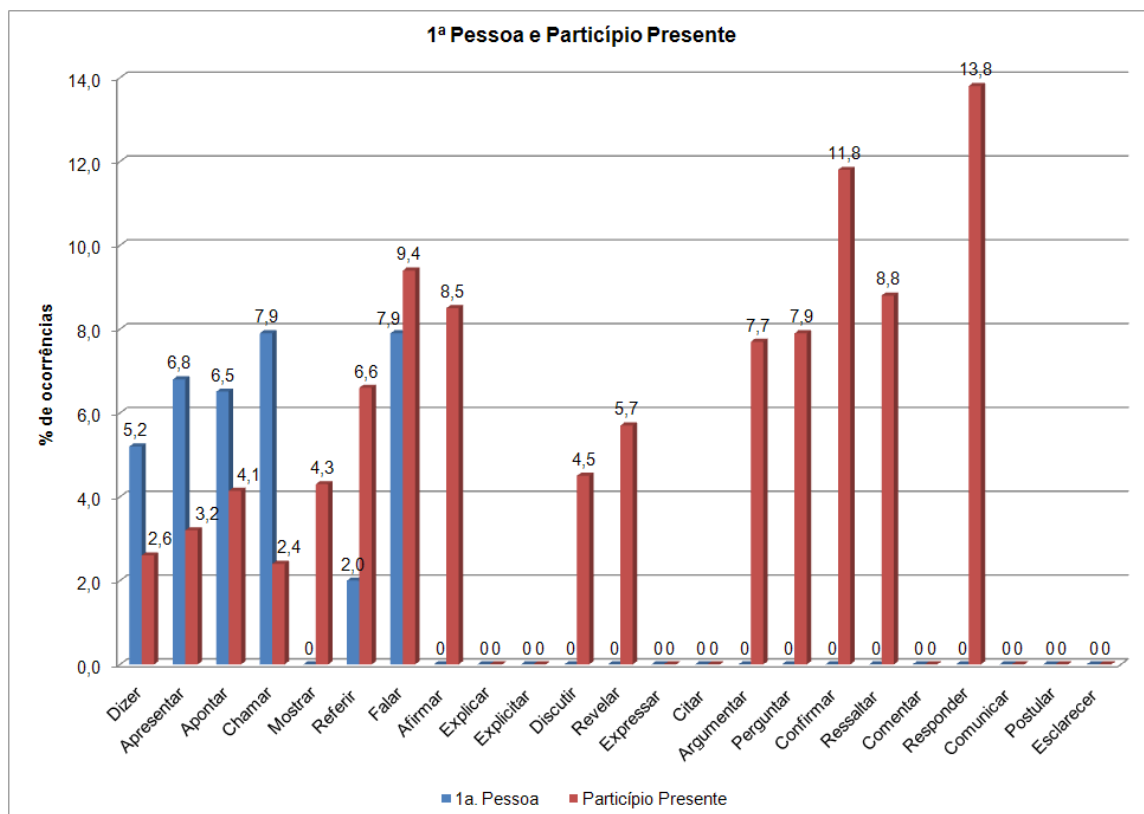


Gráfico 7: Percentuais de ocorrências em primeira pessoa e particípio presente

A pouca ocorrência de uso de primeira pessoa sugere que essa forma tenha sido abandonada pelos autores aqui estudados. Além disso, os verbos dicendi são usados, preferencialmente, para relatar discurso de terceiros ou salientar outros trabalhos.

3.1.2 Estrutura da mensagem

Como dito anteriormente, a partir da observação e discussão da ocorrência dos processos mais frequentes e de suas formas, portanto com considerações sobre o auxiliar e a modalidade conforme resumido na tabela 1 e nos gráficos 2 e 3, passamos para a análise das orações verbais, no intuito de descrever e analisar a forma da mensagem, ou seja, hipotaxe, projeção ou parataxe, ou seja, citação; no caso de verbiagem, se é nominalização ou circunstância de ângulo ou de assunto.

Após a verificação das formas verbais em que os verbos selecionados ocorreram com mais frequência, foram feitas concordâncias com os 22 verbos, os quais desempenharam a função de processo verbal e que apresentaram frequência até (10) no sentido de buscar padrões de realização da mensagem. Os padrões de

realização da mensagem no quadro 1 foram primeiramente apresentados por Barbara e Macedo (2009) em um estudo referente a artigos científicos em áreas distintas sobre verbos de dizer mais frequentes, a saber: *sugerir*, *afirmar*, *propor*, *explicar* e *discutir*. A pesquisa realizada por Barbara e Macedo (Idem) faz parte de três projetos: DIRECT – Em Direção à Linguagem dos Negócios; REDES (em parceria com universidades da Argentina), e SAL-Brasil (Systemic Across Language), em parceria com universidades da China e da Argentina.

1 – (que) (:) (“”) (,)
2- Que (indicativo/subjuntivo)
3-Infinitivo
4-Nominalização ou Circunstância de ângulo ou assunto

Quadro 22: Padrões de realização (p.103)

Segundo as autoras, um conjunto de padrões (1, 2 e 3) corresponde à projeção da mensagem, que pode ser uma citação ou discurso reportado. Na citação temos a reprodução fiel da mensagem, sem alterações. Halliday e Matthiessen (2004:445-446) apontam para o fato de que na escrita a citação é sinalizada por pontuação, que pode se representada por: pronome relativo *que*; dois pontos; aspas; ou vírgula. Já no discurso reportado não há marcas de pontuação e a mensagem sofre algumas alterações em termos de anáfora e quanto ao modo verbal. Uma vez que a oração verbal apresenta o passado simples à oração projetada, esta carrega as características do distanciamento temporal, o que Halliday e Matthiessen chamam de ‘temporal remoteness’ (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004:452); portanto, seria futuro do passado – o passado definido por dizer em ‘Maria disse que (exemplo b) e não o futuro (simples) como no exemplo (a) – ‘Eu vou voltar’.

- a) Maria disse: ‘Eu vou voltar aqui amanhã’.
- b) Maria disse que ela iria voltar lá no dia seguinte.

Ainda segundo as autoras, outro conjunto de realização da mensagem é a verbiagem, que é um participante da oração do processo verbal, e pode ser uma nominalização ou uma circunstância de ângulo ou assunto.

Após a análise pormenorizada das orações verbais e o levantamento de como se realizaram as mensagens nos artigos estudados, sistematizei as estruturas encontradas em um sistema das orações verbais, conforme figura abaixo.

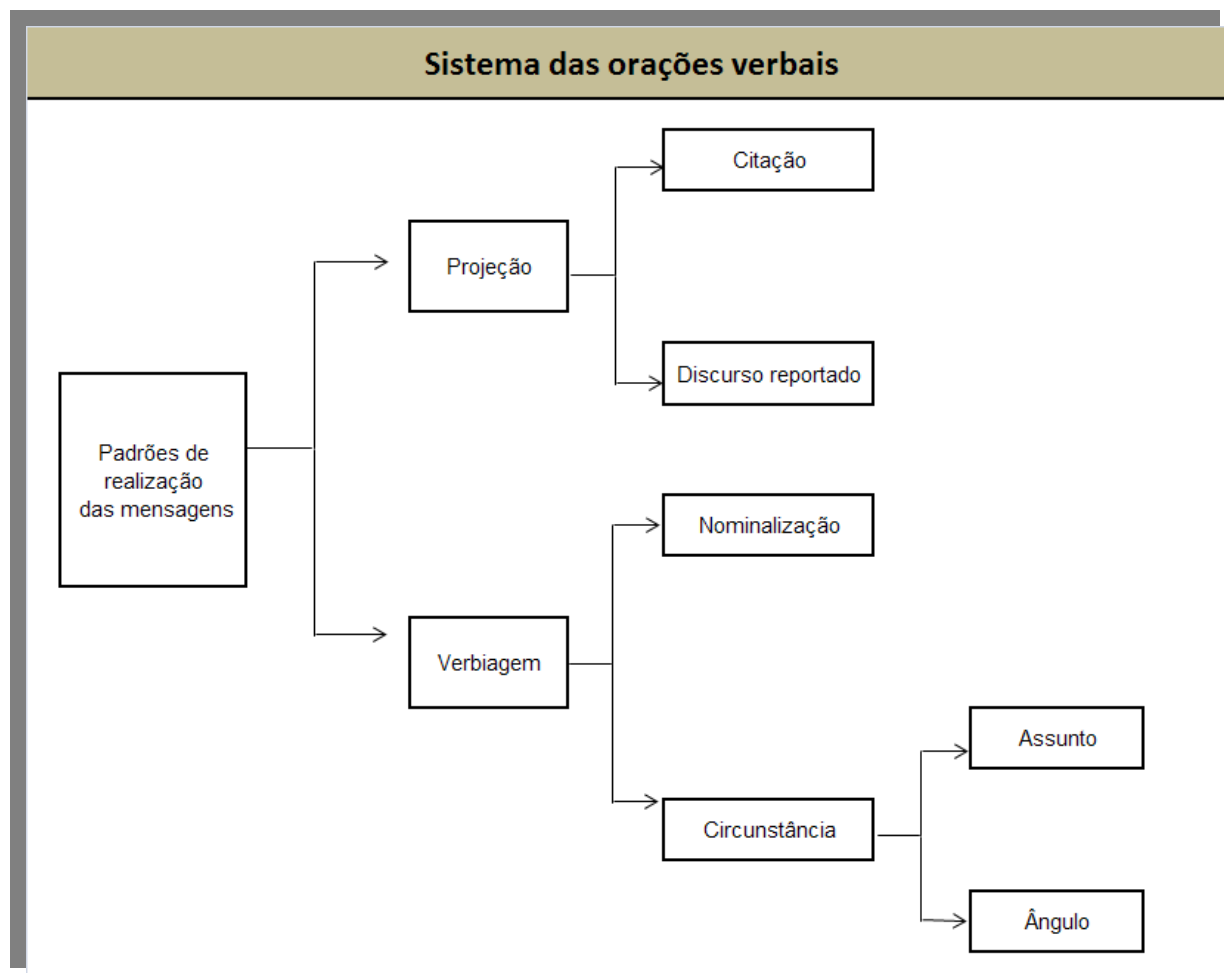


Figura 4: Sistema das orações verbais (Adaptado de HALLIDAY, 2004:302)

Em seguida, passo à quantificação dos padrões de realização das mensagens³⁸. Para chegar à quantificação desses padrões, elaborei listas de concordâncias conforme tabelas 7 e 8.

³⁸ Padrões de realização das mensagens elaborados pelas autoras Barbara e Macedo (2009).

Projeção						
Verbos / estruturas	Discurso reportado		Citação		Total Projeção	
	(que)		(que/) (:) (") (.)			
	%	Nº	%	Nº	%	Nº
Dizer	33,4	128	61,3	235	95	363
Apresentar	0,0	0	0,0	0	0	0
Apontar	0,0	0	14,6	25	15	25
Mostrar	13,2	21	24,9	40	38	62
Referir	0,0	0	0,0	0	0	0
Falar	0,0	0	10,1	14	10	14
Afirmar	62,0	80	30,3	39	92	119
Explicar	5,4	7	4,2	5	10	12
Explicitar	3,9	3	4,7	4	9	8
Discutir	1,1	1	0,0	0	1	1
Revelar	4,0	4	8,8	8	13	11
Expressar	0,0	0	0,0	0	0	0
Citar	0,0	0	32,0	17	32	17
Argumentar	15,9	6	61,6	24	78	30
Perguntar	3,0	1	88,8	34	92	35
Confirmar	0,0	0	17,7	6	18	6
Ressaltar	32,4	11	0,0	0	32	11
Comentar	9,7	3	25,8	8	36	11
Responder	0,0	0	21,6	6	22	6
Comunicar	12,2	2	0,0	0	12	2
Postular	0,0	0	58,9	10	59	10
Esclarecer	34,3	5	0,0		34	5
Chamar	0,0	0	0,0	0	0	0
Total	36,5%	273	63,5%	475		748

Tabela 7: Padrões de realização das mensagens – Projeção

A tabela 7 mostra que a projeção apareceu em 19 dos 23 verbos estudados. Vale ressaltar que *dizer*, *afirmar* e *perguntar* apresentaram mais de 90% de projeção, seguidos de *argumentar* com 78% e *postular* com 59%.

Note-se que, em relação às formas de mensagem, a tendência foi o uso de citação como opção mais frequente – 63,5% das orações verbais. *Perguntar* foi o verbo que apresentou maior número em estruturas de citação (88,8%) e apenas 3%

de orações com discurso reportado com 'que'. *Argumentar* apresentou 61,6% de orações verbais em estruturas de citação, enquanto *dizer* apresentou 61,3%. *Postular* aparece em seguida, com 58,9% das estruturas com citação. Seguem alguns exemplos³⁹ com os verbos que mais apresentaram as suas formas de mensagem em estruturas de citação.

20) Por um lado, o autor responde não ter culpa, essa impossibilidade faz parte da língua, ele a herdou; por outro tem culpa, e conclui o livro **perguntando**: o álibi ainda é inevitável?(035)

21) Butler⁴⁰ **argumenta**: If the temporality of linguistic convention, considered as ritual, exceeds the instance of its utterance, and that excess is not fully capturable or identifiable (the past and the future of the utterance cannot be narrated with any certainty), then it seems that part of what constitutes the 'total speech situation' is a failure to achieve a totalized form in any of its given instances. (Butler 1997:3)(019)

22)“Depois de ter gasto milhões em roupas, eu me sentia inatingível”, ela **disse**. (008)

23) O materialismo **postula que** a história da linguagem, assim como a história em geral, é um movimento resultante do trabalho (lingüístico) dos homens (práxis) em seus diversos estágios de organização social. (033)

Como mostram os exemplos, a citação é usada no sentido de respaldar argumentos e principalmente reportar discursos de terceiros, recurso frequente nos artigos científicos desta pesquisa, cuja própria fala fortalece a proposição apresentada pelos autores, dando credibilidade e autoridade ao trabalho. E de alguma forma isentando o autor da responsabilidade de suas palavras, no sentido de atenuar sua presença, aspecto que em geral rege o discurso científico, privilegiando uma linguagem objetiva no que se refere ao objeto de estudo.

O discurso reportado teve um uso menos frequente nas orações verbais estudadas. Somente 36,5% das orações apresentaram estruturas das mensagens em discurso reportado. A maior ocorrência dessa estrutura ocorreu com o verbo *afirmar*, seguido dos verbos *esclarecer*, *dizer* e *ressaltar*.

A tendência no uso de *afirmar* em estruturas com mensagem sob forma de discurso reportado foi de 62% nos artigos aqui estudados, o que corrobora o

³⁹ Os exemplos seguem a ordem decrescente do percentual de ocorrências, com citação com cada um dos 4 verbos apresentados na tabela 7.

⁴⁰ Butler argumenta: Se a temporalidade da convenção linguística, considerada como ritual, excede a instância superior do seu enunciado, e o excesso não é totalmente capturado ou identificado (o passado e o futuro do enunciado não pode ser narrado com toda a certeza), então parece que parte do que constitui a "situação total de fala" é um fracasso para alcançar uma forma totalizada em qualquer de suas instâncias dadas. (Butler 1997:3) (019).

trabalho de Barbara e Macedo (2009) quanto à ocorrência, em suas análises, de discurso reportado com *afirmar* na ordem de 61,6%. Como dito pelas autoras (Idem), não era esperado o uso de *afirmar* em textos científicos com tão alta frequência, uma vez que declarações de certeza não são bem-vindas na comunidade científica, mesmo em discurso reportado. Independentemente do verbo, o discurso reportado é uma estratégia usada com frequência pelos autores dos artigos científicos para desenvolver seus argumentos e, principalmente, para ocultar a subjetividade, o que de certa forma preserva o estereótipo de objetividade do discurso da ciência. Porém, a baixa incidência do discurso reportado nestes dados, 36,5%, revela que, especificamente nesses artigos de Linguística Aplicada, os autores expõem suas proposições.

O discurso reportado serve, principalmente, como estratégia para introduzir argumentos e também desenvolvê-los. Observemos os exemplos:

24) Visando à negociação salarial do gênero feminino, Martin (1995: 4, apud Gibson e Graham 1996), **diz que** a adoção de procedimentos empresariais tem pouco a oferecer à maioria das mulheres.(008)

25)Grice **afirma que** o significado literal constituiu uma categoria independente do significado do falante.(009). Assim, encontramos em Grice e Searle uma crença na existência de enunciados que sejam completamente independentes do emissor ou da situação de emissão e, portanto, impermeáveis ao discurso.

No discurso da ciência, os autores argumentam a favor de suas proposições baseados em evidências apoiadas em resultados de pesquisas ou em elaborações teóricas. Sendo assim, utilizam o discurso reportado para fazer referências a trabalhos de outros estudiosos da área e, a partir da aceitação ou não das proposições apresentadas, fundamentar o seu posicionamento.

No exemplo (24) o autor, por meio de discurso indireto, mostra a desvantagem em relação à questão salarial no que se refere às mulheres, rejeitando a proposta apresentada para isso. No exemplo (25), o autor apresenta a proposição de um outro estudioso e aceita a argumentação apresentada por Grice, que aparece na oração seguinte quando o autor do artigo confirma sua posição e vai ao exposto pelo estudioso.

Nesse sentido, julgo então que para os autores pesquisadores o valor da inserção de outro participante no discurso é primordial no que se refere à

concordância por parte dos leitores frente às proposições apresentadas, reconhecendo a validade da pesquisa relatada.

A tabela 8 mostra que a maioria absoluta das mensagens com os verbos estudados, a exceção de *falar*, *argumentar* e *perguntar*, são nominalizações; e ainda que, se somarmos as circunstâncias, teremos mais de 80% de verbiagens com 12 dos 23 verbos estudados.

Verbiagem								
Verbos / estruturas	Nominalização		Circunstância				TOTAL Verbiagem	
			Assunto		Ângulo			
	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº
Dizer	1,8	7	3,5	13	0,0	0	5,3	20
Apresentar	90,8	163	7,6	14	1,6	3	100,0	179
Apontar	43,3	73	19,0	32	23,1	39	85,4	144
Mostrar	47,1	76	0,0	0	14,8	24	61,9	100
Referir	53,2	81	36,0	55	10,8	16	100,0	152
Falar	0,0	0	89,9	125	0,0	0	89,9	125
Afirmar	7,7	10	0,0	0	0,0	0	7,7	10
Explicar	90,4	114	0,0	0	0,0	0	90,4	114
Explicitar	86,6	77	4,8	4	0,0	0	91,4	81
Discutir	88,0	77	6,7	6	4,2	4	98,9	87
Revelar	87,2	77	0,0	0	0,0	0	87,2	77
Expressar	82,2	37	6,5	3	11,3	5	100,0	45
Citar	60,3	31	0,0	0	7,7	4	68,0	35
Argumentar	0,0	0	9,6	4	12,9	5	22,5	9
Perguntar	0,0	0	8,2	3	0,0	0	8,2	3
Confirmar	82,3	28	0,0	0	0,0	0	82,3	28
Ressaltar	67,6	23	0,0	0	0,0	0	67,6	23
Comentar	61,2	19	3,3	1	0,0	0	64,5	20
Responder	78,4	23	0,0	0	0,0	0	78,4	23
Comunicar	87,8	16	0,0	0	0,0	0	87,8	16
Postular	41,1	7	0,0	0	0,0	0	41,1	7
Esclarecer	47,0	8	18,7	3	0,0	0	65,7	11
Chamar	63,2	2	36,8	1	0,0	0	100,0	3
Total	72,3%	948	20,1%	264	7,6%	100		1312

Tabela 8: Padrões de realização das mensagens – Verbiagem

Em relação às ocorrências totais das orações verbais, das 1.312 ocorrências totais das estruturas das mensagens sob forma de verbiagem, 72,3% se referem ao uso de nominalização. O uso de nominalização ocorreu com 20 dos 23 verbos. O seu alto uso evidencia o reconhecimento dado à preferência por nominalizações e não ao uso de complexos oracionais com relatos hipotáticos ou citações paratáticas em artigos científicos, um gênero que pressupõe uma linguagem mais elaborada. Eis alguns exemplos com nominalização:

26) Berber Sardinha (1999) **apresenta** uma implementação do procedimento de localização de palavras-chave exclusivas do inglês através da comparação de corpora de estudo com um banco de palavras chave. (041)

27) Portanto, o caráter indireto do discurso **explica** a indeterminação como imanente ao discurso e à língua em uso.(009)

28) A notícia, nestes termos, é concebida como um gênero, pois formata uma ação de linguagem, cujo propósito é **comunicar** a ocorrência de um fato.(001)

Dentre os 20 verbos citados, 16 apresentaram essa estrutura – o uso de nominalização – acima de 45% das orações verbais. Dos 4 verbos restantes, 2 – *apontar* e *postular* – apresentaram percentuais de 43,3% e 41,1%, respectivamente. Os verbos *afirmar* e *dizer* apresentaram baixo percentual de uso com nominalização, respectivamente com 7,7% e 1,8%.

Em relação às circunstâncias de projeção, as de assunto foram as mais utilizadas, com 20,1% de uso. Dentre os verbos estudados, 13 utilizaram circunstância de assunto em 89,9% das orações verbais com *falar*, e 36,0% com *referir*. *Chamar* teve praticamente o mesmo percentual que *referir*, porém com uma grande diferença em números absolutos, pois *chamar* – dentre as ocorrências no corpus – apresentou somente três ocorrências como processo verbal. Os outros verbos apresentaram percentual de uso de circunstância de assunto variando de 3,3% a 19,0%. Para Halliday (2004:263), as circunstâncias podem ser consideradas uma forma de introduzir um participante de forma indireta. Segundo essa visão, os elementos circunstanciais funcionariam como um intermediário que permite a introdução de argumentos de forma indireta. Nos exemplos abaixo, o uso de circunstância de assunto representa o assunto introduzido pelo processo verbal, o equivalente à verbiagem.

29) Desse modo, podemos **falar de aspectos abstratos do ambiente social e cultural** como se fossem substâncias ou entidades concretas, que têm limites, fronteiras. (011)

30) Austin (1976) se propôs **discutir sobre enunciados que não poderiam jamais ser nem verdadeiros nem falsos** - os enunciados performativos. (019)

As circunstâncias de ângulo apareceram em 8 dos 23 verbos. O maior uso em percentual ocorreu com *apontar* – 23,1% - equivalentes a 33 ocorrências. O restante dos verbos apresentou percentuais que variaram de 1,6% a 14,8%. As circunstâncias de ângulo indicam quem forneceu a informação; estão, portanto, relacionadas ao dizente.

31) Conforme apontam Sperber e Wilson: A idéia de que a comunicação é obtida pela codificação de pensamentos na forma de sons está tão arraigada na cultura ocidental que se torna difícil considerá-la uma hipótese e não um fato. (001)

32) Wittgenstein **mostra em sua obra Investigações Filosóficas** que a função expressivo-representável é inseparável de sua função comunicativa. (033)

Após a apresentação da quantificação dos padrões de realização das mensagens, apresento cada um dos processos verbais estudados em ordem decrescente (número de ocorrências totais no corpus), exemplificando-os e discutindo-os.

► DIZER

o verbo *dizer*, prototípico de declaração, teve mais de 60% de orações verbais com citações, isto é, 61,3% (235 ocorrências) e praticamente o não uso de nominalizações. *Dizer* foi o verbo que apresentou estruturas com mensagem sob forma de discurso reportado: 33,4% (128 ocorrências) seguidas das estruturas com verbiagem (5,3%), o que se refere a 20 ocorrências.

- **Oração verbal com citação – mensagem preposta**

a) Citação com aspas + dizente + processo verbal

1) “Depois de ter gasto milhões em roupas, eu me sentia inatingível”, ela disse. (008)

O exemplo 1 é um fragmento de um texto sobre a construção do gênero no discurso da mídia e a temática é ‘mulheres descontroladas’. Quando o autor traz para o seu texto a informação de maneira literal, sem alterações, dá ênfase justamente à informação que corrobora a temática apresentada, justificando a sua

escolha e exemplificando o tema proposto para a discussão, ou seja, o descontrole das mulheres.

• **Oração verbal com discurso reportado**

a) Dizente + processo verbal + que

2) Visando à negociação salarial do gênero feminino, Martin (1995:4, *apud* Gibson e Graham 1996), **diz que** a adoção de procedimentos empresariais tem pouco a oferecer à maioria das mulheres.(008)

b) processo verbal +dizente +que

3) **Diz** Graham e Gibson que, enquanto a teoria pós-estruturalista estaria preocupada com a problematização da fixação da identidade, a teoria marxista focalizava o espaço destinado ao modo de produção ou, mais particularmente, ao capitalismo. (013)

Nos exemplos 2 e 3 os autores trazem para as suas proposições outros participantes que embasam o que está sendo discutido no texto. Os autores orientam o texto no sentido de, por meio das afirmações de outros estudiosos (2) e estudos (exemplo 3), validarem o seu posicionamento e a importância do assunto proposto no texto. Esse fragmento se refere ao texto que traz à discussão a questão do ciberespaço e como este é alimentado aceitando todo tipo de indivíduo e todo tipo de discurso ali depositado. Nota-se que é possível ao autor mostrar o seu modo de percepção da realidade, em comentários aparentemente secundários.

O exemplo (4) é mais um dos casos em que o autor se envolve diretamente com aquilo que afirma através da primeira pessoa do plural. Nesse exemplo, isso acontece literalmente através da retomada de uma afirmação feita em seguida, a qual reforça a sua posição.

4) De fato, tecnicamente, o ciberespaço aceita todos. Qualquer grupo ou indivíduo, não importando sua origem geográfica e social, pode investir na rede por conta própria e difundir nela todo tipo de informação que ache digna de interesse, desde que para isto lance mão de um mínimo de competências técnicas. As facilidades para lançar uma publicação na web são, sem sombra de dúvida, infinitamente maiores do que na mídia tradicional. (022)

► **APRESENTAR**

O verbo *apresentar* mereceu maior atenção durante a análise, pois considerando que sua função é primeiramente a de processo verbal, ele foi o segundo verbo mais usado no corpus de artigos científicos. No entanto, após as concordâncias verificou-se que esse verbo merece uma discussão⁴¹ quanto à sua

⁴¹ A discussão sobre a classificação do verbo *apresentar* será feita após a exemplificação e discussão deste verbo como processo verbal.

classificação e possíveis significados. Como aqui privilegiam-se os processos verbais, vamos aos exemplos do verbo *apresentar* desempenhando essa função.

Ainda em relação ao verbo *apresentar*, a tendência foi usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de verbiagem (100%), sendo que 90,8% referem-se ao uso de nominalização e 9,2% ao uso de circunstâncias.

- **Oração verbal com nominalização**

Dizente + processo verbal + nominalização

5) Berber Sardinha (1999) **apresenta** uma implementação do procedimento de localização de palavras-chave exclusivas do inglês através da comparação de corpora de estudo com um banco de palavras chave. (041)

- **Oração verbal (circunstância de assunto)**

6) As reflexões que ora **apresento** sobre a questão do sujeito podem ser produtivas a ponto de repercutirem em outras noções com que vimos trabalhando numa perspectiva discursiva. (013)

- **Oração verbal (circunstância de ângulo)**

7) A partir de tais premissas, Antos **apresenta** doze teses, dentre as quais gostaria de destacar as seguintes(017)

Nos exemplos 5, 6 e 7 o sentido é claramente verbal, pois *apresentar* aparece com o significado de explicar algo, como no exemplo 5. Nos exemplos 6 e 7 é sinônimo de *expressar*, sendo que no sentido simbólico ambos apresentam, respectivamente, as reflexões e as premissas sob o ângulo linguístico: ‘as reflexões’ no exemplo 6, e no exemplo 7 ‘um outro participante’, consagrado na área, vêm por meio de seus estudos reforçar a discussão e expor via linguagem verbal os seus achados.

Como mencionado, o verbo *apresentar* exigiu maior atenção em relação à sua classificação. Vamos aos exemplos e à discussão dos mesmos.

No exemplo 8, *apresentar* tem um sentido próximo de *mostrar*, pela via da linguagem verbal, os pontos importantes do texto que se referem aos estudos da terminologia clássica, além do posicionamento da autora como uma ressalva sobre o que provavelmente a seu gosto deveria ser entendido como um estudo voltado à terminologia.

8) Ao apresentar o panorama, ou o que poderia ser compreendido como o estado da arte das controvérsias que presidem os estudos teóricos da terminologia, este artigo visa a destacar os principais pontos nevrálgicos sobre os quais o debate se situa.(028)

9) A Tabela 7 a seguir **apresenta** os pontos de corte sugeridos para os vários níveis de significância.(042)

10) Abaixo, **apresentamos** uma ocorrência de ilustração (já apresentada na seção "Composição dos turnos", repetida aqui para comodidade do leitor): (036)

11) Esse artigo **apresenta** uma análise comparativa de partes de dois documentos oficiais que têm por função explícita prescrever o trabalho dos professores: o documento "Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL/SEF, 1998).(020)

12) Essas alternâncias quase sempre **apresentam** uma marca morfológica. Esse é o caso para as construções ergativas nas línguas românicas e nas construções passivas: (032)

Vale ressaltar que foi observado no corpus um grande número de dizentes não conscientes, que normalmente são os dados do corpus ou o objeto de análise do pesquisador: a tabela, a própria análise e os resultados obtidos – como nos exemplos 9 e 11. O exemplo 10 é uma exceção pois há um dizente consciente: ao usar ‘apresentamos’, o autor do texto se inclui na discussão e ao mesmo tempo partilha do texto com o leitor. Observa-se que nos três exemplos (9, 10 e 11), o significado do verbo é próximo de *mostrar*, pôr à vista, e nesse sentido não é verbalizado. Já no exemplo 8 o significado está próximo de *mostrar*, no sentido de *oferecer para ser visto*, pois neste caso ‘as alternâncias’ possuem algo; sendo assim, o fato de possuir já é apresentado aos olhos, ou seja, está visível. Nesse caso, o sentido de *apresentar* está mais próximo de possuir e poderia, portanto, ser classificado como um processo relacional. Na análise com o verbo *apresentar* foi possível perceber que há um alto uso desse verbo substituindo verbos do dizer. O verbo *apresentar* tem vários significados e pode ser utilizado em contextos bastante diversos por não possuir significado específico, facilitando assim a escrita do autor, o qual faz uso de *apresentar* como sinonímia de *dizer*, *expor*, *mostrar*.

► APONTAR

Em relação ao verbo *apontar*, a tendência foi usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de verbiagem (85,4%), sendo que 43,3% se referem ao uso de nominalização e 14,6% a estruturas de citação.

- **Oração verbal com citação**

- a) Citação sem aspas + processo verbal + dizente

13) A história materializa, assim, na voz de um personagem, uma possibilidade de autodescrição que tem se tornado freqüente na contemporaneidade, como **apontado** anteriormente por Bezerra Jr. (cf. Seção 4).(008)

- **Oração verbal com citação**

a) (que) + (“)

14) É nesse processo que Foucault situa o surgimento do saber da Psicologia no tocante às técnicas de investigação e diagnóstico, **apontando que** " todas as ciências, análises ou práticas com radical "psico", têm seu lugar nessa troca histórica dos processos de individualização" (p. 172). (031)

b) (que) mais citação sem aspas

15) A autora complementa suas análises **apontando que** as relações referenciais em LSA seguem uma hierarquia determinada discursivamente e, para melhor explicar a dinâmica destas relações, a autora fez uma analogia com a organização espacial das cenas de um filme cinematográfico (004)

- **Oração verbal com nominalização**

Dizente + processo verbal + nominalização

16) Bateson (1972) **aponta uma indeterminação paradoxal** -_o "duplo vínculo" - como uma forma característica de inúmeras instâncias comunicativas. (009)

- **Oração verbal (circunstância de ângulo)**

17) Conforme apontam Sperber e Wilson: A ideia de que a comunicação é obtida pela codificação de pensamentos na forma de sons está tão arraigada na cultura ocidental que se torna difícil considerá-la uma hipótese e não um fato. (001)

Os exemplos com *apontar* têm como participante dizente humano outros pesquisadores consagrados na área, aspecto bastante recorrente nos artigos analisados. Nos exemplos, temos *apontar* como sinônimo de *mostrar*, o que na LSF configura uma realização de processo verbal, evidenciando a participação do outro no complemento da proposição do autor do artigo.

► MOSTRAR

Em relação ao verbo *mostrar*, a tendência foi usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de verbiagem em total de 61,9%, (100 ocorrências), sendo 47,1% (76 ocorrências) com o emprego de nominalização, 14,8% ligados a circunstâncias (24 ocorrências), 24,9% (40 ocorrências) a estruturas de citação e 13,2% (21 ocorrências) a estruturas com mensagem sob a forma de discurso reportado.

- **Oração verbal com citação**

a) Processo verbal + dizente + (:)+ (“)

18) Os dois lados da janela (e do arquivo) estabelecendo conexões, passagens e deslocamentos, instalam sentidos de trânsito, possibilitando fugidios movimentos de recortes plásticos e inscrições verbais, pois, como **mostra** Marcuschi (1999): "O hipertexto se caracteriza, pois, como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço".(022)

b) Dizente + processo verbal + que + (,.)

19) Com uma análise da trajetória do termo 'performativo' nos trabalhos de Austin, Rajagopalan (1989) procura **mostrar** que, após o abandono da dicotomia 'constativo/performativo', o termo 'performativo' para Austin torna-se predicado para qualquer enunciado, e portanto, para a linguagem em geral. (019)

No exemplo 18 há a inserção de outro participante no discurso, trazido pelo autor do texto, que desempenha dois papéis na mensagem, o primeiro de esclarecer o tema abordado no artigo previamente apresentado pelo autor, ou seja, 'o conceito de hipertexto'; e o segundo o de também o papel de 'argumento de autoridade', ratificando a proposição do autor. No exemplo 19 a situação é um pouco diferente. O autor tem como proposta do artigo discutir 'a visão performativa da linguagem' e reforça a ideia de que há mais de 10 anos vem discutindo essa questão em relação às teorias feministas da relação corpo e linguagem. Desse modo, o autor propõe um esclarecimento sobre o posicionamento de dois estudiosos consagrados na área no que tange às discussões sobre linguagem, por julgar necessário estabelecer, a partir de outros estudos, um posicionamento sobre o que considera como gênero feminino – uma representação social ou uma questão de identidade. De certa forma, no exemplo 19 o autor compõe o perfil, do ponto de vista teórico de um estudioso, no caso Rajagopalan, o que auxilia na composição dos argumentos do próprio autor do artigo e contribui para tornar positivo aos leitores o perfil abordado.

- **Oração verbal seguido de discurso reportado**

20) O referido trabalho (Venn 2000: 17-19) **mostra** que, a modernidade, diferentemente de qualquer outro período da história, afetou o mundo todo, por meio de narrativas seculares, constituindo uma conjunção do capitalismo, colonialismo e modernidade. (030)

No exemplo 20 a oração projetada possui processo material *afetar*, referindo-se ao exercício de influenciar o mundo, isto é, provocando mudanças. O autor do artigo se refere à questão de que ocidentalizar o mundo é um projeto da modernidade, que envolve a criação de novas subjetividades, portanto novas posturas. O autor do artigo, como é esperado em artigos científicos, traz para o texto o trabalho de estudiosos consagrados na área a fim de fortalecer o seu próprio texto e a temática apresentada, quando se refere ao 'o referido trabalho (Venn, 2000:17)'.

a) processo verbal + que+ indicativo

21) Os dados de Alves (1995, 1996, 1997), (Alves, Magalhães & Pagano 2001) e (Alves & Gonçalves, 2003) **mostram** que as verbalizações retrospectivas são capazes de destacar de forma mais detalhada relatos processuais que refletem aspectos inferenciais e contextuais relevantes para a solução de problemas e tomadas de decisão em tradução. (016)

Os exemplos 20 e 21 possuem entidades concretas como participantes dizentes não conscientes – são os próprios trabalhos mencionados, representados pelos dados extraídos de três trabalhos da área. O que evidencia que entidades ou fatos também nos dizem algo.

Novamente o autor traz para o texto, como forma de ratificar os seus achados, o suporte estatístico e teórico de autores consagrados da área, neste caso de Tradução. Temos, nos exemplos 22 e 23 abaixo, o uso recorrente da presença de estudos e autores que apoiam, por meio de suas pesquisas, as temáticas apresentadas pelos autores nos artigos estudados.

- **Oração verbal com nominalização**

22) Ou seja, o caráter enunciativista da teoria autopoietica também **mostra** a redefinição da noção de comunicação. (019)

- **Oração verbal (circunstância de ângulo)**

23) Wittgenstein **mostra** em sua obra Investigações Filosóficas que a função expressivo-representável é inseparável de sua função comunicativa.(033)

► REFERIR

As estruturas de mensagem com o verbo *referir* aparecem sob a forma de verbiagem com 100% (152 ocorrências), sendo que 53,2% (81 ocorrências) se referem ao uso de nominalização e 46,8% (71 ocorrências) ao uso de circunstâncias.

- **Oração verbal com nominalização**

24) A primeira pesquisa segundo as linhas descritas acima **refere-se** à análise das escolhas léxico-gramaticais de um texto de jornal publicado no jornal The New York Times. (041)

- **Oração verbal (circunstância de ângulo)**

25) Eggs **refere-se** ao ethos através do termo grego epieíkeia, com o sentido de honestidade: (029)

- **Oração verbal (circunstância de assunto)**

26) Embora Grice se **refira** aos contextos “extralingüísticos” e ao conhecimento de mundo dos falantes, ele não oferece elementos para analisá-los.(009)

O exemplo 24 tem o verbo *referir* no sentido de contar sobre determinado tipo de análise feita, portanto um processo verbal. A título de exemplificação, o autor do artigo traz a fonte dessa primeira pesquisa. A segunda pesquisa, segundo o próprio autor, foi realizada no Brasil e disponibilizada na UOL. O objetivo do artigo é verificar e analisar aspectos léxicos em textos jornalísticos e publicitários. Ao utilizar a fonte do jornal americano, o autor não teve a intenção de ratificar o que vem tratando no texto, mesmo porque esse exemplo foi retirado da discussão dos dados. Na verdade, ao colocar o contexto do jornal americano o autor esclarece ao leitor os procedimentos adotados para o estudo; finalmente, ele cita um dos dois contextos utilizado para a pesquisa.

Nos exemplos 25 e 26 o processo verbal *referir* tem o sentido de citar, como quando a autora (em 25) esclarece o conceito de *ethos*. Já no exemplo 26 o autor do artigo cita os estudos de autor consagrado, porém também se posiciona diante do fato de que, apesar dos estudos, *Grice* não oportuniza – pelo menos para o autor do artigo – as formas de utilizá-los nas análises. Resta aqui, então, somente a menção de um estudo consagrado na área, que obviamente ratifica o próprio artigo mas que não surte grandes resultados para o autor no que se refere a encaminhamentos da sua pesquisa.

Passemos agora à análise detalhada de mais seis verbos que apresentaram mais de 80% de suas mensagens em estrutura de verbiagem.

► FALAR

As estruturas de mensagem com o verbo *falar* aparecem sob a forma de verbiagem com 89,9% (125 ocorrências), referindo-se ao uso de circunstâncias, e com 10,1% em estruturas de citação, equivalente as 14 ocorrências.

- **Oração verbal com citação**

a) Dizente + processo verbal + citação sem (que), (:)(“) e com (,)

27) Antos prefere **falar** de textos, no plural, ressaltando que o plural deve sinalizar que cada texto individual, apesar de ou justamente em razão de sua força constitutiva do conhecimento, depende da ativação de outros domínios deste (preconcebidos, ativação de pressuposições, inferências, saber intertextual etc.) (017)

No exemplo 27 e em minhas análises, observei que nas orações verbais há um uso recorrente, especialmente quando traz outro participante para o discurso, de

compor a ideia do autor do texto no sentido de contribuir para o próprio argumento do autor.

- **Oração verbal (circunstância de assunto)**

28) Desse modo, podemos **falar** de aspectos abstratos do ambiente social e cultural como se fossem substâncias ou entidades concretas, que têm limites, fronteiras. (011)

O uso de circunstância de assunto foi bastante alto – 89,9%. Esse uso justifica-se pelo próprio significado do verbo *falar*, no sentido de manifestar suas ideias por meio de palavras sobre algo, e que também parece ser uma estrutura mais erudita, uma vez que foi bastante utilizada nos artigos estudados. O que mais se percebe no corpus é o uso do verbo *falar* no sentido de falar de ou sobre algo, como no exemplo 28.

► AFIRMAR

O verbo *afirmar* apresentou características diferentes em relação à estrutura da mensagem. A tendência foi a de usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de discurso reportado em 62,0% (80 das 129 ocorrências totais), seguidas de 30,3% (39 ocorrências) com estruturas de citação e apenas 7,7% (10 ocorrências) associadas ao uso de nominalização.

- **Oração verbal com citação**

a) Dizente + processo verbal +(:) + citação com aspas

29) Sobre isso Pêcheux (1982: 55/56) **afirma**: "o discursivo informaticamente marcado sob a forma dos 'dados textuais' não tem, efetivamente, a mesma relação nos procedimentos lógico-matemáticos que este outro tipo de dados, de natureza quantitativa, utilizados em economia, em demografia, em história etc.". (034)

b) Dizente + processo verbal + que + (')

30) Bowker (Bowker, 2000:19), por exemplo, **afirma que** 'the use of corpora in the discipline of translation is enjoying increased popularity'. (041)

- **Oração verbal com discurso reportado**

a) Dizente + processo verbal + que

31) Grice **afirma que** o significado literal constituiu uma categoria independente do significado do falante.(009)

- **Estrutura híbrida (mensagem mixando discurso reportado e citação com aspas)**

32) Bakhtin (1954) também toca esse ponto, quando **afirma que**:

“As formas do gênero às quais modelamos nossa fala se distinguem substancialmente das formas da língua, do ponto de vista de sua estabilidade e de suas leis normativas para o

locutor. De um modo geral, elas são mais maleáveis, mais plásticas e mais livres do que as formas da língua." (p. 302) (001)

- **Oração verbal com nominalização**

33) A referida distância, no entanto, não impede Bardin de **afirmar** a existência de estreitos laços entre, por exemplo, a análise automática do discurso e o território da análise de conteúdo. (043)

Como já comentado, *afirmar* apresentou um alto uso tanto de discurso reportado quanto de citações, provavelmente porque esse verbo tem um sentido próximo a 'declarar com certeza' ou 'assegurar', sendo usado no sentido de reportar discursos de outros estudiosos reverenciados na área científica, portanto apropriado no uso de citações ou mesmo de discurso reportado. Em todos os exemplos o verbo *afirmar* é usado nesse sentido, seja para reforçar o argumento do autor sobre o tema proposto em seu artigo, como nos exemplos 29 a 33, ao trazerem outro participante para o discurso; seja para ratificar e esclarecer a veracidade das teorias envolvidas no artigo, como no exemplo 33.

► EXPLICAR

As estruturas de mensagem com o verbo *explicar* aparecem sob a forma de verbiagem com 90,4% (114 ocorrências), todas associadas ao uso de nominalização. Apenas 4,6% das orações apresentaram estrutura da mensagem sob a forma de discurso reportado, e 4,2% com estruturas de citação.

- **Oração verbal com citação**

a) Dizente + processo verbal+que + citação sem aspas

34) O autor **explica** que o projeto dos poetas negros, ciente disso, faz uma releitura destas instituições, (...) revelando, com certa ironia, seu erotismo camuflado. (Cutí 2000:279) (003)

- **Oração verbal com discurso reportado**

Dizente + processo verbal + que

35) Esse autor considera essa definição como inaugural dos estudos da literatura(...). Talvez baseado em Wellek(1978:17-18) que **explica** que apareceu o termo 'belas artes'.

- **Oração verbal com nominalização**

36) Portanto, o caráter indireto do discurso **explica** a indeterminação como imanente ao discurso e à língua em uso.(009)

Nas ocorrências com dizente consciente, como ocorre nos exemplos 34 e 35, o que prevalece é outro participante no discurso, estabelecendo uma relação

dialógica no texto especialmente quando se referem a outros autores. No exemplo 36 temos participante-dizente não consciente. O autor do texto faz uso de outras pesquisas, outros estudos e questões referentes ao tema do texto para explicar o que é proposto por este. Neste caso não há ocorrência de outro participante, porém de alguma forma existe a preocupação dos autores dos artigos em se ancorar a trabalhos de outrem no sentido de sustentar os seus temas e/ou achados.

No exemplo 35 vale ressaltar que o autor do artigo traz como subsídio para a sua proposição a proposta mencionada, porém faz uma ressalva a respeito dos problemas que o próprio autor apresentou antecipadamente. De alguma forma, essa atitude promove uma aproximação do leitor, quando o autor deixa claro que há uma intenção de esclarecer questões relativas ‘aos estudos da literatura’, mas que há também questões ainda a serem revistas. Dessa forma, o autor do artigo acaba desmistificando a questão de que a pesquisa, ou pelo menos esta pesquisa, tudo responde, e que na ciência há uma única verdade.

► EXPLICITAR

Em relação ao verbo *explicitar*, a tendência foi a de usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de verbiagem – 91,4%, (81 ocorrências), sendo 86,6% (77 ocorrências) ligados ao uso de nominalização e 4,8% (4 ocorrências) ao uso de circunstâncias; 4,7% (4 ocorrências) em estruturas com citação e 3,9% (3 ocorrências) em estruturas com mensagem sob a forma de discurso reportado.

- **Oração verbal com citação**

37) Nesta segunda parte, o meu esforço está dirigido a **explicitar** que a relação literatura/LNM que está sendo proposta não visa a ensinar uma a partir da outra. (039)

- **Oração verbal com discurso reportado**

a) Dizente + que + (,) + oração hipotática condicional posposta ao processo verbal

38) A seguir, no item 2, **explicitamos** que, se o homem da razão não pode corresponder ao que se persegue como modo de produção de subjetividade, tampouco encontraremos a resposta que buscamos nos modelos inaugurados por Marx e Freud, por intermédio de uma certa concepção de ideológico e de inconsciente que se tornou hegemônica a partir dos trabalhos de Althusser, em sua releitura de Marx, e de Lacan, em relação a Freud.

- **Oração verbal com nominalização**

39) Essa relação **explicita** a contradição dialética entre forma e sentido no uso da linguagem.(039)

No exemplo 37 o autor de alguma forma se posiciona frente à temática apresentada e frente ao seu possível leitor, quando dá ênfase à proposta de esclarecer qual a relação sobre linguagem que se propõe a discutir. Sem dúvida, o autor estabelece uma relação dialógica com o leitor e um comprometimento frente ao texto. O exemplo 38 mostra situação semelhante no que se refere ao posicionamento e comprometimento do autor frente ao texto e ao leitor, quando – com o uso da primeira pessoa do plural – convida o leitor a partilhar da discussão proposta no artigo. No exemplo 39 há a inserção de um participante não humano que se refere à questão teórica discutida no artigo, o que de certa forma mostra a presença do ‘eu’ do autor, ao optar por citar o tema discutido por meio do verbo ‘explicitar’, no sentido de que ‘explicitar’ sugere esclarecimento, possivelmente maior possibilidade de compreensão do leitor.

► DISCUTIR

As estruturas de mensagem com o verbo *discutir* aparecem sob a forma de verbiagem com 98,9% (87 ocorrências), sendo 88,0% (77 ocorrências) associados ao uso de nominalização, 10,9% (10 ocorrências) referentes ao uso de circunstâncias e 1,1% (1 ocorrência) com mensagem sob a forma de discurso reportado. No caso de *discutir*, a maioria absoluta das mensagens são nominalizações, e se acrescentarmos o uso de circunstâncias teremos quase 100% de verbiagens. Isso corrobora os achados de Barbara e Macedo (2009) no que tange ao verbo *discutir*. No corpus analisado pelas autoras, o verbo *discutir* apresentou 92% no uso de nominalizações e 6,4% com circunstâncias, além de 1,4% de estruturas de mensagem sob a forma de discurso reportado.

Como dito pelas autoras (Idem), o verbo *discutir* pressupõe troca dialógica, posto que necessariamente haverá um posicionamento do dizente em relação à proposição bem como um posicionamento do receptor, mesmo que este não esteja explícito na relação; sabemos, porém, que do outro lado há um possível leitor que se propõe ou não a discutir os temas abordados nos artigos, como ocorre nos exemplos abaixo. No exemplo 40 temos a questão da troca dialógica reforçada pelo modal *poder* – *podemos*, ou seja, *nós*, sugerindo o envolvimento do autor e o convite ao leitor. Nos exemplos que se seguem – 41, 42 e 43 – os autores retomam outros estudos e estudiosos, não evidenciando assim a certeza do envolvimento dos

autores dos artigos mas sim uma coparticipação, juntamente com outros participantes e trabalhos trazidos para o texto.

- **Oração verbal com nominalização**

40) Assim como no caso das crianças em fase de construção de sua identidade social, podemos **discutir** as questões identitárias inerentes, por exemplo, à carta da guarda municipal: em que medida a incorporação total parcial do ethos interfere na identidade social da guarda municipal? (029)

- **Oração verbal com discurso reportado – mensagem posposta**

a) Estrutura híbrida (discurso reportado seguido de citação sem aspas com (,))

41) Apontou, ainda, para a necessidade de desenvolvimento de estudos sobre as línguas de sinais, **discutindo** que, ao se tomar como base a ordem metodológica de investigação lingüística proposta por Bakhtin/ Volochinov (1929), os estudiosos das línguas de sinais seriam menos influenciados por conceitos prévios.(004)

- **Oração verbal (circunstância de assunto) – mensagem posposta**

42) Austin (1976) se propôs **discutir** sobre enunciados que não poderiam jamais ser nem verdadeiros nem falsos – os enunciados performativos. (019)

- **Oração verbal (circunstância de assunto) – mensagem posposta**

43) Para alcançar esse propósito, o artigo **discute**, à luz da Análise de Discurso Crítica, os seguintes tópicos: a construção social da identidade da mulher: o papel do sujeito; a tecnologia e a mídia como agentes fragmentadores da identidade da mulher, etc..(020)

► REVELAR

Em relação ao verbo *revelar*, a tendência foi usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de verbiagem, totalizando 87,2%, (77 ocorrências) com o uso de nominalizações, 4% (4 ocorrências) associados ao uso de discurso reportado e 8,8% (8 ocorrências) aliados ao uso de estruturas com citação.

O número de participantes dizentes não conscientes prevaleceu de forma massiva sobre o de dizentes conscientes com o verbo *revelar*. Vale lembrar que é mais típico neste corpus o dizente apresentar-se tal qual em todos os exemplos apresentados, os quais representam fatos concretos como “esse dado”, e em outros estudos como a “observação empírica do português falado”, ‘as pesquisas’ e o ‘Primeiro Relatório Anual’, o que sugere que buscar em outras fontes confere ao que é comunicado uma autoridade maior e possível confiabilidade do leitor em relação ao texto e às informações nele contidas. É interessante perceber que a escolha de um ou de outro verbo dicendi para introduzir outro participante dá margem à geração de diferentes efeitos de sentido. Sendo assim, quando insere o outro no intuito de

subsidiar, atenuar ou fortalecer sua posição, a função do autor como sujeito do discurso é preservada, pois com 'revelar' há certa demonstração de distanciamento do autor a partir do momento que 'quem revela' são 'os dados', 'as observações', 'as pesquisas'.

- **Oração verbal com nominalização**

44) Esse dado **revela** a imbricação de uma relação cronológica na relação de implicatividade estabelecida entre os fatos.(014)

- **Oração verbal com citação**

a) Dizente (não consciente) + processo verbal+que + citação sem aspas

45) A observação empírica do português falado **revela** que a negativa pós-verbal ocorre, preferencialmente, como resposta as perguntas diretas. (024)

b) Dizente (consciente) + processo verbal+que + citação sem aspas

46) As pesquisas de Bowerman (1978) e Nelson (1982) **revelam** que os referentes que são rotulados através da superextensão ,têm ao menos um traço em comum, embora estudos recentes demonstrem que o fenômeno pode resultar de uma variedade de outros fatores.(021)

- **Oração verbal com discurso reportado**

a) Dizente (não consciente) + processo verbal + que+ indicativo

47) O primeiro Relatório Anual sobre Negociação Empresarial (1994) **revela** que mesmo as mulheres protegidas por acordos registrados e por negociações não-sindicais recebem aumentos salariais menores do que os homens. (02)

► EXPRESSAR

O verbo *expressar*, como o verbo *apresentar*, mereceu maior atenção durante a análise pois, considerando que sua função primeira é a de processo verbal, observa-se que das 62 ocorrências totais no corpus, somente 45 ocorrências se referem a esse verbo como processo verbal. Como aqui estou tratando dos processos verbais, vamos aos exemplos do verbo *expressar* desempenhando essa função, e em seguida passaremos a discutir outros possíveis significados. Em relação ao verbo *expressar*, a tendência foi usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de verbiagem em 100%, (45 ocorrências), sendo que 88,7% (40 ocorrências) ligam-se ao uso de nominalizações e 11,3% (5 ocorrências) ao uso de circunstâncias.

No exemplo 48 há um dizente não consciente. Nos exemplos abaixo, o verbo *expressar* apresenta significado próximo de *dar a entender ou conhecer por palavras*; por isso é considerado aqui como verbal (como no exemplo 48),

esclarecendo linguisticamente os problemas discutidos no artigo sobre o sistema educacional. No exemplo 49, a perspectiva de Fairclough é apresentada linguisticamente, por meio de palavras. No exemplo 52, 'se expressa nas interações face a face', se refere à expressão da linguagem em uma interação face a face, como se dá a produção da linguagem nessas condições; portanto, é um processo verbal.

- **Oração verbal com nominalização**

48) O primeiro desses níveis é o do sistema educacional, isto é, do conjunto de instruções oficiais e de textos que **expressa** às expectativas das sociedades em relação às questões educacionais.(007)

- **Oração verbal (circunstância de ângulo)**

49) Esta pesquisa alinha-se, portanto, com essa perspectiva **expressa** por Fairclough. (006)

Como já mencionado, o verbo *expressar* exigiu maior atenção em relação à sua classificação. Vamos aos exemplos e à discussão dos mesmos. Nos exemplos 50 e 51 vê-se *expressar* mais próximo do sentido de representar algo, materializando os dados mas não por meio da linguagem e do contexto, no sentido de tornar visível algo aos olhos, expor visualmente, mas não por palavras; nesse sentido, é um processo material. Já no exemplo 52 o verbo *expressar* no fragmento 'e se expressa nas interações face a face' remete à sociolinguística, ou seja, a sociolinguística internacional é expressa nas interações face a face, portanto com sentido de processo relacional.

50) Em síntese, os limites de alcance da TGT **expressam** o apagamento dos aspectos comunicativos e pragmáticos, inerentes ao léxico das linguagens especializadas.(028)

51)O enquadre **expressa** o contexto tanto como "situação" como quanto "conhecimento". (009)

52) Em linhas gerais, a sociolinguística interacional coloca o conhecimento sócio-cultural-cognitivo que se constrói e se **expressa** nas interações face a face como foco central da análise. (009)

► CITAR

Em relação ao verbo *revelar*, a tendência foi usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de verbiagem em 68,0%, (35 ocorrências), sendo 60,3% (31

ocorrências) em relação ao uso de nominalizações, 7,7% (4 ocorrências) ligados ao uso de circunstâncias, e 32% (17 ocorrências) em estruturas de citação.

Com *citar* a opção dos autores foi recorrer a outros estudiosos consagrados na área, como dito durante a análise dos processos verbais. Esta prática é comum em artigos científicos e não poderia ser diferente aqui, em se tratando desse gênero. O uso de nominalizações com *citar* sugere a preocupação em usar este verbo em uma linguagem mais elaborada, visto que quase a totalidade de suas ocorrências se refere a esse uso.

- **Oração verbal com nominalização**

53) Hopper & Traugott (1993:58) também **citam** o desenvolvimento da negação em francês como exemplo da interação cíclica entre reanálise, analogia (i.e. , generalização) e reanálise.(024)

- **Oração verbal com citação**

a) Dizente + processo verbal + fonte da citação + (:) + citação com aspas

54) Ele **cita** Caldas-Coulthard e Coulthard (1996:xi):"A Análise de Discurso Crítica é essencialmente política no propósito de seus praticantes agirem no mundo para transformá-lo e desse modo ajudarem a criar um mundo em que as pessoas não são discriminadas em razão de sexo, credo, idade ou classe social".(006)

b) Dizente + processo verbal + citação com aspas sem (:)

55) Hall **cita** "cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ... e cujo maior efeito ... foi o descentramento final do sujeito cartesiano" (Hall: 2000, p.34)(013)

- **Oração verbal (circunstância de ângulo)**

56) ...Entretanto, em página de fechamento do volume Introdução, todas as pessoas que contribuíram para a produção dos documentos são **citadas de acordo com** o papel que nela desempenharam. (005)

► ARGUMENTAR

As estruturas de mensagem com o verbo *argumentar* aparecem em estruturas com citação em um total de 61,6% (24 ocorrências), em estruturas da mensagem sob a forma de discurso reportado em 15,9% (6 ocorrências), enquanto 22,5% (9 ocorrências) se referem ao uso de circunstâncias. Em todos os exemplos de orações verbais com *argumentar* os participantes são dizentes conscientes. A oração verbal preposta à oração projetada aparece como maioria – como já mencionado, em 87,2% das ocorrências. Os dados sugerem que a mensagem posposta é uma característica do gênero, isto é, há o dizente + o processo verbal + a mensagem. Os

processos verbais parecem favorecer a posposição da mensagem *quem diz – diz algo – a alguém*. Essa ordem ocorre também com *argumentar*, quando alguém apresenta seus argumentos sobre um determinado assunto. Ao escolher *argumentar*, o autor ressalta o significado desse verbo e assim fortalece o discurso dos participantes que traz para o seu texto como forma de ratificar seus argumentos. No exemplo 61 há ainda o alerta dado pelo autor do artigo no sentido de prestarmos atenção ao que está sendo analisado.

- **Oração verbal com citação**

Dizente + processo verbal + (:) + citação sem aspas

57) Butler **argumenta**: If the temporality of linguistic convention, considered as ritual, exceeds the instance of its utterance, and that excess is not fully capturable or identifiable (the past and the future of the utterance cannot be narrated with any certainty), then it seems that part of what constitutes the 'total speech situation' is a failure to achieve a totalized form in any of its given instances. (Butler 1997:3)(019)

- **Oração verbal com discurso reportado**

a) Dizente + processo verbal + que + (“)

58) Chouliaraki e Fairclough **argumentam que** "a ADC deveria ser considerada como uma contribuição ao campo da pesquisa crítica sobre a modernidade posterior" (1999: 3) (018)

b) processo verbal + que + indicativo

59) O autor **argumenta que** as noções de estrutura e sistema, se adequadamente conceituadas de modo a diferenciá-las do uso a que foram postas especialmente nas teorias de estruturalismo e funcionalismo, são necessárias para as teorias sociais. (003)

- **Oração verbal (circunstância de ângulo)**

60) É preciso lembrar, contudo, que quando se fala em história da língua não se está pensando em diacronia, do modo como pensavam os lingüistas históricos que, conforme **argumenta Bakhtin (:28)**, dotam a forma lingüística de uma substância própria, tornam-na um elemento isolável..(033)

- **Oração verbal (circunstância de assunto)**

61) O exemplo que ele coloca – também analisado por Ottoni (1998:82) para **argumentar sobre** o papel mínimo da intenção do/a falante nos efeitos do ato de fala - nos chama para a diferenciação possível entre ações mínimas e seus resultados: dobrar um dedo, que acionará o gatilho, que resultará na morte do burro.(019)

► PERGUNTAR

As estruturas de mensagem com o verbo *perguntar* aparecem sob a forma de citação com 88,8% (34 ocorrências), sendo que 3% (1 ocorrência) se referem ao uso

de discurso reportado e 8,2% em estrutura da mensagem sob forma de verbiagem com o uso de circunstâncias.

Os exemplos contêm dizentes conscientes (62) e dizente não consciente (64), com 'as críticas de Wittgenstein'. Com exceção do exemplo 63, no qual o próprio autor do texto partilha do questionamento que faz e de maneira sutil – cabe-nos – ele faz um convite ao leitor também para o questionamento. Tanto no exemplo 63 quanto no 64 o uso de *perguntar* estabelece uma relação dialógica do autor do texto frente ao seu leitor, especialmente no exemplo 63 quando somos convidados, e no exemplo 64 quando o autor deixa claro que, apesar de autor consagrado, os estudos de Wittgenstein ainda carecem de aprofundamento. De alguma forma, esse posicionamento, ou melhor, esse esclarecimento que o autor do artigo faz no seu texto o aproxima do leitor, o torna mais humano no mundo da ciência, no qual muitas vezes os que escrevem são vistos com deuses das verdades e os leitores, pobres leigos à mercê de uma ciência de linguagem inacessível e de resultados inatingíveis.

- **Oração verbal com citação**

a) Dizente + processo verbal +(:) + citação sem aspas

62) Por um lado, responde não ter culpa, essa impossibilidade faz parte da língua, ele a herdou; por outro tem culpa, e conclui o livro **perguntando**: o álibi ainda é inevitável?(035)

- **Oração verbal com discurso reportado – mensagem posposta**

a) Dizente + processo verbal + oração com discurso reportado sem (que) + oração hipotática condicional posposta ao processo verbal

63) Cabe-nos **perguntar se** as reflexões propostas por Maingueneau são específicas dos gêneros que têm sido explorados pelo autor em seus diferentes trabalhos (publicitário, religioso, filosófico) ou se podem ser transferidas para a compreensão dos gêneros do discurso em geral. (029)

- **Oração verbal – (circunstância de assunto) – mensagem posposta**

64) As críticas que Wittgenstein faz à concepção tradicional da linguagem utilizada pela filosofia se encaminham para a denúncia de uma "alienação lingüística", mas não as aprofundam **perguntando pelas** causas e porquês sócio-históricos de tal fenômeno. (033)

► CONFIRMAR

As estruturas de mensagem com o verbo *confirmar* aparecem sob a forma de verbiagem em um total de 82,3% (28 ocorrências) com o uso de nominalizações e 17,7% (6 ocorrências) em estruturas de citação.

Nos exemplos abaixo, o verbo *confirmar* aparece no sentido de validação do que está sendo discutido no texto. Não foram encontrados exemplos no corpus em

que o autor do texto ou outro participante se posicionasse no sentido de confirmar ou validar algo. Na verdade, o uso de *confirmar* sempre aparece com dizente não consciente, isto é, ‘a hipótese confirma’, ‘os dados confirmam’, ‘a teoria do estudioso confirma’. É uma maneira de mostrar o posicionamento do autor em relação ao texto e ao seu leitor, ou pode ser uma forma de preservar a sua face frente ao possível questionamento acerca do que está sendo discutido.

- **Oração verbal com nominalização**

65) Estes dados aqui analisados parecem **confirmar a adequação da hierarquia de acessibilidade do SN de Keenam e Comrie (in Tarallo, 1983), da mesma forma que os estudos de Tarallo (1983), de Souza e Silva (1981) e de Kato et alii (1996).**(027)

- **Oração verbal com citação**

a) processo verbal + citação com ‘que’ sem (:) e sem aspas

66) Consideremos apenas a sentença negativa já para **confirmar que** a gramática infantil apresenta ‘TP’.(038)

► **RESSALTAR**

As estruturas de mensagem com o verbo *ressaltar* aparecem sob a forma de verbiagem em 67,6% (23 ocorrências) com o uso de nominalização e 32,4% (11

No exemplo 67 temos a presença de participante dizente não consciente. Já os exemplos 68 e 69 exibem dizentes conscientes. No exemplo 68 não fica explícito o dizente, um dizente indeterminado – pelo fragmento parece ser o próprio autor do texto, alertando-nos sobre fatores importantes para a compreensão da análise que está sendo realizada. Há nos exemplos, tanto com dizente não consciente quanto com dizente consciente, a participação de outro no discurso de maneira a respaldar as proposições por meio de uma autoridade exterior e consagrada na área.

- **Oração verbal com nominalização**

67) Propostas recentes (Lakoff 1987, 1988); Varela, Thompson & Rosch 1993) **ressaltam a importância da experiência individual** de vida para a categorização.(021)

- **Oração verbal com discurso reportado**

68) **Ressalte-se que** Wundt pretendeu manter uma distância entre a sua psicologia experimental, de base fisiológica, e a psicologia social que desenvolveu no período compreendido entre 1900 e 1920. (043)

- **Oração verbal com citação**

a) Dizente + processo verbal + que + citação sem (:) e sem (“

69) Ashby **ressalta** que a gramaticalização de um segundo marcador negativo é uma inovação no francês, se comparado ao latim vulgar e a outras línguas românicas.(024)

► **COMENTAR**

Em relação ao verbo *comentar*, a tendência foi usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de verbiagem totalizando 64,50% (20 ocorrências), sendo 61,2% (19 ocorrências) em relação ao uso de nominalizações, 25,8% (8 ocorrências) em estruturas de citação e 9,7% (3 ocorrências) em discurso reportado.

Em todos os exemplos os participantes dizentes são conscientes e os autores consagrados na área, com exceção do exemplo 73, que provavelmente se refere a um participante que faz parte da própria temática do artigo. *Comentar* tem como significado primeiro *explicar* e *interpretar*. O que vemos nos exemplos é o detalhamento dos autores sobre os assuntos discutidos nos artigos. Não há, visivelmente, o envolvimento do autor nos exemplos com *comentar*, pois a escolha desse verbo pede inevitavelmente a presença daqueles que fizeram o comentário e suas interpretações; sendo assim, exige a presença de outros estudiosos e/ou estudos para o seu esclarecimento. Nesse sentido, o autor do artigo novamente ratifica e esclarece a temática do seu texto por meio de outros participantes, recurso este bastante utilizado no artigo científico, e especialmente nos aqui estudados. No exemplo 71, vê-se a inserção de um comentário do próprio autor do artigo, quando faz uma ressalva sobre o posicionamento de Massone sobre as línguas de sinais.

- **Oração verbal com nominalização**

70) Marcuschi (1986:21), ao **comentar** a descrição do sistema de tomada de turnos feita por analistas da conversa norte-americano também afirma: "Não é necessária muita perspicácia para constatar que, no Brasil pelo menos, as regras acima [do sistema de tomada de turnos] são sobejamente desrespeitadas. (...) (036)

71) Massone (1993), ao descrever e **comentar** os caminhos escolhidos pelos lingüistas interessados no conhecimento das línguas de sinais, criticou a tendência de permanência destes estudos à sombra daqueles tradicionalmente desenvolvidos e pensados para as línguas orais, questionando: Até que ponto as línguas de sinais podem ser entendidas dentro do marco convencional da lingüística, quer dizer, tomando como pontos de referências teóricos modelos que foram projetados para línguas baseadas nos sons e derivados de formas lingüísticas formalizadas? (...)004

- **Oração verbal com citação**

a) Dizente(consciente) + processo verbal+ citação com (:) sem aspas

72) Arnold e Decognier (1998: 307) **comentam**: O que surpreende, quando se trata de justificar a escolha de um trecho literário, é que o que determina a escolha é o seu conteúdo cultural explícito. (039)

- **Oração verbal com discurso reportado**

a) Dizente (consciente) + processo verbal + que

73) A autora **comenta** que os resultados diferiam quando se tratava de sentenças do primeiro grupo em comparação com as sentenças do segundo grupo. (027)

- **Oração verbal (circunstância de assunto) – mensagem posposta**

74) Ela não pode **comentar** sobre a situação, de forma a ajudar a corrigir a interpretação sobre as mensagens e decidir a qual delas responder. (009)

► RESPONDER

As estruturas de mensagem com o verbo *responder* aparecem sob a forma de verbiagem com 78,4% (23 ocorrências) associados ao uso de nominalizações e 21,6% (6 ocorrências) em estruturas de citação.

Nos exemplos o uso de *responder* traz como significado o sentido de dar respostas a alguém. No exemplo 75 essa resposta se materializa em um texto, pois o produtor deve expressar-se por escrito. Já no exemplo 84 é visível que se trata de uma interação face a face, visto que a linguagem utilizada pelo sindicalista está muito próxima da modalidade oral (como em *prá mostra / falá*). Não houve exemplos no corpus com *responder* nos quais o próprio autor do artigo se posicionasse no sentido de dar resposta. Nos exemplos há sempre um outro participante que *responde*.

- **Oração verbal com nominalização**

75) Nessa situação, o produtor deve **responder**, em seu texto, a uma questão controversa que lhe é colocada pelo próprio jornal. (005)

- **Oração verbal com citação**

a) Dizente (consciente) + processo verbal + (:) + citação com aspas

76) Quando a entrevistadora lhe pergunta se não é possível manter a mesma forma com que se dirige aos mais humildes para dirigir-se aos deputados, o líder sindicalista **responde**: “Pode e seria o mais correto talvez até mesmo pra mostrá pra esse deputado a necessidade que a população tem da sua atenção na área cultural, mas se você falá assim com os deputados como você fala com os humildes não leva a nada [...]” (029)

► COMUNICAR

Em relação ao verbo *comunicar*, a tendência foi usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de verbiagem em um total de 87,8% (16 ocorrências) associados ao uso de nominalização e de 12,2% (2 ocorrências) em estruturas com discurso reportado.

- **Oração verbal com nominalização**

77) A notícia, nestes termos, é concebida como um gênero, pois formata uma ação de linguagem, cujo propósito é **comunicar** a ocorrência de um fato.(001)

No exemplo 77, é claro o sentido de *comunicar* ou de *propagar*, de *transmitir*, *passar adiante algo novo*, como os resultados de uma pesquisa. Já o exemplo 78 apresenta uma situação diferente em razão de uma condicional. O ‘se’ assinala a posição do falante acerca da possibilidade do evento ocorrer ou não de fato, criando situações de incerteza; além disso, o uso de ‘se’ estabelece regras de inferência por parte daquele que profere o discurso.

- **Oração verbal com discurso reportado**

a) Dizente não consciente + processo verbal + oração hipotática condicional posposta ao processo verbal

78) Segundo Givón (1985), uma experiência codificada é mais fácil de estocar, reter e **comunicar** se o código for maximamente isomórfico à experiência (princípio da meta- iconicidade) (024)

► POSTULAR

As estruturas de mensagem com o verbo *postular* aparecem sob a forma de verbiagem e em estruturas de citação. Com verbiagem foram 41,1% (7 ocorrências) associados ao uso de nominalização, e 58,9% (10 ocorrências) em estruturas com citação.

No uso de *postular*, somente 4 das 17 orações verbais apresentaram participante dizente consciente. Como nos exemplos abaixo, a maioria segue com dizente não consciente. A força do verbo *postular* no sentido de estabelecer um dogma fica mais claro no exemplo 80, quanto o autor do artigo traz outro participante – o materialismo – pleiteando uma visão, ou seja, essa visão do materialismo sobre a linguagem. Já no exemplo 79 o sentido de *postular* está mais para requerer algo, isto é, o princípio da iconicidade requer uma relação motivada. Como podemos ver pelos números de ocorrências totais, este verbo foi muito pouco utilizado nos artigos científicos. Se falar sobre a ciência é usar uma linguagem mais acessível aos

leitores e que não implique em um discurso de verdades absolutas, mas sim em uma discussão com pesquisas no sentido de melhorias para a área estudada, verbos como *postular*, que têm como essência um significado de 'tomar como postulado' sem discutir, acabam perdendo o seu espaço no uso da linguagem da ciência.

- **Oração verbal com nominalização**

79) Assim, em sua versão original, o princípio de iconicidade **postula** uma relação motivada, isomórfica, de um para um, entre forma e conteúdo (Bolinger 1975, 1977).(024)

- **Oração verbal com citação**

a) Dizente (não consciente) + processo verbal + que + oração com citação sem (:) e sem aspas

80) O materialismo **postula** que a história da linguagem, assim como a história em geral, é um movimento resultante do trabalho (lingüístico) dos homens (práxis) em seus diversos estágios de organização social. (033)

► ESCLARECER

Em relação ao verbo *esclarecer*, tendeu-se a usá-lo em estruturas com a mensagem sob forma de verbiagem em um total de 65,7%, (11 ocorrências), sendo que 47,0% (8 ocorrências) se referem ao uso de nominalização, 18,7% (3 ocorrências) ligam-se ao uso de circunstâncias e 34,3% (5 ocorrências) associam-se a estruturas com discurso reportado.

Os exemplos 81, 82 e 83 contêm dizente não consciente – 'a indeterminação', 'falta de dados concretos' e 'essa contradição'. Há uma tentativa do autor de se apoiar em outras fontes, neste caso outras posições teóricas como ocorre nos exemplos 81 e 84 e em dados no sentido de tornar compreensível ao leitor os problemas apresentados. Nos exemplos é possível perceber que há uma permanente preocupação em resolver, em elucidar as questões tratadas no texto, o que de certa forma atende ao significado primeiro do verbo *esclarecer*. No exemplo 82 há ainda uma condicional, assinalando a posição do falante acerca da sua própria incerteza em ter respostas para o problema. Já no exemplo 84 nota-se visivelmente o posicionamento do autor do artigo quando faz uma ressalva sobre os problemas enfrentados pelos professores.

- **Oração verbal com nominalização**

81) A indeterminação é só um passo – a ser superado – para alcançar e **esclarecer** a intenção do falante, sinalizada de forma indireta. (009)

- **Oração verbal com discurso reportado**

a) Dizente + que + processo verbal + oração com discurso reportado sem (que) + oração hipotática condicional posposta ao processo verbal

82) Pareceu-nos, assim, que, na busca de clareza possibilitem **esclarecer** se o nexo conclusivo estabelecido por ‘então’ é de fato efetuado por uma verdadeira conjunção. (014)

- **Oração verbal – (circunstância de assunto)**

83) Essa é apenas uma suposição que nem mesmo podemos configurar como hipótese devido à falta de dados concretos que nos permitam **esclarecer** sobre que bases ela teria sido formulada.(011)

- **Oração verbal**

84) Essa contradição parece-nos poder ser explicada e sua explicação pode ajudar-nos a **esclarecer** os problemas que os professores, por mais bem preparados que sejam, enfrentam em seu cotidiano. (025)

► CHAMAR

O verbo *chamar* mereceu atenção durante a análise, pois considerando que sua função primeira seja a de processo verbal, representou o quarto verbo (164 ocorrências) mais usado nos artigos científicos estudados; porém, após análise detalhada pude perceber outros significados possíveis para este verbo. Após as concordâncias, percebi que *chamar* merece uma discussão quanto à sua classificação, pois o seu sentido não está completamente claro.

A seguir, exemplos do uso de *chamar* no corpus de estudo. Observa-se que, nos exemplos 85 a 89, o significado desse verbo está próximo a *dar nome a, nomear, algo é nomeado por alguém*. Nesse sentido, seria um processo material. No exemplo 85 há um participante dizente consciente; os exemplos 86 e 87 contêm passiva, portanto o agente é omitido e o foco passa a ser o próprio objeto de estudo, que no exemplo 86 se refere à ‘interculturalidade’ e no exemplo 87 à ‘resolução de anáfora’. No exemplo 89 há um participante dizente consciente que procura nomear os temas discutidos no texto. No exemplo 90 vê-se um participante (sujeito omitido) – *alguém chamou* – talvez o próprio autor do artigo. Nos exemplos 88 e 91 há o uso de *chamar* com significado de *chamar a atenção*. Nesse sentido, *chamar a atenção* equivale a *despertar interesse, nos fazer notar algo*, especialmente quando seguido de preposições como de, para ou sobre como no exemplo 88. Houve um grande

número de ocorrências com *chamar* com o mesmo sentido apresentado neste último exemplo.

85) Eagleton(1993:265) **chama** "organicidade da vida histórica". – trata-se da pretensa interdependência entre o cognitivo, o moral e os estético.(039)

86) Neste trabalho essa relação continuará sendo **chamada de interculturalidade**. (039)

87) Esta operação é **chamada freqüentemente** de resolução da anáfora.(026)

88) O exemplo que ele coloca - também analisado por Ottoni (1998:82) para argumentar sobre o papel mínimo da intenção do/a falante nos efeitos do ato de fala - nos **chama para a diferenciação possível** entre ações mínimas e seus resultados.(019)

89) Jefferson **chama** essas ocorrências de correção encaixada, em que a correção (oferta de substituição de um item por outro) é incorporada às ações já em andamento na interação. (036)

90) Sendo a referência quase sempre a mesma, esperou-se encontrar exemplos do que se **chamou** aqui de "sinonímia textual".(040)

91) Eggs **chama-nos a atenção** para o fato de que esses três elementos se unem na arte do convencimento e que é nesse sentido que, na reflexão aristotélica, a Retórica implica a união da Ética e da Dialética. (009)

Nos artigos, a posposição da mensagem (95%), ou seja, a anteposição da oração verbal (dizente + processo) em relação ao participante locução – mensagem – é uma característica do gênero artigo científico. A mensagem posposta também ocorreu quando houve o uso de citações, que eram introduzidas pela oração verbal. Nesse sentido, acredito que a manifestação da ciência nos artigos científicos por meio de maior ou menor incidência de discurso reportado ou citação, ou mesmo verbiagens, com o uso de nominalizações e circunstâncias; ou seja, a forma de introdução pode indicar as diferentes perspectivas das comunidades discursivas que produzem esses textos. Por meio das informações presentes nos artigos, os autores pesquisadores possibilitam ao leitor aceitar ou não as proposições apresentadas, no sentido de validá-las ou refutá-las, estabelecendo uma relação de proximidade ou não com o leitor. A análise mostrou a incidência de estruturas de mensagem sob a forma de verbiagem, principalmente com o uso de nominalização – bastante alto –, o que de certa forma eleva o discurso científico presente nesses textos a uma linguagem mais erudita. Em relação à projeção, a maior incidência foi de citação paratática.

3.1.2.1 As circunstâncias nos processos verbais

Em relação ao uso de circunstâncias, vale esclarecer que *falar* é o verbo que tem mais circunstâncias em suas mensagens (89,9%), correspondendo a circunstâncias de assunto. Em seguida, com 46,8%, vem o verbo *referir* com 36% de circunstância de assunto e 10,8% de ângulo.

Em torno de 42,1% com uso de circunstâncias temos o verbo *apontar*, sendo que 19% (32 ocorrências) com circunstância de assunto e 23,1% (9 ocorrências) com circunstância de ângulo. *Argumentar* apresenta 22,5% (9 ocorrências) de uso de circunstâncias, sendo 12,9% (5 ocorrências) de circunstância de ângulo e 9,6% (4 ocorrências) de assunto.

Com uma variação de 11 a 18%, há quatro verbos com uso de circunstâncias. Dentre estes, *esclarecer* apresenta maior uso de circunstância de assunto com 18,7% (3 ocorrências); *expressar* exibe 17,8%, sendo 11,3% em 5 ocorrências de circunstância de ângulo e 6,5% em 3 ocorrências de circunstância de assunto; *discutir* tem 10,9% de uso de circunstância, sendo que 6,7% em 6 ocorrências de circunstância de assunto e 4,2% em 4 ocorrências de circunstância de ângulo; e *mostrar* tem 14,8% em 24 ocorrências de circunstância de assunto, 3,5% a mais do que o verbo *expressar*.

Apresentar tem uso de circunstância em 9,2% (16 ocorrências). Dentre as circunstâncias que ocorrem com esse verbo, o maior uso se refere à circunstância de assunto com 7,6%, seguida da circunstância de ângulo com 1,6% (3 ocorrências). Quanto ao restante dos verbos, cinco mostram um percentual baixo de uso de circunstâncias, variando de 3% a 8%; *dizer* apresenta uso de 3,5% de circunstâncias de assunto; *explicitar* mostra 4,8% de uso de circunstância de assunto; *citar* exibe 7,7% de circunstância de ângulo; e *perguntar* e *comentar* apresentam uso de circunstância de assunto, o primeiro com 8,2% e o segundo com 3,3%.

Na maioria dos verbos analisados em sua função de processo verbal o que mais ocorre é verbiagem, o que parece estar relacionado ao gênero em questão – artigo científico, cujos padrões de uso parecem revelar um código mais elaborado. Nesse sentido, o que se espera em um código elaborado é um maior uso de nominalizações que, no corpus, aparecem mais em orações verbais, com 18 verbos

(81,8%) dos 22 aqui estudados. Mesmo com 17 verbos (77,2%) fazendo uso de circunstâncias, cabe esclarecer que, em orações verbais, as circunstâncias exercem a função de verbiagem.

Dentre as circunstâncias mais frequentes no corpus estão as de assunto, com 278 ocorrências, seguidas de ângulo, com 98 ocorrências. As diferenças no que tange à forma de mensagem, se por projeção ou verbiagem, estão mais visíveis no gráfico abaixo:

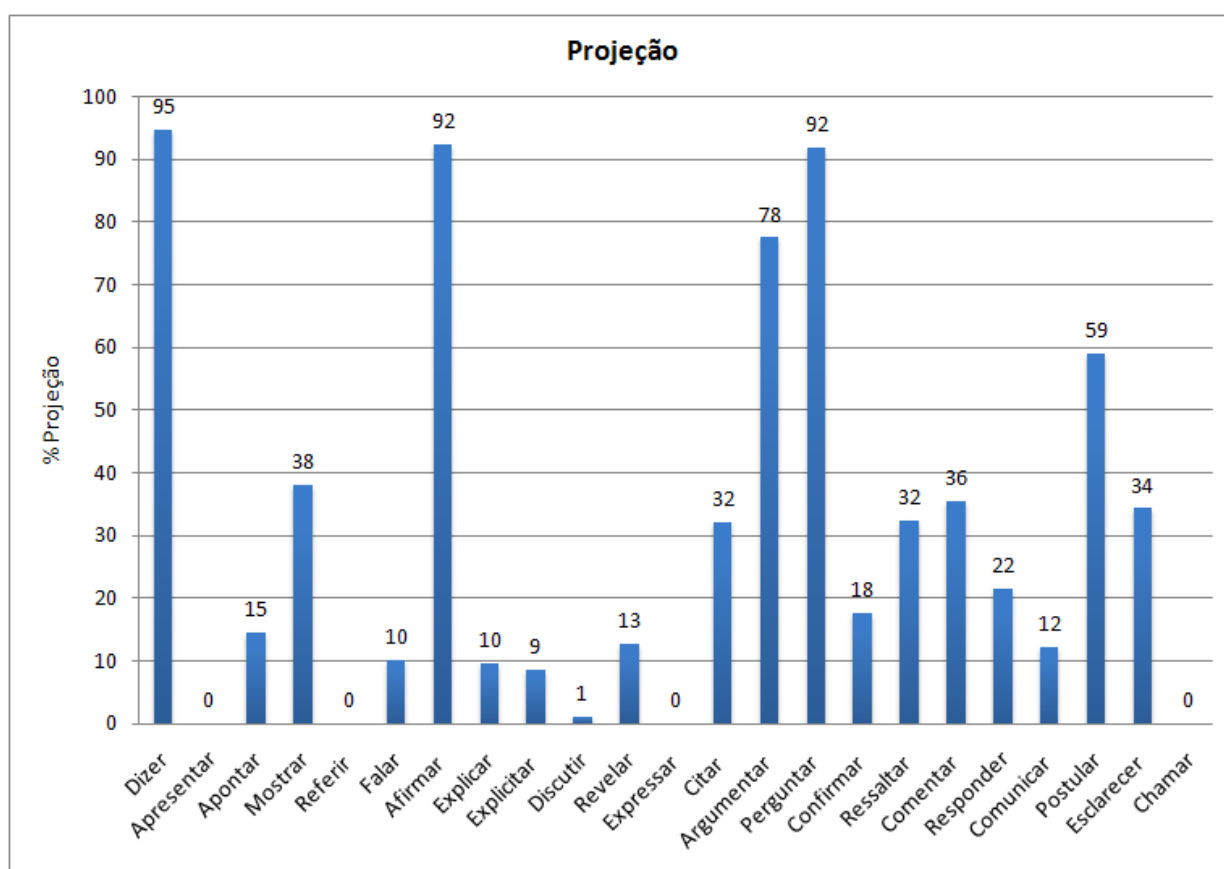


Gráfico 8: Percentual de ocorrências de projeção

O gráfico 8 mostra que, no que concerne ao tipo de mensagem, os verbos *dizer*, *afirmar*, *argumentar*, *perguntar* e *postular* se comportam um tanto diferentemente dos outros verbos. A projeção ocorre bastante com os verbos *dizer*, *afirmar* e *perguntar* em mais de 90% dos casos e um pouco menos com *argumentar*, 78,0%. O segundo grupo de verbos que mais apareceram com estruturas das mensagens sob a forma de discurso reportado ou citação, *mostrar*, *citar*, *ressaltar*, *comentar* e *esclarecer*, variaram de 32 a 36%.

Os verbos que praticamente não foram utilizados com citação são *apresentar*, *chamar*, *referir*, *discutir*, *expressar*, *ressaltar*, *comunicar* e *esclarecer*. *Discutir* teve somente 1,0% de seu uso com discurso reportado. *Dizer* apresentou 25,4% de discurso reportado, os verbos *ressaltar* e *esclarecer* apresentaram 33% nesse tipo de estrutura. Com o verbo *afirmar* houve um equilíbrio em relação à projeção no que se refere à estrutura com citação ou discurso reportado – 47,3% das orações com *afirmar* aparecem com discurso reportado (que) e 30,3% aparecem na estrutura de citação.

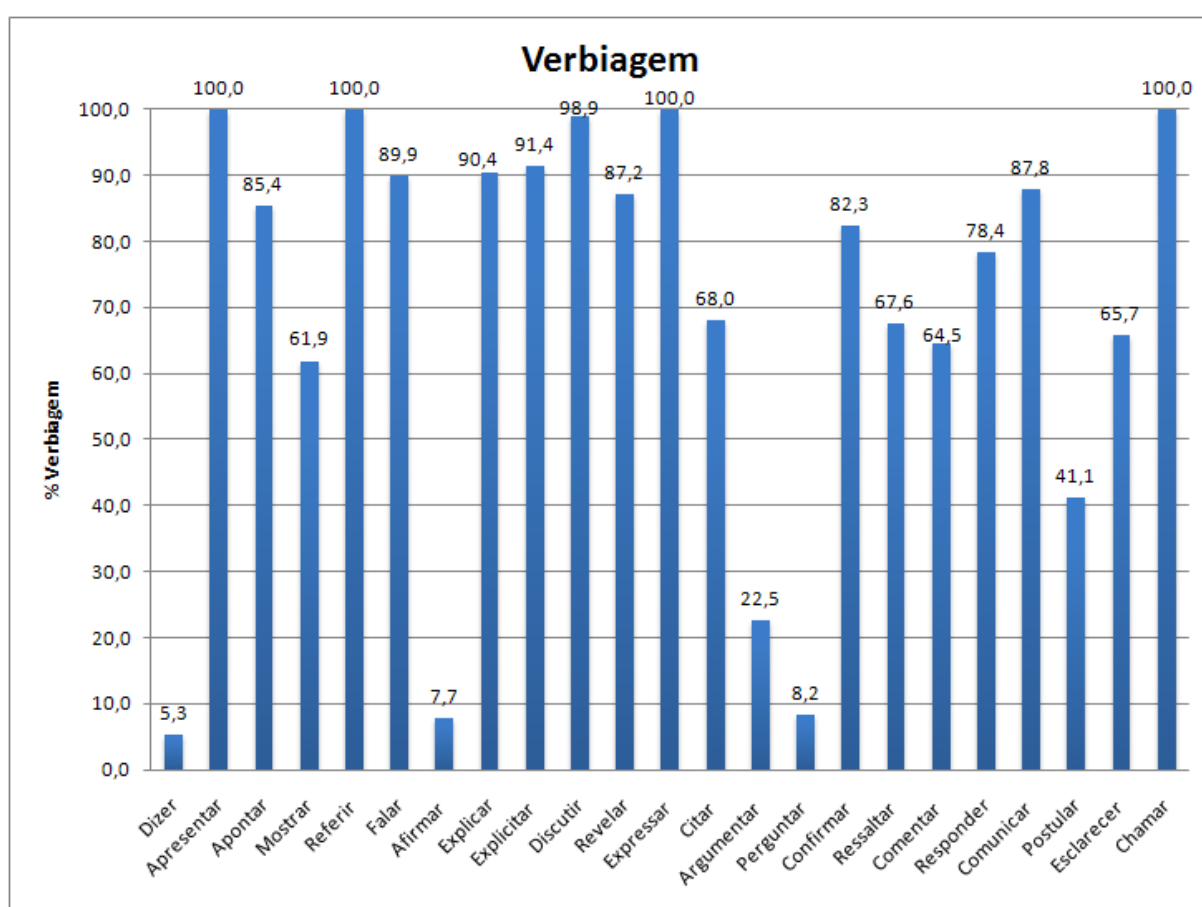


Gráfico 9: Percentual de ocorrências de verbiagem

O gráfico 9 evidencia que com a maioria dos verbos há um predomínio de verbiagem – com *apresentar*, *chamar*, *referir*, e *expressar* temos 100% das estruturas de mensagem sob a forma de verbiagem. Com os verbos restantes, a verbiagem como forma de mensagem aparece em mais de 80%. As informações do gráfico corroboram os achados de Barbara e Macedo (2009) no que se refere ao fato

de que a mensagem em forma de verbiagem reproduz o que é dito em algo concreto, em nominalização ou circunstância.

Um número maior de ocorrências com nominalização e não de complexos oracionais, quer com relato hipotático quer com citação paratática, justifica-se pelo uso de uma linguagem mais elaborada no discurso da ciência.

Dizer, mostrar, afirmar e citar foram os verbos mais usados para representar discursos de outros participantes. O verbo *dizer* já se consolidou como forma canônica de reportar um discurso, verbo prototípico de declaração. O verbo *citar* também foi utilizado para reportar a fala de outros estudiosos ou trabalhos. Em relação ao verbo *afirmar* isso provavelmente ocorreu, por ter um significado próximo de *declarar* e ser usado para reportar discursos de estudiosos das áreas do saber – portanto, reproduzidos por meio do uso da citação. Com o verbo *mostrar*, apesar do significado não ser o mesmo do verbo *afirmar* (= declarar), seu uso remete a dar a conhecer, expor à vista de forma linguística por meio da linguagem verbal sustentada pelo discurso de outro participante, ou seja, pela estrutura de citação.

A quase totalidade das ocorrências das orações verbais, em torno de 93%, foi encontrada anteposta à mensagem tanto no caso de oração projetada quanto verbiagem.

No gênero artigo aqui analisado há uma maior quantidade de nominalizações, o que parece ser uma estrutura mais erudita, portanto característica do artigo científico, cujos leitores são em geral um público de alto nível de escolaridade. Há também maior ocorrência de citações em relação ao discurso reportado e uso maior de anteposição da oração verbal.

3.1.2.2 As projeções nas orações verbais

Os verbos com orações projetadas foram *dizer, mostrar, afirmar, argumentar, ressaltar, comunicar e esclarecer*, com 60,2% de oração (relacional) projetada, seguidos de 26,7% de oração (material), 13,1% de oração (existencial), e 1,3% de oração (mental). Em se tratando de orações projetadas, verifica-se a presença de processos relacionais intensivos identificadores, como no exemplo 1 que projeta características atribuídas ao assunto discutido no texto e definições importantes para o entendimento do tema do artigo e esclarecimento da posição tomada pelo autor.

1) Ele (Bourdieu 1996) afirma que a adoção do estilo dominante era uma negação da virilidade, pois a própria aquisição desse estilo pede certa docilidade, disposição imposta à mulher pela divisão sexual do trabalho. (015)

Nas orações projetadas de orações verbais pode-se observar as orações materiais – como no exemplo 2 – em que o processo verbal *mostrou* projeta a oração em que se realiza um processo material (*afetou* – *afetar* no sentido que *causar mudanças*, uma ação concreta).

2) O referido trabalho (Venn 2000: 17-19) **mostra que** ,a modernidade, diferentemente de qualquer outro período da história, afetou o mundo todo, por meio de narrativas seculares, constituindo uma conjunção do capitalismo, colonialismo e modernidade. (030)

Na oração (existencial) projetada, o autor do texto oferece mais subsídios para o que está sendo discutido (como no exemplo 3), trazendo para o discurso outro participante, outro estudioso sobre o assunto.

3) Esse autor considera essa definição como inaugural dos estudos da literatura(...). Talvez baseado em Wellek(1978:17-18) que **explica que apareceu** o termo 'belas artes'.(039)

Com oração (mental) projetada há o participante Experienciador como entidade externa e não o próprio autor do texto. Isso sugere que os processos mentais também podem representar o mundo, neste caso o mundo de experiências vividas por outros (Chouliaraki e Fairclough), não necessariamente pelo autor do texto, mas atribuídas por eles aos temas abordados no texto.

4) Chouliaraki e Fairclough **argumentam que** "a ADC deveria ser considerada como uma contribuição ao campo da pesquisa crítica sobre a modernidade posterior" (1999: 3) (018)

3.1.2.3 Os participantes nas orações verbais

As orações verbais expressam um dizer e têm dois participantes inerentes: o Dizente e a Verbiagem, e ainda um participante opcional, o Receptor. Nos dados desta pesquisa esse participante não foi explicitamente registrado. No entanto, sabe-se que quando relatamos algo a alguém, o receptor não necessariamente está presente na oração para ser reconhecido como tal; porém, mesmo não estando explicitamente presente na oração, sabe-se que falamos sobre assuntos, contamos conteúdos de formas diferentes para receptores diferentes, que algumas vezes

estão face a face e em algumas outras não. No corpus aqui analisado, temos de um lado o autor do texto e no outro extremo o leitor ou leitores, possíveis receptores.

A apresentação do dizente segue o padrão de grupo nominal (não consciente), como por exemplo a tabela, a análise, os dados; seguidos de grupo nominal (consciente) como por exemplo Barker e Galasinski. Dos verbos analisados (23), 16 verbos apresentaram dizentes não conscientes.

Considerando o percentual de uso em relação aos participantes do processo verbal, decidi dividi-los em três subgrupos: o primeiro com *explicitar*, *expressar* e *explicar* apresentam dizentes não conscientes em 95% das orações verbais; o segundo com *confirmar*, *referir* e *chamar*, apresentam nas orações verbais 89,7% dizentes não conscientes; e o terceiro com *mostrar*, *postular*, *citar* e *responder*, têm em suas orações verbais 58% de dizentes não humanos.

Dentre os 23 verbos que desempenharam a função de processo verbal, 9 apresentam dizentes não conscientes. Primeiramente, *dizer* e *afirmar* têm dizentes conscientes em 72% dos exemplos. Já *comunicar*, *argumentar*, *comentar* e *apresentar* têm nas orações verbais 60% dos seus participantes como dizentes conscientes. Com uma pequena diferença de percentual em relação ao segundo grupo (*argumentar*, *comentar* e *apresentar*), os verbos *ressaltar*, *esclarecer* e *perguntar* tem o mesmo percentual de uso de dizentes não conscientes, 50%.

A escolha do dizente, nestes dados, desempenha papel extremamente importante na manutenção dos argumentos apresentados pelo autor do texto, especialmente quando o autor insere, em discurso reportado ou mesmo na citação, outro participante no discurso, isto é, autor ou estudioso que trate do mesmo tema do artigo, para assim validar e valorizar o que é proposto e apresentado no texto.

A grande maioria dos processos verbais aqui analisados, como por exemplo *dizer*, *afirmar* e *mostrar*, auxiliam o autor dos textos a compor seus argumentos quando acompanhados de outro participante, outros estudiosos, outros autores.

O quadro 23 deixa mais visível a questão dos processos verbais e seus participantes no discurso. Como podemos ver, a maioria dos artigos traz para o texto o discurso de outro participante, como ocorre com os verbos *dizer*, *afirmar* e *mostrar*. Apenas *apresentar* e *discutir*, que além de chamar para o texto outro participante humano, como autores e estudiosos, também trazem, para sustentar a discussão

proposta no texto, participantes não humanos tais como outros trabalhos, outras teorias, análises e dados. *Explicitar* e *esclarecer* são os únicos que aparecem no corpus com dizente humano, o próprio autor do artigo.

Verbos	O próprio autor do texto	Outro participante humano	Outro participante não humano
Dizer		x	
Apresentar		x	x
Afirmar		x	
Mostrar		x	
Apontar		x	
Chamar		x	
Referir		x	x
Falar		x	
Explicar		x	x
Explicitar	x		
Discutir		x	x
Revelar			x
Expressar			x
Citar		x	
Argumentar		x	
Perguntar		x	
Confirmar			x
Ressaltar		x	
Comentar		x	
Responder		x	
Comunicar			x
Postular			x
Esclarecer	x		

Quadro 23: Processos verbais e seus participantes

As informações que constam do quadro corroboram os achados de Barbara e Macedo (2009), ao verificarem a tendência do apagamento do sujeito no que se refere às orações com voz passiva nos artigos científicos. Neste corpus pode observar esse apagamento ao verificar a tendência dos artigos científicos de usar orações verbais com dizentes não conscientes, o que parece sugerir que os autores dos artigos querem passar aos leitores a impressão de que os dados falar por si, ou ainda que estudiosos respeitados na comunidade discursiva, da qual fazem parte,

oferecem subsídios para a temática abordada no texto, o que de alguma forma amplifica o crédito dado a pesquisa.

Ressalte-se, contudo, que o uso de orações verbais parece estar bastante relacionado ao gênero do discurso em questão, um processo muito frequente no contexto dos artigos já que em artigos científicos uma função obrigatória é a de mencionar outros autores e estudos, na maioria das vezes consagrados na área. Vale ressaltar que o uso das orações verbais também aventa importantes aspectos interpessoais, os quais podem estar relacionados às estratégias de identificação e comprometimento com os leitores.

A próxima seção será dedicada à análise dos verbos modais e das metáforas interpessoais no que se refere ao posicionamento do autor frente ao seu texto e leitor.

3.2 Modalidade – os elementos interpessoais nos artigos de LA

Ao fazer um discurso como prática social, o indivíduo mobiliza recursos para interagir com o seu grupo em um determinado espaço e tempo. Na pretensão de analisar manifestações de valores, juízos, opiniões e posicionamento do autor, é preciso direcionar o olhar para a interpessoalidade, pois é por meio dela que se organiza a interação entre o escritor ou falante e sua audiência. Para Halliday (1985), a modalidade reflete a função interpessoal da língua, na qual as relações sociais e pessoais são impressas no discurso, na interação. Trata-se da língua como ação e como tomada de posição. Um dos objetivos deste trabalho é mostrar como os autores dos artigos de LA se posicionam diante do texto e em relação ao seu leitor. Para tanto, verifiquei a influência do contexto nas escolhas modais, e como essas escolhas estabelecem a construção da relação. Nesse sentido, adotei o conceito de modalidade que, conforme Halliday (1994:75), reflete o julgamento do falante em relação às probabilidades ou obrigações sobre aquilo que é dito.

3.2.1 Os operadores modais nos artigos

Esta seção analisa os modais *poder* e *dever*, posto que considero fundamental o papel das escolhas modais na transmissão de significados do ponto

de vista assumido pelo autor dos artigos diante de sua posição dentro da interação, em relação ao seu texto e em relação ao seu possível leitor.

Dessa forma, a análise da modalidade aqui apresentada não parte das noções semânticas modalização/modulação ou mesmo proposição/proposta. O objetivo pretendido é o de buscar apreender o significado das ocorrências de modalidade a partir de um contexto maior de interação. As funções exercidas pelos modais nos artigos analisados são apresentadas a seguir, juntamente com os seus exemplos. O uso dos operadores modais *poder* e *dever* talvez estejam mais visíveis na tabela abaixo:

PODER	%	NO. DE OCORRÊNCIAS	DEVER	%	NO. DE OCORRÊNCIAS
PODE	46,2	548	DEVE	59,1	194
PODEM	18,5	219	DEVEM	19,5	64
PODEMOS	10,8	128	DEVERIA	10,4	34
PODERIA	6,0	71	DEVERIAM	5,5	18
POSSA	4,1	49	DEVERÃO	2,4	8
POSSAM	3,0	36	DEVA	2,1	7
PODENDO	2,4	28	DEVAM	0,9	3
PODERIAM	2,1	25	TOTAL	100,0	328
PODERÍAMOS	1,3	15			
PÔDE	1,2	14			
POSSO	0,8	10			
PUDESSE	0,8	10			
PUDESSEM	0,8	9			
PODEREM	0,5	6			
PODEREMOS	0,5	6			
POSSAMOS	0,3	4			
PODERMOS	0,3	3			
PODIA	0,3	3			
PODERÁ	0,1	1			
PODERÃO	0,1	1			
TOTAL	100,0	1.186			

Tabela 9: Os operadores modais no corpus

Observando a tabela pode-se notar claramente a presença maciça de modalidade, especialmente no que se refere à modalização. O modal *pode* e suas variações somam um total de 1.186 ocorrências no corpus. *Pode* é o mais utilizado com 548 ocorrências, o que equivale a 46,2% do total de ocorrências desse

operador modal. Em seguida vêm *podem* e *podemos* com 219 ocorrências do primeiro (18,5% do total de ocorrências) e 128 ocorrências (10,8% do total de ocorrências no corpus) do segundo. *Podemos* apresenta um outro aspecto – o (nós) inclusivo –, sugerindo uma partilha no que se refere ao assunto tratado no texto. *Poderia* aparece com 71 ocorrências (6,0%) como elemento modalizador, sugerindo baixa modalidade. *Possa*, *possam* e *podendo* apresentam percentuais semelhantes em relação ao uso, porém *possa* tem 49 ocorrências, enquanto *possam* 36 e *podendo* 28 como operadores modais. *Poderiam* aparece com 25 ocorrências, o equivalente a 2,1% do total de uso de modais. *Poderíamos* apresenta o mesmo sentido que *poderia*, porém neste caso foi usada a terceira pessoa do plural. *Poderíamos* tem 15 ocorrências com um percentual de 1,3%. O (nós) incluso sinaliza um convite do autor no sentido de partilhar o seu texto com o leitor, mas ao mesmo tempo *poderíamos* sugere uma ação que expressa incerteza, irrealidade. *Pôde* apresenta praticamente o mesmo número de ocorrência de *poderíamos*, ou seja, 14 ocorrências com 1,2%. Apesar dos operadores modais *posso*, *pudesse(em)*, *poderem(emos)*, *possamos*, *podemos*, *podia* e *poderá(ão)* aparecerem com frequência baixa, decidi juntá-los ao quadro dos modais por considerar importante para esta parte da análise a verificação dos elementos modais utilizados pelos autores dos artigos. Sendo assim, *posso*, *pudesse(em)*, *poderem(emos)*, *possamos*, *podemos*, *podia* e *poderá(ão)* detêm no corpus 67 das 1.186 ocorrências totais de operadores modais, o equivalente a 5,6% e suas variações somando 1.186 ocorrências.

Em relação à modulação, o operador modal *deve* e suas variações totalizam 334 ocorrências no corpus. O operador modal *deve* tem 194 das 334 ocorrências totais, o que corresponde a 59,1% de uso desse modal no corpus. *Devem* aparece com 19,5%, equivalentes a 64 das 334 ocorrências totais. *Deveria* e *deveriam* aparecem respectivamente com 10,4% (34 ocorrências) e 5,5% (18 ocorrências). Os operadores modais *deverão*, *deva* e *devam* têm 18 das 328 ocorrências desses modais, equivalentes a 5,4%.

As funções exercidas pelos modais nos artigos analisados são apresentadas a seguir, juntamente com os seus exemplos.

a - expressão de possibilidade

1) A desqualificação da ênfase concedida à concepção de sujeito ideológico **pode ser argumentada** por vários caminhos. Optamos aqui por trazer a voz de Foucault: a noção de ideologia me parece dificilmente utilizável por três razões. A primeira é que, queira-se ou não, ela está sempre em oposição virtual a alguma coisa que seria a verdade.

O autor sugere o estabelecimento de uma posição diante do assunto, reforçado pelo uso de outro participante para o discurso – no caso, as palavras de Foucault apresentadas em citação sem aspas.

b - expressão de probabilidade

2) Acredita-se, ainda assim, que este mapeamento inicial **pode** fornecer indicações relevantes quanto aos rumos e tendências da pesquisa em tradução no Brasil, que se evidencia, desde o início, como um trabalho altamente diversificado e fragmentado quanto à sua afiliação institucional a diferentes programas de pós-graduação, o que nos lembra a apreciação de Pym (1999:35) sobre o caráter nômade (homeless) dos Estudos da Tradução.(002)

3) Acreditamos, por conseguinte, que o monismo materialista, que concebe a realidade como um complexo constituído e formado pela estrutura econômica e, portanto, por um conjunto de relações sociais que os homens estabelecem na produção e no relacionamento com os meios de produção (id. ib.:105) **pode** constituir a base para uma teoria crítica da linguagem.(033)

4) A visão privilegiada não esgota as múltiplas possibilidades de construção de sentido, mas, a nosso juízo, **pode** colaborar para o planejamento de futuros sociais mais justos, posto que se pauta por princípios éticos de respeito às diferenças.(030)

As três construções em destaque exemplificam casos de modalização, pois o que se troca nesses trechos são informações, proposições. Nos exemplos, o operador modal *pode* (média modalização) é usado pelos autores na expressão de incerteza quanto à sua ação em relação ao assunto apresentado; sendo assim, o autor não pode ser responsabilizado pelos resultados do que está sendo dito.

c - expressão de potencialidade em relação ao assunto tratado

5) É esperado, no final, que os alunos percebam o grau de especificidade que algumas escolhas implicam, os vários sentidos que existem para uma mesma expressão, a adequação desses sentidos no contexto em que se insere o texto-fonte e o texto-alvo, como a intuição costuma ser falha (insuficiente ou enganosa) e como corpora eletrônicos **podem oferecer uma quantidade ampla e rica de informação vital para o tradutor**, para melhor ajudá-lo na consecução dos trabalhos.(041)

6) O intuito ao apresentá-las é o de mostrar algumas possibilidades de tópicos de pesquisa que **podem ser explorados dentro de um cenário onde há limitação de recursos disponíveis**. Embora a meta principal a ser atingida com elas seja a de propiciar uma maior conscientização sobre as especificidades das escolhas linguísticas no texto traduzido e no

texto-fonte, outro aspecto importante que elas suscitam é o de fazer com que os alunos 'ponham a mão na massa'.(041)

7) Criar inteligibilidade sobre tais discursos, principalmente sobre aqueles que circulam na mídia, devido ao seu grande alcance, é uma contribuição que pesquisadores que atuam no campo da linguagem **podem** dar.(030)

Os exemplos 5 e 6 pertencem ao mesmo autor/texto. O uso de *podem* nesse contexto estabelece um sentido de maior polidez, contrariamente ao que ocorre com os exemplos com o modal *pode*. Aqui há troca de informações – uma proposição. Nos dois exemplos, o caminho persuasivo fica claro se acompanharmos a proposição realizada pelo autor desde o início: X=intuição para análise é falha, Y=corpora eletrônicos oferecem rica informação. O mesmo ocorre com o exemplo 5 no qual, mais uma vez, há o uso de modalização no sentido de optar por um discurso mais polido; porém, é óbvia a ênfase dada à opção de preferência do autor. Nessa proposição, o autor apresenta ao leitor o que este considera relevante e reforça a importância do que será apresentado com a oração seguinte: “Embora a meta principal a ser atingida com elas seja a de propiciar uma maior conscientização sobre as especificidades das escolhas linguísticas no texto traduzido e no texto-fonte, outro aspecto importante que elas suscitam é o de fazer com que os alunos 'ponham a mão na massa' ”.

No exemplo 7 há o uso de operador modal *podem* na indicação da posição do autor, levando-nos a crer que a sua proposta é a melhor ação em relação ao discurso da mídia. Vale observar o complemento que se refere ao exemplo 7: “Nossa linguagem em uso pode, portanto, ser entendida como um instrumento de estímulo à ação guerreira, uma vez que os significados por ela articulados podem conduzir ao enfrentamento bélico, justificá-lo e construí-lo como valor perante o Direito Internacional.”

d - expressão de opinião acerca do assunto do texto

8) Por este motivo, ainda que se **possa** tratar do letramento como um conceito isolado na Educação, é impossível concebê-lo à margem da teoria da gramática, da qual se esperam explicações acerca de fenômenos linguísticos encontrados pelo professor no cotidiano escolar. (023)

9) Embora o valor de 500 palavras **possa** ser alterado pelo usuário, a questão ainda permanece sobre qual seria um número razoável que garantisse a representatividade das palavras-chave.(041)

Os exemplos acima revelam opiniões expressas pelos autores acerca do assunto central do texto. No exemplo 9 isso aparece como justificativa por alguma questão que não consiga ser resolvida através do texto proposto. Nos exemplos, os autores deixam uma incógnita em relação à postura que deve ser adotada pelo leitor, ou seja, concordar com o conceito sobre letramento a partir de uma dada teoria no exemplo 8, ou como ter certeza do número coerente de palavras para uma análise eficaz em 9. De alguma forma, a expressão de opinião acaba levando o autor a uma posição mais confortável frente ao leitor.

e - relato dos resultados e conclusões sobre os dados

10) Enfim, apresentar uma avaliação geral sobre essa experiência, com as conclusões a que **podemos** chegar até o momento e com novas hipóteses e considerações de ordem teórica e metodológica referentes aos procedimentos de elaboração do material didático, ao desenvolvimento de conhecimentos dos professores e ao trabalho de assessoria.(005)

11) Com base nos resultados acima, **podemos** afirmar que, entre português e espanhol, a transferência de conhecimento, idealmente, pode chegar a mais de 90%.(015)

Nos exemplos acima pode-se perceber que o autor, ao empregar *podemos*, reforça o trabalho realizado. O traço que se destaca é a assertividade mostrada diante dos fatos apresentados. Há um traço de argumentação, especialmente no exemplo 11, reforçado pelo processo verbal *afirmar* e também pelo dado estatístico apresentado, no sentido de dar crédito à informação oferecida pelo autor.

f - relato sobre o tema central do artigo

Nota-se, nos exemplos a seguir, a presença do operador modal *poder* na forma *poderia* expressando um traço de 'irrealidade' à asserção. Nesse sentido, percebe-se um evidente envolvimento do autor no sentido de esclarecer ao leitor questões referentes ao assunto do texto.

12) A não-compreensão destes, certamente, compromete a compreensão do texto como um todo. Tomemos, como exemplo, a frase " La niña vio unos lindos pimpollos a la izquierda de un escritorio." Um falante de português **poderia** entender que havia algumas crianças à esquerda de um escritório quando, na verdade, o que havia eram botões de rosa à esquerda de uma escrivaninha. (015)

13) O contexto em que tais sentenças **poderiam** surgir é o de um diálogo em que se discutem quais tipos de sentenças complexas são fáceis, ou difíceis, na aquisição do PB, quando um dos interlocutores opinaria: "São as relativas que são fáceis!", ou até mesmo numa contra-argumentação a uma suposição de que as relativas **poderiam** ser difíceis para as crianças pequenas.(027)

14) Foi somente em 1957, determinado, sobretudo, pelas idéias de Saussure, que Stokoe, professor do Gallaudet College em Washington, levantou como hipótese que as línguas de sinais dos surdos **poderiam** ser consideradas "naturais".(004)

Nos exemplos 15 e 16, quando o autor faz uso do operador *pudesse*, está se referindo a ações incertas, hipotéticas ou desejadas no presente. Nos exemplos a seguir, o autor não sugere assertividade em relação às discussões propostas sobre o tema central do texto.

15) O texto em si forneceria vários elementos para uma análise linguística que **pudesse** levar em conta a produção de sentidos através de relações ou elos de coesão. (040)

16) Isso significou, segundo Sampson (1980), que os estudos da linguagem passaram a abordar o seu objeto como uma "espécie de entidade que **pudesse** ser descrita objetivamente da mesma forma que os outros elementos do mundo natural" (:17). (040)

g - convite à partilha

17) Afinal, no texto criado pelo Autor, que emergiria de seu desejo de ser invulnerável ao desejo autoral do outro, ou, como **poderíamos** argumentar a partir de Nietzsche, de seu "desejo de potência", não deve haver lugar para a "criatividade" do leitor, ou qualquer versão da "visibilidade" do tradutor, vistos como forasteiros que, sobretudo conscientemente, poderiam acabar usando o texto alheio como tela para a projeção de seu próprio desejo de potência.(037)

18) **Poderíamos** nos perguntar, também, dizem Antos & Tietz (1997), se, nestes trinta anos de existência, a Linguística Textual desempenhou apenas um papel de "hóspede" da Linguística, talvez um modismo como tantos outros, ou, então, se ela se tornou uma ciência integrativa de várias outras ciências (Retórica, Estilística, Teoria dos Gêneros, Teoria da Argumentação, Narratologia etc.), vindo a constituir uma "Ciência ou Teoria da Linguagem". (van Dijk, 1978) (017)

Ao usar o modal *poder* (*poderíamos*), o autor inclui o leitor e compartilha dos assuntos tratados nos dois exemplos, que abrangem o sujeito *nós* como um convite à partilha dos possíveis questionamentos levantados pelos autores.

h- expressão de argumentos em relação à atitude do autor

19) Nossa argumentação é que a análise crítica do discurso, por seu trânsito nas áreas sociais, culturais, e pós-coloniais, **pode** possibilitar a desejada ampliação do olhar e da escuta dessas vozes e, simultaneamente, a necessária focalização do aspecto discursivo da prática social de produção e consumo também dos gêneros do discurso literário dos afro-descendentes brasileiros, os quais se articulam em torno de um projeto de afirmação identitária sociocultural e pós-colonial.(003)

20) A discrepância nos dois primeiros grupos se deve, a nosso ver, à ajuda do contexto, aliada à capacidade de inferência dos sujeitos. No terceiro grupo, a discrepância **pode** ser

explicada em função das alterações vocálicas, consonantais e silábicas, ocorridas de uma língua para a outra, dificultando a inferência. (015)

Um aspecto importante do uso do operador modal nos exemplos 19 e 20 sugere que o autor, embora esteja modalizando a fala, argumenta com apoio na teoria de análise mencionada no exemplo (Análise Crítica do Discurso) e na discussão dos resultados obtidos no exemplo 19.

Como pode-se observar nos exemplos a seguir, a modulação apareceu nos modais *deve*, *devem* e *deveria*.

i - expressão de necessidade

Nos exemplos abaixo – 21 e 22 –, os autores não assumem a responsabilidade por uma necessidade. No entanto, a necessidade é decorrente de circunstâncias externas, algo que está fora do seu controle. Desse modo, os autores procuram conseguir a compreensão dos leitores na busca de outros elementos e ações para o assunto do texto. Nos exemplos listados, observa-se que de alguma forma os autores se protegem ao não assumirem declaradamente posições frente ao que está sendo tratado.

21) Diferentemente de outras teorias possíveis, a que se reporta ao conceito de letramento ganha materialidade fora do contexto acadêmico, concebendo-se, portanto, como algo a ser absorvido pela cultura imanente às práticas sociais, não sujeita a determinações acadêmicas. Daí resulta que sua construção **deve** se dar com certa isenção, relativamente à precedência dos preceitos científicos já estabelecidos sobre os demais, não científicos, presentes na sociedade.(023)

22) Mesmo levando em conta que a situação que conhecemos possa ser contingencial, uma proposta para ser viável nesse cenário **deve**, portanto, fazer exigências mínimas de infraestrutura, exigindo apenas corpora e ferramentas básicas. (041)

23) As pesquisas descritas abaixo, portanto, **devem** ser entendidas como fundamentalmente aplicáveis a alunos iniciantes, com conhecimentos básicos de informática, tais como navegar na Internet, e pouco ou nenhum conhecimento de Linguística de Corpus.(041)

Nos exemplos abaixo os autores utilizam para as suas proposições o modal *dever* (*deveria*), adicionando um traço de incerteza à proposição. De alguma forma, o autor se exime de quaisquer responsabilidades levantando hipóteses sobre a necessidade de mudar o olhar para então atender a mudanças nas práticas pedagógicas (exemplo 24). Em outras palavras, havia uma hipótese para o

desenvolvimento do trabalho, porém quem *deveria* ter efetivamente participado do processo não o fez (nesse caso, os professores da universidade). Já no exemplo 25, o autor do texto chama a atenção para a necessidade imediata de mudança de postura dos pesquisadores sobre os estudos levantados (deveriam ser reestruturados), sugerindo que esses linguistas já possuem algumas hipóteses sobre a linguagem visual-gestual. Nesse caso, todavia, parece que para o autor do texto o caminho para a obtenção de resultados deveria ter sido outro e não foi.

24) Nossa hipótese central, nesse trabalho, era a de que a elaboração do material didático **deveria** ter a participação efetiva dos professores da universidade, uma vez que essa participação poderia lhes dar o estatuto de agentes responsáveis por todo o processo e lhes forneceria uma possibilidade efetiva de transformação/refinamento de seus saberes e de suas práticas didáticas.(004)

25) A maioria dos linguistas havia descrito línguas faladas, todos eram ouvintes (...) Quando aceitaram o desafio de analisar uma língua numa modalidade diferente, **deveriam** reestruturar sua forma de pensar já que estavam tratando com um objeto que, além de não ser a sua língua nativa, era uma língua transmitida numa modalidade visuo-gestual (Massone, 1993: 82).(004)

j- expressão de posicionamento do autor

Nos exemplos que se seguem pode-se observar o uso do modal *deve*. O exemplo 26 – *deve fazer um reforço* – revela um traço de indignação e um alto envolvimento do autor com a proposição, visto que esse trecho contém a leitura que o autor faz da fala do trabalhador em aspas, apresentada anteriormente. Temos, assim, a imagem do autor que apoia uma atitude mais assertiva. Já o exemplo 27 – *deverá fazer* – sugere uma forma mais tênue, relacionada a uma ação que certamente irá acontecer, nesse caso como consequência natural do processo da mulher. No exemplo 28 vemos a posição do autor em relação ao tema central do artigo, a coesão lexical. Há certo desconforto em relação ao lugar que ocupa o tema nas discussões e, como o próprio autor coloca, não se chega a um consenso. Com o uso de *deveria* ressaltando essa situação, o tema está diretamente relacionado a algo que poderia acontecer em um momento anterior ao ato de fala; em outras palavras, apesar das discussões aqui relatadas e de outras possíveis, não há consenso na academia sobre a coesão lexical. De certa maneira, há um descontentamento do autor em relação a essa situação.

26) “Vamos tampar tudo, vamos fazer um reforço, já que a gente é trabalhador!”, que apontam para a preocupação da criança em assumir o ethos do trabalhador, enquanto fiador

que, dotado de coragem, **deve fazer** um reforço, e não fugir da avalanche, de forma a dar fidedignidade a sua ação.(029)

27) Assim, daquele momento em diante, instala-se na vida daquela pequena mulher o início do aprendizado dos rituais de beleza que **deverá fazer** parte de sua identidade feminina durante toda a sua vida.(030)

28) Na verdade, a própria noção de coesão lexical não é consensual (ver, por exemplo, Koch,1989 e Fávero, 1993) uma vez que grande parte dos casos de coesão lexical desempenha uma função essencialmente referencial no texto e por isso **deveria fazer** parte da categoria geral de co-referência, ou simplesmente referência. (040)

O que me chamou a atenção ao final da análise foi a diferença significativa de 50% entre o uso de modalização (78,0%) e o uso de modulação (21,9%). Em geral, nessa parte do texto situa-se a natureza do problema, cuja resolução é desenvolvida ao longo do texto, assim como sua relevância para a comunidade discursiva e o objetivo do trabalho. No que tange à linguagem, as características para a produção do discurso científico pautam-se na clareza, na objetividade e na impessoalidade. Cabe ressaltar que a impessoalidade permite dar um caráter de distanciamento ao autor trazendo, portanto, não subjetividade ao discurso. As escolhas dos modais feitas pelos autores favoreceram o estabelecimento de padrões de significados para o uso desses operadores modais. Apesar de ter analisado todo o texto, isto é, todas as partes constituintes do artigo (entenda-se introdução, desenvolvimento e conclusão), pude perceber que nas introduções a modulação revelou-se quando os autores trataram da necessidade do tema ali proposto.

Essa necessidade está ligada não somente ao desejo do autor em tratar daquele assunto, mas também às necessidades decorrentes de circunstâncias externas, algo que foge ao seu controle. Nesse sentido, a valorização do tema tratado é reforçada por meio do operador modal *deve* e suas variáveis. Já os modais *pode* e suas variáveis *podem*, *possa*, *podemos*, *poderia*, *poderiam*, *poderíamos* e *pudesse* apareceram, nas introduções, em vários padrões de significados.

Em relação à possibilidade do tema apresentado surtir resultados e tornar-se relevante para a área, quando o autor tratava da potencialidade do seu assunto central, o uso desses modais fez-se novamente presente. Na expressão de opinião acerca do tema central e do relato sobre resultados, surgiu o modal *pode* nas duas situações: com um tom de polidez, além de estabelecer certa interação com o leitor, e no convite à partilha, quando o autor opta pela modalização com operador modal

pode, mas na primeira pessoa do plural – *poderíamos* (nós inclusivo). A forma inclusiva efetua a junção das pessoas entre as quais existe uma correlação de subjetividade, marca o “eu” e o “outro”, em uma relação do “eu” do autor e a do outro que pode ser o leitor (o par ou pares da comunidade discursiva).

Como dito anteriormente, tratei aqui de analisar os aspectos modais nos artigos, porém cabe ressaltar que restringi-me à parte do desenvolvimento do texto, onde o autor estabelece um diálogo entre o tema abordado e os autores escolhidos com o intuito de convencer o leitor em relação aos pressupostos apresentados, a análise e sua discussão. Nesse sentido, analisei o papel da modalidade, especialmente no que se refere ao estabelecimento da autoridade do sujeito/autor e ao processo de exortação-persuasão inerente ao gênero artigo científico. O uso do modal de alguma forma marca a subjetividade e o envolvimento do autor no texto, de modo a persuadir o leitor a adotar uma determinada postura e a realizar determinadas ações. As escolhas dos modais feitas pelos autores permitiram estabelecer alguns padrões de significados para o uso desses operadores. O que percebi foi que, no desenvolvimento, a modalização apareceu quando os autores expressavam sua opinião acerca do tema central do texto e também na expressão da argumentação e do potencial em relação ao tema discutido no artigo. O uso desse modal permite ao autor do texto ir em busca de construir algo que seja possível, de certa forma garantindo e mantendo a sua autoridade no que se refere ao “saber” e ao mesmo tempo abrindo espaço para a prática do poder que o discurso científico lhe confere.

Nessa perspectiva não há, por parte do autor, um comprometimento modal, uma posição clara em relação às asserções apresentadas para não correr o risco de parecer autoritário, incorrendo em possível perda de credibilidade por parte do leitor e criando um distanciamento entre autor/leitor.

Em relação às conclusões dos artigos, os resultados quantitativos confirmam maior uso de modalização em relação à modulação. Do uso de operadores modais, o modal *pode* e suas variantes foram utilizados 82,7%, e a modulação com o operador modal *deve* e suas variantes, 20,3%. Em especial, o uso dos operadores modais mostra possibilidades de interpretação dos dados, de uso de outras teorias para as análises, mas também atribui baixo grau de responsabilidade aos participantes do discurso, o que pode soar como uma falta de comprometimento do

autor quando na conclusão dos seus artigos. No que se refere ao uso do operador modal *deve* a ocorrência é baixa, e quando utilizado remete a assuntos diretamente relacionados à temática do artigo. Essas constatações corroboram os resultados encontrados por Morais (2009)⁴² em relação ao uso de modalidade nas conclusões de LA. A autora analisou duas publicações de áreas distintas, com o objetivo de apresentar as diferenças tanto em termos de escolhas lexicogramaticais quanto de significado. Como observado nas análises, a modalidade envolve diversas escalas em relação à assertividade e ao comprometimento do locutor. O locutor pode sinalizar um maior ou menor grau de certeza à validade de uma proposição, ou pode ainda demonstrar maior ou menor responsabilidade frente à sua proposição e ao seu leitor.

3.2.2 A metáfora interpessoal nos artigos

A análise dos artigos em todas as suas partes – introdução, desenvolvimento e conclusão – revelou um número expressivo do uso da metáfora interpessoal. Sob a luz da sistêmico-funcional, a metafunção interpessoal diz respeito ao estabelecimento de relações humanas, isto é, o falante expressa significados que tratam da sua relação com o outro, ao dar pistas ao interlocutor a respeito do grau de distância/proximidade ou do poder/solidariedade existente na interação. Lock (1996:9) ressalta que os significados que a metafunção interpessoal expressa são as maneiras pelas quais atuamos uns sobre os outros e as formas como expressamos nossos julgamentos e atitudes. Halliday (1985, 1994) afirma que usamos a linguagem para construir significados interpessoais, significados esses que refletem as relações sociais entre os participantes do discurso. Dentro da abordagem sistêmico-funcional, é por meio da metafunção interpessoal que a língua cumpre um dos seus propósitos de comunicação: a interação. A língua é usada como troca de significados entre os interlocutores, que assumem diferentes papéis de fala conforme o turno ou posição que ocupam. Para o autor (1994:68), na metafunção interpessoal:

o falante adota para si um papel particular no discurso e, dessa forma, atribui ao ouvinte um papel complementar que ele quer que este adote.⁴³

⁴² Artigo apresentado no Congresso Iternacional de Sistêmica – Mar Del Plata, Argentina, 2009.

⁴³ “The speaker adopts for himself a particular speech role, and in so doing assigns to the listener a complementary role which he wishes him to adopt on his turn.”

Para Halliday e Hasan (1976:26-27), a metafunção interpessoal está relacionada às funções sociais, expressivas e conativas da linguagem, expressando o “ângulo” do falante, suas atitudes e julgamentos, sua codificação das relações de papéis da situação e seu motivo em dizer o que diz. Halliday e Hasan (1989:12) sustentam que a dimensão interpessoal da linguagem se realiza através dos relacionamentos permanentes ou temporários de quem está fazendo parte da interação comunicativa, da natureza de seus interlocutores, do status e dos papéis desempenhados na construção de significados. No caso do discurso escrito, na expressão da perspectiva pessoal do escritor no ato da comunicação, a dimensão interpessoal pode ser realizada por diferentes formas linguísticas, tendo função essencialmente interacional, persuasiva e avaliativa; em outras palavras, seria a “intrusão” do usuário da língua no evento discursivo; nesse sentido a metáfora de modalização, tipo bastante comum de metáfora interpessoal, que se baseia a relação semântica de *projeção*. Para Halliday (1994:354), “a opinião do falante, considerando a possibilidade de que seu julgamento seja válido, não é um elemento modalizador na oração, mas sim a projeção separada de uma oração complexa em nível hipotético”. Segundo esse autor, há um número expressivo de variações de modalização na oração e várias tomam a forma de orações complexas. No desejo de delimitar o significado de “*probabilidade*” e suas principais categorias, Halliday (Idem, p.355) estabelece que “a possibilidade é subjetiva de um lado e objetiva de outro, já que o falante constrói a proposição como uma projeção e codifica a subjetividade – *Eu acho* – ou a objetividade – *É provável, É certo* – em uma oração projetada”.

Após levantamento feito por meio da lista de consistência detalhada com relação às escolhas lexicogramaticais feitas pelos escritores nas diferentes partes dos artigos analisados, cheguei aos resultados quantitativos mostrados na tabela abaixo:

Metáfora Interpessoal	Introdução	%	Desenvolvimento	%	Frequência total
É possível	17	11,7	131	90,3	148
É preciso	7	14,7	42	85,7	49
É necessário	4	7,3	49	92,7	55

Tabela 10 - Metáforas Interpessoais na introdução/desenvolvimento

As metáforas interpessoais, como podemos ver na tabela 12 e nos exemplos a seguir, tanto na parte introdutória quanto na parte do desenvolvimento dos artigos, são valores modais realizados metaforicamente por meio de formulações mais lexicais (WHITE, 2004) como “É possível ...”, “É preciso...”, “É necessário ...”, e fazem parte do eixo da probabilidade e certeza. Antes de discutir tais exemplos, vale ressaltar que as diferenças quantitativas existentes entre a parte da introdução e a do desenvolvimento eram esperadas, visto que na parte introdutória o autor geralmente aborda todos os aspectos esperados pelo leitor, ou seja, o começo da discussão propriamente dita e o processo de busca e pesquisa dos dados ali revelados, iniciando, ao final do desenvolvimento, uma preparação para as considerações. Em vista disso, a parte do desenvolvimento torna-se a mais longa, o que demanda do autor um discurso mais prolongado e profundo, daí a razão dos números diferentes. Vejamos a seguir os exemplos nas partes da introdução e do desenvolvimento:

29) Se comparado com línguas como o inglês e outras do ramo germânico, **é possível** observar que o português não possui um pronome neutro que possa ser utilizado como termo anafórico nos casos em que o referente é um ser inanimado ou abstração. (025 - introdução)

30) Além desse caráter escalar e multifuncional, **é possível** questionar a própria noção de conjunção, quando se trata, especificamente, do nexos conclusivo: a relação se estabelece mediante o uso de advérbios ou de verdadeiras conjunções? (027 - introdução)

Na esfera interpessoal, a realidade é representada pela troca de informações entre o falante/escritor e sua audiência. Nessa troca, os participantes no discurso adotam papéis comunicativos na interação, no sentido de interagir. Nos exemplos 29 e 30 vemos algumas metáforas de modalização, quando o escritor se utiliza de uma construção metafórica como recurso para introduzir um assunto, o que parece estar diretamente relacionado ao tema do proposto artigo. É como se o autor estivesse discutindo, ou melhor, abrindo espaço para uma discussão com o leitor sobre o tema presente no seu texto. Dessa forma, o escritor atribui a si o papel de provocador quando abre questionamento em relação ao tema presente no texto, e ao mesmo tempo atribui-se também o papel de fornecedor de informações ao fazer uso de proposições que indicam probabilidade identificada nos exemplos extraídos das partes da introdução, desenvolvimento e conclusão como papéis de atuação (THOMPSON e THETELA, 1995). Tais características podem ser observadas nos exemplos 3, 4 e 5 que se seguem:

31) “A escrita de estorinha como tonha indicia uma provável pronúncia desta palavra como toinha. **É possível** perceber que a criança segmenta palavras, demonstra perceber as sílabas e constrói hipóteses sobre a escrita.”(027 - introdução)

32) “**É possível**, além disso, estabelecer uma quantificação e uma economia traduzida em números (Foucault, 1975/1986:161). (005 - desenvolvimento)
Exemplo 409 LADEL 041(desenvolvimento)

33) “**É possível**, a partir de então, romper com uma análise exclusivamente descritiva. (041 - desenvolvimento)

A tabela 11 mostra algumas diferenças em relação à tabela 4.

Metáfora Interpessoal	Introdução	%	Conclusão	%	Frequência total
É possível	17	50,0	17	50,0	34
É preciso	7	70,0	3	30,0	10
É necessário	4	36,0	7	63,6	11

Tabela 11: Metáforas Interpessoais na introdução/conclusão

O percentual de uso na parte da introdução em relação à parte da conclusão é idêntico, especialmente no que se refere à metáfora interpessoal ‘é possível’. Provavelmente, por que em se tratando tanto da introdução – quando expomos o assunto e os objetivos, como da conclusão – quando expomos os dados obtidos, há certo cuidado dos autores no que diz respeito à assertividade – em ciência há mais probabilidade do que certezas. Em relação às metáforas ‘é preciso’ e ‘é necessário’, há uma inversão nos percentuais. Com a metáfora ‘é preciso’ temos uma diferença em percentual na introdução, 40% a mais nessa parte do artigo do que na conclusão. Já com ‘é necessário’ o percentual maior de uso ocorre na conclusão, em torno de 40% a mais. O uso da metáfora ‘é preciso’ na introdução justifica-se pelo fato de que há a necessidade de localizar no campo da pesquisa, identificar o problema e estabelecer os objetivos com o texto (funções da parte introdução, MARTIN & ROSE, 2008:210). Vamos aos exemplos:

34) Parece-nos que a atividade desenvolvida pelos trabalhadores do período noturno não tem as mesmas características que a do pessoal do diurno, desse modo, **é possível** que esses informantes vivam relações diferentes, talvez porque suas posições na hierarquia da empresa não sejam as mesmas. 023 (conclusão)

35) Se tentarmos traçar uma escala entre as duas etapas do processo, de advérbio a conjunção, **é possível** alocarmos logo num pólo, como a mais típica das conjunções conclusivas, ficando então na faixa média do processo de transição, de acordo com o seguinte continuum: 027 (conclusão)

36) Por isso, no PB, **é possível** termos a co-ocorrência de sentenças matrizes finitas e infinitivas no estágio do infinitivo opcional. Agr é acionado quando o sistema verbal infantil passa de unipessoal para pluripessoal, conforme Kato. 013 (conclusão)

Como podemos observar, o uso de metáforas interpessoais é um tipo de estratégia utilizada nesses exemplos (ver 34 a 36) como forma de introduzir um tema, nesse caso o tema foco do artigo, apresentar definições, esclarecer dúvidas, porém sem a intenção de obter uma resposta do leitor. Não há, declaradamente, a preocupação do escritor em interagir como leitor; as proposições constituem finalidades em si mesmas, não possibilitando uma relação dialógica com o leitor.

Passo agora a analisar alguns exemplos de proposições encontradas nos artigos, as quais apresentam um comportamento diferente do escritor em relação ao leitor. São exemplos de modulação como papéis de atuação, que implicam em “obrigação” ou “inclinação”.

37) **É preciso** enfatizar que o propósito não é encontrar erros de tradução para criticar o trabalho deste ou daquele tradutor, ou de questionar a qualidade de editoras ou veículos específicos. 007 (introdução)

38) Ao antever essa nova ordem do discurso, **é preciso** considerar que a globalização tem a ver com a tese de que agora vivemos todos em um mundo único. 042 (introdução)

39) Dentre esses argumentos, **é preciso** excluir os formalmente lingüísticos. Esses se condensam na consideração de que os textos literários são exemplos acabados de linguagem em uso (MCCARTHY e CARTER, 1994:135), mas se distribuem por fundamentações como a de que integra as ditas habilidades lingüísticas, ensina verbos, vocabulário em geral, etc. 045 (desenvolvimento)

40) **É preciso** lembrar, contudo, que quando se fala em história da língua não se está pensando em diacronia, do modo como pensavam os linguistas históricos que, conforme argumenta Bakhtin (:28), ... 043 (desenvolvimento)

41) ... a significativa força motivadora do avanço teórico e prático da terminologia. Mas, **é preciso** compreender que não se trata de um.. 026 (conclusão)

Os exemplos 37, 40 e 41 foram retirados de partes distintas dos artigos, ou seja, do desenvolvimento e da conclusão. Não há, neste trabalho, interesse em mostrar as escolhas feitas pelos escritores em diferentes partes do artigo, mas sim como os escritores estabelecem ou tentam estabelecer uma relação dialógica com o

leitor. A retirada dos exemplos das partes dos artigos justifica-se para o esclarecimento das tabelas 4 e 5 apresentadas acima, do ponto de vista quantitativo.

Nesses exemplos, o discurso do autor faz uso da modulação. O uso de “é preciso” com verbos pospostos⁴⁴ é frequente. Percebe-se que o autor passa a ideia do seu posicionamento quando usa “é preciso” fazer isto ou aquilo, buscando um posicionamento do leitor, especialmente no que diz respeito às questões referentes à discussão proposta pelo artigo.

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, (...) mas também um acento de valor ou apreciativo (...). Sem acento apreciativo, não há palavra.

Bakhtin [1929], (1999:132)

Nesse sentido, o autor manifesta o seu valor apreciativo quando se posiciona de maneira objetiva, fazendo uso de metáfora interpessoal objetiva e explícita “é preciso”.

A relação dialógica com o leitor fica estabelecida na partilha dos questionamentos do escritor. É óbvio que essa postura não garante a participação efetiva do leitor, muitas vezes idealizado, mas abre caminho para uma tomada de decisão do leitor no sentido de acreditar ou não, de concordar ou não com o escritor. Diante disso, pode-se inferir que a posição do autor é manifestada através do recurso de Engajamento – consideração/suposição. A consideração/suposição constitui a voz interna do texto; com a sua utilização, a voz textual representa a proposição como uma dentre várias posições possíveis, ou seja, vozes dialógicas alternativas.

Dentre os recursos gramaticais que contribuem para esclarecer a interação na linguagem, temos na LSF a metafunção interpessoal, que também é manifestada através de modalizadores, como por exemplo *poder*, *dever*, *ter de*, *precisar*, *necessitar*, e avaliativos, tais como *interessante*, *horrível*, *necessário*. Nos exemplos a seguir temos o modalizador necessário, constituindo – juntamente com o item lexical *é* – uma metáfora interpessoal: *é necessário*. Mais uma vez observa-se, nesses exemplos, o que Halliday denomina metáfora interpessoal (de modo). Para o

⁴⁴ Neste artigo não nos aprofundaremos na questão que se refere à estrutura (*é possível*, *é preciso* e *é necessário* com verbos pospostos).

autor (1994:342), “os modos metafóricos de expressão são característicos de todo discurso de adultos e estão presentes no discurso científico”.

42) Na verdade, **é necessário** definir certas propriedades semânticas que constituem o papel temático dos argumentos, propriedades essas, relevantes para a explicação de certas generalizações gramaticais, como, por exemplo, as regras de projeção da semântica na sintaxe. 003 (desenvolvimento)

43) Entretanto, **é necessário** que o sentido da preposição funcional seja compatível com o sentido do argumento acarretado pelo verbo. A preposição para, entre seus possíveis sentidos, pode ter o sentido específico de ser um alvo de um processo. 003 (desenvolvimento)

44) Nessas funções, apesar dos avanços tecnológicos, a sociedade requer atributos mais femininos como a paciência, a atenção e a intuição. Desse modo, **é necessário** que a mulher esteja pronta para preencher essas funções. 042 (conclusão)

45) Entretanto, **é necessário** que compreendamos essas restrições, que nos adaptemos a elas, mesmo se isso nos obrigue até mesmo a agir contra nossas concepções sobre um trabalho de assessoria e de transposição didática idealmente perfeita do ponto de vista metodológico ou teórico. 022 (conclusão)

Tomando como base os exemplos acima, identifiquei características interacionais pertinentes à metafunção interpessoal, de proposições e propostas. O uso da metáfora interpessoal é uma forma de sinalizar ao leitor o quanto o autor se responsabiliza pela proposição (*modal responsibility*) (THOMPSON, 2004). Desse modo, o autor faz um convite ao leitor enquanto deixa clara a necessidade de partilha, especialmente nos exemplos 44 e 45. Há, nos exemplos acima, a busca de outros participantes além do autor do artigo. Nesse sentido, faz-se necessário ressaltar que o autor, ao ancorar a proposição em uma posição subjetiva individual, apresenta uma proposição entre outras possíveis, invocando assim alternativas dialógicas como nos exemplos 44 e 45.

Algumas considerações sobre a metáfora interpessoal

No presente estudo, busquei investigar as escolhas linguísticas feitas pelos autores de artigos científicos publicados na Revista DELTA entre os anos de 2000-2007. Nesse sentido, optei por analisar os artigos publicados por linguistas aplicados, a fim de verificar como esses autores estabelecem e/ou manifestam proximidade com o leitor.

O arcabouço teórico que fundamenta este trabalho é a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) proposta por Halliday (1985, 1994, 2004), a qual analisa e explica a prática social do discurso – o texto. Essa abordagem teórica (HALLIDAY, 1985/1994) sugere que a linguagem deve ser vista como um fenômeno social, e não individual, que tem origem e se desenvolve com o objetivo de atender às necessidades socioculturais da comunicação humana.

A metafunção interpessoal foi a escolhida dentre as várias possibilidades de análise, levando-se em conta o foco deste trabalho: a interação entre autor e leitor. Halliday (1994), ao tratar da metafunção interpessoal, coloca que, através da metáfora interpessoal, há um vasto número de modos de os locutores expressarem suas opiniões, “ou, mais propriamente, dissimular do fato de que eles estão expressando suas opiniões.” (HALLIDAY, 1994:355).

As diferentes escolhas e combinações de elementos da linguagem em termos de metáfora interpessoal sinalizam ao leitor a probabilidade e a possibilidade de envolvimento do autor com o seu texto, bem como a sua interação com o pretense leitor. Há, nas expressões analisadas, um grau de modalização, mecanismo de linguagem que evidencia uma visão contemporânea de tratamento da ciência em LA e sua proximidade com os participantes envolvidos no discurso.

Em alguns casos, as metáforas interpessoais possibilitaram e promoveram espaço para uma tomada de atitude do leitor, mesmo que isso não tenha acontecido; não há como garantir a reação do leitor frente ao texto – em alguns casos há hipóteses, mas não certezas.

A realidade é representada, na esfera interpessoal, pela troca de informações entre o falante/escritor e sua audiência. Nesse evento discursivo, os participantes no discurso adotam papéis comunicativos. Os exemplos selecionados mostram que as escolhas realizadas pelos autores dos textos nem sempre permitiram a inserção do leitor no processo.

Frequentemente, o falante/escritor se manifesta em relação ao seu trabalho como se questionasse a si próprio, inviabilizando assim qualquer tomada de atitude por parte do leitor; não há, portanto, espaço para a relação dialógica. Não há meios de inferir se essa atitude de questionamento é proposital. Segundo White (2004), o que se tem são evidências de que, em certos casos, as metáforas interpessoais

possibilitam a relação – ou melhor, a interação – entre autor e leitor em uma expansão dialógica. Nesse sentido, vale remeter a Halliday e Mathiessen (2004:21):

A língua é um recurso para a produção de significado, e o significado reside em padrões de escolhas sistemáticos (HALLIDAY, 2004:23). Este significado, contudo, é social, daí a abordagem da linguagem como semiótica social: “uma realidade social (ou uma cultura) é em si mesma um edifício de significados – um construto semiótico.”

Halliday (1978:2)

A proposta de investigação da metáfora interpessoal foi a de pesquisar alguns aspectos da interação que sugerem um posicionamento do autor do texto, bem como a sua relação com os argumentos levantados em defesa das proposições que apresentam especialmente o uso de metáforas interpessoais. Pude constatar, porém, que os papéis sociais atribuídos ao autor e ao leitor ocorrem de formas bastante variáveis, influenciados pela proximidade ou afastamento dos participantes, sugerindo muitas vezes o não comprometimento com o que é proposto e enfraquecendo assim os argumentados utilizados. Em consequência, torna-se frágil a relação do discurso do autor em relação à objetividade e clareza que devem permear a linguagem do discurso científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises aqui empreendidas e sustentadas, sobretudo sob a ótica da Linguística Sistêmico Funcional, permitiram-me investigar e evidenciar os padrões de representação da mensagem para a construção de sentido, ou a expressão de um posicionamento do autor no gênero artigo científico da área de Linguística Aplicada.

Após as etapas percorridas, necessárias à consecução e finalização do estudo, apresento os resultados encontrados e em seguida passo às considerações finais deste trabalho. Embora os resultados auferidos permitam responder às questões que geraram e permearam esta pesquisa, tenho consciência de que não foram esgotadas todas as possibilidades de análise, tampouco evitadas algumas falhas e lacunas.

No que se refere à sistematização dos dados, vale ressaltar que o enfoque, em princípio, do sistema de transitividade com base na metafunção experiencial trouxe a certeza de que é necessário assumir uma posição analítica frente às evidências geradas no discurso – neste caso, no artigo científico. Ao tomar essa decisão, pude observar com maior clareza o funcionamento da prática discursiva nesse gênero, que é por natureza uma prática argumentativa no sentido de que por um lado possibilita ao autor do texto determinar o que, no discurso da ciência, é recorrente em relação ao seu texto, permitindo-lhe analisá-lo sob a luz do que há de mais recente sobre o tema e levando em conta o seu ponto de vista e filiação teórica. Por outro lado, assegura um espaço de negociações entre locutor e interlocutor no que tange ao estabelecimento da posição dos participantes envolvidos nessa prática discursiva.

A análise dos processos verbais – tal como levada a cabo no capítulo de análise –, aliada aos operadores e às metáforas interpessoais, permitiu identificar em alguns momentos uma tendência dos autores em manifestarem-se comprometidos com seus ditos e interlocutores.

Retomando o sistema de transitividade, mais especificamente o funcionamento dos processos verbais, os resultados apontam respostas satisfatórias em relação a duas das questões desta pesquisa, a primeira relacionada

aos processos verbais mais frequentes nos artigos, a outra referente aos padrões de realização das mensagens dos processos verbais estudados.

Respondendo à primeira pergunta de pesquisa – quais são os processos verbais mais frequentes nos artigos –, há um total de 22 verbos (dos 23 a princípio levantados para a análise) que desempenham a função de processo verbal. Dentre eles, o que encabeça a lista de ocorrência é *dizer*, verbo prototípico de declaração. Após as análises empreendidas, pude também observar alguns verbos que, a princípio e devido ao seu significado implícito, poderiam desempenhar a função de processo verbal; contudo, por estarem atrelados aos seus contextos, apresentaram outras classificações e significados. Isso ocorreu especialmente com os verbos *chamar* – que não desempenhou função de processo verbal – e *apresentar* – que, apesar de ocupar a segunda posição dentre os verbos mais usados no corpus, também ocorreu com outros significados possíveis.

Quanto à classificação e aos significados do verbo *chamar*, ele é visto como um processo material frequentemente empregado em expressões como ‘chamar a atenção de’ ou ‘chamar a atenção para’, no sentido de nos fazer notar algo. Com o verbo *apresentar*, por não possuir um significado específico, apareceu nas análises com sentido de *mostrar*, isto é, expor visualmente (não verbalmente) e no sentido de *possuir* – portanto, mais próximo dos processos relacionais.

Em relação à segunda pergunta de pesquisa – quais são os padrões de realização das mensagens –, do total de 22 processos verbais, 5 verbos apresentaram estrutura de mensagens sob forma de projeção. Vale ressaltar que, dentre esses verbos, *dizer* surge em primeiro lugar como o de maior uso de citação paratática. Também causou surpresa encontrar *afirmar* com alta frequência no corpus, como o sétimo processo verbal mais utilizado. Conforme já relatado por Barbara Macedo (2009), inicialmente não se previa tal frequência para o verbo *afirmar*, a não ser que os artigos tivessem sido escritos em um período no qual a ciência se declarava como parte de uma filosofia positivista, isto é, entre os anos 50 e 70; porém, as análises mostram *afirmar* sendo amplamente utilizado pelos autores, tanto em relatos hipotáticos quanto em citações paratáticas.

Outro aspecto é a constatação de um uso maior de citação paratática do que relato hipotático. Em nossos dados 15 dos 23 verbos estudados apresentaram uso de citação, em um total de 63,5%, e a estrutura da mensagem sob forma de discurso reportado apresentou um percentual de 36,5%. Ainda em relação ao padrão de realização das mensagens, com a maioria dos verbos (19 dos 22 estudados) há um quase total predomínio de verbiagem, o que resulta na transformação de algo que é possivelmente dito em algo mais concreto, isto é, em nominalização ou circunstância.

Essa alta frequência detectada nos dados reforça o que Halliday e Martin (1993:12) chamam de “a gramática da linguagem da ciência”, ou seja, uma forma particular de argumentação na qual verbos e adjetivos são representados como substantivos sob a forma de informação dada, atestando o reconhecimento do uso de nominalização como essencial a uma linguagem mais elaborada.

A posposição da mensagem em relação à oração verbal apareceu de forma massiva no corpus: 92,4% das mensagens. Nesse sentido, os dados sugerem que a anteposição da oração verbal (dizente + processo verbal) em relação ao participante – locução, aqui chamada de mensagem – é característica do gênero artigo científico. Em relação aos verbos com maior ocorrência de projeção, *dizer*, *mostrar*, *afirmar*, *argumentar*, *ressaltar*, *comunicar* e *esclarecer* apresentaram uma maioria de orações relacionais projetadas (60,2%) de processos relacionais intensivos identificadores, com características atribuídas à temática presente no texto.

Em relação ao papel dos participantes, os resultados indicam que a maioria absoluta dos participantes está organizada em dizentes conscientes, representados por outras entidades (nomeadas ou algumas apresentadas por grupos nominais – o autor/o estudioso). A função desses participantes, especialmente ao codificar o dizente, é materializar o envolvimento que o autor procura estabelecer com o leitor e com o tema abordado no texto. Muitas vezes esse envolvimento não ocorre efetivamente, o que na verdade revela um distanciamento entre autor e leitor, especialmente quando o participante dizente consciente também participa do discurso e está presente no sentido de apoiar, ratificar e muitas vezes esclarecer as proposições apresentadas pelo autor do texto. Esse suposto envolvimento fica ainda mais abalado quando o autor traz para o texto um dizente não dotado de

consciência – como estudos, pesquisas e dados. Dessa forma, o comprometimento e a responsabilidade do autor frente ao seu texto e ao seu interlocutor fica balizado pela inserção desses participantes dizentes – sejam eles conscientes ou não. Vale ressaltar que, dentre os 22 processos verbais aqui estudados, somente *explicitar* e *esclarecer* apresentaram participantes dizentes conscientes, com o próprio autor do texto explicitamente envolvido com o tema e o seu posicionamento em relação ao interlocutor.

Essa tomada de atitude por parte de autores que fizeram uso tanto de *explicitar* quanto de *esclarecer* pode ser interpretada como uma necessidade de expor os fatos referentes ao tema e tratá-los com grande transparência, evitando equívocos e polissemias que possam perturbar a compreensão do leitor frente às proposições e discussões expostas. No que se refere às circunstâncias de projeção presentes nas orações verbais, a circunstância de assunto teve frequência maior que a de ângulo – praticamente o dobro de ocorrências, o que sugere que os autores, antes de mencionar a fonte de suas informações, preocupam-se primeiramente em situar o leitor no sentido de esclarecer ou de expor o que será tratado no texto.

Cabe ressaltar que os processos verbais têm presença garantida nos artigos quando os autores julgarem necessário trazer para a argumentação outro participante, uma voz de autoridade quer para validar um argumento quer para desconstruir um conceito/ideia, assim dialogando com outros saberes e outros pares da comunidade discursiva. Além disso, a presença de outro participante muitas vezes têm a intenção de conferir maior força aos comentários do autor, ampliando o valor de verdade, explicando fatos ou situações, esclarecendo dúvidas ou trazendo outros resultados que possam dar sustentação às hipóteses levantadas pelo autor do artigo.

No que se refere à terceira pergunta de pesquisa – quais são os recursos interpessoais utilizados pelos autores na expressão do compromisso e da responsabilidade modais – a análise permitiu confirmar que a língua, de fato, não é usada apenas para transmitir informação, mas principalmente para construir e manter relações sociais. Os artigos utilizam os operadores modais *deve* e *suas variações* em menor proporção, isto é, menos modulação diante de suas proposições, caracterizando assim um menor grau de construção de significados

interpessoais de posicionamento da autoria e, em alguns casos, a expressão de argumentos em relação à atitude de outro participante no discurso.

Assim sendo, observa-se que um maior uso de modalização nos artigos com o operador modal *pode* e suas variações contribui para demarcar a extensão da validade das proposições, uma vez que o autor permite ao interlocutor considerar o conteúdo proposicional válido, a partir do momento que abre uma outra possibilidade de interpretação, quando sugere que – para a mesma proposição – não há uma verdade absoluta e a interpretação pode decorrer da observação feita a partir de ângulos distintos. Se por um lado o uso do operador modal *pode* atenuar o grau de asseveração das proposições apresentadas pelo autor, por outro, ao apresentar os conteúdos das proposições como algo provável/possível resultante da interpretação da autoria, o uso desse operador modal diminui o grau de verdade absoluta que possa inevitavelmente aparecer nas proposições, além de ampliar o grau de cooperação entre interlocutor e locutor, visto que o autor se coloca aberto ao questionamento e a posicionamentos contrários frente ao seu texto e ao seu leitor.

Além dos operadores modais *deve* e *pode*, pode-se constatar nas análises o uso de metáfora interpessoal objetiva explícita que está diretamente relacionada ao que Halliday (1994:342) chama de “os modos metafóricos de expressão” e que, segundo o autor, são característicos de todo discurso adulto. Nesse sentido, Halliday refere-se à opinião do falante/ autor que se apresenta por meio da modalidade. A análise das metáforas interpessoais em todo o artigo permitiu-me perceber e investigar por que os autores, por inúmeras razões, recorrem a diferentes métodos para mascarar sua responsabilidade e apresentar seu ponto de vista de uma forma aparentemente objetiva, ao estabelecerem a responsabilidade modal frente ao texto e ao leitor. Ao fazer uso da metáfora modal, o autor cria um posicionamento mais impessoal por meio de julgamento quando utiliza as expressões *é preciso*, *é necessário*, *é possível*. De certa maneira, apesar desse posicionamento verifica-se que o uso das metáforas atenua a certeza das suas proposições no sentido de manter o diálogo aberto com o interlocutor e com os seus pares na comunidade discursiva. Dessa forma, o autor pode expressar uma visão da construção do conhecimento científico e não do estabelecimento do conhecimento como algo que não precisa de constatação.

A investigação da metáfora interpessoal propôs-se a verificar e analisar alguns aspectos da interação que sugerem um posicionamento do autor do texto, bem como a sua relação com os argumentos levantados em defesa das proposições. Pude constatar, porém, que os papéis sociais atribuídos ao autor e ao leitor ocorrem de formas bastante variáveis, influenciados pela proximidade ou afastamento dos participantes, sugerindo muitas vezes o não comprometimento dos participantes com o que é proposto e assim enfraquecendo os argumentos utilizados.

Nessa perspectiva, os autores buscam demarcar o seu território por meio de recursos diversos, trazendo confiabilidade ao texto e se posicionando diante das suas proposições. Em se tratando de um texto argumentativo, aquele que se propõe a escrever um artigo científico busca estratégias argumentativas para garantir, até certo ponto, a aceitabilidade do que é proposto. Em linhas gerais, as formas e a representação do discurso científico analisado apresentam nuances das representações sociais provenientes de uma determinada cultura científica.

Na produção do seu artigo, o autor estabelece uma atitude de maior ou menor comprometimento com a proposição, com proximidade variável frente à sua produção e ao seu interlocutor. Todas as escolhas mencionadas acima, feitas pelos autores, são contribuições imprescindíveis para a orientação argumentativa do discurso científico, o que mostra que esses recursos linguísticos presentes nos textos influenciam as relações sociais e determinam alguns fatores que extrapolam os limites da prática discursiva, permitindo ao leitor buscar sua própria compreensão e/ou aceitação dos argumentos apresentados. No que diz respeito à elaboração dessa pesquisa, gostaria de – no plano estritamente pessoal – registrar que as leituras, as discussões teóricas e a análise, bem como a confecção da tese, escritas e re-escritas, caracterizaram-se como momentos de crescimento, de aprendizagem e muitas vezes de inseguranças e angústias.

Tenho consciência de que restam lacunas a preencher e problemas a solucionar, mas acredito que esta pesquisa possa ser útil aos estudos associados à linguagem, especificamente sobre o estudo da linguagem presente nos artigos científicos. Espero, ainda, que este trabalho possa contribuir para a lida com a questão da produção de artigos científicos, além de auxiliar os usuários da língua portuguesa na percepção de que todas as escolhas no nível gramatical repercutem

na construção de sentido de tudo o que dizemos ou escrevemos, ou seja, em todos os gêneros que utilizamos em nossas interações cotidianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, S. (1996) *A argumentação nas introduções de trabalhos científicos na rea da Química*. Dissertação de Mestrado inédita. LAEL - PUC-SP.
- BAKHTIN, M. M. (1992) *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (2002) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10 ed. São Paulo: Hucitec.
- BAPTISTA, M.E. (1998) *E-mails na troca de informação numa multinacional - o gênero e as escolhas léxico-gramaticais*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL--PUCSP, São Paulo.
- BARBARA, B.; GOUVEIA, C. (2001) Marked or unmarked that is NOT the question, the question is: Where's the Theme? DIRECT Papers no. 45, 20 p.
- BARBARA, L.; MACEDO, C.M.M. (2009) *Artigos acadêmicos em revistas de prestígio: forma da mensagem com processo verbal em português do Brasil – apresentado no V CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA SISTÉMICO*. 2 a 7 de novembro de 2009. Mar del Plata – Argentina
- BATHIA, V. K. (1993) *Analyzing Genre: Language Use in Professional Settings*. Londres: Longman.
- BAZERMAN, C. (1998). Emerging perspectives on the many dimensions of scientific discourse. In: MARTIN, J. R. & VEEL, R. (eds). *Reading Science: critical and functional perspectives on discourses of science*. Londres/New York: Routledge, p. 15-28.
- BERBER SARDINHA, A. P. (1999) *Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem*. DIRECT Papers 40 ISSN 1413-442x, 20p.
- _____ (2000) *Linguística de corpus: histórico e problemática*. DELTA, 16(2): 323-367.
- _____ (2004) *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Editora Manole.
- BERNARDINO, C.G. (2007) *O metadiscurso interpessoal em artigos acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte/MG – UFMG.
- BERNSTEIN, B. (1984) *Classes e pedagogia: visível e invisível*. Cadernos de Pesquisa, no.49, p.26-42.
- _____ (1990) *Class, code and control*. London: Routledge & Kegan Paul, v. 4.
- _____ (1996) *A estruturação do discurso pedagógico: classe, código, controle*. Petropolis: Vozes.

_____. (1999) *Vertical and horizontal knowledge*. British Journal of Sociology of Education, v.20, n.2, p.157-217.

BIBER, D. CONRAD, S. KEPPEN, R. (1998). *Corpus Linguistics. Investigating Language Structure and Use*. Cambridge. Cambridge University Press.

BONINI, A. (2001) *Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas*. Trabalhos em lingüística aplicada, n. 37, p. 7-23.

_____. (2005), A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam – Gêneros, teorias, métodos, debates – J.L.Meurer / Adair Bonini / Désirée Motta-Roth (orgs.)

BRESSANE, T.B.R. (2000). *Construção de identidade numa empresa em formação*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUC-SP.

BRESSANE, T.B.R. (2006) *Processos e produtos no ensino de construção de hipermídia*. Tese de Doutorado. LAEL – PUC-SP.

CALSAMIGLIA, Helena et al. (2001) *Análisis discursivo de La divulgación científica*. In: *Simposio Internacional de Análisis del Discurso*. Madrid: Visor Libros. v.2. p.2639-2646.

CELANI, M.A.A. (1992) *Afinal, o que é Linguística Aplicada?* In: PASCHOAL, M.S. Z. & M.A.A.CELANI (orgs.) (1992) *Linguística Aplicada: da Aplicação da Aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar*. SP: Educ. p.15-23.

_____. (2004) *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole.

CORACINI, M.J.F.R. (1991) *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: EDUC; Campinas/SP: Pontes.

COULTHARD, M. (eds.) (1994). *Advances in Written Text Analysis*. London/New York: Routledge.

CHRISTIE, F. (1998) *The pedagogy discourse*. In : MARTIN, J. R. ; VEEL, ROBERT (eds). *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London/New York: Routledge.

_____. (2002) *Classroom Discourse Analysis*. In: *A Funcional Perspective*, Londres: Continuum International Publishing Group.

_____. (2005). *Pedagogy and the Shaping of Consciousness : Linguistic and Social Processes*. Londres: Continuum International Publishing Group.

DE OLIVEIRA, J. M. (2003) *Ações sociais do gênero informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro: uma abordagem interdisciplinar* In: SILVA, D.H.G. (org.). *Nas Instâncias do Discurso: uma permeabilidade de fronteiras*. Brasília: Oficina do Instituto de Letras da UnB.

- _____ (2004) A representação da ciência no jornal televisivo brasileiro: ações e ações sociais da divulgação científica. In: Seminário APEC, IX, 2004, Barcelona. *Pluriculturalismo y globalización: producción Del conocimiento para la construcción de la ciudadanía en latinoamerica*. Barcelona: APEC, 2004. p.71-78.
- DUDLEY-EVANS. (1994) Genre analysis: an approach to text analysis for ESP. *Advances in written text analysis*. In: COULTHARD, M. (Ed.). London: Routledge
- EGGINS, S. (1994) *An Introduction to Systemic Functional Grammar*. Londres: Printer Publishers.
- EGGINS, S.; MARTIN, J. R. (1997) Genres and registers of discourse. In: T.A. VAN DIJK (ed.) *Discourse as structure and process*. Londres: SAGE Publications.
- EVERSEN, L.S.A. (1998 [1996] A Linguística Aplicada a partir de um arcabouço com princípios caracterizadores de disciplinas e transdisciplinas. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (orgs.) *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras.
- FUZER, C. (2008) Linguagem e representação nos autos de um processo: como operadores de direito representam atores sociais em um sistema de gênero. Tese de Doutorado. Santa Maria/RS – UFSM.
- GONÇALVES, H. A. (2004) *Manual de Artigos Científicos*. São Paulo: Editora Avercamp.
- GRAETZ, N. (1985) Teaching EFL students to extract structural information from abstracts. In: ULIJN, J.M. & K. Pugh (eds.) *Reading for Professional Purposes*. Leuven/Bélgica: ACCO.
- HALLIDAY, M.A.K. (1978) *Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning*. Baltimore: University Park Press. Londres: Edward Arnold.
- _____ (1991) Corpus studies and probabilistic grammar. In: AIJMER, K. & ALTERNBERG, B. (eds.). *English Corpus Linguistics*. Londres: Longman.
- _____ (1992) Some lexicogrammatical features of the Zero Population Growth Text. In: W. C. Mann & S. A. Thompson (eds.). *Discourse Description: Diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam: John Benjamins.
- _____ (1993) Quantitative studies and probabilities in Grammar. In: HOEY, H. (ed.) *Data, description, discourse*. EUA: Harper Collins.
- _____ (1994) *An Introduction to Functional Grammar*. 2ª ed. London: Edward Arnold.
- _____ (2004). *An Introduction to Functional Grammar*. Revisado por Christian M.I.M. Matthiessen. 3ª ed. London: Edward Arnold.

- _____ (2004) *The Language of Science*. Londres: Continuum.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. (1976) *Cohesion in English*. London: Longman.
- _____ (1989) *Language, Context, and Text*. Aspects of Language in a Social Semiotics Perspectives. Oxford: Oxford University Press.
- HALLIDAY, M.A.K.; MARTIN, J.R. (1993) *Writing Science: Literacy and discursive power*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press. Londres: Falmer Press.
- HASAN, H. (1995) *On Subject and Theme: A discourse functional perspective* Hasan, Ruqaiya and Peter H. Fries (eds.)
- HEBERLE, V.M. (2000) – Análise crítica do discurso e estudo de gêneros: subsídios para a leitura e interpretação de textos. In Fortkamp, M. ; Tomitch, L. (orgs.) *Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao Prof. Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular .
- HEMAIS, B, B. B.; RODRIGUES (2005) A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. 1ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, v. 1, p.108-129.
- HESS, D. J. (1995) *Science and technology in a multicultural world: the cultural politics of facts and artifacts*. New York: Columbia University Press.
- HOOD, S. (2004) *Appraising Research: Taking a stance in academic writing* - Faculty of Education. Sydney: University of Technology.
- HOPKINS, A.; DUDLEY-EVANS, T. (1988) *A genre-based investigation of the discussion sections in articles and dissertations*. *English for Specific Purposes*, 7(2): 113-122.
- HUNSTON, S. (1993) Evaluation and ideology in scientific writing. In: GHADESSY, M. *Register Analysis – Theory and Practice*. London: Printer Publishers.
- HYLAND, K. (2000) *Disciplinary Discourses. Social interactions in academic writing*. London: Longman.
- IKEDA, S. N.; VIAN JR., O. (2006) A análise do discurso pela perspectiva sistêmico-funcional. In: LEFFA, V.J. (org.) *Pesquisa em Linguística Aplicada: temas e métodos*. Pelotas/RS: Educat.
- KAPLAN, R.B. (1985) *Applied Linguistics, the state of the art: is there one?* *English Teaching Forum*. p.1-6.
- KENNEDY. G. (1998). *An Introduction to Corpus Linguistics*. Studies in Language and Linguistics. New York: Longman.

KILLENGSWORTH & GILBERTSON (1992) – *Signs, Genres and Communities in Technical Communication*. Amityville, N.Y.: Baywood Publishing Company.

KOCH, I. G. (2000). *Argumentação e Linguagem*. 6ª. ed. São Paulo: Editora Cortez.

LIMA-LOPES, R.E. & VENTURA, C.S.M. (2008) *A transitividade em português*. DIRECT Papers 55, publicado pelo LAEL, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

LIMA-LOPES, R. E. & VIAN JR., O. (2005) A perspectiva teológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. In: *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.

LOCK, G. (1996) LOCK, G. *Functional English grammar*. An introduction for second language teachers. Cambridge: Cambridge Press, 1996.

LYOTARD, Jean-François (1984) *The Postmodern Condition*. Manchester : Manchester University Press. Os 5 primeiros capítulos estão disponíveis em: <http://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/fr/lyotard.htm>.

_____ (1986) *O pós-moderno*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

MALINOWSKI, B. (1923) The problem of meaning in primitive languages. In: C. K. OGDEN & I. A. RICHARDS (eds.). *The meaning of meaning*, supplement 1. Londres: Kegan Paul.

MARTIN, J. R. (1984) Language, Register and Genre. In: F. Christie (eds.). *Children Writing: Reader*. Geelong, Vic: Deakin University Press, p.21-9.

_____ (1985) *Factual Writing: Exploring and Challenging Social Reality*. Geelong: Deakin University Press (republicado: London: OUP, 1989).

_____ (1992) *English text - systems and structure*. Philadelphia/ Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

_____ (1997) *Genres and Institutions: social processes in the workplace and school*. Londres: Cassell.

_____ (1998) Discourses of science: recontextualization, genesis, intertextuality and hegemony. In: MARTIN, J. R.; VEEL, Robert (eds.). *Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science*. London/ New York: Routledge, p.3-14.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. (2003) *Working with Discourse – meaning beyond the clause*. London/New York: Continuum.

- MARTIN, J.R.; ROSE, D. (2008) *Genre Relations: mapping culture*. London.
- MARTÍN-MARTÍN, P.E.S.; BURGESS, S.(2004) The rhetorical management of academic criticism in research article abstracts. In: *Text – Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*, v. 24, nr. 2, pp. 171-195.
- MATTHIESSEN, C.M.I.M.(1993) Register in the round: diversity in a unified theory of register analysis. In: Mohsen Ghadessy (eds.), *Register analysis: theory and practice*. London: Pinter.
- MATHIESSEN, C. M. I. M. (1995) *Lexicogrammatical Cartography: English Systems*. Tokyo: International Language Sciences Publications.
- McENERY, T.; A. WILSON (1996) *Corpus Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- MEDIANEIRA. M. S (2006) Transitividade e construção de sentido no gênero editorial. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife.
- MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH,D. (org.) (2005). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 295 p.
- MEURER, J. L. (2000). O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: M. B. M. Fortkamp & L. M. B. Tomitch (eds.), *Aspectos da Linguística Aplicada: Estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn* (pp. 149-166). Florianópolis/SC: Editora Insular.
- MILLER, C. R. (1984). Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech*, 70: 151-67.
- MOITA Lopes, L. P. (org.) (2006) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- MORAIS, F. B. C. (2009) *Análise comparativa das conclusões de artigos científicos das áreas de Odontologia e Linguística Aplicada*. V CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA SISTÉMICO. 2 a 7 de novembro de 2009. Mar del Plata – Argentina
- MORAES RODRIGUES, G. B. (2008) Análise de artigos de divulgação científica e textos de livros didáticos de Biologia sob a perspectiva da gramática sistêmico-funcional. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUC-SP.
- MOTTA-ROTH, D. (1995) *Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics*.

Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

- MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V.M. (2005) O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. 1ª. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, v. 1, p. 12-28.
- MOTTA-ROTH, D. & G. Hendges (1998) *Uma análise transdisciplinar do gênero abstract*. Intercâmbio, v.7, pp.117-125.
- MUELLER, S.P.M. (2006) *A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento*. Ciência da Informação, vol. 35, nº 2.
- MYERS, G. (1990). *Writing biology: texts in the social construction of scientific knowledge*. London: University of Wisconsin Press.
- ORASAN, C. (2001) Patterns in scientific abstracts. In: *Proceedings of Corpus Linguistics*. Conferência Lancaster University, UK. p. 433-443. Disponível em: <http://clg.wlv.ac.uk/papers/papers-by-author.php?authorID=2>. Acessado em 22/11/2004.
- PALTRIDGE, B. (1997) *Genre, frames, and writing in research settings*. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins Pub.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. (1996) *Tratado da Argumentação*. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- PERELMAN, C.; TYTECA, L. O. (2005) *Tratado da Argumentação – a nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- POSSAMAI, V. (2004) Marcadores textuais do artigo científico em comparação português e inglês – um estudo sob a perspectiva da tradução – Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRJ, Porto Alegre.
- RAJAGOPALAN, K. (2003) *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.
- RAMOS, R. C. G. (1997) *Projeção de imagem através de escolhas linguísticas: um estudo no contexto empresarial*. Tese de Doutorado. LAEL – PUC-SP.
- ROJO, R.H.R. (2006) *Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento*. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola.
- SALAGER-MEYER, F. (1990) SALAGER-MEYER, F. *Discoursal flaws in Medical English abstracts: a genre analysis per research type*.
- SALAGER-MEYER, F. (1992) *A Text-type and Move Analysis Study of Verb Tense and Modality Distribution in Medical English Abstracts*. Revista English for

Specific Purposes, v. 11, pp. 93-113.

SANCHEZ, A. (1995) Definición e historia de los Corpus. In: SANCHEZ, A. et al. (Org.). *CUMBRE – Corpus Lingüístico de Español Contemporáneo*. Madrid: SGEL.

SANTOS, M. B. (1996). *The textual organization of research paper abstracts in applied linguistics*. In: *Text - Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse*. v. 16, nr. 4, p.481-499.

SANTOS V.B.M.P.,(2002) O perfil das comunicações internas escritas de uma empresa brasileira: um estudo de caso sobre o contexto de produção e as realizações discursivas em locais de trabalhos. Tese de Doutorado. PUC-SP.

SCOTT, M. R. (1999) *WordSmith Tools*. Oxford University Press.

_____ (2001) Comparing corpora and identifying key words, collocations, frequency distributions through the WordSmith Tools suite of computer programs. In: GHADESSY, M. et al (eds.) *Small corpus studies and ELT*. Amsterdam: John Benjamins.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (orgs.)(1998) *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras.

SILVA, E. C. F. (2005) *A modalização no discurso acadêmico: um estudo sobre sobre introduções de dissertações de mestrado*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUC-SP.

SIQUEIRA, C.P. (2000) *Análise temática em estudos de tradução: o caso dos relatórios anuais de empresas brasileiras*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUC-SP.

SPINNELLI, M. D. P. (2005) *Avaliação e persuasão em abstracts de artigos de pesquisa experimental em Medicina*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUC-SP.

STUBBS, M. (1996) *Text and Corpus Analysis*. Blackwell Publishers.

SWALES, J. M. (1990) *Genre Analysis – English in Academic and Research Settings*. Cambridge University Press.

Swales, J. M., & Lindemann, S. (2002) Teaching the literature review to international graduate students. In A. Johns (Ed.), *Genre in the classroom: Multiple perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates,

TACHIZAWA, T.; MENDES, G. (2000) *Como fazer monografia na prática*. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.

TASCHETTO, T. R. (2002) *A presença do sujeito no discurso acadêmico: uma análise em projetos de pesquisa*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Porto Alegre/RS: Pontifícia Universidade Católica.

- THOMPSON, G. (1996) *Introducing Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold.
- _____ (1998) Resonance in text. In: A. SÁNCHEZ-MACARRO & CARTER, R. (eds.). *Linguistic Choice Across Genres: Variation in Spoken and Written English*. Londres: John Benjamins.
- THOMPSON, G. (1994) *Voices in the text: discourses Perspectives on the language Reports – Applied linguistics*. Oxford University Press.
- THOMPSON, G. (1996) *Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold.
- THOMPSON, G. (1998) *Reporting. Helping learners with real English*. London: HarperCollins Publishers
- THOMPSON, G. (2004). *Introducing Functional Grammar*. 2a. ed. London: Arnold.
- THOMPSON, G.; THETELA, P. (1995) *The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse*. Berlin/AL: Mout de Gryter.
- VENTOLA, E. (1987) Textbook dialogues and discourse realities. In: LÖRSCHER, W. & SCHULZE, R. (eds.). *Perspectives of language in performance*. Studies in linguistics, literary criticism, and Foreign Language Teaching Methodology: to honour Werner Hüllen on the occasion of his 60th birthday. Tübingen: Guenter Narr Verlag. v.1.
- VENTOLA, E. (1988) Text analysis in operation: A multilevel approach. In R.P. Fawcett and D. Young (eds.). *New developments in systemic linguistics: Theory and application*. v. 2, pp. 52-77. London: Pinter.
- VIAN JR, O. (1997) *Conceito de gênero e análise de vídeos institucionais*. Dissertação de Mestrado. LAEL – PUC-SP.
- WHITE, Peter (2004) Valoração – a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Revista Linguagem em (Dis)curso* – vol. 4, número especial.
- WLODEK, M. (2003/1) *O Particípio Português – Formas e Usos – Romansk Forum nr. 17*. Universidade de Oslo.
- ZANELLA, A. (2006). *Mapeamento macro e micro estrutural da retextualização de resumos on-line: Estudo da transitividade de abstracts biomédicos*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

ANEXO 1

ANEXO 2

Padrões de realização da mensagem.

verbos / estruturas	Projeção						Verbiagem							
	Discurso reportado		Citação		Total Projeção		Nominalização		circunstancia				TOTAL Verbiagem	
	(que)		(que!) (: (") (.)						Assunto		ângulo			
%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	%	no.	
Dizer	33,4	128	61,3	235	95	363	1,8	7	3,5	13	0,0	0	5,3	20
Apresentar	0,0	0	0,0	0	0	0	90,8	163	7,6	14	1,6	3	100,0	179
Apontar	0,0	0	14,6	25	15	25	43,3	73	19,0	32	23,1	39	85,4	144
Mostrar	13,2	21	24,9	40	38	62	47,1	76	0,0	0	14,8	24	61,9	100
Referir	0,0	0	0,0	0	0	0	53,2	81	36,0	55	10,8	16	100,0	152
Falar	0,0	0	10,1	14	10	14	0,0	0	89,9	125	0,0	0	89,9	125
Afirmar	62,0	80	30,3	39	92	119	7,7	10	0,0	0	0,0	0	7,7	10
Explicar	5,4	7	4,2	5	10	12	90,4	114	0,0	0	0,0	0	90,4	114
Explicitar	3,9	3	4,7	4	9	8	86,6	77	4,8	4	0,0	0	91,4	81
Discutir	1,1	1	0,0	0	1	1	88,0	77	6,7	6	4,2	4	98,9	87
Revelar	4,0	4	8,8	8	13	11	87,2	77	0,0	0	0,0	0	87,2	77
Expressar	0,0	0	0,0	0	0	0	82,2	37	6,5	3	11,3	5	100,0	45
Citar	0,0	0	32,0	17	32	17	60,3	31	0,0	0	7,7	4	68,0	35
Argumentar	15,9	6	61,6	24	78	30	0,0	0	9,6	4	12,9	5	22,5	9
Perguntar	3,0	1	88,8	34	92	35	0,0	0	8,2	3	0,0	0	8,2	3
Confirmar	0,0	0	17,7	6	18	6	82,3	28	0,0	0	0,0	0	82,3	28
Ressaltar	32,4	11	0,0	0	32	11	67,6	23	0,0	0	0,0	0	67,6	23
Comentar	9,7	3	25,8	8	36	11	61,2	19	3,3	1	0,0	0	64,5	20
Responder	0,0	0	21,6	6	22	6	78,4	23	0,0	0	0,0	0	78,4	23
Comunicar	12,2	2	0,0	0	12	2	87,8	16	0,0	0	0,0	0	87,8	16
Postular	0,0	0	58,9	10	59	10	41,1	7	0,0	0	0,0	0	41,1	7
Esclarecer	34,3	5	0,0		34	5	47,0	8	18,7	3	0,0	0	65,7	11
Chamar	0,0	0	0,0	0	0	0	63,2	2	36,8	1	0,0	0	100,0	3